ALMANACH LITTERARIO

DE
SÃO PAULO

PARA O ANNO DE

1876

PUBLICADO
POR

JOSÉ MARIA LISBOA

1.º ANNO

EXPLICAÇÃO

A respeito da importância, em seu aspecto cultural, desta reedição, dir-nos-á o Dr. Carlos Penteado de Rezende, grande conhecedor das coisas do passado paulista.

Desejamos, apenas, encarecer a benemerência e o espírito esclarecido do Exmo. Sr. Governador do Estado de São Paulo, Dr. Paulo Salim Maluf, do Secretário de Cultura, Exmo. Sr. Antônio Henrique da Cunha Bueno, e do Secretário de Estado, Chefe da Casa Civil, Exmo. Sr. Calim Eid, que possibilitaram a reedição do **Almanach Litterario de São Paulo**, editado por José Maria Lisboa, e que surgiu em 1876, sob o título **Almanaque Literário Paulista**, editado por José Maria Lisboa, Abílio Marques e J. Taques.

Para a realização do tentâmen, uniram-se esforços e recursos, sempre sob a égide governamental, de três tradicionais instituições de São Paulo — o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado na capital bandeirante em 1894; o Arquivo Público do Estado, onde ainda se notam as presenças sabiamente influentes de Toledo Piza e Washington Luiz; e a Imprensa Oficial do Estado, em profícua fase de prestação de serviços à coletividade e, sobretudo, render justo tributo aos símbolos e valores de nossa terra e de nossa gente.

Salientem-se as colaborações do bibliógrafo João F. Trinca, de Délio Freire dos Santos e de Dona May Brocking Negrão, Diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas. A todos, os nossos agradecimentos.

O fruto dessa conjugação de esforços — governo, instituições e pessoas amantes de sua terra e de sua gente — aí está, aí se estampa nesta reedição fac-similar dos oito volumes deste Almanaque Literário, repositório de preciosos dados sobre o passado de São Paulo.

Está, pois, de parabéns, o nosso mundo cultural.

JOSÉ PEDRO LEITE CORDEIRO
Presidente do Instituto
Histórico e Geográfico de São Paulo

NOTÍCIA PRÉVIA

I

Dados à estampa em São Paulo, no século XIX, entre 1876 e 1885, em pleno fastígio do Segundo Império, estes oito Almanaques, compilados pelo jornalista José Maria Lisboa, podem hoje parecer ultrapassados, sem propor interesse a eventuais leitores ou estudiosos.

A simples lembrança de que estamos chegando ao fim do século XX, com a aproximação do terceiro milênio, é suficiente para provocar aquela sensação de angústia do tempo irreversível, que vai tragando no seu transcurso os heróis, os povos, as civilizações. Essa angústia se transmuda num afã pressuroso de resgatar do esquecimento ou da destruição todos aqueles valores aos quais se apegaram nossos avoengos, e que, para as gerações atuais, possam servir como modelo, procura de semelhanças e justificação de nosso direito à continuidade.

Lentamente recuam para as nevoentas galerias do passado as imagens retrospectivas de um Brasil que, há quase cem anos, extinguia a escravidão e proclamava a República; de um Brasil imperial, agrícola e pacífico, que soube enfrentar e vencer os paraguaios; de um Brasil que, em 1822, escolheu a Independência como destino; e de um já longínquo Brasil colonial, aferrado às suas tradições portuguesas e cristãs...

Todos esses e outros fatos e circunstâncias da nossa formação nacional parecem, agora, diluir-se no vertiginoso cosmopolitismo da vida moderna, ameaçados ou já suplantados por alheias invenções e novidades. E, aos poucos, vão transpondo aquela penumbra da História, onde as realidades de antanho se transfiguram em mito e legenda.

Para recompor a memória de tudo isso que existiu, tanto persuadem os sérios documentos e relatórios oficiais, quanto os desinteressados livros e papéis de inicia-

tiva particular. Qualquer anotação obsoleta será capaz de despertar, em dada pessoa, aquela intuição divinatória de partir em busca do tempo perdido.

Daí o proveito em postar ao alcance do público vetustas edições esgotadas, a fim de que possam os leitores redescobrir e reconstituir a vida de antigamente, e reavaliar as idéias e doutrinas que determinavam a conduta dos ancestrais.

Ajusta-se bem a tais conceitos a reedição destes oito volumes do **Almanach Litterario de São Paulo** publicado por José Maria Lisboa. Trata-se de obra muito rara, só conhecida por bibliófilos e estudiosos da velha São Paulo. As poucas coleções existentes se apresentam truncadas ou em mau estado. Foi preciso um esforço de pesquisa para localizar e reunir, em seqüência, oito volumes em condições de serem reimpressos.

Valeu a boa vontade. Assuntos ignorados, personalidades olvidadas, informações de valor histórico permanente, peculiaridades locais desaparecidas — quanta coisa valiosa ficou registrada nos pequenos tomos desta coleção. Todo em período histórico, em pinceladas variadíssimas, reponta nestas páginas impregnadas de veracidade e autenticidade. De certa maneira, é o espírito do Segundo Império que ali ressurge, sereno, generoso, acolhedor.

Observe-se que Lisboa delimitou o seu campo de trabalho, concentrado, preferencialmente, nos temas paulistas. Não o acometeram pretensões de inculcar doutrinas ou de exercer influências políticas. Um discreto ecletismo, característico da mentalidade reinante, transparece no teor das colaborações. O seu "Almanaque Literário" representou, assim, uma contribuição amena, circunspecta, ao desenvolvimento social e ao lazer das famílias estabelecidas em áreas urbanas ou rurais. Daí a sua valia para a posteridade: como que espelhava, fixando-os graficamente, os valores culturais vigentes na época.

A uma produção como esta bem se acomodam as palavras de Cervantes na Segunda Parte do **Dom Quixote de La Mancha:** "y aunque este libro es en el nombre humilde, contiene y encierra en si cosas muy buenas y sustanciales".

II

Algumas linhas sobre **José Maria Lisboa**, o criador destes almanaques.

Era súdito português, nascido em Lisboa, aos 18 de março de 1838, quando ali reinava a Rainha D. Maria II, filha do falecido Imperador do Brasil, D. Pedro I. Tipógrafo de profissão, transferiu-se para São Paulo em 1856. Contava então 18 anos. Em nossa terra consagrou toda a existência ao jornalismo. Autodidata, incansável nas tarefas de redação e de gerência, verdadeiro factótum, impôs-se no meio social pelas próprias virtudes. Trabalhou no **Correio Paulistano**, na **Gazeta de Campinas**, na **Província de São Paulo** e foi, em 1884, um dos fundadores do **Diário Popular**. Em todos esses órgãos da imprensa paulista deixou fundas marcas de sua probidade pessoal e do seu devotamento aos interesses da cultura. Abolicionista e republicano convicto e participante, a seriedade destas causas não o impediu de se manifestar poeta. Em versos ora sentimentais, ora galhofeiros, de ritmo fácil e sabor popular, deu vasão ao seu bem-humorado temperamento lusitano.

Um único livro publicou, com o pseudônimo de Júlio de Albergaria: **Cousas e Lousas**, cuja 1.ª edição saiu em 1866. Houve uma 2.ª edição, em 1877, anunciada no Almanaque do III Ano, com dizeres curiosos como este: "1 vol. de 146 páginas, contendo 31 artigos humorísticos. Leitura apropriada para caminhos de ferro".

José Maria Lisboa casou-se em São Paulo, em dezembro de 1864, com D. Ana Joaquina de Sousa e Castro. O sogro, Bento Joaquim de Sousa e Castro, da Ilha de Madeira, era farmacêutico prestimoso e estimado, por longos anos estabelecido na Rua de São Bento.

Pelas núpcias, tornou-se Lisboa cunhado dos bacharéis em Direito, Antônio Bento de Sousa e Castro, herói do Abolicionismo pelas façanhas praticadas em prol dos escravos; de Antônio Quirino de Sousa e Castro, advogado e diretor de colégio em Taubaté; do dr. Clementino de Sousa e Castro, juiz de direito e, por fim, Ministro do Tribunal de Justiça, todos eles formados no velho Curso Jurídico do Largo de São Francisco; cunhado, igualmente, de D. Cerina de Sousa e Castro, Baronesa de Itapetininga e, depois de viúva, Baronesa de Tatuí, pelo casamento sucessivo com os titulares desses nomes.

Estas ligações de família, acrescidas dos afazeres dele como redator e administrador de jornais, explicam o largo relacionamento de J. M. Lisboa nos círculos sociais e políticos da Capital e do Interior paulista. E revelam porque lhe foi possível solicitar e obter, de tantas e tão variadas fontes, com a confiança que inspirava, colaboração útil e aproveitável para os seus Almanaques. Aliás, em cada um deles, bem no início, em folha especial, aparecem em ordem alfabética, como título de gratidão, os "Nomes das Pessoas que honram as páginas deste Almanaque".

Logo após a República, participou como deputado dos debates da 1.ª Assembléia Constituinte do Estado de São Paulo, bem como da 1.ª legislatura republicana. Em 1894 tornou-se Sócio Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

José Maria Lisboa faleceu em São Paulo, na provecta idade de 80 anos, aos 20 de novembro de 1918.

III

O **Almanaque** tem a sua história, que ficou perdida na poeira das velhas civilizações. Foi contemporâneo de povos como os egípcios, os gregos, os romanos. A sua instituição correspondeu à necessidade de registrar

prognósticos da Astrologia, além de dados astronômicos e outros da vida civil e religiosa. Tinha uso restrito a alguns setores da estrutura social de outrora. Com o aparecimento da imprensa, no século XV, pôde ampliar o seu campo de ação, sobretudo nos países cristãos da Europa. Introduziu-se nos tempos modernos em diferentes camadas da sociedade, motivando a inserção em suas folhas de novos assuntos, especialidades e informações. Os almanaques granjearam popularidade no século XVIII, quando saíam de ano em ano. Alguns deles se notabilizaram como os de Gotha na Alemanha, os de Moore na Inglaterra, os do norte-americano Benjamin Franklin editados em Filadélfia. Escritores de gênio, como Goethe e Schiller, também se valeram de Almanaques para propagar idéias e tendências literárias.

Em **Portugal** os almanaques têm a sua crônica. A série é longa, desde o do sábio judeu Abraão Zacuto, de caráter astronômico, publicado em Leiria em 1496, passando, no século XVIII, pelo Almanaque das Musas e pelo Almanaque de Lisboa, até os numerosos almanaques do século XIX, alguns ilustrados, modernos, adotando padrões literários e recreativos.

No **Brasil** unido a Portugal, um dos primeiros documentos nesse assunto veio a ser o **Almanaque Histórico do Rio de Janeiro**, dos anos de 1792 e 1793. Seguem-se-lhe, no novo Império de D. Pedro I, almanaques publicados em 1829 e 1832, na Capital do País, por dois cidadãos franceses. O mais conhecido, no século XIX, pela regularidade e duração, foi o **Almanaque Laemmert**, divulgado no Rio de Janeiro, ano após ano, desde 1844. Os volumes eram quase sempre voltados à propagação de informes administrativos, políticos, eclesiásticos, econômicos e comerciais, relacionando autoridades e personalidades, cargos, profissões, confrarias, artes e ofícios e até locais de moradia.

Em **São Paulo**, coube a primazia ao **Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de**

São Paulo para o ano de 1857, organizado por Marques e Irmão. Curioso é ter sido impresso em 1856 na Tipografia Imparcial de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, fundador do **Correio Paulistano** e o decano dos tipógrafos da terra. Por coincidência, quando à Paulicéia chegou, em 1856, o primeiro emprego que José Maria Lisboa conseguiu foi no **Correio Paulistano**, sob as ordens de Azevedo Marques, que também havia começado carreira em oficinas de imprensa. Quinze anos depois, foi a vez de Lisboa, antigo neófito do jornalismo, mostrar o que aprendera, publicando também ele uma série de almanaques.

Em 1863 saiu à luz o **Memorial Paulistano**, cujo nome não encobria o seu feitio de almanaque informativo, consagrado aos assuntos da Capital, com um adendo importante e inédito: "Relação de todos os bacharéis formados pela Faculdade de Direito de São Paulo".

O meio provinciano talvez fosse, então, acanhado para absorver tentames iguais a esses, apenas esboçados e logo interrompidos. Havia necessidade de capitais, de competência administrativa, de pertinácia, e também de uma dose de ideal capaz de superar óbices e reveses.

Foi na cidade de Campinas, quando ali residia, que José Maria Lisboa deu asas à sua vocação de fazedor de almanaques, adivinhando o desenvolvimento social e a nova mentalidade pós-guerra paraguaia. Publicou em 1871 o primeiro **Almanaque de Campinas** ali aparecido, contendo (nas palavras dele) uma "excelente parte literária", a que se seguiu em 1872 o segundo, tendo este como apêndice um **Almanaque de Amparo**; e, em 1873, deu à estampa, em um só volume, os **Almanaques de Campinas e Rio Claro**. Bem aceitas, as edições se esgotaram.

Na Capital paulista, logo após, descobriu Lisboa condições plenas para a venturosa efetivação do desiderato que acalentava. Em 1875, aceitando administrar **A Província de São Paulo**, novo órgão da imprensa, fun-

dado por um grupo de fazendeiros, capitalistas e bacharéis em direito, teve à sua disposição não só tipografia própria, em favoráveis circunstâncias técnicas e econômicas, como o ambiente adequado à iniciativa. Desse modo, associando-se a Abílio Marques (com experiência anterior no ramo) e a J. Taques, pôde lançar, sem perda de tempo, o **Almanaque Literário Paulista para 1876**, I Ano, em cujo Calendário se lia que 1876 era um ano bissexto.

Vale notar que a série dos oito almanaques, até 1885, foi toda impressa na **Tipografia da Província de São Paulo**, onde ele trabalhava. No II Ano houve pequena mudança no título, que passou a ser **Almanaque Literário de São Paulo para 1877**, denominação que manteve até ser extinto, alterados, apenas, os números relativos a cada ano. Lisboa, nesse segundo volume (em cuja folha de rosto falta a indicação II Ano), aparece também desligado dos primitivos sócios, assumindo, daí por diante, sozinho, as responsabilidades e canseiras do empreendimento, que só falhou duas vezes, nos anos de 1882 e 1883.

Nada lhe correu fácil. A quanta gente importante pediu colaborações, obtendo em troca evasivas, promessas ou indiferença. Mais de uma vez, nos Prólogos, se queixou disso: "... attenta a incrivel repugnancia com que uma grande parte dos melhores talentos se exime a figurar em trabalhos de caracter mais ou menos litterario" (Ano II); "Como sempre não satisfaz este livrinho as nossas vistas, em virtude da difficuldade na obtenção de artigos originaes e relativos á provincia" (V Ano); "Por mais solicitude empregada em vão se consegue um numero de artigos originaes, apropriados, á publicações d'esta natureza" (VIII Ano).

No entanto, J. M. Lisboa tinha cabal consciência do alcance do que estava realizando: "com o concurso pequenino de muitos completar-se-ia dentro de alguns anos uma mo-

desta coleção, onde se encontrassem fontes importantes não só para o estudo da história da Província, como traços acentuados de sua pujança em todos os sentidos".

Os ideais que perseguia foram alcançados. Português de nascimento, mas paulista de coração, deixou para os que vieram depois dele um memorial do dadivoso país que o acolhera e da gente livre e franca em cujo meio conviveu e trabalhou.

A visualização retrospectiva, ao findar do século XX, desse cosmorama em oito volumes da terra bandeirante é que torna sedutora a consulta a esse relicário do nosso passado. Onde há de tudo: desde datas de eclipses, horários e preços de linhas férreas, anúncios de homeopatia ou de apetrechos agrícolas, descrições de igrejas e conventos, receitas culinárias; passando por estudos de botânica, hidrologia e meteorologia, glossários de termos indígenas ou do falar paulista, revelações sobre pedras do sino, igaçabas e grutas, reminiscências da guerra do Paraguai, estatísticas, anedotas, quadrinhas folclóricas; até músicas, retratos, mapa da Província, um completo "Guia Médico ou Resumo de Indicações Práticas para Servir os Srs. Fazendeiros na Falta de Profissionais", relatos de caçadas ou de um erro judiciário, narrativas de viagens, biografias às dezenas e, salpicando de graça as páginas amarelas, poesias ... Poesias **quantum satis**, para entreter devaneios de iaiás e sinhás donas, satisfazendo assim o generalizado humor romântico da época.

Impraticável, numa apresentação, pormenorizar todos os assuntos meritórios contidos na obra. Pesquisadores ali encontrarão farto material para meditação, confronto de informes ou

feitura de teses. Aspecto a destacar: em alguns pequenos estudos transparece um estado de espírito de contemplação satisfeita, digamos assim, do passado recente ou da realidade estável do Segundo Império, comprazendo-se os autores apenas em levantar dados preliminares e em descrever os fatos em sentido linear, cronológico. Escasseiam neles, portanto, análises, jogos de idéias, conclusões; em suma, um aprofundamento do assunto, o que, convenhamos, não seria apropriado a um almanaque.

Dos colaboradores, alguns se distinguiram pela constância nos tomos do almanaque, prestigiando desse modo os esforços de Lisboa. Entre eles figuram os nomes de um Manoel Eufrásio de Azevedo Marques, oficial da Secretaria do Governo da Província, falecido em 1878, cujos **Apontamentos Históricos**, sob o patrocínio de D. Pedro II, foram no ano seguinte lançados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; do Barão de Piratininga, Antônio Joaquim da Rosa, natural de São Roque, curiosa personalidade de homem público **doublé** de literato; do ituano João Tibiriçá Piratininga, que, depois de estudar ciências em Paris, se estabeleceu na sua Fazenda Ressaca, em Moji-Mirim, de onde remetia para o Almanaque singulares estudos de climatologia (foi o pai do grande Governador do Estado de São Paulo, Dr. Jorge Tibiriçá); do paulistano Paulo Antônio do Vale, dramaturgo e lente de retórica no Curso Anexo da Faculdade de Direito; do dr. Brasílio Machado, poeta, jurista e orador requintado, que começou carreira como promotor público em Piracicaba e Casa Branca, ali recolhendo, em convivência com os violeiros caipiras, uma infinidade de trovas populares, que divulgou nos almanaques de J. M. Lisboa,

tornando-se sem o querer, um dos precursores das pesquisas de folclore entre nós; de Estevão Leão Bourroul, francês de Nice, católico e monarquista, que estudou na Faculdade de Direito de São Paulo de 1877 a 1881, revelando-se, desde então, historiador e jornalista de mão cheia, sendo um dos poucos a escrever no Almanaque artigos de fundo religioso; e do jovem fluminense Lúcio de Mendonça, acadêmico de direito no Largo de São Francisco de 1871 até a sua colação de grau em 1877, o qual foi jornalista de profissão e poeta por vocação, anos mais tarde Ministro do Supremo Tribunal Federal e fundador da Academia Brasileira de Letras.

De outros colaboradores, uns mais, outros menos, pode-se afirmar que tiveram presença esporádica, embora valiosa, nas páginas do Almanaque Literário.

Atenção permanente merecem os **municípios**, tratados ora em artigos extensos, específicos, ora em simples anotações, ou de passagem. Ao todo, 23 municípios e localidades, aqui relacionados em ordem alfabética, para orientação dos leitores:

Araraquara — Campinas — Casa Branca — Faxina (Itapeva da) — Franca do Imperador — Guaratinguetá — Itu — Jacareí — Jundiaí — Moji das Cruzes — Pindamonhangaba — Piracicaba (Vila Nova da Constituição) — Piraçununga — Poços de Caldas (MG) — Porto Feliz — Porto Ferreira — Santos — São José dos Campos — São Roque — São Sebastião (Pedras dos Sinos) — Taubaté — Tietê — Tremembé.

No cômputo das colaborações, os bacharéis em direito surgem como expoentes, demonstrando apreciável versatilidade.

Em igual plano, escrevendo sobre temas os mais variados, se manifestaram os doutores em medicina, como Joaquim de Paula Sousa, de Itu (filho do Conselheiro Paula Sousa), clínico na terra natal e médico voluntário nos campos de luta do Paraguai, além de corajoso caçador; Cesário Mota, de Porto Feliz, denodado republicano, educador e polígrafo; Ricardo Gumbleton Daunt, irlandês, que estudou medicina em Paris e Viena, doutorando-se em Edimburgh e criando fama em Campinas como facultativo; como Augusto César de Miranda Azevedo, natural de Sorocaba, publicista e republicano ardoroso; Domingos Jaguaribe, cearense de Fortaleza, historiador, radicado em São Paulo; e o sábio Luís Pereira Barreto, fluminense de Resende, diplomado na Bélgica em medicina e cirurgia.

Entre os engenheiros, cita-se, pelo menos, um nome de valor, como Manoel Ferreira Garcia Redondo.

Para que se não diga que as mulheres daquele tempo não tinham um lugarzinho ao sol da cultura, constam ali algumas poesias e páginas avulsas assinadas... por elas! Procurem, que acharão.

Em 1882 e 1883, por motivos não esclarecidos, a obra sofreu interrupção. Quando, dois anos após, veio à luz o **Almanaque Literário para 1884**, correspondente ao VII Ano, já se notava diferença no conteúdo: menos artigos originais sobre a Província e a Capital, e o preenchimento desse vazio com trabalhos variados, transcrições de autores europeus, páginas avulsas com ditados, sentenças morais, poemas, pequenas informações... Tudo já despersonalizado em relação às legítimas tradições paulistas. A discrepância se acentuou com o tomo de 1885, VIII Ano,

que veio a ser o último. Os próprios poetas escolhidos para esses dois derradeiros volumes já são outros, de uma nova geração posterior aos românticos, como Vicente de Carvalho, Wenceslau de Queiroz, Fontoura Xavier, Teófilo Dias. A obra ia perdendo a sua autenticidade paulista e brasileira, para se tornar descolorida colcha de retalhos cultural, até com pitadas positivistas. Em boa hora parou. Era o destino.

Nos oito volumes do **Almanach Litterario de São Paulo** encontram-se dispersas numerosas **Biografias** de personalidades paulistas, umas desenvolvidas, outras semelhando bosquejos biográficos. Seja como for, apresentam interesse documental. São ao todo 43, salvo erro ou omissão de nossa parte. Para comodidade de consulta, vão aqui arroladas com os nomes em ordem alfabética, seguidos da numeração correlata ao ano de cada volume da coleção:

Almeida Júnior — III
Amaro Pinto da Trindade — III
Amador Bueno da Ribeira — II
Américo Brasiliense — II
Américo de Campos — III
Antônio Alexandrino dos Passos Ourique — I
Antônio Carlos do Carmo — VII
Antônio Carlos Gomes — VI
Antônio da Silveira Peixoto — IV
Antônio Rodrigues Guimarães Júnior — II
Augusto César de Miranda Azevedo — VII
Barão de Jundiaí —
Barão de Sousa Queiroz — V
Bernardo J. Pinto Gavião Peixoto (Brigadeiro) — I
Elias Álvares Lobo — I
Emílio do Lago — II
Fernão Dias Paes Leme — I

Fortunato Gonçalves Pereira de Andrade (Padre) — I
Francisco Antônio Pereira de Carvalho — I
Francisco Glicério — IV
Francisco Quirino dos Santos — IV
Francisco Rangel Pestana — II
Frederico Fomm — V
João Dabney de Avelar Brotero — I
João Kopke — VII
João Ramalho — III
Joaquim Xavier da Silveira — II
José Carlos Rodrigues — VIII
Lino Deodato (D. Bispo) — IV
Luís Barbosa da Silva — VI
Luís Gama — VI
Luís Pereira Barreto — VII
Mamede José Gomes da Silva (Padre) — I
Manoel Ferraz de Campos Salles — IV
Martim Cabral — II
Martinho Prado Júnior — V
Miguel Correia Pacheco (Padre) — I
Miguelzinho — II
Miguel Pedroso Leite — III
Paula Sousa (Conselheiro) — III
Paulo Eiró — II
Rosa Maria de Siqueira — II
Teófilo Dias — IV

No século XIX, viajando por sua terra, e nela redescobrindo, comovido, aqui e ali, tesouros do passado lusitano, Almeida Garrett comprovou, por experiência, "que a história, lida ou contada nos próprios sítios em que se passou, tem outra graça e outra força".

Ao entregar aos leitores do século XX este inventário de antiguidade da terra paulista, diligentemente colecionado por José Maria Lisboa,

queremos crer que será lido para ser depois contado, com a mesma emoção de quem vai reconhecendo, passo a passo, como ainda nos é familiar tudo isso que já se evolou no tempo.

São Paulo, Abril de 1982

CARLOS PENTEADO DE REZENDE
do Instituto Histórico
e Geográfico de São Paulo

1.º ANNO

Almanach Litterario

PAULISTA

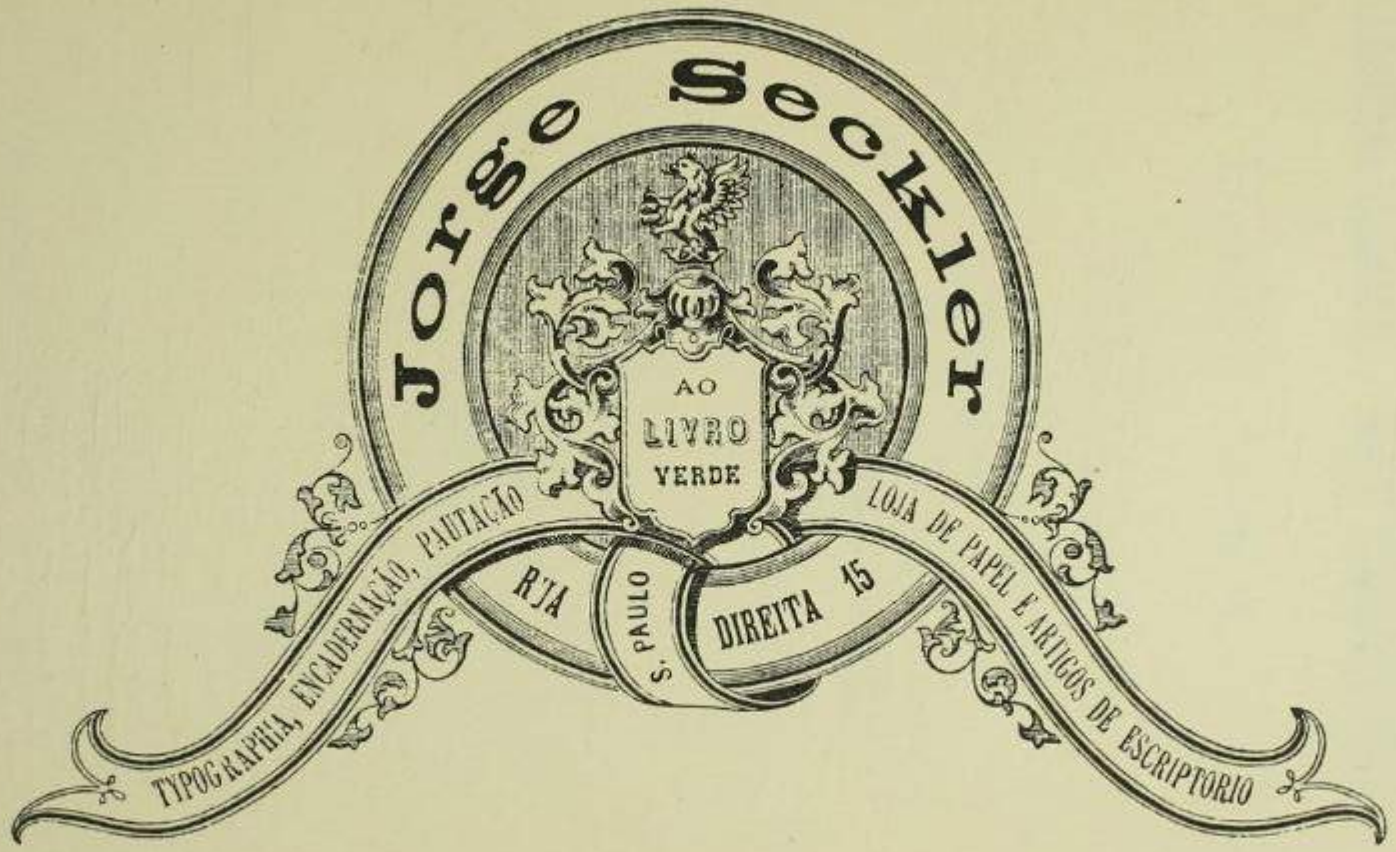
PARA O ANNO DE

1876

BISSEXTO

SÃO PAULO

1875


Jorge Seckler
AO
LIVRO
VERDE
TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO, PAUTAÇÃO
LOJA DE PAPEL E ARTIGOS DE ESCRIPTORIO
RUA
DIREITA
15
S. PAULO

ALMANACH LITTERARIO

PAULISTA

PARA 1876

PUBLICADO POR

JOSÉ M. LISBOA, ABILIO MARQUES E J. TAQUES

I ANNO

S. PAULO

TYP. DA PROVINCIA DE SÃO PAULO

1875

DUAS PALAVRAS

A crença de que poderia realisar-se um livro curioso e interessante, escripto simplesmente por Paulistas e sobre assumptos da provincia levou-nos a commetter o intento da presente publicação.

Para a consecução de similhante fim dirigimos circulares a quasi todos os Paulistas que em diversas epocas têm illustrado a imprensa com seus escriptos. Muitos d'estes receberam com applauso e mesmo enthusiasmo o nosso convite, e o leitor encontrará, nas paginas d'este modesto livro, importantissimos artigos sobre variados assumptos com que esses distinctos cavalheiros acudiram ao nosso appêllo.

Muitos se escusaram por diversos motivos e alguns não responderam, o que póde ser attribuido a descaminho das circulares.

Sem duvida muitos cavalheiros a quem sobra talento para trabalhos litterarios deixaram de ser por nós convidados, por ignorancia do facto.

Como acima deixamos dito, acreditavamos ao emprehender esta publicação apresentar ao publico um livrinho palpitante de interesse e curiosidade. O nosso desejo, porem, não é completo pela lacuna que ha n'elle de muitos nomes illustres que sem duvida viriam trazer-lhe uma incontestavel valia. Entretanto o que ha já é alguma cousa, e fica lançada a semente para publicações d'esta natureza, e esta idéa como que nos consola do pezar que nos assoberba por não darmos á luz um livro tal como imaginamos.

Concluimos manifestando profunda gratidão aos cavalheiros que nos honraram com seus apreciaveis e lucidos trabalhos, bem como a todos aquelles que por diversas fórmas nos animaram em nossa tarefa.

Os Editores

NOMES

DAS

PESSOAS QUE HONRAM AS PAGINAS DESTE ALMANACH

AMERICO BRAZILIENSE DE ALMEIDA MELLO (dr.)
ANTONIO ALEXANDRINO
ANTONIO AUGUSTO DA FONSECA
ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA (dr.)
ANTONIO FRANCISCO DE PAULA SOUZA (dr.)
ANTONIO MANOEL DE CAMPOS MELLO (conselheiro)
ARAUJO SILVA
AUGUSTO RIBEIRO DE LOYOLA (dr.)
AVELINO B. CARNEIRO
BENTO DE PAULA SOUZA (dr.)
BERTHA DE SOUZA
BRAZILIO MACHADO (dr.)
CASIMIRO DE ABREU
DIOGO ANTONIO FEIJÓ
EUGENIO JOLY
FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO (conselheiro)
FRANCISCO MARTINS DOS SANTOS
FRANCISCO MENDES PAIVA (dr.)
F. NARDY
FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS (dr.)
HYPOLITO DE CAMARGO (dr.)
J. H. AZEVEDO ALMEIDA
J. H. S. DUTRA
J. P. CASTILHO
JOÃO BAPTISTA DA SILVEIRA
JOÃO CARLOS DA SILVA TELLES

JOÃO EGYDIO DE SOUZA ARANHA (dr.)
JOÃO FRANCISCO DE PAULA SOUZA (dr.)
JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR (dr.)
JOAQUIM CORRÊA DE MELLO
JOAQUIM FLORIANO DE TOLEDO (conselheiro)
JOAQUIM DE PAULA SOUZA (dr.)
JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA (conselheiro)
JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA (padre)
JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA (brigadeiro)
MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES (dr.)
M.
M.
MANOEL D'ALMEIDA MELLO FREIRE (dr.)
MANOEL EUFRAZIO DE AZEVEDO MARQUES
MANOEL MORAES BARROS (dr.)
MARTIM CABRAL (dr.)
MARTIM FRANCISCO R. DE ANDRADA (o velho)
MARTIM FRANCISCO R. DE ANDRADA (conselheiro)
OLYMPIO CATÃO
PAULO A. DO VALLE (dr.)
PAULO EGYDIO DE OLIVEIRA CARVALHO (dr.)
PAULO EIRÓ
RAPHAEL TOBIAS AGUIAR
ROBERTO RODRIGUES DUARTE RIBAS
RODRIGO DE SOUZA COUTINHO (d.)
TIETENSE (um)
TRISTÃO MARIANO DA COSTA
VICENTE FELIX

AO LEITOR

Em virtude da brevidade com que foi feita a impressão deste *Almanach*, escaparam alguns erros quer á revisão, quer ao compositor no emendar as provas.

Notaremos aquelles que alteram o sentido, deixando de parte alguns em que só ha omissão ou troca de lettras.

Ao leitor pedimos que faça logo as emendas no texto para que melhor possa lêr e entender.

O principal e que mais altera o sentido é o que se acha a pag. 13 lin. 20, o qual, por isso, aqui destacamos. Em vez de **acção** é **coacção.**

RECTIFICAÇÕES

Pag.	Lin.	Onde se lê	Leia-se:
2	9	Burbalho	Barbalho
50	37	prover-se	prever-se
82	13	crescia	crucia
143	28	e liberdade	e a liberdade
156	2	pobre	poeta
174	21	*Queluense*	*Queluzense*
—	24	ITAPITININGA	ITAPETININGA

A pag. 174, na relação de jornaes da provincia, accrescente-se « O FUTURO », do Rio Claro, que principiou sua publicação em 1.º de Janeiro.

ECLIPSES DO ANNO DE 1876

10 de Março

Eclipse parcial da lua, visivel em S. Paulo

	Horas	Min.	
Primeiro contacto com a penumbra . .	1	4,2	da manhã
Primeiro contacto com a sombra . . .	2	28,6	»
Meio do eclipse	3	28,6	»
Ultimo contacto com a sombra	4	28,6	»
Ultimo contacto com a penumbra . . .	5	53,0	»

Grandeza do eclipse, 0,295 do diametro lunar ou 3,5 digitos.

25 de Março

Eclipse annular do sol invisivel em S. Paulo

Começa ás 2 h., 36 m. e 8 s. da tarde, e termina ás 7 h., 47 m. e 8 s. da tarde.

3 de Setembro

Eclipse parcial da lua, parte visivel em S. Paulo

	Horas	Min.	
Primeiro contacto com a penumbra . .	3	54,9	da tarde
Primeiro contacto com a sombra . . .	5	22,8	»
Meio do eclipse	6	29,7	»
Ultimo contacto com a sombra	7	36,6	»
Ultimo contacto com a penumbra . . .	9	4,5	»

Grandeza do eclipse, 0,341 do diametro lunar ou 4,1 digitos.

17 de Setembro

Eclipse total do sol, invisivel em S. Paulo

Começo ás 4 h., 19 m. e 5 s. da t. e fim ás 9 h. 33 m. e 3 s.

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.	15
Cyclo solar.	9
Indicção romana	4
Epacta	4
Lettras dominicaes	B A

TEMPORAS

Março . . .	8, 10 e 11	Setembro . . .	20, 22 e 23
Junho . . .	7, 9 e 10	Dezembro . . .	20, 22 e 23

FESTAS MOVEIS

Septuagesima	13 de Fevereiro	Pentecostes . .	4 de Junho
Cinza . .	1 de Março	SS. Trindade. .	11 »
Paschoa . .	16 de Abril	Corpo de Deus .	15 »
Rogações.	22, 23 e 24 Maio	Coração de Jesus	23 de Junho.
Ascenção .	25 de Maio	Advento . . .	3 de Dezbr.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO

Outono—20 de Março ás 3 h. e 17 m. da manhã.
Inverno—20 de Junho ás 11 h. e 39 m. da tarde.
Primavera—22 de Setembro ás 2 h. e 5. m. da tarde.
Estio—21 de Dezembro ás 8 h. e 1 m. da manhã.

FOLHINHA

PARA 1876 (BISSEXTO)

JANEIRO

1 *Sabbado.* ✠ Circumcisão do Senhor. Descobrimento do Rio de Janeiro por Martim Affonso em 1532. Grande gala.
2 *Domingo.* S. Isidoro, B. M.
3 *Segunda.* S. Anthero, P. M.
4 ☽ *Terça.* S. Gregorio, B. S. Q. cresc. aos 31 m. da tarde.
5 *Quarta.* S. Simeão Estelita.
6 *Quinta.* ✠ Os Santos Reis, Gaspar, Belchior e Balthazar. Pequena gala.
7 *Sexta.* S. Theodoro, monge.
8 *Sabbado.* S. Lourenço Justiniano, Patr. de Veneza.
9 *Domingo.* S. Julião, M. Dia em que d. Pedro I declarou ficar no Brazil. Grande gala.
10 *Segunda.* S. Paulo, 1º Eremita.
11 ☉ *Terça.* S. Hygino, P. M. L. cheia ás 3 h. e 31 m. da m.
12 *Quarta.* S. Satyro.
13 *Quinta.* S. Hilario, B. e doutor da egr.
14 *Sexta.* S. Felix M.
15 *Sabbado.* S. Amaro, Ab.
16 *Domingo.* O SS. Nome de Jesus.
17 *Segunda.* S. Antão, Abb.
18 ☾ *Terça.* A cadeira de S. Pedro em Roma, Q. ming. ás 5 e 57 m. da m.
19 *Quarta.* S. Canuto, rei da Dinamarca, M.
20 *Quinta* (✠ no bispado do Rio de Janeiro) S. Sebastião.
21 *Sexta.* Santa Ignez, V. M.
22 *Sabbado.* S. Vicente, M.
23 *Domingo.* Os desposorios de Nossa Senhora com S. José.
24 *Segunda.* Nossa Senhora da Paz.
25 *Terça.* (✠ no bispado de S. Paulo). Conversão de S. Paulo.
26 ● *Quarta.* S. Polycarpo, B. M. L. Nova ás 10 h. e 49 m. da m.
27 *Quinta.* S. João Chrysostomo, B. e doutor da egreja. Anniversario da restauração de Pernambuco do dominio hollandez em 1654.
28 *Sexta.* S. Cyrillo, B. A.
29 *Sabbado.* S. Francisco de Salles, B.
30 *Domingo.* S. Martinho, V. S.
31 *Segunda.* S. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO

1 *Terça* (jejum) S. Ignacio, B. M.
2 ☽ *Quarta*. ✠ Purificação de Nossa Senhora. Q. crescente ás 11 h. e 1 m. da tarde. Pequena gala. Abre-se a Assembléa legislativa em S. Paulo.
3 *Quinta*. S. Braz B. M.
4 *Sexta*. S. André Corsino, B. C.
5 *Sabbado*. Santa Agueda, V. M.
6 *Domingo*. As Chagas de Christo. S. Dorothêa, V. M.
7 *Segunda*. S. Romualdo, Ab. S. Ricardo, rei de Inglaterra.
8 *Terça*. S. João da Matta, Fund. da Ordem da SS. Trind.
9 ☉ *Quarta*. Santa Apolonia, V. M. Lua cheia ás 2 h. e 55 m. da tarde.
10 *Quinta*. Santa Escolastica, V.S. Guilherme, duque d'Aquitania, A.
11 *Sexta*. S. Lazaro, A. B. Joanna de Valesia, F.
12 *Sabbado*. Santa Eulalia, V. M.
13 *Domingo da Septuagesima*. S. Gregorio II, P. F.
14 *Segunda*. S. Valentim, M. O. B. João Baptista.
15 *Terça*. Trasladação de Santo Antonio.
16 *Quarta*. S. Porphirio, M. O. B. Bernardo de Corleone, F.
17 ☾ *Quinta*. S. Faustino, M. Q. minguante ás 2 h. e 4 m. da m.
18 *Sexta*. S. Theotonio, 1º prior de Santa Cruz de Coimbra.
19 *Sabbado*. S. Conrado, F.
20 *Domingo da Sexagesima*. S. Eleuterio, B.
21 *Segunda*. S. Maximiano, B. S. Angela de Mericia, V. F.
22 *Terça*. S. Margarida de Cartona, F.
23 *Quarta*. S. Pedro Damião, B. Card. e dr. da egr.
24 *Quinta* (jejum) S. Pretextato.
25 ● *Sexta*. S. Mathias, Ap. L. nova ás 3 h. e 28 m. da m.
26 *Sabbado*. S. Cesario, irm. de S. Gregorio Nazianzeno.
27 *Domingo da Quinquagesima*. S. Torquato, arc. de Braga.
28 *Segunda*. S. Leandro, arc. de Sevilha.
29 *Terça*. S. Romão Ab.

MARÇO

1 *Quarta feira de cinza* (jejum até á paschoa, excepto aos domingos) s. Adrião, M.
2 *Quinta*, s. Simplicio, P.
3 ☽ *Sexta*, s. Hemerito, M. Q. cresc. ás 6 h. e 55 m. da m
4 *Sabbado*, s. Casimiro.
5 *Domingo* (1º da Quaresma) S. Teophilo, B. S. João José, F.
6 *Segunda*, s. Olegario, B.
7 *Terça*, s. Thomaz de Aquino, dr. da egreja.
8 *Quarta*, (Temporas) s. João de Deus, fundador dos religiosos da Hospitalidade.
9 *Quinta*, s. Francisca Romana.
10 ☺ *Sexta*, (Temporas) s. Militão e 39 comp. L. cheia ás 3 h. e 20 m. da m.
11 *Sabbado*, (Temporas) s. Candido, M. Faz 54 annos s. a. a sr.ª D. Januaria, peq. gala.
12 *Domingo* (2º da Quaresma) s. Gregorio, P. e dr. da egreja.
13 *Segunda*. A. B. Sancha, V. infanta de Portugal.
14 *Terça*, Trasladação de S. Boaventura. Faz 54 annos s. m. a imperatriz do Brazil. Grande gala.
15 *Quarta*, s. Zacarias, P. s. Longuinhos, M. soldado.
16 *Quinta*, s. Cyriaco, M.
17 ☾ *Sexta*, s. Patricio, Ap. da Irlanda, Q. ming. ás 10 h. e 32 m. da tarde.
18 *Sabbado*, s. Gabriel Archanjo.
19 *Domingo*, (3.º da Quaresma) s. José esposo de N. Senhora.
20 *Segunda*, s. Martinho Dumiense, arcb. de Braga. Começa o outono.
21 *Terça*, s. Bento, Ab.
22 *Quarta*, s. Emygdio, B. M.
23 *Quinta*, s. Felix e seus comp. mm.
24 *Sexta*, Instituição do Santissimo Sacramento.
25 ● *Sabbado* ✠ Annunciação de Nossa Senhora. Anniversario do juramento da constituição do imperio; L. nova ás 5 h. e 19 m. da m.
26 *Domingo*, (4º da Quaresma), s. Ludgero.
27 *Segunda*, s. Roberto, B. S.
28 *Terça*, s. Alexandre, M.
29 *Quarta*, s. Victorino e seus comp.
30 *Quinta*, s. Climaco.
31 *Sexta*, s. Benjamin Diacono, M.

ABRIL

1 ☽ *Sabbado*, as Chagas de s. Chatharina de Sena, D. Q. crêsc. á 1 h. e 20 m. da tarde.
2 *Domingo da Paixão*, s. Francisco de Paula.
3 *Segunda*, s. Pancracio, B M.
4 *Terça*, s. Izidoro, arc. de Sevilha.
5 *Quarta*, s. Vicente Ferrer.
6 *Quinta*, s. Marcellino, M.
7 *Sexta*, As sete dôres de N. Senhora.
8 ☉ *Sabbado*, s. Amancio, B. L. cheia ás 4 h. e 47 m. da t.
9 *Domingo de Ramos*, trasladação de santa Monica.
10 *Segunda*, s. Izequiel propheta.
11 *Terça*, s. Leão I, papa e dr. da egreja.
12 *Quarta feira de trevas.*
13 *Quinta feira de endoenças* (✠ desde o meio dia até ao meio dia seguinte), s. Hermenegildo.
14 *Sexta feira da Paixão* (✠ até ao meio dia).
15 *Sabbado d'Alleluia.* As ss. Basilissa e Anastacia, Mm.
16 ☾ *Domingo de Paschoa*, s. Engracia, V. M. portugueza. Q. ming. ás 5 h. e 45 m. da tarde.
17 *Segunda* (1ª oitava) s. Aniceto, P. M. S. Elias, Monge port.
18 *Terça*, (2ª oitava), s. Gualdino B. e cardeal.
19 *Quarta*, s. Hermogenes, M. O B. Conrado Miliano, F.
20 *Quinta*, s. Ignez de Montepoliciano, V. D.
21 *Sexta*, s. Anselmo, arc. de Cantuaria.
22 *Sabbado*, os ss. Sotero e Caio, mm. s. Senhorinha.
23 *Domingo da Paschoela*, s. Jorge, defensor do imperio.
24 ● *Segunda*, N. S. dos Prazeres e Pena, L. nova ás 4 h. e 11 m. da m.
25 *Terça*, s. Marcos Evangelista.
26 *Quarta*, s Pedro de Rates, M., 1º de Braga.
27 *Quinta*, s. Tertuliano, B. S. Turibio, arc. de Lima.
28 *Sexta*, s. Vital, M. S. Prudencio, B.
29 *Sabbado*, s. Pedro, M.
30 ☽ *Domingo do Bom Pastor*, Q. cresc. ás 7 h. e 35 m. da t.

MAIO

1 *Segunda*, S. Filippe e S. Thiago, App.
2 *Terça*, A B. Mafalda, infanta de Portugal.
3 *Quarta*, invenção da Santa Cruz.
4 *Quinta*, s. Monica, mãe de st. Agostinho.
5 *Sexta*, conversão de st. Agostinho.
6 *Sabbado*, s. João ante portam latinam.
7 *Domingo* (3°) Maternidade de N. Senhora.
8 ☉ *Segunda*, apparição de S. Miguel. L. cheia ás 7 h. e 1 m. da m.
9 *Terça*, s. Gregorio Nazianzeno, B. e dr. da egreja.
10 *Quarta*, s. Antonio, arc. de Florença.
11 *Quinta*, s. Anastacio, M.
12 *Sexta*, santa Joanna, princeza de Portugal, V. D.
13 *Sabbado*, N. S. dos Martyres, s. Pedro Regalado, F.
14 *Domingo* (4°) s. Gil, D. S. Bonifacio.
15 *Segunda*, s. Izidoro, lavrador.
16 ☾ *Terça*, s. João Nepomoceno, M. Q. ming. ás 10 h. e 35 m. da m.
17 *Quarta*, s. Pascoal Bailão, F.
18 *Quinta*, s. Venancio, M.
19 *Sexta*, s. Pedro Celestino.
20 *Sabbado*, s. Bernardino de Sena.
21 *Domingo*, (5°) ✱ Manço, M.
22 *Segunda*, st. Rita de Cassia.
23 ● *Terça*, s. Basilio, arc. de Braga, L. nova aos 33 m. da tarde.
24 *Quarta*, (jejum) N S. auxiliadora dos christãos, s. Afra.
25 *Quinta*, ✠ Ascenção do Senhor, s. Gregorio VII, P.
26 *Sexta*, s. Filippe Nery.
27 *Sabbado*, s. João P.
28 *Domingo*, s. Germano, B.
29 *Segunda*, s. Maximo, B.
30 ☽ *Terça*, s. Fernando, rei de Castella, Q. cresc. ás 2 h e 56 m. da m.
31 *Quarta*, s. Petronilla, V.

JUNHO

1 *Quinta*, s. Firmo, M.
2 *Sexta*, s. Marcellino, M.
3 *Sabbado*, (jejum) s. Ovidio, B. de Braga,
4 *Domingo do Espirito Santo*, s. Francisco Caracciolo.
5 *Segunda*, s. Marciano M.
6 ⊙ *Terça*, s. Norberto, B. L. cheia ás 9 h. e 45 m. da tarde.
7 *Quarta*, (Temp. jejum) s. Roberto, Ab.
8 *Quinta*, s. Salustinano, B. S. Syria, V.
9 *Sexta* (Temp. jejum), os ss. Primo e Feliciano, MM.
10 *Sabbado*, (Temp. jejum), s. Margarida, rainha da Escossia.
11 *Domingo da Santissima Trindade*, s. Barnabé, Ap.
12 *Segunda*, s. João de Fagundo, A. S. Onofre.
13 *Terça*, s. Antonio de Lisboa.
14 *Quarta*, s. Basilio Magno.
15 ☾ *Quinta*, Corpo de Deus., s. Victo m. Q. ming. aos 22 m. da m.
16 *Sexta*, s. João Francisco Rogis.
17 *Sabbado*, A. B. Thereza, rainha de Leão.
18 *Domingo* (2°) Os ss. Marcos e Marcellino.
19 *Segunda*, s. Juliana da Falconderi.
20 *Terça*, s. Silverio, P. M. Começa o inverno.
21 ● *Quarta*, s. Luiz Gonzaga, L. nova ás 7 h. e 25 m. da tarde.
22 *Quinta*, s. Paulino B.
23 *Sexta*, (jejum) Coração de Jesus.
24 *Sabbado*, ✠ Nascimento de s. João Baptista.
25 *Domingo*, a pureza de N. Senhora.
26 *Segunda*, os ss. João e Paulo.
27 *Terça*, s. Ladislau, rei da Hungria.
28 ☽ *Quarta* (jejum) s. Leão II, papa. Q. cresc. aos 22 m. da tarde.
29 *Quinta*, ✠ s. Pedro e s. Paulo.
30 *Sexta*, s. Marçal.

JULHO

1 *Sabbado*, s. Theodoro, Ab.
2 *Domingo*, o preciosissimo sangue de N. S. Jesus Christo.
3 *Segunda*, s. Jacintho, m.
4 *Terça*, s. Isabel, rainha de Portugal.
5 *Quarta*, s. Athanasio, m.
6 ☉ *Quinta*, s. Domingas, V. Lua cheia aos 46 m. da tarde.
7 *Sexta*, s. Pulcheria.
8 *Sabbado*, s. Procopio, m.
9 *Domingo*, N. S. do Patrocinio.
10 *Segunda*, s. Januario e seus comp. mm.
11 *Terça*, s. Sabino.
12 *Quarta*, s. João Gualberto, Ab.
13 *Quinta*, s. Anacleto, P. M
14 ☾ *Sexta*, s. Boaventura, B. e Card. Q. ming. ás 11 h. e 3 m. da m.
15 *Sabbado*, s. Camillo de Lelis, s. Henrique Imp.
16 *Domingo*, o Anjo Custodio do Imperio.
17 *Segunda*, s. Aleixo.
18 *Terça*, st. Marinha.
19 *Quarta*, s. Vicente de Paulo.
20 *Quinta*, s. Jeronymo Emiliano.
21 ☽ *Sexta*, s. Praxedes V. L. nova ás 2 h. e 1 m. da m.
22 *Sabbado*, s. Maria Magdalena.
23 *Domingo*, s. Apollinario, B. M. Anniversario da acclamação de S. M. I. grande gala.
24 *Segunda*, s. Christina.
25 *Terça*, s. Thiago Ap.
26 *Quarta*, Os ss. Symphroneo, Olympio e Theodulo.
27 *Quinta*, s. Pantaleão, medico.
28 ☽ *Sexta*, s. Innocencio, P. Q. cresc. aos 27 m. da m.
29 *Sabbado*, s. Martha, V.
30 *Domingo*, s. Anna Mãe da Mãe de Deus.
31 *Segunda*, s. Ignacio de Loyola.

AGOSTO

1 *Terça*, s. Pedro *ad vincula*.
2 *Quarta*, N. S. dos Anjos.
3 *Quinta*, Inv. de s. Estevão, Proto Martyr.
4 *Sexta*, s. Domingos.
5 ☉ *Sabbado*, festa de N. Senhora. L. cheia ás 3 h. e 46 m. da m.
6 *Domingo*, Transfiguração de Christo.
7 *Segunda*, s. Caetano e s. Alberto.
8 *Terça*, s. Cyriaco e seus comp. mm.
9 *Quarta*, s. Romão, M.
10 *Quinta*, s. Lourenço, M.
11 *Sexta*, os ss. Tiburcio e Suzana.
12 ☾ *Sabbado*, s. Clara, V. F. Q. ming. ás 7 h. e 6 m. da t.
13 *Domingo*, os ss. Hypolito e Cassiano mm.
14 *Segunda*, (jejum) s. Eusebio, s. Athanasia, viuva.
15 ✠ *Terça*, Assumpção de N. S.
16 *Quarta*, s. Roque, L.
17 *Quinta*, s. Mamede, M.
18 *Sexta*, s. Clara de Monte Falco, V. A.
19 ● *Sabbado*, s. Luiz, B. E. L. nova 33 m. da m.
20 *Domingo*, s. Joaquim, pae de N. S.
21 *Segunda*, s. Joanna Francisca.
22 *Terça*, s. Thimoteo, M.
23 *Quarta*, s. Filippe Benicio.
24 *Quinta*, s. Bartholomeu Ap.
25 *Sexta*, s. Marcos Evangelista.
26 ☽ *Sabbado*, s. Zeferino, F. M. Q. cresc. ás 3 h. e 25 m. da tarde.
27 *Domingo*, o Sagrado coração de Maria.
28 *Segunda*, s. Agostinho, B. e dr. da egr.
29 *Terça*, degolação de s. João Baptista.
30 *Quarta*, s. Rosa de Lima, V. D.
31 *Quinta*, s. Raymundo Nonato, Card.

SETEMBRO

1 *Sexta*, s. Egydio, Ab.
2 *Sabbado*, s. Estevão, rei da Hungria.
3 ☉ *Domingo*, s. Eufemia, V. M. Lua cheia ás 6 h. e 28 m. da tarde.
4 *Segunda*, s. Rosa de Viterbo, V. F.
5 *Terça*, s. Antonino.
6 *Quarta*, s. Libania, V. A.
7 *Quinta*, (jejum) s. João, M. S. Anastacio, M. anniversario da independencia do Brazil, grande gala.
8 *Sexta* ✠ Natividade de N. S. s. Regina.
9 *Sabbado*, s. Sergio, F. A. Serafina, viuva F.
10 *Domingo*, o Ss. Nome de Maria.
11 ☾ *Segunda*, s. Theodora, penitente, Q. minguante á 1 h. e 28 m. da m.
12 *Terça*, s. Antão, V. M.
13 *Quarta*, s. Filippe, M.
14 *Quinta*, exaltação da Santa Cruz.
15 *Sexta*, s. Domingos.
16 *Sabbado*, trasladação de s. Vicente.
17 ☉ *Domingo*, festa das Dôres de N. S. L. nova ás 7 h. e 2 m. da tarde.
18 *Segunda*, s. José de Cupertino.
19 *Terça*, s. Januario.
20 *Quarta* (Temp. jejum), s. Eustachio e seus comp. mm.
21 *Quinta*, s. Matheus Ap. e Evang.
22 *Sexta* (Temp. jejum), s. Mauricio e seu comp. m.
23 *Sabbado*, (Temp. jejum), s. Lino, P. M.
24 *Domingo*, N. S. das Mercês.
25 ☾ *Segunda*, s. Firmino, B. M. Q. cresc. ás 9 h. e 11 m. da m.
26 *Terça*, as ss. Cypriana e Justina, Mm.
27 *Quarta*, os ss. Cosme e Damião.
28 *Quinta*, s. Wenceslau, duque de Bohemia.
29 *Sexta*, s. Miguel Archanjo.
30 *Sabbado*, s. Jeronymo, dr. da egreja.

OUTUBRO

1 *Domingo*, o Santissimo rosario de N. Senhora. Os ss. Verissimo, Maximo e Julia.
2 *Segunda*, os Anjos da guarda.
3 ☉ *Terça*, s. Candido. L. cheia ás 8 h. e 4 m. da manhã.
4 *Quarta*, s. Francisco d'Assis.
5 *Quinta*, s. Placido e seus comp.
6 *Sexta*, s. Bruno.
7 *Sabbado*, s. Marcos, P.
8 *Domingo*, N. S. dos Remedios.
9 *Segunda*, s. Dionisio, B. de Paris.
10 ☾ *Terça*, s. Francisco de Borja. Q. ming. ás 7 h. e 27 m. da manhã.
11 *Quarta*, s. Firmino, B.
12 *Quinta*, s. Cypriano.
13 *Sexta*, s. Eduardo, rei de Inglaterra.
14 *Sabbado*, s. Calixto.
15 *Domingo*, s. Thereza de Jesus.
16 *Segunda*, s. Martiniano.
17 ● *Terça*, s. Hedwiges. L. nova ás 7 h. e 5 m. da manhã.
18 *Quarta*, s. Lucas Evangelista,
19 *Quinta*, s. Pedro d'Alcantara.
20 *Sexta*, s. Iria, V. M. Portug.
21 *Sabbado*, s. Ursula e suas comp. vv. mm.
22 *Domingo*, s. Maria Salomé.
23 *Segunda*, s. João Capristano, F. s. Romão, B.
24 *Terça*, s. Raphael Archanjo.
25 ☽ *Quarta*, os ss. Crispim e Crispiniano. Q. cresc. ás 5 h. e 3 m. da manhã.
26 *Quinta*, s. Evaristo.
27 *Sexta*, s. Elesbão.
28 *Sabbado*, s. Simão e s. Judas Thadeo, Ap. M.
29 *Domingo*, Traslad. de s. Izabel rainha de Portugal.
30 *Segunda*, s. Serapião, B. C.
31 *Terça*, (jejum) s. Quintino, M.

NOVEMBRO

1 ☉ *Quarta.* ✠ Festa de Todos os Santos.
2 *Quinta*, Commemoração dos fieis defuntos.
3 *Sexta*, s. Malaquias.
4 *Sabbado*, s. Carlos Borromeu.
5 *Domingo*, s. Zacharias e s. Isabel.
6 *Segunda*, s. Severo.
7 *Terça*, s. Florencio, B.
8 ☾ *Quarta*, s. Severiano e seus comp. Q.ming. ás 2 h. e 25 m. da tarde.
9 *Quinta*, s. Theodoro, M.
10 *Sexta*, s. André Avelino.
11 *Sabbado*, (jej.) s. Martinho, B.
12 *Domingo*, o Patrocinio de N. S.
13 *Segunda*, s. Eugenio, B. de Toledo.
14 *Terça*, Traslad. de s. Paulo, 1º eremita.
15 ● *Quarta*. s. Gertrudes Magna. L. nova ás 9 h. e 56 m. da tarde.
16 *Quinta*, o B. Gonçalo de Lagos.
17 *Sexta*, s. Gregorio Thaumaturgo.
18 *Sabbado*, s. Romão, M.
19 *Domingo*, s. Izabel.
20 *Segunda*, s. Felix de Valois.
21 *Terça*, Apresentação de N. S.
22 *Quarta*, s. Cecilia, V. M.
23 *Quinta*, s. Clemente.
24 ☽ *Sexta*, s. João da Cruz. Q. cresc. á 1 h. e 36 m. da m.
25 *Sabbado*. s. Catharina.
26 *Domingo*, s. Pedro Alexandrino, B. M.
27 *Segunda*, s. Margarida de Saboia.
28 *Terça*. s. Gregorio, III. P.
29 *Quarta*, s. Saturnino, M.
30 *Quinta*, s. André. Ap.

DEZEMBRO

1 ☉ *Sexta*, (jej.), s. Eloy. L. cheia ás 8 h. e 12 m. da m.
2 *Sabbado*, s. Bibiana, V. M.
3 *Domingo*, (1° do Advento), s. Francisco Xavier.
4 *Segunda*, s. Barbara.
5 *Terça*, s. Geraldo, Arc. de Braga.
6 *Quarta*, s. Nicolau B.
7 ☾ *Quinta*, s. Ambrosio, B. e dr. da egr. Q. ming. ás 11 h. e 31 m. da m.
8 *Sexta*, ✠ N. S. da Conceição, padroeira do imperio.
9 *Sabbado*, (jej.) s. Leocadio, V. M.
10 *Domingo*, (2° do Advento), s. Melchiades, P. M.
11 *Segunda*, s. Damaso.
12 *Terça*, s. Justino, M.
13 *Quarta*, s. Luzia.
14 *Quinta*, s. Angelo, Ab.
15 ● *Sexta* (jej.) s. Eusebio. L. nova ás 3 h. e 22 m. da tarde.
16 *Sabbado*, (jej.) As Virgens de Africa.
17 *Domingo*, (3° do Advento) s. Bartholomeu de s. Gemiano.
18 *Segunda*, N. Senhora do O'.
19 *Terça*, s. Fausta.
20 *Quarta*, (Temp. jejum), s. Domingos de Sillos.
21 *Quinta*, s. Thomé. Começa o estio.
22 *Sexta*, (Temp. jej.) s. Honorato.
23 *Sabbado*, (Temp. jej.) s. Servulo.
24 *Domingo*, (4° do Advento), s. Gregorio, M.
25 ☽ *Segunda*, ✠ Nascimento de N. SenLor Jesus Christo. Q. cresc. ás 8 h. e 49 m. da tarde.
26 *Terça*, s. Estevão Proto-martyr.
27 *Quarta*, s. João, Ap. e Ev.
28 *Quinta*, os Santos Innocentes, Mm.
29 *Sexta*, s. Thomaz de Cantuaria.
30 ☉ *Sabbado*, s. Sabino. L. cheia ás 7 h. e 7 m. da tarde.
31 *Domingo*, s. Silvestre, P. S.

ESTRADAS DE FERRO

DA

PROVINCIA

——

COMPANHIAS INGLEZA E PAULISTA

(BITOLA LARGA)

———

HORARIO

IDA

	Trens mixtos		*Trens ord.*
	1.º	2.º m	
SANTOS		6—30	11—15
Cubatão		6—56	11—37
Raiz da Serra		7—20	11—52
Alto da Serra		8—30	t.
Rio Grande		9—	12—59
S. Bernardo		9—50	1—18
		10—25	1—50
Braz	m.	10—30	2—16
S. PAULO	6—15		2—35
Agua Branca	6—25		2—45
Os Perús	7—10		3—13
Belem	7—50		3—41
JUNDIAHY	9—45		4—20
Capivary	9—55		4—49
Cachoeira	10—15		5—5
Vallinhos	10—35		5—22
CAMPINAS	11—10		5—45

VOLTA

	Trens mixtos		*Trens ord.*
	1.º	2.º t	
CAMPINAS		1—50	7—30
Vallinhos		2—25	7—55
Cachoeira		2—45	8—11
Capivary		3—5	8—27
JUNDIAHY		4—15	9—5
Belem		5—10	9—49
Os Perús		5—50	10—7
Agua Branca		6—30	10—36
	m.	6—40	11—
S. PAULO	6—		11—5
Braz	6—5		11—39
S. Bernardo	6—40		t.
Rio Grande	7—30		12—2
Alto da Serra	8—		12—19
Raiz da Serra	9—10		1—25
Cubatão	9—34		1—41
SANTOS	10—		2—

Os trens mixtos só correm nos dias uteis.

Preços das passagens

DE CAMPINAS A	BILHETES SINGELOS		DE ÍDA E VOLTA	
	1.ª classe	3.ª cl.	1.ª classe	2.ª classe
Vallinhos	1$220	$420	1$830	1$320
Cachoeira	1$940	$640	2$910	2$050
Capivary	2$600	$880	3$900	2$790
Jundiahy	4$000	1$340	6$000	4$200
Bethlem	6$100	2$340	9$150	7$010
Perús	7$500	2$840	11$250	9$090
Agua Branca	9$000	3$440	13$500	10$870
S. Paulo	10$000	3$840	15$000	12$290
Braz	10$000	3$840	15$000	12$290
S Bernardo	11$000	4$340	16$500	13$800
Rio Grande	12$700	4$940	19$050	15$810
Alto da Serra	13$800	5$440	20$700	17$250
Raiz da Serra	14$300	5$640	21$450	18$050
Cubatão	15$200	6$040	22$800	19$170
Santos	16$000	6$340	24$000	20$290

Prolongamento ao Rio Claro

HORARIO

IDA		NOLTA	
Campinas	8—0	Santa Barbara	11—32
Boa-Vista	8—23	Rebouças	12—5
Rebonça	9—5	Boa-Vista	12—47
Santa Barbara	9—38	Campinas	1—10

Preços das passagens

ESTAÇÕES	SANTA BARBARA		
	Singela		IDA e VOLTA
	1.ª	2.ª	
Campinas	3$420	1$140	5$140
Boa-Vista	2$620	$880	3$940
Rebouças	1$120	$380	1$680
Santa Barbara			

COMPANHIA MOGYANA

(BITOLA ESTREITA)

HORARIO

IDA

TRONCO

		M.	T.
Campinas	Partida	6 h. 45	3 h. 0
Anhumas	»	7 h. 11	3 h. 22
Tanquinho	»	7 h. 46	3 h. 45
Jaguary	»	8 h. 40	4 h. 30
Resaca	»	9 h. 40	5 h. 13
Mogy-Mirim	Chegada	10 h. 30	5 h. 55

RAMAL

		TREM A 2	TREM A 4
Jaguary	Partida	8 h. 50	4 h. 50
Pedreira	»	9 h. 20	5 h. 20
Coqueiros	»	9 h. 46	5 h. 46
Amparo	Chegada	10 h. 10	6 h. 10

VOLTA

TRONCO

		M.	T.
Mogy-mirim	Partida	6 h. 50	2 h. 35
Resaca	»	7 h. 34	3 h. 35
Jaguary	»	8 h. 30	4 h. 40
Tanquinho	»	9 h. 2	5 h. 25
Anhumas	»	9 h. 25	5 h. 58
Campinas	Chegada	9 h. 45	6 h. 20

RAMAL

		TREM A 1	TREM A 3
Amparo	Partida	6 h. 40	2 h. 40
Coqueiros	»	7 h. 10	3 h. 10
Pedreira	»	7 h. 40	3 h. 40
Jaguary	Chegada	8 h. 4	4 h. 4

Preços das passagens

ESTAÇÕES	1.ª classe	2.ª classe	Ida e volta
Mogy-mirim	—	—	—
Resaca	2$000	1$000	3$000
Jaguary	3$400	1$900	5$100
Amparo	5$600	3$200	8$400
Coqueiros	4$800	2$800	7$200
Pedreira	4$200	2$300	6$300
Tanquinho	4$600	2$500	6$900
Anhumas	5$200	3$000	7$800
Campinas	6$000	3$500	9$000

ESTRADA YTUANA

BITOLA ESTREITA

— —

TRONCO

HORARIO

IDA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
	1.º TREM		2.º TREM *Para Capivary*	
	M.	M	M.	M.
Itú		5.45		10.15
Salto	6.3	6.6	10.33	10.36
Indaiatuba	6.45	.7	11.[illegible]	
Quilombo	7.25	7.28		
Itupeva	7.35	7.57		
Jundiahy	8.45			

VOLTA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE	CHEGA	PARTE
	1.º TREM		2.º TREM	
Jundiahy	M.	M.	M	M.
Itupeva			10.[illegible]	9.45
Quilombo			11.[illegible]	10.38
Indaiatuba		7	11.3	11.7
Salto	7.39	7.42	12.24	11.45
Itú	8		12.45	12.27

RAMAL

IDA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
	T.	M.
Indaiatuba		11.45
Monte-mór	1	1.10 T.
Capivary	2	

VOLTA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
	M.	M.
Capivary		4.45
Monte-mór	5.30	5.35
Indaiatuba	6.50	

Observações

Nos domingos e dias santos partirá o trem de Jundiahy ás 4.30 da tarde para chegar em Itú ás 7.30 e em Capivary ás 8.30.

Egualmente parte o 2.º trem de Itú ás 5 horas da tarde para chegar ás 6 em Indaiatuba.

Preço das passagens

ESTAÇÕES	MONTE-MÓR			CAPIVARY		
Classes	1.ª	2ª	Ida e volta	1ª	2ª	Ida e volta
Itú	4$800	2$700	7$200	6$500	3$500	9$800
Salto	4$200	2$300	6$300	5$900	3$300	8$900
Indaiatuba	2$800	1$500	4$200	4$500	2$300	6$800
Quilombo	3$800	2$100	5$700	5$500	3$100	8$300
Itupeva	4$600	2$500	6$900	6$300	3$300	9$500
Jundiahy	6$800	3$500	10$200	8$500	4$300	12$800
S. Paulo	12$800	6$000	19$000	14$500	6$800	21$800
Santos	18$800	8$200	28$000	20$500	9$300	30$800
Monte-mór				1$700	$800	2$600

COMPANHIA SOROCABANA

BITOLA ESTREITA

Trens de passageiros, diarios

ESTAÇÕES	Chega	Parte	ESTAÇÕES	Chega	Parte
Sorocaba	—	5.45	São Paulo	—	11.45
Piragybú	6.40	6.45	Baruery	12.53	12.55
São Roque	7.40	7.45	São João	1.55	1.60
São João	8.30	8.35	São Roque	2.45	2.50
Baruery	9.30	9.32	Piragybú	3.45	3.50
São Paulo	10.40	—	Soracaba	4.45	—

Trens mixtos nos dias uteis

ESTAÇÕES	Chega	Parte	ESTAÇÕES	Chega	Parte
São Paulo	—	6.15	Sorocaba	—	12.30
Baruery	7.25	7.27	Piragybú	1.40	1.42
São João	8.25	8.30	São Roque	2.40	2.47
São Roque	9.30	9.30	São João	3.45	3.50
Piragybú	10.30	10.32	Baruery	4.50	4.52
Sorocaba	11.30	—	São Paulo	6.0	—

Preços das passagens

DE S. PAULO A	1ª classe	2ª classe	Ida e volta
Baruery	2$700	1$400	4$050
S. João	5$000	2$500	7$500
S. Roque	6$000	3$000	9$000
Piragybú	8$000	4$000	12$000
Sorocaba	10$000	5$000	15$000

COMPANHIA S. PAULO E RIO DE JANEIRO

(BITOLA ESTREITA)

EM CONSTRUCÇÃO

Está aberto o trafego até Mogy das Cruzes.

Os trens andam nas segundas, quartas e sabbados de cada semana, conforme o seguinte

HORARIO

ESTAÇÕES	IDA		VOLTA	
	PARTE	CHEGA	PARTE	CHEGA
Braz	9 M.			3 T.
Mogy das Cruzes		11 M.	1 T.	

O preço da passagem é de 4$500 por pessoa.

Considerações observadas em todas as linhas ferreas

As creanças menores de 3 annos tem passagem gratis. As de mais de 4 annos até menos de 12 pagam meia passagem.

Os bilhetes de ida e volta tem valor por 48 horas.

No preço do transporte de cada viajante é comprehendido o de sua bagagem, a saber: para a 1ª classe até o peso de 40 kilogrammos; para a 2ª até 20. Do excedente as companhias cobram o respectivo frete.

Os bilhetes de ida e volta não dão direito a transporte gratuito de bagagem.

Os menores que pagarem meia passagem tem direito ao transporte gratis de sua bagagem até metade do que corresponde a uma passagem inteira.

IMPERIAL LITHOGRAPHIA
JULES MARTIN

PREMIO
OBTIDO NA
EXPOSIÇÃO ARTISTICA
DE
1867

Neste Estabelecimento
APROMPTA-SE
com elegancia nitidez e
promptidão
todas as Encommendas de
IMPRESSÕES
para Contas Circulares, Letras de
Cartões de Visita e de Casamto
de Musicas, Diplomas, Acções,
Notas, Pautas, &c. etc.
VENDE-SE
a Carta lithographada
desta Provincia
como tambem
Rotulos pª Vinhos e Licores
POR PREÇOS MODERADOS

42, rua da boa vista, 42

S. PAULO

ALMANACH LITTERARIO PAULISTA.

TYPO DO ANTIGO PAULISTA

FERNAM DIAS PAES LEME

Nasceu na então villa de S. Paulo, nos primeiros annos do seculo XVII. Foram seus paes Pedro Dias Paes Leme e d. Maria Leite da Silva, ambos tambem paulistas, elle filho de Fernam Dias Paes e d. Lucrecia Leme, ella filha de Paschoal Leite da Silva Furtado e d. Izabel do Prado.

A'cêrca d'este prestimoso e incomparavel sertanejo começaremos por transcrever aqui o attestado que de seus extraordinarios serviços passou a camara da villa de Parnahyba, no anno de 1681; sendo certo que documentos de egual valor prestaram pela mesma época as camaras das villas de S. Paulo, Santos, São Vicente e Taubaté, bem como o administrador geral das minas d. Rodrigo de Castello Branco, o ouvidor e provedor dr. André da Costa Moreira, o protonotario apostolico Matheus da Costa Aborim, o capitão-mór Diogo Pinto do Rego, o padre doutor Francisco de Almeida Lara, e outros, que todos lêmos em um processo de justificação dos serviços de Fernam Dias Paes Leme, a que procedeu o padre João Leite da Silva, seu irmão.

Eil-o :

« Nós os officiaes da camara da villa de Parnahyba, que servimos neste presente anno de 1681, abaixo assignados, certificamos que o governador Fernam Dias Paes Leme, conhecendo que o descobrimento das esmeraldas se ia totalmente reduzindo a termo inaccessivel pelo infeliz exemplo de ficarem frustradas as mais poderosas diligencias, como foram as do almirante João Corrêa de Sá, a do governador Agostinho Barbalho Bezerra, e outros muitos, se resolveu a conseguil-o em tempo que seus annos pediam a continuação do socego que lograva em sua patria, e não a resolução de descortinar a terrivel aspereza d'aquelles desertos, atropellando as difficuldades, em que visivelmente arriscava seu credito e a mesma vida, com dispendio da maior parte da sua fazenda, que sendo grossa lhe não era necessario menos para os aprestos, sem fazer gastos á fazenda real, como fazem os mais que andam no serviço da corôa, e, para effeito de conseguir a jornada pela impossibilidade de alguns homens que o queriam acompanhar, lhes deu todo o necessario de sua propria fazenda, e lhes deu indios alugados á sua custa, sem embargo da ordem que tinha do governador geral para levar os que fossem necessarios, o qual lhe passou patente de governador d'aquelle descobrimento, e lhe escreveu cartas muito honrosas, approvando-lhe o seu zelo e intento, assegurando-lhe felicidade e reaes mercês, e gratificando-lhe outro sim o serviço que tinha feito a Sua Magestade que Deus guarde, assim na gente que mandou á conquista dos barbaros que, por roubarem irreparavelmente aos moradores da Bahia, faziam muitas mortes nos contornos d'aquella cidade, como no emprestimo que fez do seu dinheiro a alguns cabos que partiram desta capitania para a mesma conquista ; e por haver tradicção e por constar entre nós que ha minas de prata no serro de *Sabarabossú* emprehendeu o dito governador Fernam Dias Paes Leme tambem este descobrimento, por lhe ficar em caminho na viagem das esmeraldas ; para o que se situou na paragem do *Sumidouro*, onde assistiu tres ou quatro annos, sem poder conseguir a averiguação da verdade, por falta de mineiros, sendo bem sobradas as suas diligencias; e porque os homens de sua tropa, prevendo a dilação que pedia uma e outra empreza, se despediram de sua companhia e obediencia, attentas as suas particulares necessidades, e ficou o sobredito Fernam Dias Paes só com a companhia de seu filho Garcia Rodrigues Paes e seu genro Manoel de Borba Gato, e os seus serviços e familiares, e pela falta de mineiros, cuja tardança inutilisava suas dili-

gencias, se resolveu proseguir no descobrimento das esmeraldas, e havendo já mandado para esse fim fabricar outra feitoria em *Tucambira*, e deixando no *Sumidouro* ao dito seu genro Manoel de Borba Gato, passou muito além do *Tucambira* e se situou em *Itamirimdyba*, de onde depois de fazer repetidas diligencias pela vastidão d'aquelles estereis desertos descobriu as esmeraldas na mesma mina de *Marcos de Azeredo* passados sete annos que estava ausente de sua patria e casa, e sem ter outro cuidado em todo este tempo mais que a execução do real serviço que tinha emprehendido, e depois de mandar tirar das minas as pedras que bastassem para as amostras, recolhendo-se para o *Sumidouro* falleceu de peste, e grande parte de seus indios, e ainda depois de morto o perseguiram as calamidades ordinarias do sertão, porque o seu cadaver e as amostras das esmeraldas padeceram naufragio no rio que chamam das *Velhas*, em que se perderam as armas e tudo quanto trazia de seu uso, e se afogou a gente, porque os indios nadadores se occuparam em salvar as proprias vidas e accudir ás amostras, como em sua vida lhes tinha recommendado seu senhor, cujo corpo se achou depois de muitos dias, a diligencias de seu filho Garcia Rodrigues Paes, que o tinha ido a soccorrer, e chegou ahi depois de sua morte; e recolhendo-se para o *Sumidouro* recebeu carta do administrador d. Rodrigo de Castello Branco que nesses dias chegára a *Parahybipeva*, para onde o sobredito Garcia Rodrigues Paes trouxe essas amostras, para que mandasse fazer termo de manifestação dellas, e as remettessem a S. Alteza com a brevidade que elle não podia fazer, por seus indios estarem ainda assustados. E com esta assistencia de sete annos que o dito Fernam Dias Paes gastou no sertão sem ter outra applicação que o serviço real deixou a seus filhos pobres, sua fazenda totalmente desfalcada e sua casa muito empenhada, porque sabemos que deve ao capitão Fernam Paes de Barros mais de um conto de réis, e pouco menos a Gonçalo Lopes e João Monteiro, e outras diversas menores, que todas se fizeram em rasão de cessarem com sua ausencia os lucros de sua lavoura, que importavam cada anno em dois a tres mil cruzados, além de seis ou sete que gastou em apprestos da viagem, sem contar os gastos dos fornecimentos que por ordem do padre João Leite da Silva, seu irmão, lhe foram remettidos por muitas vezes. Em todo o decurso de sua vida mostrou o defunto Fernam Dias Paes tão grande zelo do serviço real que parece não queria vida nem fazenda mais que para a empregar nos augmentos da corôa, e a sua ordinaria conversação era sobre a obrigação que tinham os vassallos de servirem a seu principe, e assim

voluntariamente pagou o donativo real nesta villa, e na de S. Paulo, tendo uma só fazenda neste Termo; e sendo ordenado que désse calôr á jornada do governador Agostinho Barbalho Bezerra para as esmeraldas, lhe fez liberalmente parte dos apresios de mantimentos que lhe eram necessarios, e, de todos estes serviços e de outros que de seus proprios papeis constam, não recebeu mercê alguma de S. Alteza: pelo que julgamos aos herdeiros do defunto Fernam Dias Paes por merecedores de toda a honra e mercê que o Principe Nosso Senhor fôr servido fazer-lhes; e, porque todo o sobredito nos consta passar na verdade, o juramos, bem como que o sobredito serviu os cargos mais honrosos na villa de S. Paulo onde era morador, e era muito zeloso do serviço de Deus, como se viu no convento do Patriarcha S. Bento, que reedificou dotando-o de bens para sustento de seus religiosos e dos das outras religiões. Na conservação da paz de sua patria mostrou-se tão cuidadoso que, para que não chegassem a maior ruina as discordias e parcialidades que entre aquelles moradores havia, foi ao Rio de Janeiro buscar o ouvidor João Velho de Azevedo, e chegados ambos apaziguaram e socegaram aquellas grandes alterações na restituição dos padres da Companhia de Jesus aos seus collegios de S. Paulo e de Santos, e na restituição do vigario Domingos Gomes Albernaz á sua egreja matriz da villa de S. Paulo, de que tambem havia sido expulso. Quando o inimigo hollandez infestou as costas de S. Vicente e Santos, e os capitães-móres tocaram a rebate, elle era dos primeiros que com toda a sua gente accudia a soccorrer e fortificar o porto de Santos: e por tudo isto ser verdade o juramos pelos Santos Evangelhos, e por nos ser pedida a passamos em Camara. Parnahyba, 20 de Dezembro de 1681. — *Antonio Cardoso Pimentel — Manoel Franco de Brito—Manoel da Silva Ferreira—Jeronymo Gonçalves Meira—Francisco da Rocha Gralho.* »

Fernam Dias Paes tinha, pelos annos de 1661, conquistado no sertão e reduzido tres tribus de indios *Goyanazes*, que conseguiu trazer ao povoado, situando-as á margem do rio Tieté em uma aldêa logo abaixo da villa de Parnahyba, na qual conseguiu contar cêrca de quatro a cinco mil indios. Foi com parte deste recurso que elle, acompanhado de Mathias Cardoso de Almeida, e outros paulistas egualmente importantes emprehendeu, saindo de S. Paulo em Julho de 1682, a descoberta das esmeraldas no serro de *Sabarabassú*, no logar denominado *Marcos de Azeredo* que tomou o nome de Marcos de Azeredo Coutinho, um dos primeiros que penetrou aquelles

sertões, e que alli falleceu das *carneiradas*, de que mais tarde foi tambem victima Fernam Dias Paes, nas proximidades do rio *Sumidouro*, chamado pelos indios *Anhonhecandura*.

Seus ossos foram trasladados e jazem sepultados no altar mor da egreja de S. Bento, em que tinha jazigo proprio, em remuneração dos grandes beneficios que havia feito ao mosteiro, sendo um delles o que consta da escriptura que abaixo transcrevemos :

« Saibam quantos este publico instrumento de contracto e composição, deste dia para todo sempre virem que, no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1650 aos 17 dias do mez de Janeiro, nesta villa de S. Paulo, da capitania de S. Vicente, Estado do Brazil, nesta villa no convento do patriarcha S. Bento, onde eu Tabellião fui chamado, ahi estavam presentes o rvd. padre Provincial da dita ordem, dr. Francisco Gregorio de Magalhães, e o padre Presidente frei Feliciano de Santiago, o padre prior frei Jeronymo do Rosario e os mais religiosos do dito convento abaixo assignados, todos chamados ao som de campa tangida, e bem assim estava presente o capitão Fernam Dias Paes, morador nesta villa, e logo pelo dito padre Provincial e mais padres do dito convento foi dito a mim Tabelião, perante as testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, que elles estavam concertados e compostos de mão commum e boa conformidade com elle dito capitão Fernam Dias Paes que elle lhes faria a egreja nova que ora pretendiam fazer da invocação de N. Senhora do Monte-Serrate, acabada de todo o necessario, por cujo beneficio que lhes assim faziam, elles ditos padres Provincial e mais religiosos lhe davam a capella mór da dita egreja para elle e todos os seus herdeiros e descendentes, que após elle vierem e descenderem, e n'aquella capella mór se faria uma carneira para elle e todos seus herdeiros legitimos serem sepultados, e assim mais duas sepulturas nas ilhargas da dita carneira para outras pessoas, tudo na fórma abaixo declarada, pelo que logo por virtude d'esta publica escriptura disse elle capitão Fernam Dias Paes em seu nome e dos ditos seus herdeiros e descendentes—que se obrigava, como de facto logo se obrigou, a fazer a dita egreja e acabar de todas as coisas a ella necessarias, a saber : a dita capella mór ornada com seu retabulo, ornamentos, casticaes, lampadarios e tudo mais necessario ao ministerio do dito altar, e o corpo da dita egreja com seu côro alto, torre, pulpito, grades da dita egreja e bancos para assento d'ella, e elles ditos padres Provincial e

mais religiosos, em seu nome e no dos mais que ao diante vierem, se obrigam, como de facto logo se obrigaram, a lhe darem a dita capella mór da dita egreja para elle e todos os seus herdeiros ascendentes e descendentes, para que a possam lograr como cousa sua propria, na qual capella mór se hade fazer um carneiro no seio della, e nas duas ilhargas duas sepulturas, para que sejam enterrados, a saber: os herdeiros ascendentes e descendentes delle capitão Fernam Dias Paes, legitimos, e assim mais os filhos e filhas naturaes que o dito capitão tiver sómente nas ditas sepulturas, e poderão enterrar sua mãe, irmãos, irmãs, cunhados e descendentes legitimos por linha directa; e sendo caso que alguma pessoa da obrigação do dito Fernam Dias Paes se queira enterrar nas ditas sepulturas, com sua licença o poderão fazer, e na dita capella mór se não enterrará mais pessoa alguma senão as atraz declaradas, nem elles ditos padres presentes e que ao diante vierem não enterrarão nella pessoa alguma, e se obrigam mais elles ditos padres a em seu nome e dos mais que lhes succederem, que tanto que o dito Fernam Dias Paes fallecer e sua mulher, tendo-a, os irão buscar á porta da egreja do dito convento para serem sepultados em sua sepultura, e todos os mais atraz declarados, vindo amortalhados no habito da dita ordem do Patriarcha S. Bento, serão obrigados os ditos religiosos a os virem buscar á porta da dita egreja, e não vindo no dito habito o não farão. E sendo caso, que Deus não permitta, que elle dito Fernam Dias Paes falleça da presente vida antes da dita egreja ser acabada, seus herdeiros e successores acabarão toda da maneira que atraz fica declarado, do melhor parado de sua fazenda, e assim se obrigam a fazer bom da dita fazenda o melhor parado della, por si e seus successores que lhe vierem, lhe dêm oito mil réis de renda cada um anno para a fabrica da dita capella, os quaes oito mil réis não haverão logar em sua vida e sómente depois de sua morte.

« E para cumprimento desta escriptura e tudo nella declarado, disseram elles ditos padres Provincial e mais padres assim presentes em seu nome como dos mais que ao diante vierem, e elle dito Fernam Dias Paes em seu nome e dos mais seus herdeiros e descendentes, que obrigavam todos os seus bens moveis e de raiz, havidos e por haver, e querem e são contentes que indo qualquer delles partes contra o cumprimento desta escriptura, em parte ou em todo, não querem ser ouvidos nem admittidos em juizo nem fóra delle, e para isso renunciam o juizo de seu fôro, privilegios, liberdades e quaesquer outras cousas que em seu favor allegar pos-

sam, porque de nada queriam usar, senão em tudo cumprir e guardar esta escriptura pelo modo nella declarado, e movendo-se alguma duvida o façam diante dos juizes ordinarios desta villa onde sómente poderão ser ouvidos.

« E pelo dito padre Provincial foi dito que elle como cabeça de toda a provincia dos conventos do Patriarcha S. Bento do Estado do Brazil, dava o seu consentimento em todo o conteúdo nesta escriptura e era contente que se cumprisse. E em fé de testemunho de verdade assim o outhorgaram e mandaram as partes ser feita esta escriptura neste meu livro de notas, e que delle se dessem os traslados necessarios que pedirem, acceitavam, e acceito em nome dos ausentes a quem tocar possa, como pessoa publica acceitante e estipulante, sendo testemunhas presentes Antonio de Madureira Magalhães, Pedro Varejão, Ignacio Dias e Sebastião Preto, todos moradores nesta villa, pessoas de mim Tabellião conhecidas. E eu João Dias de Moura, Tabellião do publico o escrevi — Dr. frei Gregorio de Magalhães, Dom Abbade Provincial—frei Feliciano de Santiago, Presidente—frei Jeronymo do Rosario, Prior—frei Gaspar da Graça—frei Manoel Baptista—frei Basilio de Ascenção—frei Manoel de Ascenção—frei Roberto—Fernam Dias Paes—Antonio de Madureira Magalhães—Pedro Varejão—Sebastião Preto Leme—Ignacio Dias. » *(Archivo do Mosteiro de S. Bento, Maço de documentos antigos.)*

O genealogico Pedro Taques de Almeida Paes Leme refere a proposito deste paulista um facto tão extraordinario que não nos podemos furtar ao desejo de fazel-o conhecido.

Eil-o :

« Não achando minas de prata em *Sabarabossú* continuou Fernam Dias Paes o destino de sua commissão, entranhando-se por aquelles sertões incultos (sertões da provincia de Minas Geraes) até chegar ao desejado dos barbaros indios *Mapaxós*, na apetecida serra das esmeraldas, assentou arraial no sitio de *Itamirindyba* e depois deste outros mais, fazendo plantações e celleiros para nelles recolher os fructos das sementeiras, sendo mais populoso o arraial de *S. João do Sumidouro*.

« Com constancia e egual valor conservou-se Fernam Dias Paes sete annos, até conseguir, á custa de seus grandes cabedaes e ultimamente da propria vida, o feliz posto que laborioso descobrimento das esmeraldas.

« Consummidos com o tempo o fornecimento de polvora e

bala, ferro e aço, sendo já mortos muitos dos exploradores, pela maior parte seus escravos indios *Goyanazes*, mandou a S. Paulo buscar por enviados novo fornecimento á sua custa, do necessario, ordenando com briosa e real resolução a sua esposa d. Maria Garcia Betim, que depois de vender toda a prata e ouro de sua casa não perdoasse mesmo as joias e adornos de suas proprias filhas.

« Assim o executou esta matrona que, egualmente liberal como discreta, não duvidou estragar seu cabedal para que se conseguisse uma acção em que a honra e o nome de seu marido estavam empenhados. Emquanto os enviados penetravam o sertão, demandando o rumo de S. Paulo, introduziu-se uma diabolica sugestão contra a vida de Fernam Dias Paes, que a ter effeito ficava o descobrimento infructuoso.

« Foi auctor deste sacrilego e barbaro attentado o mameluco José Dias Paes, filho bastardo dos delirios da mocidade de Fernam Dias, que por muitas vezes pôz em desconfiança de que o seu amor excedia para com este bastardo aos grandes merecimentos de seu legitimo filho e primogenito Garcia Rodrigues Paes, que com os brios do sangue que lhe animava as veias, sabia soffrer as miserias e calamidades do sertão por acompanhar nelles sempre a seu pae. Querendo, pois, o mameluco José retirar-se para povoado, temendo perder a vida ao rigor de tantas causas, a que viviam subjeitos todos os que restavam do grande numero de pessoas de que se compunha a tropa dos exploradores, e discorrendo que esta acção não podia verificar-se sem primeiro tirar a vida a seu pae, fez conciliabulo com seus parciaes, que concordando neste infernal arbitrio, consentiram na proposição para se retirarem brevemente com todas as armas e, a pouca polvora e balas que ainda havia, deixando em total desamparo os poucos brancos que ainda restavam do numeroso corpo. Foi Deus servido que estando em uma noite nas suas diabolicas assembléas, em consulta sobre a resolução que tinham tomado, transpirassem algumas vozes aos ouvidos de uma india já velha, casada, que por occulta providencia de Deus tinha saído naquella hora de sua cabana, e sentindo rumor na casa do conciliabulo, applicou o ouvido ás paredes della, que ainda eram de tabique, e percebeu o objecto da discussão; retirando-se no mesmo instante a informar do facto a Fernam Dias. Este promptamente se armou e veiu, só, ouvir as vozes dos aggressores que ainda estavam no seu ajuntamento, retirando-se logo com cautella e o silencio que o caso pedia.

« No dia seguinte, communicada a noticia aos parentes e amigos, procedeu na prisão dos culpados, e averiguando a verdade

da culpa, que toda recaiu no filho mameluco ; porém como o caso pedia exemplar castigo, para evitar outra revolta no futuro, negou-se ao amor e piedade de pae, e obedecendo sómente aos dictames da recta justiça fez confessar ao réu e enforcal-o á vista de todo o arraial...»

Alguns historiadores mal informados affirmam, tratando de Fernam Dias Paes, que elle não chegou a descobrir as esmeraldas. Temos, porém, a prova em contrario nos livros de registro de vereança da camara da villa de S. Paulo, de onde extractamos para a chronologia que acompanha os nossos *Apontamentos historicos da provincia de S. Paulo*, os seguintes actos :

1681—Setembro 1.º—O padre João Leite da Silva apresenta-se perante a camara reunida da villa de S. Paulo, para protestar que havendo-se propalado que d. Rodrigo de Castello Branco intentava apoderar-se das minas das esmeraldas, descobertas em *Sabarabossú* por Fernam Dias Paes Leme, irmão delle protestante, segundo constava de cartas do tenente general Mathias Cardoso d'Almeida, nas quaes declarava que o dito administrador geral d. Rodrigo dissera que dessas minas tiraria os gastos da jornada ; por isso requeria que os ditos officiaes da camara admoestassem ao referido administrador para que não tocasse nas minas até que S. Alteza resolvesse o que julgar conveniente.

No mesmo dia do protesto supra comparece em camara o ajudante Francisco João da Cunha com um saquinho todo cosido e lacrado, contendo pedras com destino para S. Alteza, que remette o administrador geral d. Rodrigo de Castello Branco, que diz serem esmeraldas, por serem verdes e transparentes, e pelo dito ajudante Francisco João da Cunha foi declarado que as referidas pedras de que elle era portador foram descobertas pelo governador Fernam Dias Paes no reino dos *Mapaxós*, na mesma mina ou serro d'onde antigamente tiraram os Azeredos e que recolhendo-se com ellas para as plantações do *Sumidouro* adoeceu em caminho, de que morreu, com muita parte de seus indios domesticos, e que vendo-se seu filho Garcia Rodrigues Paes impossibilitado, com seus indios doentes e por convalescer, e por chegar naquelle accidente o administrador d. Rodrigo de Castello Branco lhe apresentára as pedras, pedindo-lhe que as levasse aos pés de S. Alteza, remettendo-as logo por duas vias, o que o dito administrador fez logo e promptamente, remettendo uma via a esta camara e outra á de Guaratinguetá, e que deixára a José de Castilho por guarda das minas das esmeraldas.

Setembro 2.—A camara da villa de S. Paulo manda publicar bando, prohibindo que pessoa alguma passe ás minas das esmeraldas, descobertas por Fernam Dias Paes sob pena de morte e confisco.

Esse bando foi tambem remettido ás demais camaras da capitania para ser publicado.

Dezembro 11.—Garcia Rodrigues Paes comparece perante a camara da villa de S. Paulo e expõe as esmeraldas descobertas por seu pae Fernam Dias Paes, dizendo que eram o resto das que tinha entregue ao administrador d. Rodrigo de Castello Branco para as remetter a S. Alteza, e que as trazia para serem vistas, contadas e pesadas, porque tencionava ir pessoalmente leval-as a S. Alteza, para que assim ficasse consignado o desinteresse com que servia; o que sendo ouvido pelos officiaes da camara abriram o saquinho e acharam quarenta e sete pedras de esmeraldas grandes e pequenas, algumas dellas transparentes, pesando todas um arratel e cinco oitavas, e um outro sacco de *agulhas finas* que pesou um arratel e 26 oitavas, mais outro sacco de pedras miudas e imperfeitas e nove grandes tambem imperfeitas que pesaram 3 arrateis e 1 quarto, e outro de miudas com 2 arrateis e 8 oitavas, e mais uma pedra *sextavada* comprida com o peso de 6 oitavas, que todas estavam em saccos de tafetá encarnádo mettidos em dous saccos de chamalote tambem encarnado.

Fernam Dias Paes havia sido elogiado por cartas regias de 27 de Setembro de 1664, 3 de Novembro de 1674, 4 de Dezembro de 1677 e 12 de Novembro de 1678 pelos seus grandes serviços; e não resta agora a menor duvida que elle descobriu as esmeraldas, ao contrario do que affirmam monsenhor Pizarro de Araujo em suas *Memorias historicas*, e outros historiadores.

O governo da metropole, abrindo excepção ao systema que sempre observou para com os grandes servidores paulistas, fez aos descendentes de Fernam Dias Paes importantes mercês e favores, principalmente ao ramo de Garcia Rodrigues Paes Leme, cujos descendentes têm gozado até nossos dias dias posição saliente.

Fernam Dias Paes Leme, foi casado com d. Maria Garcia Betim, filha do capitão Garcia Rodrigues Velho e de d. Maria Betim, e deixou os seguintes filhos:

1—Garcia Rodrigues Paes, capitão-mór, casado com d. Maria Antonia Pinheiro da Fonseca, filha do capitão João Rodrigues da Fonseca e de d. Antonia Pinheiro Rapozo Tavares, com descendencia.

2—Pedro Dias Paes Leme, casado com d. Maria de Lima de Moraes, filha do capitão-mór de Parnahyba, Guilherme Pompeu de Almeida, sem descendencia.
3—D. Marianna Paes Leme, casada em primeiras nupcias com Francisco Paes de Oliveira e em segundas com Fernando de Moraes Madureira, com descendencia.
4—D. Custodia Paes Leme, casada com o capitão Gaspar Gonçalves Moreira, com descendencia.
5—D. Izabel Paes Leme, casada com o coronel Jorge Moreira de Godoy, com descendencia.
6—D. Maria Leite, casada com o tenente general do matto, Manoel de Borba Gato, com descendencia.
7—D. Anna Maria Leite, casada com João Henrique de Siqueira Burnel.
8—D. Catharina Paes, casada com Luiz Soares Ferreira.

(Cartorio 1º de Orphãos da cidade de S. Paulo, inventario de d. Maria Garcia Betim.—Ouvidoria de S. Paulo, justificação de Pedro Dias Paes Leme—P. T. de A. Paes Leme, genealogia das principaes familias de S. Paulo.—Camara municipal, livro de Vereanças de 1660 a 1681).

S. Paulo, Outubro de 1875.

M. E. de Azevedo Marques.

CHARADA I.

(Ao meu amigo J. H. S. Dutra)

Se vejo muito e admiro, assim eu faço—1
Ha na terra e hasde ser tambem—1
Isto fiz, achei bom; não o fizeste?—1
O meu cão assim chamo e elle vem—1

Para o conceito te digo
Que nome de homem é,
Tu conheces, oh, e muito!
Tanto, *do que dou fé.*

A. B. C. (Santos).

CHIQUINHA

Chiquinha, já estás crescida,
Já estás crescida, meu bem!
Ora vejam como a rosa
Desabrocha tão formosa,
Sem que o suspeite ninguem.
Menina, não tenhas medo
Que eu sei guardar um segredo.

Chiquinha teus olhos gazeos
Se alongam tão languescentes;
Teu seio pulsa apressado,
E vergas o corpo, ao lado,
Com meneios tão dormentes,
Menina, que eu tenho medo
De adivinhar-te o segredo.

E córas, tremes de susto,
Porque tremes, queridinha?
Alguem contou-te ao ouvido,
Com accento commovido,
Que és feiticeira, Chiquinha,
E estás a tremer de medo
Que eu vá contar teu segredo.

Ora senta-te a meu lado,
Falla sem susto, menina,
Tu julgas que é novidade,
Quando chega a tua edade,
Esta incerteza divina
Que faz com que tenhas medo
Que te saibam do segredo.

Descança, minha formosa,
O mundo assim começou;
Quando o botão faz-se rosa
Beija-lhe a pét'la mimosa
A abelha que a cubiçou.
E, pois, tranquilla e sem medo
Guarda bem o teu segredo.

S. Paulo. DR. ANTONIO CARLOS.

DOCUMENTO HISTORICO

1842

Tenho em mãos varios autographos, uns já publicados e... esquecidos, e, outros ainda ineditos sobre a mallograda revolução de 42, em S. Paulo. Esses escriptos vêm firmados pelos legendarios nomes de Feijó e de Tobias.

Dentre elles, destaco uma proclamação de Tobias, cujo original conservo. Segundo creio, já foi ella publicada em um dos numeros do *Paulista*, orgam da revolução e ephemero como esta.

Embora mais tarde tenha eu de publical-a de involta com outros documentos, em trabalho que emprehendi sobre a historia da provincia, não posso, entretanto, me furtar ao desejo de entregal-a desde já ao estudo dos que ainda nutrem amor pelos fastos gloriosos da provincia em que nasci.

Constituição, Outubro de 1875.

Dr. Brazilio Machado.

Eis a proclamação:

Paulistas!

Os fidelissimos sorocabanos vendo o estado de acção a que se acha reduzido o nosso Augusto Imperador, o sr. d. Pedro II, por essa oligarchia sedenta de mando e de riqueza (*), acabam de levantar a voz, elegendo-me presidente interino da provincia, para debellar essa hydra de trinta cabeças, que por mais de uma vez tem levado o Brazil á borda do abysmo, e libertar a provincia d'esse pro-consul, que, postergando os deveres mais sagrados, veio commissionado para reduzil-a ao estado do misero Ceará e Parahyba. Fiel aos principios que hei adoptado constantemente na carreira publica, não pude hesitar em dedicar mais uma vez minhas debeis forças, na sustentação do throno constitucional.

(*) Em seguida a este topico do autographo se lêm as seguintes palavras que foram riscadas:—« que assentou de sustentar-se mesmo sobre as ruinas do throno ».

Paulistas!

O vosso patriotismo já deu o primeiro passo precedendo e seguindo os vossos representantes, quando fieis interpretes de vossos sentimentos clamaram contra essas leis que, cerceando as prerogativas da corôa e as liberdades publicas, deitaram por terra a Constituição: o vosso valor e firmeza fará o resto.

Mostremos ao mundo inteiro que as palmas colhidas nas campinas do Rio da Prata não podem definhar nas do Ypiranga.

Os descendentes do illustre Amador Bueno sabem defender os seus direitos a par da fidelidade que devem ao throno.

União, e a patria será salva!
Viva S. M. o Imperador!
Viva a Constituição!
Viva a nossa santa religião!

Rafael Tobias d'Aguiar.

Preço dos generos em 1827

Um alqueire de milho custava então 240 réis, de arroz 480 réis, de feijão 480 réis, de farinha de mandioca 800 réis, de farinha de milho 480 réis; 1 arroba de café 1$600, de fumo da terra 1$280, de algodão 800; 1 canada de mamono 3$840; 1 arroba de assucar 800 réis, e 1 canada de aguardente 960 réis.

Hoje todos estes productos custam 10 e 20 vezes mais, o que prova a riqueza que se tem desinvolvido n'esta provincia.

Plantas tintureiras

Encontram-se n'esta provincia o campeche, anil, gerumbeva, sangue de draco, cairira vermelho e cureuma.

Á ESPERANÇA

Deixa-me em teu regaço
Oh! pallida criança,
Beijar-te a loira trança,
Morrer n'um teu abraço.

Sou o atomo que dança
E perde-se no espaço;
Que em sonho tenue e escasso
Por entre os sóes te alcança;

E bebe nos teus olhos
A lagrima que brilha
E te humidece o véu!

E segue, d'entre abrolhos,
A luz que te abre a trilha
Nas curvas do azul céu.

Campinas—1875. F. Quirino dos Santos.

(1) # CHARADA EM QUADRO

Bem se canta na primeira.
Para attrahir a segunda.
A terceira entre parentes.
De natureza infecunda.

Araujo Silva (Santos).

O DR. JOÃO DABNEY D'AVELAR BROTÉRO

Recordar o nome illustre e os feitos de um cidadão prestante arrebatado d'entre nós por uma morte prematura e inesperada, é fazer um serviço á historia patria.

Nem o espaço d'esta publicação permitte uma biographia completa, nem tal é nosso pensamento; narrar a largos traços a vida desse distincto brazileiro, lembrar a importancia dos serviços por elle prestados á terra querida que o recebeu em seu seio, derramar uma lagrima de saudade sobre a sua campa, eis o nosso intuito.

João Dabney d'Avelar Brotéro, filho legitimo do legendario da nossa Faculdade de Direito, o fallecido conselheiro José Maria d'Avelar Brotéro, e de sua virtuosa esposa, nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 24 dias do mez de Dezembro do anno de 1826, na freguezia de Nossa Senhora da Candelária, em cuja egreja matriz foi baptisado.

Balbuciava apenas as primeiras palavras, quando seu respeitavel pae foi pelo governo imperial nomeado lente cathedratico do curso juridico de S. Paulo, e encarregado de lançar alli os primeiros fundamentos dessa Athenas Brazileira, que com tantos e tão robustos talentos tem dotado o paiz!

João Dabney d'Avelar Brotéro criou-se em uma chacara (habitação de seus paes) nas risonhas margens do Rio dos Pinheiros. Os viajantes que passavam na estrada, que lhe ficava em frente, viam pela mão de seu pae (então no vigor da vida) e de sua virtuosa mãe, ensaiando os primeiros e tremulos passos, uma criancinha loira, de olhos azues e de feições angelicas que devia mais tarde ser o amor de seus progenitores, e o orgulho de sua patria!

Os primeiros estudos de humanidades, fel-os com seu proprio pae, e aprendeu as linguas franceza e ingleza com sua mãe, recebendo desse typo de bondade, em seu infantil coração, o germen das mais acrisoladas virtudes, que o tornaram o idolo de seus amigos, e attrahiram sobre elle a admiração de seus concidadãos.

O joven Brotéro trazia na fronte a auréola radiante do talento, e os seus exames de preparatorios foram uma série não interrompida de triumphos.

Seu pae era o director do curso juridico e o mais antigo e o mais prestigioso dos lentes; entretanto servia-lhe essa

circumstancia de incentivo para redobrar de esforços afim de que se não attribuissem á protecção as approvações plenas que constantemente obteve.

Matriculou-se no 1.º anno do curso de direito no anno de 1842. Os cinco annos em que prescrutou guiado por seu pae os arcanos das sciencias sociaes e juridicas, foram para elle um lustro de lutas e victorias, de merecidos applausos, coroados a 21 de Outubro de 1846 com o gráu de bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas que bem merecêra. Defendeu theses na mesma faculdade e alcançou o gráu de doutor a 26 de Outubro de 184....

Apenas terminados os seus estudos de direito seu pae o fez seguir para as ilhas dos Açores, e de lá para os Estados Unidos da America do Norte, com o fim de visitar e conhecer os parentes de sêu pae, e na Republica Norte Americana os de sua virtuosa mãe.

Partiu para essa viagem a 20 de Fevereiro de 1847, e regressou a 18 de Fevereiro de 1848, sendo logo nomeado promotor publico da capital da provincia, cargo de que tomou posse, a 21 de Fevereiro do mesmo anno.

No cargo de promotor publico o joven doutor deu provas exhuberantes, não só do seu reconhecido talento e aturado estudo, como ainda da bondade de seu coração.

A sua voz eloquente, a sua palavra clara, sonora e incisiva, os seus argumentos valentes e esmagadores, erguiam-se sempre contra o crime, sem que uma só palavra acrimoniosa, um persamento de paixão odienta ferisse o desgraçado que elle via diante de si curvado ao peso do crime, humilhado sobre o escabello dos culpados!

João Dabney d'Avelar Brotéro comprehendia o seu dever de accusador, como verdadeiro defensor dos interesses da sociedade, cuja segurança lhe fôra confiada, e em parte á influencia de sua palavra auctorisada se deve o acerto e a justiça das decisões do tribunal do jury, de sua comarca.

A tribuna judiciaria tinha visto surgir em seu horisonte uma estrella radiante, mas era estreito o recinto para tão grande luz, e o eleitorado paulista o collocou como seu representante na Assembléa Provincial na legislatura de 1848.

Nesse recinto em que tinham em diversas épocas tomado assento as primeiras notabilidades do imperio, Brotéro não desmentiu o seu passado, e, pronunciando-se em favor das idéas liberaes a cujo partido pertencia, distinguiu-se nessas luctas homéricas de outr'ora, ganhando a admiração de todos, e o que é mais ainda, o respeito e a estima de seus proprios adversarios politicos.

Em 1855 tomou assento como supplente na Assembléa geral legislativa do Imperio, sendo logo por decreto de 15 de Junho do mesmo anno nomeado lente substituto da Faculdade de direito do Recife, de onde foi removido para a Faculdade de direito de S. Paulo, por decreto de 3 de Junho de 1856.

João Dabney d'Avelar Brotéro, era um talento talhado para todas as habilitações; orador na tribuna judiciaria e parlamentar, attrahia á attenção e o enthusiasmo d'aquelles que o ouviam; estadista prudente e reflectido, fez parte d'essa pleiade de deputados provinciaes, que prepararam com verdadeira sabedoria o engrandecimento d'aquella, a mais prospera e importante provincia do Imperio. O seu nome está ligado, nos annaes parlamentares de S. Paulo, aos trabalhos mais reflectidos, aos projectos os mais bem elaborados, e a tradicção historica dos tempos que passaram o conserva como um dos marcos miliarios do progresso da provincia.

Como lente, era elle o idolo de seus discipulos, a quem com delicada brandura soube guiar no intrincado e difficil estudo da sciencia do direito; era mais um companheiro d'estudos do que um mestre, mais um amigo do que um preceptor, e o companheiro e o amigo conseguiram, pela brandura e amizade, o que não teria alcançado qualquer outro pelo rude systema da severidade e terror, que uma mocidade intelligente e briosa sabe sempre repellir!

O governo imperial reconhecendo na pessoa do joven representante da provincia de S. Paulo a sabedoria e a prudencia de um verdadeiro estadista, confiou-lhe a administração da provincia de Sergipe, para cuja presidencia foi nomeado por decreto de 5 de Agosto de 1857, e da qual foi a seu pedido exonerado por decreto de 7 de Março de 1859, sendo pouco depois nomeado presidente da provincia da Parahyba, de cujo cargo não chegou a tomar posse.

Durante o tempo que dirigiu os destinos da provincia de Sergipe, foi elle estimado e respeitado por todos os partidos; em presença de uma administração que tinha por guia a honestidade, e por norte a justiça, os odios e as paixões politicas adormeceram, e a familia sergipana, congregada em torno de seu presidente, só curava do engrandecimento do torrão que lhe déra o ser.

Os municipes da capital da provincia de S. Paulo, gratos aos serviços de tão distincto brazileiro o elegeram presidente de sua camara municipal, e por mais de uma vez foi elle honrado com o diploma de eleitor de sua parochia.

O dr. João Dabney d'Avelar Brotéro era geralmente estimado, e o povo olhava para elle com profundo amor e res-

peito, porque elle era o amigo do povo, o advogado de todos os opprimidos, porque a sua palavra robusta e eloquente erguia-se livre, gratuita e espontanea em favor do pobre quando perseguido pelo rico e poderoso. A estima de seus concidadãos era o seu ouro, a satisfação intima de sua consciencia, a unica recompensa ambicionada por elle!

Homem de costumes severos, educado por sua virtuosa mãe nos preceitos da religião sancta do crucificado, illuminado pelas prelecções do espirito valente e livre de seu illustrado pae, ergueu elle em seu nobre coração um altar á charidade, e como veneravel da Augusta e Respeitavel Loja Amizade, cujos destinos regeu por alguns annos, levava constantemente á humilde habitação da viuva e do orphão o pão que alimenta o corpo, o conselho que conforta e robustece a alma!

No dia 9 de Agosto de 1859 caiu doente da terrivel molestia que devia roubal-o á familia que estremecia, aos amigos por quem era idolatrado, e á provincia de S. Paulo, que o considerava como seu filho mais querido.

A noticia de seu soffrimento correu de bocca em bocca, e a casa do velho conselheiro Brotéro tornou-se o ponto de reunião constante de innumeraveis pessoas (até de fóra da capital) que corriam a inquirir do seu estado. Os seus amigos fizeram vir expressamente de Campinas o intelligente professor dr. Theodoro João Henrique Langgaard, para conferenciar com os medicos da capital, mas tudo foi baldado, os recursos da sciencia foram improficuos, estava escripto no livro fatal do destino, e a 9 de Setembro entregou o dr. João Dabney d'Avelar Brotéro a alma ao criador, despedindo-se de todos, emquanto lhe não foi embargada a voz, com uma bondade angelical.

O quadro de que então fomos testemunha ocular, no seio d'aquella respeitavel familia, ficou para sempre gravado em nossa memoria, e ainda agora o nosso coração de amigo sangra da mais pungente dôr ao recordal-o.

Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1875.

Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

Especiarias

Esta provincia cultiva muitas quer indigenas, quer exoticas. As principaes são: a canella, a pimenta da India, a pimenta de cheiro, o loiro, cominho, a alfavaca, a segurelha, a erva doce, gengibre, etc.

INDIANA

Cantava assim o piâga
Deitado em seu leito immundo,
Por noite escura e aziaga
E com voz de moribundo:
—Tupan, ó Tupan, consente
Que mate esta sêde ardente
Que as entranhas me desfaz,
No cadaver que o sol mirra,
No sangue quente que espirra;
Depois... morrerei em paz.

E' já tempo! O olhar altivo
Dos goyanazes guerreiros
Segue humilde e pensativo
O rasto dos estrangeiros;
Neste solo sequioso
Tanto sangue generoso
Por sangue ha chamado em vão;
E' já tempo! A branca ossada
Da geração dizimada
Esterilisa o sertão.

Sangue! Sangue! Lago, rio!
Mar sem praias, mar sem fundo,
Grosso, dormente, sombrio,
Que encubra os bosques do mundo!
Que mel distilla a vingança!
Não ha mulher, não ha dança
Que a vença, não ha cauim;
Peçonha, cobra é sem nome,
Incendio que nos consome
Até no somno sem fim.

Um dia nossas florestas
Cahirão sob o machado ;
E tu, punhado que restas
De um povo grande esforçado
Não terás uma lembrança
Na terra de tua herança !
Mas dignos hemos de ser
Dos paes que por nós esperam :
Como elles morrer souberam
Nós saberemos morrer !

Nunca hão de os nossos suores
Nutrir a alheia cubiça ;
Aos mandados dos senhores
Cabeça nunca submissa !
Vivamos com o arco em punho,
Deixando atroz testemunho,
Ensanguentado trophéu,
Aos ossos que o chão descobre,
Somos raça livre e nobre,
Filhos da terra e do céu !

Sirva e trema a casta bruta,
Em pelle e coração negra,
Que escravisada sem luta
Do emboaba o tédio alegra ;
Que, á noite, ri, folga, esquece
Quanto de dia padece ;
Para elles fique o feitor,
Fique o trabalho, a tortura ;
Para nós a sepultura,
Terra que não tem senhor !

Era a caça copiosa
Junto á choça em que eu morava ;
Era linda a minha esposa
Quando o seu filho embalava.
Ergo-me um dia contente,
Dou um beijo mais ardente
Na minha pobre Itaé ;
Meu filho na rêde embalo,
E para não despertal-o,
Sáio na ponta do pé.

Do bosque chegára ao centro,
Tomando o sol para norte,
Quando senti n'alma dentro
Ancias como a ancia da morte.
— Volta ! uma voz me dizia ;
Sem saber o que fazia
Oiço de onde parte a voz ;
E, por ella me guiando,
Corro na selva arquejando
E cada vez mais veloz.

Chego, atiro-me á cabana...
Horror ! bem ao pé da porta
Vejo uma figura humana :
Era Itaé, fria, morta !...
Mas elle ? onde está ? meu filho !
Como um louco sigo o trilho
Que deixára o europeu ;
Que vejo ! uma onça esfaimada
Lambe a relva ensanguentada...
Esse sangue ! é delle... é meu.

Não chorei ! Volvi calado
Como estas tristes caveiras
Que do tecto esfumaçado
Olham-me noites inteiras,
Fructos de minha vingança !
Realisou-se a esperança
Que era todo o meu porvir :
Ao pé de uma alta perova,
Aberta deixei a cova
Em que eu só hei de dormir.

Santo Amaro, 10 de Março de 1861.

Paulo Eiró.

Plantas de fiação

Temos por toda a provincia a palmeira tucum, coqueiro macauba, canhamo, paina, embiras differentes, e principalmente o algodoeiro, cujo producto se exporta em grande quantidade.

CONVENTO DE SANTA CLARA EM TAUBATÉ

Copia extrahida do manuscripto: «Epitome da provincia da Conceição do Brazil» por Fr. Conceição, 1730

§ 22

Do convento de Santa Clara da villa de Taubaté

Distante de vinte e seis leguas de sertão nas quaes se encontrão algumas povoações, depois que saimos d'aldêa de S. Miguel chegamos á villa de S. Francisco das Chagas, bem conhecida pelo appellido da Terra que he Taubaté. He ella, ainda que pequena, muito galante pela planicie em que está fundada, onde tem uma boa igreja Matriz, e, á sua vista, com pouca distancia o nosso convento, e no Termo tem algumas capellas.

He o nosso convento o maior ornato desta villa por ser o maior edificio della, como tambem pelo abono que com elles recebem as povoações onde os ha de qualquer ordem. Foi este fundado no anno de mil e seiscentos e setenta e tres, e por isso tem o decimo logar entre os mais da Provincia, sendo este o ultimo quando a mesma foi eleita.

Nelle assistem dezeseis religiosos em que entram alguns confessores da lingoa da terra para confessar o gentio della, concorrendo por esta causa, principalmente de outras villas, em tempo de quaresma muitos a este convento a desobrigar-se do preceito da Igreja, e assim tambem ha um religioso mestre que ensina a ler, escrever e a contar aos meninos desta villa e a outros grammatica, para o que tem parte deputada para o estudo no convento, e não he só neste convento que o temos, porque o mesmo exercitão os nossos religiosos no convento do Cabo-Frio e no de Macacu donde tem sahido muitos clerigos e alguns religiosos nossos e da Companhia de Jesus. O convento é pequeno; a igreja capucha nella tres altares: o da parte do Evangelho de N. S. da Conceição, o da Epistola de St. Antonio e no Altar mór a Imagem da Gloriosa Virgem Santa Clara com sua custodia de prata em as mãos, havendo no mesmo retabulo as Imagens de nossos Patriarchas S. Francisco e S. Domingos.

(M. S. existente na Bibliotheca Nacional da Côrte).

F. I. M. Homem de Mello.

NANINE A GUAYCURU

I.

No lado oriental do Paraguay, no meio dessas immensas florestas seculares, onde se ouve o rugir das féras bravias e o som longinquo e tetrico da busina do selvagem, foi o logar do nascimento de Nanine e Paninioxi; ambos filhos de celebres capitães, ambos embalados em seus berços de musgos pendurados nos ramos das arvores, ambos acalentados pelos afagos maternaes, viam descortinar-se o magnifico panorama dessa natureza grandiosa.

N'essa primeira quadra da vida em que tudo era innocencia, as flores, os regatos, os fructos, os passaros, os unicos objectos de suas attenções, nada turbava a pureza desse jardim de encantos e ineffavel felicidade, contando os annos pelas luas, e as estações pelas estrellas. Era a vida dos anjos

II.

A edade, porém, dos brincos, dos folguedos infantis, dos risos, e das flores, essa quadra da innocencia e da pureza angelical, começava a se esvaecer.

Nanine já não olhava para o seu companheiro com esse olhar de criança, com a simples amizade de uma menina innocente. Alguma transformação já começava a operar-se n'aquella constituição de donzella, alguma cousa mais que não era a simples camaradagem. O amor começava a se despertar em seu coração; já ella não era indifferente á ausencia de Paninioxi, já ella não via com bons olhos a convivencia delle com as demais indias.

Pobre Nanine! Vaes transpôr o limiar d'essa quadra de venturas, mas de espinhos, de prazeres, mas de atormentadoras inquietações, de gozos infindos, mas de tormentos, de arrebatamentos e extasis, porém de horriveis procellas.

Vaes transpôr esse periodo da vida da mulher em que se findam a paz do espirito, a tranquillidade do coração, a pureza da alma. Vaes sulcar o grande oceano revolto das paixões humanas.

Que o vosso bom espirito vos não desampare.

III.

Passada essa época da vida de innocencia e candura, distinguindo-se Paninioxi pelo seu talhe esbelto e presença cheia de graças, e Nanine pela sua peregrina formosura e elevados dotes de seu espirito, fundiram-se essas duas almas n'uma só, ligaram-se seus destinos, casaram-se segundo suas leis. Então era para invejar vêr-se esse formoso par no gozo da maior felicidade possivel.

Tudo sorria ao redor d'elle, tudo era encanto, em tudo reflectia esse mundo de santas delicias que só um casamento feliz póde engendrar. Eram dois anjos no paraizo.

Assim viveram alguns annos; e no de 1791 vieram ao presidio da Nova Coimbra.

IV.

Porém, como a felicidade deste mundo é vã, e enganosa, e esses laços, que não têm fundamento nos principios sagrados e eternos proclamados pelo Christianismo, são frageis e tenues, o templo de venturas da pobre filha dos bosques ia desmoronar-se.

Paninioxi, por uma d'essas inconstancias naturaes a esse ente imperfeito chamado homem, começou a se desgostar da sua amada.

A formosura, as graças, a dedicação, os desvelos, os carinhos, tudo que a mulher tem de mais sublime e elevado em seu coração de esposa, tudo, tudo o ingrato Paninioxi esquecêra, e abandonou aquella a quem se tinha consagrado com todas as forças de sua alma e coração.

Nanine presentindo o desenlace doloroso de sua vida cáe a seus pés, rega-os com suas lagrimas, insta, roga, mostra-lhe a sua sem razão, e elle sempre cruel, ingrato, parte, despresando suas supplicas, para a aldéa do Capitão Negro que mora do lado occidental do Paraguay.

V.

Viu em um momento a infeliz Nanine demolido o templo de sua felicidade.

Tudo mudou-se n'aquella existencia feliz. Uma nuvem negra toldou o alegre horisonte d'aquella vida.

Uma ave agoureira veio pousar sobre a coberta de sua ca-

bana, e os seus pios lugubres remataram a ultima e luctuosa phase de sua existencia neste mundo.

Deixemos fallar o proprio chronista dos Guaycurús, Francisco Rodrigues do Prado :

« Desde aquella hora cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia ; seus olhos sendo sempre chorosos, procurava encobril-os até de suas mais intimas amigas ; assim passaram-se tres mezes, quando um dia, estando deitada em sua cama, lhe deram a noticia que o seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga da menor esphera. Senta-se então Nanine na cama como arrebatada, chama para junto de si um pequeno indio, que era seu captivo, e diz-lhe, na presença de varios :

— Antecrices, és meu captivo ; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarei toda vida Paninioxi.

Então, seus olhos deixaram correr diluvios de lagrimas pelas suas tristes faces, que ella, de envergonhada, quiz occultar' e o amor offendido, não permittindo que parasse esta violenta contenda de duas poderosas paixões, lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida.

Já quando o espirito fazia os ultimos esforços para despedir-se do ergastulo do corpo, as ultimas palavras que se lhe ouviram dizer foram :

— Laca que bielle Paninioxi, que quer dizer : ingrato Paninioxi ! »

VI.

Assim acabou ignorada, no meio dos bosques, esta pobre e infeliz india, essa esposa selvagem, que poderá servir sempre de modelo das esposas civilisadas, que apezar da educação que recebem, das instrucções que bebem, e das leis porque se regem, são pelo contrario Paninioxis, e não Nanines.

Resam as chronicas, que Paninioxi, apezar de sua inaudita ingratidão soffreu remorsos vivos ; e muitas vezes foi visto querer fugir d'uma visão que o perseguia, que sem duvida era a imagem suave, e ao mesmo tempo vingadora, da sua outr'ora querida Nanine.

Tieté.

Padre José Joaquim d'Almeida.

CARTA DO ILLUSTRE BOTANICO J. C. DE MELLO

Vida de algumas plantas. As entomophagas, ou papa insectos.—Lenda do Macaco Branco.

Srs. editores do *Almanach Litterario Paulista* — Tive a honra de receber a circular que vv. tiveram a bondade de dirigir-me, assim como uma carta do meu particular amigo o sr. José M. Lisboa, pedindo algum trabalho meu em relação á Flora da nossa provincia para ser inserido no seu *Almanach*.

Infelizmente não me é possivel, presentemente, servir ao meu bom amigo e seus co-emprezarios, não só porque acho-me ao momento cheio de affazeres, como porque prevejo que o *Almanach* que vão publicar ha de ser mesmo um brinco cheio de artigos chistosos, engraçados, poeticos, espirituosos, etc., etc , e nem eu sou capaz de escrever artigos de similhante natureza, por ser um desenxabidão de primeira força, e nem as plantas prestam-se a isso.

E não creiam que em mim falta a boa vontade, ou que é por *preguiça* que esquivo-me de escrever, não.

Fiquem certos e certissimos que existe em mim a maior boa vontade e o melhor desejo de que sejam felicissimos em sua empreza, mais do que foi o meu amigo sr. Lisboa com o *Almanach de Campinas* para o anno de 1873.

Preguiça ! ! ! Revolvo todos os escaninhos da minha consciencia, encontro dos outros peccados mortaes bem boas nacas (e algumas já com seus cabellinhos), porém do 7.º nada, nada : consulto a minha rasão e esta sempre me diz que *bem rasão tenho em não fazer aquillo que tenho precisão de fazer*.

E', portanto, o unico peccado mortal de que em mim não encontro um vestigio sequer. Já vêm que não ha em mim, nem falta de boa vontade e muito menos *preguiça*.

E' certo que poder-se-iam escrever alguns pequenos e interessantes artigos sobre algumas plantas que em sua vida offerecem phenomenos particulares, como por exemplo sobre a *Vallisneria spiralis*, notavel pelo modo porque se effectua a fecundação dos ovarios.

Esta planta, habitante do Meio dia da Europa e que vegeta no fundo das aguas tranquillas, é *dioeca*, o que quer dizer, que uns individuos só produzem flores do sexo masculino e outros só do feminino: as flores femininas são sostidas por pe-

dunculos muito longos enrolados em espiral; e as masculinas, que acham-se contidas em um involucro tenue, são sostidas por pedunculos curtos. Na época da fecundação, que não póde effectuar-se no seio das aguas, as flores femininas desinvolvendo as espiraes do pedunculo elevam-se á superficie d'ellas, e as masculinas, não podendo pelo mesmo modo alcançar a mesma altura, rompem o involucro, separam-se do curto pedunculo e deste modo tambem alcançam a superficie das aguas, nadam, aproximam-se e circumdam as flores femininas, desabrocham e espargem o pó fecundante: é uma verdadeira festa de hymeneu.

Effectuada, porém, a fecundação, a esquiva flor feminina retraindo as espiraes do pedunculo occulta-se de novo no fundo das aguas para alli continuar o desinvolvimento do fructo fecundado, e as masculinas voltêam, gyram ao acaso em busca da ingrata, e afinal arrastadas lentamente pelas aguas, mirradas vão bem longe desapparecer!!...

Sobre a *Hedysarum gyrans*, de Linneu, (*Desmodium gyrans* de De Condolle) habitante de Bengala, nas circumvisinhanças de Daca, cujas folhas são compostas de tres foliolos os quaes sem causa occasional movem-se constantemente: o terminal que é maior, inclinando-se lentamente ora para um, ora para outro lado, e os dois lateraes e oppostos, dando regular ou quasi regularmente 60 pequenos saltos por minuto, e emquanto que um d'elles começa a abaixar o do lado opposto começa a levantar-se.

Sobre a *Dionæa-muscipula*, oriunda da Carolina do Norte e que vegeta nos paúes, cujas folhas são todas radicaes e estendidas sobre a terra e terminadas por um appendice de figura quasi discoide: as margens destes appendices são providas de cilios rigidos, e a face superior de glandulas que segregam um liquido viscoso que attrâe os insectos; mas se algum tem a imprudencia de alli pousar, immediatamente o appendice dobrando-se com rapidez e longitudinalmente aproxima as duas margens, crusa os cilios e prende o insecto que já meio seguro pela viscosidade não tem tempo de evadir-se. A face superior das folhas não só da *Drosera rotundifolia*, habitante da Europa e que vegeta nos lodaçaes turbosos, assim como a de outras muitas especies, das quaes no Brazil contam-se não menos de 13 descriptas; a das de um grande numero de *Pinguicula* que habitam os paúes e sitios humidos do hemispherio boreal extra-tropical e da America meridional, são tambem providas de pellos glanduliferos que segregam um liquido viscoso, por meio do qual e inclinando os pellos prende com elles pequenos insectos.

Sobre os *Nepenthes*, plantas dos Archipelagos Asiaticos e Madagascar, de cujas folhas pende da extremidade superior um appendice em fórma de urna ou vaso, de fórma elegante : o *Cephalotus folicularis* que vegeta nos sitio charcosos da Australia oriental ; a *Darlingtonia Californica*, habitante dos montes da California ; as *Sarracenia*, da America septentrional, lado meridional, das quaes parte das folhas conservam a fórma normal, mas que um grande numero d'ellas convertem-se em *ascidias*, isto é, tomam a fórma aproximada á de um jarro provido de uma tampa de fórma variada que levanta-se ou abaixa-se quando é preciso; todas estas prendem insectos nestas urnas que, em geral, são providas no interior de pellos inclinados de cima para baixo e segregam liquidos que os attráem. Mas a respeito de tudo o que acabo de referir já tem sido escripto longamente e, portanto, é tudo geralmente sabido e sem mais interesse.

O que, porém, me parece que não está ainda *geralmente* sabido é que, das experiencias e observações feitas pelo dr. Joseph Dalton Hooker, distincto botanico e director do Real Jardim de Kew e por Mr. Darwin, resultou confirmar-se a opinião emittida ha tempos pelo dr. Ellis e depois pelo dr. Curtis (opinião que foi rejeitada pelos Botanicos em geral), que estas plantas caçam insectos, não com o fim de destruir e nem por serem amadoras de caça, mas sim para com elles se nutrirem ; e ainda mais, que estes orgãos appendiculares, etc., funccionam exactamente como o estomago dos animaes digerindo, além de insectos, pequenos pedaços de carne que sobre elles se collocam São, portanto, estas urnas, appendices e pellos, além de estomago, verdadeiras armadilhas com que a provida natureza dotou estas plantas que têm precisão de uma alimentação mais azotada do que as outras e são, portanto, entomophagas ou papa-insectos...

—Por fallar em insectos tem vv. noticias da catadupa denominada—*Salto do Macaco Branco?* Talvez não, por ser uma pequena catadupa, da qual pouca menção se tem feito e que, entretanto, não é indigna disso.

Acha-se o mencionado Salto situado a léste e a 4 leguas, mais ou menos, da cidade de Campinas. E' formado pelo Rio Jaguary, menos abundante em aguas do que o Tieté, porém mais do que o Atibaia. Por uma estreita fenda quasi vertical e profunda, que parece ter sido produzida de um jacto e por uma força descommunal, n'uma volumosa rocha granitica despenham-se as aguas do Jaguary com medonho ruido e encontrando em seu seu trajecto ora resaltos nas paredes da rocha, ora prominencias no fundo da fenda, em parte recuam, fer-

vem, saltam, espumam e levantam espesso vapor. E' uma pequena mas medonha catadupa. Ninguem póde por muito tempo contemplal-a sem terror e sem que seja ameaçado de vertigem. Na parede da rocha, d'aquem, acha-se uma não pequena saliencia com uma excavação na parte de cima a que denominam—pulpito—e que de facto assimilha-se a um tosco pulpito.

Dizem os habitantes das visinhanças deste salto, que suas aguas mais se irritam e estrepitosas se tornam, se junto dellas se grita, ou lhes lançam corpos estranhos. Logo adiante, como para descançarem da enorme fadiga que soffreram e adquirir novas forças, para continuarem sua longa viagem, espraiam-se e limpidas, pouco profundas e tranquillas, deixam vêr um leito alcatifado de pequenos seixos brancos e rolados; tão calmas que mais se assimilham ás de um lago, e tão tranquillas que em suas margens quasi sem declive voltejam myriades da *Phrygana signata*, pequeno insecto da ordem dos Nevropteros, que á primeira vista póde ser tomado por uma pequena borboleta nocturna e cujas Nymphas só vivem nas aguas tranquillas. As lagartas destes mesquinhos insectos, que vivem e morrem sem que ninguem dê por isso, construem o casulo em que têm de habitar até passar ao estado de Nymphas, com pequenos seixos angulosos quasi eguaes collocando-os de modo que uma das faces fique para a parte de fóra e cimentando-os com uma materia serica segregada por dois vasos interiores longos e tortuosos, cujas extremidades adelgaçando-se rematam-se no labro, na extremidade do qual acha-se situada uma pequena prominencia conica que constitue a fieira que dá saida aos fios de seda, e, tudo dispondo com symetria e com a segurança que nenhum official de alvenaria o faria melhor, fórmam um pequeno tubo de uma polegada, mais ou menos, de comprimento fechado na parte debaixo, e sem se esquecerem dos meios de segurança, da propria conservação e commodidades da vida, concluem esta habitação collocando um seixo maior e chato na abertura superior e ligando-o com a mesma seda a um ponto da abertura do pequeno tubo, munem sua pequena morada de uma porta provida do competente gonzo que pódem abrir ou fechar á vontade, proverem-se do necessario para a vida e evitarem os ataques dos animaes...

Olha valha-me Deus. Pois este pequeno insecto não me fez desencarrilhar?! Não é delle que quero fallar. Mas esperem que applicando o *macaco* volto ao trilho e continuo com a historia do *Macaco branco*. Como disse, a fenda da rocha granitica por onde correm as aguas do Jaguary deve ter sido produzida por uma força descommunal. Qual seria ella? Diz

a chronica que em tempos remotos, quando a mencionada rocha granitica era massiça, e o rio corria ao lado della, de tempos em tempos alli apparecia um macaco, que os que o viram, apezar de serem caçadores que varejavam as florestas e matavam tudo que encontravam com tal afan que parecia quererem antes destruir todos os animaes que a provida Natureza tinha por alli depositado para segurar-lhes a subsistencia, nunca tinham visto similhante.

Não era um destes macaquinhos de realejo, nem mesmo um Mono ou Bugio, era um *Macaco branco*, e mesmo alvo, de estatura maior que a de um homem alto, de aspecto nobre, jovial e grave, e tão grave que nenhum dos taes caçadores tentou apoderar-se-lhe da pelle, e nem sequer lembrou-se para isso de lançar mão da *lazarina* ou *pé de cabra*. Este Macaco cada vez que apparecia apoderava-se de um pedaço de rocha de avultado volume e com elle dava ordinariamente tres fortes pancadas sobre a rocha granitica que ecoavam nos montes e mattas visinhas; depois, como que falhando o resultado que esperava, ficava por um momento pensativo e cabisbaixo, e lentamente embrenhava-se na matta.

Este facto foi repetido por vezes (a chronica não refere quantas) com espaços mais ou menos longos, até que um dia (calculam os chronistas que pela altura do sol devia ser meio dia em ponto), um dia da primavera, appareceu ainda o macaco. Desta vez o seu aspecto estava ainda mais jovial, parecia mesmo estar alegre. Lançou mão do pedaço de rocha e com esforço maior que o do costume deu primeira pancada que ecoou mais que de ordinario; escutou, e com os olhos percorreu toda a superficie da grande rocha; de novo levantou a mão que manejava, deu segunda pancada e em seguida terceira; neste momento, com estrondo medonho que ribombou qual medonho trovão a enorme distancia, fendeu-se a rocha de um jacto, na fenda appareceu uma dama vestida... (a chronica não refere como estava vestida) o macaco de um salto apoderou-se d'ella, lançou-a ao collo, saltou ao bordo da fenda e mais veloz que o relampago embrenhou-se na vasta matta primitiva que então margeava o Jaguary e estendia-se sem limites em todas as direcções, e desappareceu para sempre.

As aguas do Jaguary, obstruido o seu leito pelo choque, pareciam atordoadas, stagnaram-se por um momento, depois redemoinharam e afinal encaminhando-se para a rocha ruiram pela fenda abaixo.

—Ora deixem estar que quando me achar mais *desincaipora-*

do e portanto espirituoso, heide escrever uma bonita lenda sobre este assumpto para o *Almanach* de vv.

Campinas, 31 de Outubro de 1875.

Joaquim Corrêa de Mello.

BELLAS ARTES

Traços biographicos

Fortunato e Mamede (os Padres Fortunato Gonçalves Pereira de Andrade e dr. Mamede José Gomes da Silva) são dous genios que honram as Bellas-Artes em nossa terra.

Não ha aqui na capital quem não os conheça e não tenha tido occasião de admiral-os no côro de nossa Cathedral dando á austera simplicidade do canto gregoriano a suavidade da musica, ou sobre o teclado de um piano caprichando como Herz ou Litz.

Têm elles ambos exuberantemente provado na composição de missas, ladainhas, antiphonas de egreja, de concertos e côros para theatro, e de innumeras walsas, contradanças e arias profanas, que, sob outros auspicios ou n'outra terra, grangeariam nome e dinheiro.

Mamede é vivaz e imaginoso em suas composições: Fortunato placido e sentimental. Aquelle dá ás suas harmonias toda a pompa da expressão, este toda a ternura de uma melancolia ideal. Mamede parece Strauss em suas walsas arrebatadas; Fortunato simula Beethooven em suas melodias embaidoras. Um falla aos sentidos com vigorosa eloquencia, emquanto o outro désce ao coração com inefavel doçura. São ambos dous genios, sim, mas deprimidos e suffocados pela adversidade ou circumstancias, tão inexoraveis ás vezes como o destino.

Assim tambem ahi passam Alexandrino e Antonio Delfino confundidos na massa do vulgo e apenas admirados daquelles poucos, que, como nós, prestam sincero culto a estas glorias modestas da provincia.

1848—S. Paulo.

Dr. Paulo A. do Valle.

A BORBOLETA

I

Abriu-se o lyrio. Virgineo
de orvalho o calix se encheu,
e no tapete gramineo
corre a brisa e a flor pendeu.

E o rocio caiu em perolas,
a luz se expandiu no céu...
Do lyrio nas folhas cérulas
de um'aza se estende o véu.

Não tremas, flor, que não pousa
a triste da maripôsa
no teu seio avelludado...

E' tua amante discreta
a dourada borboleta,
a peregrina do prado.

II

Veiu a tarde. Ao sol poente
canta o sabiá dolente
nas larangeiras do rio...

E rente ao chão da campina
da flor a caule se inclina,
como um tumulo vazio.

A amante... junto agoniza...
As azas levou-lhe a briza,
levou-lhe a briza—o amor;

mas o destino que fere-a
fez-lhe uma cup'la funérea
do calix da mesma flor.

Constituição.

Dr. Brazilio Machado.

NOBILIARCHIA PAULISTANA

«Eu El-Rei faço saber aos que este Alvará virem que, havendo respeito ao que me enviarão diser, digo faço saber aos que este meu Alvará virem que, tendo em consideração á me representarem os Officiaes da Camara da cidade de S. Paulo que, supplicando-me no anno de 1726 lhes concedesse os mesmos previlegios, que havia concedido e de que gosavam os do Rio de Janeiro, ainda que por então lhes não deferira, por não juntarem a copia dos previlegios que ao dito Rio de Janeiro estavam concedidos, sempre se lhes segurára a grande distincção que mereciam entre os mais vassallos, pelo grande zêlo com que se occupavam no descobrimento das minas de Goyaz, e augmento dos interesses de minha Real Fazenda, esperando que continuarão nos ditos descobrimentos que felizmente conseguirão; e por estes tão relevantes serviços, e pelos mais que desejavão faser-me, me pedião fosse servido conceder-lhes os ditos previlegios, visto havel-os eu já concedido aos cidadãos do Maranhão e Pará, e á maior parte das cidades da America; e sendo visto o seu requerimento, e o que sobre elle responderão os procuradores da minha Fazenda e corôa, e por lhes faser mercê e ao povo d'aquella cidade:—Hei por bem que os moradores da cidade de S. Paulo usem e gosem das honras, previlegios e liberdades de que gosão os da cidade do Rio de Janeiro, e são os mesmos concedidos aos cidadãos da cidade do Porto. Pelo que mando ao coronel commandante da praça de Santos, ministros e mais pessoas a quem o conhecimento disto pertencer que sendo-lhes apresentado o traslado autentico dos ditos previlegios da cidade do Rio de Janeiro e requerido por algum dos cidadãos da cidade de S. Paulo, cumprão a observancia d'elles, e o guardem inteiramente como nelles se contem, dando-lhes tanta fé e credito, como se neste Alvará fossem expressados e declarados; e este se cumprirá inteiramente, sem duvida alguma, e valerá como carta, sem embargo da Ord. do L. 2º tit. 4 em contrario, e se passou por duas vias, e pagou de novos direitos 13$800 réis, que se carregarão ao Thesoureiro etc. Lisboa, 3 de Abril de 1752.—Rei—*Marquez de Penalva.*

Alvará porque V. M. ha por bem faser mercê aos Officiaes da Camera da cidade de S. Paulo de que os cidadãos e morares da dita cidade usem e gosem das honras, previlegios e li-

berdades de que gosão os cidadãos do Rio de Janeiro, como nelle se declara que vai por duas vias para V. M. vêr. Por Resolução de S. M. de 31 de Março de 1752 em consulta do conselho ultramarino de 8 do dito mez e anno. O secretario *Joaquim Miguel Lopes de Saure* a fez escrever. Registrada, etc , etc. »

—« D. Felippe Rei de Portugal e dos Algarves, etc. A quantos esta minha carta de confirmação virem, faço saber que por parte dos Juizes Vereadores, e Procurador da cidade do Porto Procuradores dos misteres della, me foi apresentada uma carta do Sr. Rei D. João o 2.º que santa gloria haja, por elle assignada, e passada por sua chancellaria de que o traslado é o seguinte :

« D. João por graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves, etc., etc. A todos os Corregedores, Ouvidores, Juizes, Justiças e outros quaesquer Officiaes e pessoas de nossos Reinos a quem o conhecimento disto por qualquer causa que seja pertencer, e esta nossa carta ou traslado della em publica fórma por autoridade de justiça for mostrada, saude. Saibam que esguardados nossos muito extremados serviços, que sempre os Reis passados receberão, e nós recebidos temos da nossa mui nobre e leal cidade do Porto, e cidadãos della, com muita lealdade e fidelidade, e conhecendo d'elles o amor com que nos desejão servir, e esperamos que sempre sirvão e não menos do que sempre fizerão, e pelo que nos convem fazermos aos taes vassallos, e por ennobrecimento da dita cidade, querendo-lhes faser graça e mercê ; temos por bem previlegiarmos a todos os cidadãos que nasção em dita cidade, e ao diante forem ; e queremos e nos praz que d'aqui em diante para sempre sejão previlegiados; que elles não sejão mettidos a tormentos por nenhuns malefícios que tenhão feito, commettido ou commetterem d'aqui por diante, salvo nos feitos, d'aquellas qualidades e nos modos em que o devem ser e são os fidalgos dos nossos Reinos e senhorios. E isto mesmo não possão ser presos por nenhuns crimes sobre suas menagens, e assim como o são e devem ser os ditos fidalgos.

« Outro si queremos e nos praz que possão trazer e tragão por todos os nossos Reinos e senhorios quaesquer e quantas armas lhes aprouver de noite e de dia assim offensivas como defensivas, postoque a algumas cidades e villas especialmente tenhamos defeso que as não tragão. Outro si queremos e nos praz que hajão e gosem de todas as graças, liberdades e previlegios que hão e temos dado á nossa cidade de Lisboa : reservando que não possão andar em bestas muares,

porque nem havemos por nosso serviço. Outro si queremos que todos os seus caseiros e seus mordomos, lavradores, encabeçados que estiverem e lavrarem suas proprias herdades e casaes, encabeçados e todos os outros, que com elles continuarem, viverem, não sejam constrangidos para haverem de servir em guerras nem em outras lidas por mar e por terra, onde gente mandamos, somente quando com elles ditos cidadãos, quando suas pessoas nos forem servir. Outro si, queremos que não pousem com elles, nem lhes tomem suas casas de moradas, adegas nem cavallarias, nem suas bestas de sella nem de albarda, nem outra nenhuma do seu uso contra suas vontades. Me catem e guardem muito inteiramente suas casas, e hajão em ellas e fóra dellas todas as liberdades que antigamente haviam os infanções e ricos homens. E por isso mandamos etc., etc. Dada em nossa cidade de Evora ao 1º dia do mez de Julho. *Gil Fernandes* a fez. Anno de N. S. Jesus Christo de 1490 annos. »

«Pedindo-me os Juizes, Vereadores e Procurador da dita cidade do Porto e Procuradores dos misteres della que lhes confirmasse esta Carta; e visto o seu regimento, e querendo lhes fazer graça e mercê, tenho por bem de confirmar, e a hei por confirmada, e mando que se cumpra e guarde inteiramente assi e da maneira que nella se contem : e por firmeza de tudo lhes mandei dar esta carta por mim assignada e sellada com o sello declarado pendente. Dada na cidade de Lisboa aos 4 dias do mez de Dezembro. *Duarte Caldeyra* a fez. Anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1596 annos. E eu *Rui Dias de Menezes* a fiz escrever. »

(Archivo da Camara Municipal de S. Paulo, Livro de registro de Ordens Regias de 1500 Pag. 72 a 74.)

No mesmo Archivo e livro de 1708 a 1721 se acha a Resolução de 15 de Janeiro de 1815, concedendo aos Juizes ordinarios, Vereadores e Procuradores do conselho desta cidade de S. Paulo o fôro de nobreza de cavalleiros e seus privilegios.

S. Paulo.

Dr. Paulo A. do Valle.

UMA MINA DE PRATA NA MANTIQUEIRA

I

Designavam-se guardas nacionaes para a guerra do Paraguay.

Corria o anno de 1866.

Um moço lá das bandas de Queluz, desta provincia, foi designado para partir ao combate das campanhas contra o tyranno Lopes.

Esse moço não appareceu para cumprir o seu dever. Achou mais acertado embrenhar-se pelas mattas.

E fez isso.

Sem pae, sem mãe, e só tendo por familia a dois irmãos casados, acudiu-lhe á idéa que melhor lhe seria a liberdade das sélvas do que expôr-se ás ballas e metralhas dos paraguayos.

O grito da mãe patria a pedir o soccorro de seus cáros filhos não fallou á alma do designado.

Olhou depois para as opulentas mattas da serra da Mantiqueira, e murmurou:

—Lá acharei abrigo para furtar-me aos olhos dos meus perseguidores; e, assim, me livrarei de ser amarrado como um *canhambora* e conduzido para S Paulo. Tenho a minha espingarda, polvora, chumbo grosso, chumbo fino .. o que poderei temer? Caças não me faltarão para o sustento. Onças? não me intimidarão, porque apenas uma ou outra lá apparece. O que, pois, poderá acontecer-me? Medo é cousa que não alimenta o meu espirito...

E o joven, munindo-se do necessario, sem nada ter communicado a seus irmãos da intenção em que se achava, partiu ao seu destino.

Metteu-se pela serra. Ahi não fez ponto fixo para a sua provisoria residencia.

Começou a errar pelas brenhas.

Uma cousa, porém, não tirava do pensamento: era recommendar-se ao seu anjo da guarda para que o livrasse dos maus precipicios.

Com effeito, como tinha certeza, a caça não lhe faltou durante os primeiros dias que vagou sem rumo pela serra.

J. R*** (nome do mancebo) havia-se premunido de sal, que levára n'um saquinho; e, d'esta fórma, a caça lhe sabia

melhor do que o *rancho* que se lhe daria, se partisse para o campo da guerra.

Umas quatro caixas de phosphoros guardára em uma das algibeiras do seu paletot de algodão mineiro.

O seu classico ponche, forrado de baeta vermelha, ainda novo, lhe servia de leito.

Sempre que a noite chegava, J. R * * * tinha o cuidado de buscar o sitio mais conveniente para estabelecer o seu pouso.

As folhas sêccas das mattas faziam-lhe optimo colxão.

Agua pura, para beber, a achava em qualquer ponto; pois os regatos crystallinos serpeavam, ao capricho da luxuriante natureza, por entre as variadas vegetações da serra.

J. R * * * mostrava-se satisfeito com a sua sorte. Mas o desejo que tinha de tomar café, sua favorita bebida, o contrariava infinitamente.

—Preferiria uma chicara de tão precioso liquido, dizia elle com os seus botões, do que se achasse por aqui uma mina de ouro ou prata!

Porém, ao lembrar-se de ouro, como que uma voz fallou-lhe ao espirito:

—Caminha para diante e acharás uma lagôa, em uma das *covoadas* da serra; ahi tu ficarás deslumbrado... teus olhos se abysmarão n'essa riqueza, ignorada de quasi todos os proprietarios destes sitios...

—O que será isto, meu Deus? ouço uma voz que não comprehendo... uma mina deslumbrante!... Sim, nesta serra existem, sem duvida alguma, muitas riquezas... Oh! se, em verdade, é exacto isso!... eu tomaria as alturas, marcaria o logar da mina, e quando se acabasse a guerra, aqui voltaria para depois tornar-me rico, muito rico mesmo! A voz do céu que me fallou ao espirito, não póde enganar-me; e, por conseguinte, vamos aventurar a descoberta da mina...

E J. R * * * tendo já o cerebro enxameado de mil visões, criadas pela phantasia maravilhosa de um immenso thesouro, encaminhou seus passos, subindo as altas penedias da Mantiqueira.

Ao fim de duas horas de pesquizas em que se lhe representava vêr a lagôa de ouro ou prata, de repente deparou-a perto de si.

Um tremor nervoso agitou-lhe os membros, e quasi que o pobre foragido perdeu o equilibrio; mas agarrando o ramo de uma arvore, olhou extatico para o logar aonde, em realidade, se achava a lagôa, e cujas aguas pareciam prata derretida...

—Sonho!... sonho!... isto não é real!

E J. R * * * esfregou os olhos, como quem se desperta de um somno.

E olhou a miragem encantadora que tinha diante de si...

—Deus supremo! não me engano, não, é uma lagôa de prata pura!

E a alegria resplandeceu o semblante do moço. Seu coração pulava de emoção.

—Rico! rico! eu o serei! abençoada foi a minha idéa!

E J. R * * *, depois de socegar a agitação do seu espirito, contemplou, a mina de prata, que lhe parecia inexgotavel.

E, curvando-se sobre a estreita ribanceira da lagôa, depois de ter-se desembaraçado da sua espingarda e ponche, largando tambem do seu saquinho de sal, suas mãos tocaram o lago de prata.

E pegando uma pequena pedra, tirou-a para fóra da agua.

E logo J. R * * * contemplou um pedaço de pura prata.

Tomou outra e reconheceu o mesmo precioso metal.

Depois calculou a extensão em circumferencia do lago.

Elle media 40 metros mais ou menos.

Olhou as alturas em que se achava, e julgou que era quasi o pincaro da serra.

Quiz saír do logar, mas como que um iman o prendia ao solo.

E pensou alguns momentos.

—Oh! exclamou: estou seguro de minha liberdade... esta mina me livrará dos perseguidores.

E, fazendo um esforço, retirou-se, não deixando todavia de levar amostras do bello metal.

E, ante o seu pensamento, perpassavam as imagens da opulencia, vendo que em breve seria um grande homem nesta nossa ambiciosa sociedade...

II

Passaram-se alguns dias.

J. R * * * acompanhado de quatro pessoas da freguezia de Pinheiros, vagava incerto pelas anfractuosidades da serra.

Embalde o moço e seus companheiros buscavam a mina de prata. O genio do mal a tinha occultado aos olhos de J. R * * *.

Infinitamente contrariado, dizia esse moço que o grande thesouro havia de ser novamente descoberto. E enchendo-se de esperança e valor, elle e as pessoas que o seguiam ainda vagaram pela Mantiqueira. Mas seus passos foram em vão. Desacorôçoaram.

Porém a prova da existencia dessa mina de prata existia com J. R * * *.

Os seus companheiros haviam reconhecido o metal como verdadeiro, bem como outras pessoas em Pinheiros.

E assim foi sem fructo o penoso trabalho de J. R * * *, que teve de retirar-se para longe d'aquella freguezia, receioso de ser *embirado* e levado para o Paraguay.

E, d'est'arte, todos os sonhos que já douravam a existencia de J. R * * * se desvaneceram como o fumo no ar.

Que é verdade existir uma rica mina de prata na Mantiqueira, é facto attestado por pessoas, que, em outros tempos, tinham della sciencia, mas que nunca poderam descobrir o logar.

Sabemos tambem que o nosso popular padre Manoel Theotonio, de saudosa memoria, tomou a resolução de ir á Mantiqueira com alguns de seus amigos, explorarem as penedias da serra, tendo certeza da lagôa de prata.

Porém, o espirito do mal sempre os desviava de encontral-a.

A flor da esperança murchára-lhes na idéa, e elles retrocederam os passos para a cidade de Lorena.

Porém não virá longe a época que a mina de prata fará a riqueza de muita gente.

Por esse tempo, em que o governo proteger as emprezas uteis e dér incentivo á industria, a serra da Mantiqueira ha de ser explorada.

Então, o genio do mal já não terá poder para occultar as riquezas jazidas por essas cordilheiras.

Silveiras.

VICENTE FELIX.

(1) CHARADA DECAPITADA

—é tempo em que o veado grita e maltrata a—, é porque elle não—a estação e ella é—

A. B. C. (Santos).

SOMBRAS

Quand la jeunesse est morte,
Laissons-nous emporter par le vent qui l'emporte
A l'horison obscur.

V. Hugo.

Sou tão moço! e me sinto já cançado
Em meio do caminho do existir;
Volvo os olhos atraz—choro o passado,
Olho adiante de mim—temo o porvir!...

O dedo do pezar me enruga a fronte,
Me açouta d'afflicção o vendaval,
E vejo a pouco e pouco no horisonte
De nevoas se cobrir o meu phanal...

Branca estrella do céu, crença bemdita,
Que as franjas de meu berço illuminou,
Porque tão cêdo te arrojaste, afflicta,
No mar de sombras, que o soffrer cavou?

Ah! eu quizera ser no soffrimento
Tão feliz como foi o pobre Job,
Elle muito gemeu em seu tormento,
Mas n'alma teve luz, em vez de pó!

Mas eu sou fraco... a fronte um peso enorme
Me verga, quasi exhausta, para o chão;
Se o corpo lasso um pouco ás vezes dorme,
A alma véla só—na escuridão!...

O espectro da esperança ante mim passa...
O astro da illusão já perde a luz...
E dos braços descarnados da desgraça
Sósinho a caminhar—recebo a cruz!...

René sombrio—n'alma tenho magoas,
Manfredo infeliz—nos labios fél;
Como dos mares o fragor das aguas,
Bem fundo n'alma tenho atroz painél...

E eu sou bem moço !... Só fitar devera,
Como as aguias—o sol, o meu porvir,
E na loura estação da primavera,
Ser feliz e viver... sonhar... sorrir !...

Eu devêra, na quadra dos amores,
Nutrir muita esperança e illusões ;
Cingir a fronte de cheirosas flores,
E ter no peito a febre das paixões...

Sim... eu devêra, na manhã da vida,
Em que a fronte nos queima a inspiração,
Sentir da esperança a luz querida,
No presente, inundar-me o coração,

E, como a estrella as amplidões percorre,
Uma nuvem de amor n'alma passar,
E, quando o beijo da tarde expira e morre,
Dos sonhos entre os vêus, vel-a brilhar !

E quão doce será viver amando !
Nos beijos da mulher sonhar os céus !
Sentir dous infinitos se acordando,
Um—no anjo da terra, e outro—em Deus !

Mas eu, como a gentil, pobre criança
Que, em vez da borboleta, abraça o ar,
Segui, sorrindo, a nuvem da esperança
E, ao beijal-a, era a sombra do pezar !

Então tive o inverno dentro d'alma,
O sello do infortunio sobre a têz,
E o vento do destino, outr'ora em calma,
Aos meus ouvidos murmurou—talvez !

Era do scepticismo o fêro açoite
Que as flores d'alma derribára ao pó,
E, tendo sombras no céu, e n'alma a noite,
Errei, em descspero, afflicto e só !...

Aqui !... joven romeiro e já cançado,
Me assento, e não posso mais seguir...
Volvo os olhos atraz—choro o passado,
Olho adiante de mim—temo o porvir.

Campinas.

João Egydio.

O TRABALHO

Tirarás da terra o teu sustento com muitas fadigas todos os dias da tua vida.

GENESIS.

Quem trabalha, ora.

ALKORÃO.

O homem mais feliz é aquelle que trabalha; a familia mais feliz é aquella, cujos membros todos empregam utilmente o seu tempo; a nação mais feliz é aquella, em que ha menos desoccupados. A humanidade gozaria de toda a felicidade, a que póde pretender, se não houvessem ociosos.

SAINT-SIMON. *Introduction aux travaux scientifiques du 19 siècle.*

Um jornaleiro de pé é maior que um gentilhomem de joelhos.

FRANKLIN.

O trabalho é a primeira das virtudes da humanidade.

Trabalhar é o primeiro dever do homem na terra.

O destino ou fim do homem, correspondendo ao bem, que resulta de sua natureza, consiste no desinvolvimento integral e harmonico de todas as suas faculdades, e na applicação d'ellas a todas as ordens das cousas de conformidade com a ordem geral e com a natureza de cada cousa em particular. Tal é o destino do homem, destino que deve cumprir individual e socialmente.

AHRENS. *Cours de Droit Naturel.*

Logo, o primeiro dever do homem, o dever que encerra todos os outros deveres—é esforçar-se—*trabalhar* pela realisação de seu destino.

Trabalhando por esse destino o homem cumpre todos os seus deveres: para comsigo—desinvolvendo suas faculdades physicas e moraes no sentido do bello, da verdade e do bem;

para com sens similhantes—amando-os e fazendo-lhes o que deseja para si ; para com seu criador—adorando-o agradecido.

São as tres cathegorias, sob as quaes desinvolve-se a auctoridade humana—abrangendo toda a especie de trabalho. Só quando o homem procede mal, é que não trabalha para um d'esses tres grandes fins : —para si—para o proximo—para Deus.

Assim como a ociosidade é a mãe de todos os vicios, o trabalho é a mãe de todas as virtudes.

O homem mais virtuoso é o que mais trabahla.

A caridade—o amor do proximo, principio que serve de base ao christianismo, é uma grande virtude, mas não a primeira, porque é incompleta e só representa uma das tres faces do destino humano. Antes e acima da caridade está o trabalho. Só o homem trabalhador póde ser caritativo.

Dae á caridade preponderancia sobre o trabalho, e vós reduzireis a humanidade a uma raça de mendigos.

A esmola dada a quem póde trabalhar é um mal.

Por isso dizia um bispo inglez :—A consciencia não me accusa de haver jámais dado esmólas.

A primeira de todas as virtudes não é, pois, a caridade, mas sim o trabalho.

Todo o genero de trabalho é honroso, porém é mais nobre aquelle que mais produz, que mais concorre para aproximar o homem de seu destino.

Foram bemfeitores da humanidade, diz Victor Hugo, Moysés, Socrates, Jesus Christo, Colombo, Luthero, Washington, isto é, foram estes os homens, cujo *trabalho* tem sido o mais productivo.

Entretanto a ociosidade ainda era reputada uma virtude entre os fidalgos do seculo passado.

Piracicaba.

M. Moraes Barros.

ANEXIM DA ROÇA

Agua morro abaixo,
fogo, morro acima,
mulher quando quer ir á festa,
não ha o que a segure.

OS PRIMEIROS REPUBLICANOS DE S. PAULO

A muitas pessoas faz especie o encontrar em antigas petições, conservadas nos cartorios, esta fórmula:

« Diz F., *republicano* desta villa... etc. » Isto dirigido ás justiças de el-rei, no tempo em que el-rei era tudo, faz quasi acreditar no que affirma *Vaissete*: « que os moradores de S. Paulo foram governados em republica, por largo tempo, debaixo da auctoridade de el-rei de Portugal, ao qual pagavam annualmente um tributo de 800 marcos de prata pelo usofructo de seu dominio. »

Assim não era entretanto: a unica republica que houve em S. Paulo foi a camara municipal, cujos officiaes tinham o nome de *Republicanos*, como se lê em frei Gaspar da Madre de Deus, *Memorias*, § 165.

S. Paulo.

F. M. P.

PARÁ EM 1833

PROCLAMAÇÃO

Paraenses, meus presados patricios!

A rasão, a justiça, a affeição que vos consagro, e o zelo pela vossa propria ventura me pungem a levantar minha debil voz, memorando vossos juramentos, vossos deveres sociaes, a dignidade nacional, o brio dos generosos filhos do Amazonas, tudo compromettido pela attitude assustadora, em que vos achaes, e pelo tremendo passo que quereis dar na culposa estrada das illegalidades, reluctando sobre a admissão das novas auctoridades, desses dignos Brazileiros, já veteranos nas phalanges dos verdadeiros patriotas, nomeados legalmente por um governo protector, a quem devemos respeitar e obedecer, e que no pouco tempo que residem entre nós, provas exhuberantes têm dado de sua consummada prudencia, saber e probidade.

Paraenses! como com um passo tão illusorio pretendeis menoscabar vossa dignidade, vosso caracter e a gloria presada de sermos uma nação livre?

A justiça e a rasão são congenitas com a liberdade; e o homem injusto e desassizado é indigno de ser livre, ou de ser Brazileiro...

Desisti do tentamen em que estaes de apunhalar a lei com a emphatica opposição ao direito que ella confere ao governo constitucional de prover á administração provincial.

Contra os exms. Mariani e Vasconcellos (*) não existe senão uma prevenção injusta e infundada, e facto algum ha que deponha contra elles: porque, pois, não os recebeis nos vossos braços como me recebestes? Revestidos de outras circumstancias, de outras qualidades, elles são condignos do vosso generoso acolhimento, e eu o juro que em poucos dias elles se tornarão os vossos idolos.

Paraenses! Um momento de reflexão! Um momento de justiça!...

Ah! volvei das armas, deponde-as; ou mais antes empregae-as contra mim do que contra a lei.

Palacio do governo do Pará, 12 de Abril de 1833.

Brigadeiro José' Joaquim Machado d'Oliveira.

IMITAÇÃO DE GŒTHE

No fundo do bosque um dia
Eu minha amante esperei:
Quiz abraçal-a, e ella disse—
Se abraçares, gritarei.

Retruquei-lhe com audacia:
Quem vier morte aqui tem!
Deus do silencio, exclamou,
Que não nos ouça ninguem!—

J. B.

(*) O desembargador José Mariani, nomeado Presidente e o tenente coronel Ignacio Corrêa de Vasconcellos, commandante das armas. Não foram empossados.

B. M.

CAIXA ECONOMICA

E

MONTE DE SOCCORRO

SOB A GARANTIA DO

GOVERNO IMPERIAL

CAIXA ECONOMICA

Esta Caixa recebe de cada individuo desde 1$000, ou multiplo desta quantia, até 50$000 por semana, a juros de 5 por cento ao anno, contados do dia seguinte ao em que tiver logar o deposito.

Não se abona juro ao depositante que saldar sua conta dentro do primeiro mez em que ella tiver começo; nem em caso algum as fracções inferiores a 100 réis.

Logo que as quantias depositadas e seus juros perfizerem a somma de 4:000$000, só esta ultima importancia continúa a vencer juros, conservando-se o resto em deposito, sem premio, em quanto o depositante o não reclamar.

O depositante póde retirar em qualquer tempo toda a quantia depositada e seus juros, ou sómente parte, prevenindo a Caixa com antecedencia de oito dias pelo menos, quando exceda de 100$000 a importancia que quizer retirar.

No fim de cada semestre do anno civil, são capitalisados os juros vencidos.

De cada caderneta que fica archivada, em consequencia do encerramento da conta correspondente, cobra-se do depositante 200 réis.

Não se effectua entrega alguma de quantia depositada senão ao proprio depositante, ou a seu legitimo procurador, representante ou herdeiro.

MONTE DE SOCCORRO

O Monte de Soccorro tem por fim emprestar sobre penhores de ouro, prata ou diamantes a premio de 8 por cento ao anno, e a praso nunca maior de nove mezes, pequenas sommas para occorrer em suas necessidades ás classes menos favorecidas da fortuna.

Não póde o emprestimo ser de quantia menor de 5$000 e nem se faz a pessoa que não seja conhecida e domiciliada nesta capital.

O penhor offerecido não póde garantir mais de 3/4 do valor que lhe arbitrar o Perito do Estabelecimento.

Não serão admittidos como mutuarios os menores, escravos e quaesquer outros individuos que não tenham a livre administração de sua pessoa e bens, salvo se forem legalmente representados.

O mutuario tem o direito de resgatar o penhor antes de findo o praso estipulado, pagando a quantia emprestada e os juros vencidos.

Os objectos empenhados no Monte de Soccorro, que, findo o termo estipulado no contracto, não forem resgatados, serão vendidos em leilão para pagamento do Estabelecimento, até a importancia do emprestimo e mais despezas. O saldo que houver, ficará á disposição dos donos dos penhores.

Até o ultimo dia util anterior ao do leilão, terá o depositante o direito de resgatar o seu penhor, pagando a importancia do capital e juros do emprestimo.

O mutuario, que perder a cautella do seu penhor, deverá immediatamente communical-o ao Gerente do Estabelecimento, e annunciar a perda na gazeta de maior circulação.

Esboço rapido de algumas de nossas industrias comparadas ás dos Estados-Unidos

De alguns annos a esta parte ninguem poderá negar que S. Paulo agita-se e trabalha para melhorar e augmentar suas industrias.

Nota-se no entanto em todos os seus commettimentos certa inexperiencia que caracterisa bem o principiante. Justamente por isso ha verdadeira sède de aprender, comparar e indagar. Sciente d'isso julgamos que não nos serão levadas a mal as seguintes reflexões que em sua quasi totalidade foram-nos suggeridas pela nossa estada em os Estados-Unidos da America.

Nossa principal fonte de riqueza é o café. O cultivo do cafeeiro e o preparo de seus grãos sem duvida que tem feito progressos em S. Paulo, e as bellas amostras da exposição provincial deram disso prova exuberante.

O transporte d'este producto tornou-se mais facil e barato com a construcção de nossas estradas de ferro; no entanto o systema de vendel-o, de commercial-o ainda é o mesmo dos primitivos tempos d'esta industria.

O mesmo facto observa-se em relação ao assucar.

Quanto a outros productos parece que nada tem-se feito: ainda seguimos a antiga rotina e póde-se quasi dizer que cada habitante produz o que lhe é necessario. Tal é o commercio que existe d'esses productos.

Se em um certo e determinado municipio o anno correu bem á producção de feijão, por exemplo, ahi haverá durante esse anno grande abundancia d'esse genero, emquanto que logo adiante, em um outro municipio menos feliz, esse genero poderá alcançar preços que fazem admirar que possam existir em um paiz tão fertil como o nosso e em relação a um dos generos mais procurados e populares.

O mesmo nota-se com o milho, arroz, porco, boi, etc.

Acreditamos que estes factos são devidos á falta de verdadeiro espirito industrial e commercial entre nós.

Relativamente ao pouco desinvolvimento do espirito industrial basta notar-se que em nossas fazendas produz-se e fabrica-se quasi tudo e ao mesmo tempo e com o mesmo pessoal.—

Em as melhores fazendas de café vae felizmente havendo certa divisão de trabalho e como consequencia ahi produz-se mais com menor pessoal que d'antes; mas em geral o principio economico da divisão do trabalho é praticamente pouco comprehendido ainda. Demais, as poucas machinas de que nos servimos para substituir o trabalho humano, dão ainda uma prova exuberante do pouco espirito industrial existente.

A ausencia de boas estradas, as poucas emprezas de transporte de gente e mercadorias, a reconhecida impontualidade de nossos correios, a quasi ausencia de estabelecimentos de credito e de transporte de dinheiro, etc., etc., provam mais que necessario que nos falta ainda o verdadeiro espirito commercial Tivessemos elle, não admittiriamos essa centralisação esmagadora que nos atrophia e suffoca: nossas estradas seriam melhores, e a população inteira fiscalisaria melhor sua construcção e conservação; as leis sobre companhias e sociedades teriam mais largueza e estas se organisariam sem embaraço e sem a necessidade dos empenhos e genuflexões como infelizmente ainda acontece, e como consequencia natural d'isso não se fundariam senão as de valor intrinseco e de utilidade reaes. Os bancos seriam facilmente montados e tratariam de bem merecer do publico e só d'este; porque do governo (essa têta gorda de todos os que almejam enriquecerem-se da noute para o dia) nada poderiam alcançar.

A triste verdade, porem, é que a ausencia d'esse espirito commercial faz com que nossas estradas não dêm transito regular durante todo o anno; e assim mesmo é sabido que não são os vehiculos os mais aperfeiçoados que as transitam, sendo a maioria d'ellas exclusiva ao transito de carros de boi e tropas. A consequencia natural é que o transporte de generos é carissimo.

As mais das vezes o transporte torna-se mais caro que o proprio genero transportado. D'este facto provém que só quando os preços de ùm certo e determinado genero attingem cotações fabulosas é que torna-se possivel seu fornecimento pelos municipios visinhos. Junte-se a isto a quasi que impossibilidade de prover-se á carestia, á ausencia completa de dados sobre a producção e consumo de cada municipio e convence-se facilmente da impossibilidade de haver quem queira se dedicar exclusivamente a este ramo de negocio.

Quão diversamente passam-se as cousas na grande União americana! Alli o espirito industrial é tão desinvolvido que poucos são os misteres executados á força bruta: quasi que para tudo ha machinas.

Nós plantamos o milho, o feijão, o arroz em pequenas có-

vas, irregularmente dispersas pelo terreno, feitas á enxada de mão : elles plantam sem grande trabalho, sentados na boléa de um carro-plantador, o qual, levado por um cavallo, deixa o milho, o trigo, o arroz, plantado regularmente, havendo sempre um espaço, entre as plantas, o mais conveniente ao desenvolvimento d'ellas sem no entanto haver desperdicio de terreno. A consequencia d'esta pratica é que elles utilisam melhor primeiro o terreno, e em segundo logar, o que para elles é importantissimo, o tempo.

Suas terras de cultura não pódem ser comparadas ás nossas, no entanto devido a similhantes praticas ellas produzem em egual espaço de terreno 50 a 70 0/0 mais que nós e com um pessoal muito menor.

Considere-se mais que elles dão uma grande importancia á escolha de boas sementes e verificar-se-ha que não ha nada de milagroso d'elles poderem produzir mais, melhor, e portanto mais barato que nós.

Como não temos commercio interno propriamente, esses generos de consumo do paiz geralmente não são devidamente beneficiados; assim é que não raras vezes vemo-nos obrigados a comprar feijão carunchado, arroz mofado, etc. Os americanos, porém, produzem para negocio, e como no mercado não se attende a empenhos, mas prefere-se sempre o bom, elles para obterem rendimentos de suas propriedades tomam o cuidado de bem beneficiar e acondicionar seus generos. Esse trabalho todo é feito por machinas apropriadas: debulhadores, ventiladores, seccadores, separadores, etc , etc. Podemos fazer uma idéa do gráu de perfeição desses mechanismos lembrando-nos que a melhor machina de beneficiar café que possuimos é um invento americano!

O americano do norte seria julgado incompletamente se não o considerassemos como homem do commercio.

De facto o espirito commercial é um dos caracteristicos mais importantes e notaveis do americano do norte. Graças a esse espirito commercial elle pesa bem os gastos e perdas pelos maus meios de transporte, pelas transacções incertas e lentas.

Não ha um americano que não comprehenda bem o alcance e a utilidade de boas estradas.

Todos esforçam-se e concorrem para tel-as boas. D'ahi essa quantidade extraordinaria de vias ferreas que a União possue.

Não se julgue, porém, que elles se satisfazem com o facto de possuir vias ferreas. E' mister que estas tenham tarifas baratas, e forneçam um transporte regular e seguro. O desideratum d'elles não é ter vias-ferreas simplesmente ; esse é o meio de obter transporte seguro, regular e barato. Demais essas linhas

não podendo andar a caracol e tocar todos os pontos productivos, elles empenham-se muito para que ellas atravessem as *zonas mais ferteis*, e cortem então estas por uma serie enorme de bons caminhos que liguem as estações aos centros productores.

Por este meio a via-ferrea vem a render o mais possivel, pois recebe facilmente os productos de uma larga zona; considere-se mais que elles não esbanjam dinheiro com a construcção de pesados caminhos de ferro á moda européa, portanto que o capital ahi empregado é justamente o indispensavel: não nos deve admirar muito que essas emprezas, dando bons dividendos, conservem suas tarifas sempre baixas.

Para alguns generos e em algumas vias-ferreas essas tarifas são tão baixas que causam espanto: vimos em 1870 em Memphis, no Estado do Tenessee exportar-se fardos de algodão de 500 libras de peso (sejam 17 arrobas cada um) de 1m,60 de comprimento, 0m,70 de largura e quasi identica espessura á razão de 90 cents, ou 1$800 réis mais ou menos. O transito era apenas de 400 leguas! (*)

Egual peso pagaria entre nós para um trajecto de 20 leguas quatro vezes mais!

Quando poderemos obter tarifas similhantes se perdurar o espirito industrial e commercial existente?

Aquelles caminhos que convergem para as diversas estações estão naturalmente a cargo dos municipios a que pertencem. Este facto é bastante para caracterisar o espirito de descentralisação por lá existente, e que está muito em harmonia com as instituições adiantadas que regem aquelle povo. Ao mesmo tempo vê-se o bom senso commercial aconselhar similhante pratica; pois quem mais se interessará pelo bom estado do caminho senão aquelles que diariamente tem de utilisal-o? Demais ha assim verdadeira responsabilidade de actos praticados.

Um caminho acha-se em máu estado, o publico que o transita diariamente sabe *de quem exigir* o prompto reparo e fiscalisa facilmente a applicação dos impostos para aquelle fim levantados.

E entre nós que differença!... ainda é bom quando depois de tornar-se intransitavel uma estrada, após longos reclamos da

---

(*) Nota: Fardos de egual peso; mas dimensões maiores que os acima mencionados pagaram á rasão de 1 dollar 25 cents de Memphis a New-York.

imprensa, da palavrosa discussão em a digna assembléa provincial, muita diplomacia e astucia por traz dos reposteiros, fica-se sciente que (apezar de não se saber quem sejam os responsaveis pelo máu estado da estrada) vae-se *dar as providencias indispensaveis para melhorar esse estado de cousas.* Alguns mezes após a grande celeuma fica o publico sciente que a verba votada achava-se esgotada e.....!

Os americanos do norte não admittem similhante pratica. Para elles o funccionario publico, qualquer que seja sua cathegoria, não passa de um caixeiro, um agente do grande patrão chamado povo, e este que é bom negociante sabe dividir o trabalho a cada um de seus empregados, e d'ahi resulta que se sabe perfeitamente bem a quem cabem as glorias de um acto bom, assim como tambem a devida responsabilidade.

Disto resulta que elles possuem as melhores estradas do mundo, os correios os mais pontuaes, e a policia mais vigilante sem ser *provocadora*, etc., etc.

Sendo, como já foi dito, o americano do norte essencialmente commerciante, elle não póde, portanto, se contentar com os meios faceis e seguros de transporte. E' mister ainda alguma cousa mais. Os seus processos de transacções são os mais seguros e expeditos possiveis.

D'ahi essa quantidade immensa de estabelecimentos bancarios e de credito. Não ha, talvez, na União americana um logar equivalente a Monte-mór, ou Indaiatuba que não tenha seu banco, ou casas importantes de transacções e remessa de dinheiros.

Entre nós quantos estabelecimentos similhantes ha?!

Mas nós que não temos nem o direito de associarmo-nos para construir um theatro sem prévia licença da *Côrte*, como poderemos cogitar em ter bancos e outros estabelecimentos de credito em qualquer nucleo agricola ou industrial?

Não julguemos, no entanto, que são simplesmente esses bancos que tornam as transacções expeditas e seguras. Muitos outros processos usam elles para economisar tempo e transportes inuteis.

O porqueiro do Jahú, por exemplo, ouve dizer que o preço dos porcos em S. Paulo está muito alto, e naturalmente mette-se a caminho a pé tocando seu melhor gado. Após alguns dias de penosa viagem passando pelo Rio-Claro deixa de vendel-os por julgar os preços de S. Paulo melhores que os que lhe offerecem. Chegando a Campinas verifica o pobre homem que os afamados preços de S. Paulo já baixaram e vê-se obrigado a vender sua porcada ahi por preços muitas vezes inferiores aos que engeitou no Rio-Claro. Uma ou outra occasião

talvez não aconteça o que relatamos; mas em geral esta é a historia dos nossos criadores de porcos.

O milho, o feijão, o arroz, e muitos outros productos nossos perdem-se até em os paióes do sertão por falta de consumidores, e nem são materia de commercio.

Em a grande União taes desperdicios de tempo e trabalho não se dão.

O criador de porcos não precisa propriamente indagar os preços existentes em localidades longinquas. Elle trata de obter uma boa quantidade de porcos bem gordos e recolhe-os em alguma carroça e transporta-os á primeira estação da linha ferrea mais proxima. D'ahi elle, dirige-se a Cincinatti, Chicago, St. Louis, ou outra qualquer cidade importante, e algumas horas de viagem bastam para achar-se em frente do « Stock-yard » do logar.

O « Stock-yard » nada mais é do que um grande curral que serve de banco de deposito de animaes. O criador de porcos desembarca sua porcada e faz recolhel-a, o que é feito com rapidez e facilidade, a um dos compartimentos do grande curral, e como documento recebe um certificado indicando não só o numero dos animaes entregues como tambem o peso total de todos elles juntos.

Com este documento ou recibo o criador de porcos, gado, ovelhas, etc, póde negociar em qualquer banco n'esse mesmo dia ou guardal-o para quando os preços do mercado sejam-lhe mais vantajosos. Geralmente, porém, elle negocia-o logo, visto haver sempre pequena fluctuação nos preços.

Admittamos que o criador tenha tido má colheita de milho e venha precisal-o n'aquella occasião. N'este caso elle nada mais faz do que dirigir-se a um dos grandes bancos de cereaes ou « Elevators », onde elle examina as differentes qualidades de milho existente, e em qualquer jornal diario verifica os respectivos preços do mercado. Uma vez tratada a qualidade e quantidade do milho a receber e feito o negocio, elle póde não receber senão o conhecimento da respectiva estrada de ferro que tem de lhe fazer o transporte do milho comprado á estação mais conveniente.

Junto ao « Stock-yard » sempre ha grandes açougues. Estes estabelecimentos compram directamente do « Stock-yard » os porcos, bois, ovelhas, que precisam e são elles que fornecem carnes salgadas ás fazendas do sul dos Estados-Unidos e mesmo ás de muitos outros paizes.

Todos estes açougues estão ligados ás diversas linhas ferreas por intermedio de trilhos, e a actividade é tão grande que muitos delles consomem diariamente 400 e mais porcos.

Em pequenas manadas são os porcos tocados dos curraes do « Stock-yard » em direcção ao açougue e obrigados a subir um plano inclinado que leva-os ao quarto ou quinto andar do estabelecimento.

Chegados a uma grande sala são apartados em turmas de 4 a 5 cabeças e então introduzidos em um pequeno gabinete, aonde são presos, mortos, esfolados e limpos das viceras.

Tudo isto é feito com grande rapidez e limpeza, graças aos diversos e engenhosos mechanismos alli usados. D'este andar superior do edificio até o pavimento terreo, aonde são embarcados em wagões para exportar as barricas de presuntos, orelhas e mãos de porco, etc., a carne soffre differentes preparos sendo cada um d'elles feito em um dos andares, sem intervir ou difficultar o trabalho de outras turmas de trabalhadores.

Graças a esta divisão do trabalho, e aos mechanismos aperfeiçoados, pódem elles no mesmo dia comprar uma porcada viva e remettel-a para as fazendas do sul em fórma de carne salgada.

Quanto ao negocio de cereaes as cousas passam-se com a mesma rapidez, segurança e facilidade. O cultivador de milho ou trigo, leva seu producto directamente ao banco de cereaes ou « Elevator ». Estes bancos pertencem muitos a particulares, outros a associações, e não fazem outro negocio que exportar cereaes para logares aonde sua falta se faz sentir. Elles são os verdadeiros intermediarios entre o productor e o consumidor.

Todos esses estabelecimentos communicam-se por intermedio de trilhos com as diversas estradas de ferro.

Um dos que vimos, o notavel « Buckingham Elevator » em Chicago, consistia de um enorme edificio de cinco andares, tendo no pavimento terreo varias vias-ferreas que ligavam-o aos differentes caminhos de ferro d'aquella metropole commercial.

Um wagão carregado de trigo ou milho vem, portanto, descarregar seu conteúdo dentro do estabelecimento em depositos apropriados. D'ahi esses cereaes são levantados, por intermedio de corrêas sem fim munidas de canecas, ás tulhas aonde ficam perfeitamente bem acondicionados, e de onde, por meio de torneiras, tubos, etc., são facilmente carregados em wagões ou mesmo em navios (como acontece no estabelecimento do sr. Buckingham) para serem exportados.

O productor do genero que está presente, ou faz-se devidamente representar, assiste á classificação do seu genero competentemente com o respectivo empregado da « Elevator » e

corretores de cereaes. Esta classificação depende não só das qualidades do genero, como tambem do seu preparo e limpeza.

A qualidade do milho, por exemplo, depende do seu tamanho, côr e do seu peso por unidade de volume além do seu bom preparo.

No mercado as differentes qualidades do genero são designadas por uma série de numeros de convenção. Os preços do genero variam, portanto, segundo estes numeros. Uma vez esse numero de convenção estabelecido para o genero que o productor traz, este recebe do banco um recibo, o qual contém, além do numero designando a qualidade do genero, a quantidade entregue. Este recibo póde o productor negociar no mercado n'aquelle momento ou quando quizer: da mesma maneira que o recibo do « Stock-yard », é um verdadeiro papel bancario.

Esta facilidade de communicações e transacções é de um alcance immenso, e nós não devemos descançar um só momento em trabalhar para obtel-a. E' devido a similhantes processos e facilidades de commercio que o americano consegue introduzir seus generos por toda a parte: nós mesmos, apezar de nossas magestosas mattas, nossa feracissima terra, compramos-lhe seu taboado, suas mobilias, suas machinas, e o que é mais—em Santos o milho produzido no « far West » dos Estados-Unidos é mais barato e melhor que o nosso!

Não poderemos nós fazer o mesmo? Sem duvida que sim. E', porém, mister convencermo-nos uma vez por todas, que todo esse progresso é devido ao verdadeiro espirito industrial e commercial, e que este é INCOMPATIVEL com a centralisação. E' mister que cada cidadão se convença bem d'isso e trate com resolução de obter mais franquezas provinciaes e municipaes. E' mister que a descentralisação seja tal que elle possa bem fiscalisar a applicação dos impostos para as estradas, policia, correio, etc. Isto quer dizer que os agentes de quem dependem essas repartições tenham responsabilidade real para com o povo, e que os impostos tenham applicação real nas obras para cujo fim foram levantados e no logar competente.

Em uma palavra, é mister que os municipios tenham muito mais autonomia que agora. As leis geraes em vez de pôr pêas ás iniciativas particulares devem pelo contrario ajudal-as, não legislando para cada uma d'ellas a titulo de protegel-as; mas deixando-as em paz e a seus proprios recursos, regulando apenas e com bastante clareza os direitos de propriedade.

Para tudo isto é mister muito trabalho, tenacidade e constancia; o guisado não nos virá á bocca prompto; ha de ser necessario muita abnegação e civismo. Basta de delegarmos

constantemente nossos direitos e deveres a outrem ; é preciso tratarmos por nós mesmos e com o devido interesse das cousas que nos dizem respeito e nos tocam de perto.

Uma população, como a nossa habituada a ser tutelada constantemente e em tudo, não póde avançar muito na senda do progresso.

Este habito de tutela está tão afferrado entre nós que uma associação qualquer, uma vez formada, subjeita-se a tudo e sem pedir contas a seus directores.

Os socios não indagam, não fiscalisam regularmente a marcha dos negocios e quando muito clamam e declamam quanto podem, se seus directores são mal succedidos.

Uma companhia tem em seus estatutos uma clausula importante, por exemplo esta : nenhum emprestimo será contraído sem o consentimento de duas terças partes dos associados. Nenhum emprestimo será maior que um terço do capital da empreza. O pouco interesse pelas cousas é tal, que basta a directoria desta associação recitar meia duzia de palavras bem sonoras e bonitas, que aquellas clausulas não serão attendidas e mesmo uma pequena fracção de toda a associação, e que acha-se reunida, julga-se com direito de decidir por todos. Clausulas importantes como essas têm sido assim revogadas pelos directores de muitas das nossas associações, sem que ninguem se lembre de depôl-os incontinenti como parece ser de direito. Estas cousas, no entanto não nos devem admirar : estamos habituados á tutela e ao despotismo o mais immoral possivel. Quantas vezes não se estão vendo decretos e avisos revogarem leis feitas pelos poderes competentes sem que a minima indignação do paiz, sem que o menor rubôr suba ás faces dos brazileiros ?

Ora, se estamos habituados com similhantes praticas poderemos estranhar, por exemplo, que um agente ou directoria de uma associação qualquer deixe de cumprir as decisões dos socios ou abuse de suas attribuições ? Por certo que não.

E' evidente, portanto, que para nós é um difficil problema o do desinvolvimento industrial e commercial, o qual só o tempo, a actividade incançavel dos bons cidadãos, a maior diffusão da instrucção por toda a parte e em todas as camadas sociaes, e principalmente a descentralisação complete, isto é um regimen democratico puro, que poderá de alguma maneira encaminhar-nos pela vereda certa do progresso e engrandecimento da patria.

Sem isso o que se fizer não passará de fôfo palavrorio.

Rio Claro, Novembro—1875.

A. F. Paula Souza.

UMA AVENTURA ESPIRITA

* * *

Ainda se lembrarão os que em 186... frequentaram os salões do commendador Leal do singular motivo d'aquellas reuniões.

Havia algum tempo que a idéa espirita invadira os circulos da sociedade de C...; todos occupavam-se das evocações ou revelações de além tumulo, como se se tratasse de uma questão de administração publica, a que a edilidade, pouco sollicita no cumprimento de seus deveres, costuma prestar mera attenção. Allan Kardeck estava em todos os gabinetes, em todas as cabeças.

O commendador Leal não pudéra subtrair-se ao contagio das idéas; tornou-se desde logo um dos mais fervorosos adeptos do espiritismo.

Seu espirito, pouco cultivado, havia recebido sem exame, nem criterio, as idéas a que o charlatanismo dava certo brilho. Questões de uma ordem tal tinham para elle transcendente importancia. Assignou os jornaes espiritas, tinha o livro das evocações, da philosophia espirita, que grandes tratos davam-lhe á imaginação.

O fanatismo apoderou-se de sua alma a ponto de em todos os logares, em qualquer occasião, levar a conversação para seu fim predilecto. Era olhado com benevolencia por seus amigos, que secretamente lastimavam uma mania, que bem podia degenerar em loucura.

Suas reuniões tinham, pois, alguma cousa de particular, de phantastico, que intrigára muito as comadres.

Sua filha Malvina, que juntava aos favores da belleza uma cultura intellectual pouco commum, ligava um interesse mediocre ás frivolidades de seu pae, como ella lhes chamava. Comtudo não podia ella eximir-se de servir de medium, para obedecer-lhes, junto da mesa, fingindo um recolhimento que bem longe estava de sentir, em attitude convencional, guardando imperturbavel silencio, assimilhava-se ás antigas Sybillas. O reflexo das luzes sobre o semblante, naturalmente pallido, dava-lhe aquella mysteriosa expressão.

Em uma d'aquellas noites, porém, parecia visivelmente pre-

occupada. Pretextou uma indisposição nervosa e retirou-se da sala com sua amiga Laura.

Companheiras de collegio, não havia entre ellas segredos; por isso Laura, que era intima e confidente, comprehendeu logo do que se tratava Com effeito, Laura tinha rasão de suppôr que bem profundas eram as apprehensões de Malvina, cujo semblante, sempre risonho, tinha n'aquella noite uma expressão de dôr e melancolia. Se a leitora deseja saber, o que tanto parecia interessar Laura, ha de dispensar-nos um momento de attenção.

* * *

A infancia de Malvina havia se passado em companhia de Alberto, um pobre orphão. Tinham um pelo outro a mais ardente affeição. Aquella sympathia tão viva, desabrochára, como a bonina; orvalhada pelos effluvios dos sonhos infantis.

A suave harmonia do lar havia emmudecido as vozes dos prejuizos, dos preconceitos, e suas almas ligavam-se por uma amizade, pura como a fragrancia das flores nos primeiros dias da primavera.

Ninguem lhes havia feito conhecer a distancia que os separava. O pae de Malvina era um negociante; um destes homens em quem a ambição da riqueza obliterou todos os sentimentos generosos. Tudo que para o commendador Leal não se referia ao preço corrente do cacáo, do assucar ou do café pouca attenção lhe merecia. A mania espirita, a principio, não deixou de agradar a Malvina, por vêr n'ella uma diversão ás suas idéas ambiciosas...

. . . . . .

Entretanto, embalados em suas illusões, tinham, Alberto e Malvina levantado seus castellos, e regozijavam-se da alegre perspectiva que desenhava-lhes a imaginação.

Quando um dia, Alberto, em quem já luzia alguma rasão, fez entender a Malvina certas objecções sobre o futuro, a innocente menina, revoltando-se contra elle, exprobou-lhe a frieza de sua amizade. Apezar d'aquelles protestos temia Alberto pelo futuro.

Malvina chegava á edade em que a belleza, o espirito, e mais ainda talvez a riqueza, dão nas sociedades incontestavel superioridade aos dilectos da fortuna.

Quantos pretendentes não houve! Entre os que attraidos mais pela sua riqueza se haviam apresentado, contava-se o coronel Sá; um velho ricaço que podia servir-lhe de pae. O candidato parecia convir ao commendador por mais de um

titulo; era rico, e dispunha de grande influencia politica. Isto affagava-lhe certas esperanças, assegurando a sua filha um logar distincto nas rodas mais altas da sociedade, e dispensando-se de mais reflexões, deu ao coronel o desejado—sim—. Quando Malvina soube do projectado casamento, oppôz-se fortemente a similhante enlace, que era a morte de suas mais caras illusões. Rogou, chorou, porém debalde; o commendador persistiu.

N'aquella tarde, quando Alberto veio, segundo o costume, fallar-lhe de suas esperanças, junto ao caramanchão do jardim, contou-lhe as angustias de seu coração e seu desamparo. Acalmando-se, porém, disse-lhe que confiasse em seu amor, que saberia vencer as difficuldades, que na obstinação havia de triumphar das pretenções de seu pae.

Alberto despediu-se della com a alma trasbordando de alegria e amor.

No dia seguinte Alberto havia tomado um partido.

Pondo de parte sua natural timidez, dirigiu-se a casa do commendador. Advinha-se o motivo que alli o conduzia. Escudado no seu amor, esperava o pobre moço ganhar-lhe o coração.

O commendador, depois de ouvir recitar o idylio de sua paixão, seus rogos, seus protestos por Malvina, respondeu-lhe que sua filha já estava promettida, que além disto devia conhecer a distancia que havia entre elle e Malvina para conceber tal esperança.

Alberto retirou-se com o desespero n'alma.

N'aquella tarde, Malvina, ouvindo a narração do lamentavel incidente que tanto magoava Alberto, procurou reanimar-lhe a esperança; disse-lhe que ainda não estava tudo perdido, que havia um meio para obter o consentimento de seu pae, fazendo-o renunciar á palavra dada ao coronel Sá. Era um subterfugio imaginado por Malvina, havia alguns dias, e do qual a moça esperava tirar bom resultado.

Por mais que Alberto insistisse, Malvina não revelou-lhe o segredo de seu plano.

* * *

Malvina e Laura, que se haviam retirado da sala, conversavam com a maior animação, passeando pelo jardim. Malvina contou á sua amiga o que se tinha passado entre o commendador e Alberto, affirmando-lhe que jámais consentiria no casamento com o coronel.

—Mas, quaes são os teus projectos? Como obter de teu pae

a renuncia, agora que elle mesmo acaba de publicar teu proximo casamento?

—Ha um meio. Como sabes, meu pae é fanatico pelo espiritismo. D'algum tempo a esta parte occupa-se muito de revelações, subtracções, predicções; emfim só vive em companhia dos invisiveis.

Alguns já começam a fazer um conceito pouco lisongeiro de seu juizo. Pobre velho! Desde que minha mãe morreu, nunca mais o deixou similhante idéa. Hoje pretextei incommodos para não servir de medium. Irás occupar meu logar. Antes de meu pae retirar-se, aproximar-me-hei de ti. Começo então a evocação. Observa meus movimentos. E' necessario que o espirito responda em ti, conforme meus desejos, isto é, que me seja propicio. Comprehendes?

—Maravilhosamente. Acho teu plano tão engenhoso que não duvido do bom exito.

—Tambem eu creio.

As duas amigas ainda conversaram durante algum tempo, percorrendo as compridas alas do jardim.

* * *

Silencio absoluto reinava na sala. Todos pareciam estar debaixo dessa influencia estranha que precede os actos solemnes.

Apenas se ouvia a oscilação da pendula em um dos cantos da sala. Laura, que se offerecêra para preencher as altas funcções de Medium, já occupava o logar conveniente. Uma alegria indisivel illuminava o semblante da moça. Malvina tinha os olhos fitos nella. Segundo o costume, o commendador, abriu a sessão, invocando o espirito de Santo Agostinho. Ou por malicia de Laura, ou porque obedecesse a um impulso estranho, o certo é que o grande doutor da egreja regalou a assembléa com sua brilhante eloquencia. O commendador parecia commovido. Quando o espirito concluiu seu discurso, Malvina aproximou-se.

Em attitude supplicante, diante do retrato de sua mãe, Malvina parecia conjural-a. Laura havia comprehendido a intercessão de Malvina, e escrevia. O commendador devorava as palavras.

Eis aqui o que Laura escreveu sob a evocação de sua amiga, ou antes por combinação entre ellas:

« Um pae é a personificação do amor, da bondade, da be-
« nevolencia, nunca o tyranno dos filhos.

« Não corresponder pela nobreza d'alma, pelos sentimentos
« generosos, ao que ha de mais sagrado entre os mortaes—o

« amor, a piedade filial—é não preencher a missão imposta « pela Providencia, de velar constantemente pela felicidade dos « filhos.

« No entanto, quantos ha que, sem dó, nem consciencia, « arrastam sobre o chão, por calculos infames, esses penhores « sagrados !

« Indignos de si mesmos, ainda mais indignos aos olhos de « Deus, não trepidam mercadejar, no balcão das conveniencias, « esses caros objectos !

« Malvina, minha filha, será possivel que o desvario de teu « pae sacrifique tua felicidade ? Os calculos da ambição pre- « valecerão contra os preceitos da equidade, da justiça, do « amor? Oh ! não ; fôra augmentar meus tormentos.

« Deus velará por ti. « *Helena.* »

O commendador estava profundamente commovido. Para um adepto do espiritismo, era uma rude advertencia.

Evidentemente o sortilegio produzia effeito.

Com um sorriso imperceptivel Malvina agradeceu o serviço que Laura acabava de prestar-lhe.

* * *

No dia seguinte, o commendador dizia a sua filha ;

—Acreditaes na influencia dos espiritos sobre nossos destinos?

—A sua intervenção é fóra de duvida, respondeu Malvina.

—E' verdade. Eu, que nunca affastei-me de seus conselhos, lisongeio-me de haver procedido sempre com justiça. Suppuz que casando-vos com o coronel Sá faria a vossa felicidade ; enganei-me, o espirito de vossa mãe preveniu-me do erro.

Portanto, alegrae-vos ; acabo de escrever ao coronel Sá, retirando minha palavra.

—Meu pae ! disse Malvina transbordando de prazer...

* * *

O commendador cedeu afinal aos rogos de sua filha e de Alberto. Oito dias depois da scena do espiritismo, de que tanto se fallou, celebrava-se o casamento de Malvina com Alberto.

O coronel Sá, consolou-se, casando-se com uma viuva que implacavelmente lhe tortura o amor proprio, lembrando-se sempre das « qualidades excellentes de seu primeiro marido ».

Quando Laura, passados alguns dias, foi visitar sua amiga, ainda commentou *espirituosamente* a tal scena espirita, cujo enredo, ficou sempre ignorado pelo commendador.

Pirassununga. J. P. C.

CURIOSO DOCUMENTO

No Archivo da camara de Ytú encontra-se o seguinte e curioso documento :

O sincero acolhimento
Do fiel povo ytuano
Gravado fica no peito
De seu grato soberano.

Nós abaixo assignados confirmamos que a quadra supra foi composta por S. M. o Imperador d. Pedro 2.º, n'esta fidelissima cidade de Ytú, na noite do dia 25 de Março de mil oito centos e quarenta e seis.

José Carlos de Almeida Torres
Manoel da Fonseca Lima e Silva
José Manoel Carlos de Gusmão
Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro
Barão de Antonina
José Martins da Cruz Jobim
Gabriel José Rodrigues dos Santos
Joaquim Vieira de Moraes
Bento Paes de Barros
Francisco Antonio de Oliveira
Antonio Paes de Barros
Francisco Galvão de Barros França
João Ribeiro dos Santos Camargo
Joaquim Bento Raymundo de Souza
Diogo José de Carvalho
Manoel Martins de Mello.

(2)

CHARADA EM QUADRO

A primeira corre muito
A segunda é rei do mundo,
Dá-se terceira aos poetas,
Quarta fiz meditabundo.

J. H. S. Dutra (Santos).

PHOTOGRAPHIA ALLEMÃ

DE

CARLOS HOENEN & C.

74-RUA DO CARMO-74

S. PAULO

Neste acreditado estabelecimento, rivalisando não só com os primeiros da côrte, como com os da Europa, faz-se todos os trabalhos concernentes a esta arte, pelos systemas mais aperfeiçoados da Europa.

Tiram-se retratos de tamanho natural, em busto e em grupos de todo o tamanho, vistas campestres, cartões de visita, etc., etc.

Reproduz-se qualquer retrato.

Conservam-se as chapas para reproducções.

Grande sortimento de quadros, albuns, passe-partous, etc , e mais artigos deste genero que se vendem por preços rasoaveis.

74-RUA DO CARMO-74

São Paulo

SONETO

LENDO PETRARCHA

Quando leve passou, quasi em delirio,
Ás flores conversaram no jardim:
Rosa, perdeste a côr—disse o jasmim;
E o perfume tu—disse o martyrio.

Mais serio n'haste fallou grave o cyrio; (*)
Cravina, viste o labio de carmim?
Zangou-se a dhalia de candura assim,
Da nivea alvura apaixonou-se o lyrio;

Fez-se o canteiro branco, a orchestra ardente;
A flôr, o orvalho, a folha, a brisa, o ninho
Estremeceram de paixão fervente!

Faltava a sympathia do carinho
Régia batuta e divinal regente:
—Raiou o sol, cantou um passarinho!

S. Paulo. J. B.

CHARADA II.

Que a primeira faz segunda,
E' cousa muito sabida—1
Esta agora o lavrador
E' o que faz em toda a vida—2
Esta emfim para um discurso
Não póde ser prescindida.

J. H. S. Dutra (Santos).

(*) A flôr denominada flôr de céra.

NOTICIA HISTORICA

sobre o municipio de Bethlem de Jundiahy

Ha setenta annos, mais ou menos, que o territorio do municipio de Bethlem, coberto de mattas virgens e sombrias florestas, era ainda desconhecido. Segundo antigas tradicções, alguns criminosos foragidos de Santo Antonio da Cachoeira, onde eram perseguidos pela justiça, foram os primeiros que penetraram n'essas mattas, e estabeleceram a primeira arranchação.

Esses criminosos, descendo pelo rio Atibaia, em pequenas canôas, vieram aportar no logar onde o Ribeirão do Pinheiro faz barra com o mesmo rio, n'uma pequena ilha, em que hoje está situada a fazenda de João de Oliveira Simões, e ahi julgando-se ao abrigo de qualquer perseguição, permaneceram por alguns mezes, explorando e cultivando o terreno que era fertilissimo, e vivendo da caça, que era abundante.

Uma escolta, commandada pelo capitão do matto Lourenço Antonio Leme, descendo o rio Atibaia, em pequenas canôas, foi ao encalço dos criminosos, que mansa e pacificamente viviam nas referidas mattas.

Depois de longa e penosa viagem pelo rio, cuja passagem era difficilima, pelas grandes cachoeiras e outros óbices que o obstruiam, conseguiram chegar e descobrir o escondrijo, onde se occultavam os foragidos.

Logo que foram descobertos, oppozeram grande resistencia á escolta, travando-se renhida luta, da qual resultou a morte de alguns resistentes e o ferimento dos guardas. Os que sobreviveram á luta conseguiram escapar-se, e, tendo á sua frente Salvador Lopez, desceram o rio Atibaia, indo formar novo alojamento duas leguas abaixo da ilha, que haviam abandonado, e ahi estabeleceram uma pequena povoação, que até hoje conserva o nome de *Lopez*, e alguns descendentes do mesmo.

A escolta, tendo batido os criminosos, regressou á povoação de Atibaia, levando a noticia da riqueza e uberdade do sólo que haviam descoberto, e logo uma pequena corrente de immigração, tanto de Atibaia como de Jundiahy, principiou a affluir para aquellas bellas e ricas paragens, attraida pelas

auspiciosas noticias dadas pela referida escolta; entre os immigrantes vieram Joaquim de Moraes e José Pereira, que povoaram os bairros hoje denominados—dos Pereiras e Couto.

Constituida a pequena povoação, principiou ella a florescer, tendo como commandante o cabo de ordenanças João de Assumpção, homem preto, e que ha 40 annos ainda ensinava primeiras lettras em Campinas.

Antonio Rodrigues da Silva, um dos mais antigos habitantes do novo territorio, possuia no oratorio particular do seu sitio, uma imagem de N. S. de Bethlem, a que consagrava particular devoção, festejando-a todos os annos, no dia 8 de Setembro em companhia de seus visinhos.

Tendo essa devoção se augmentado consideravelmente, pela grande affluencia dos moradores do bairro nos festejos annuaes, onde todos vinham cheios de devoção depositar aos pés da Virgem os tributos de sua gratidão e respeito, resolveu Antonio Rodrigues construir uma capella dedicada a Nossa Senhora de Bethlem.

Em 1814 foi, pois, erecta a primeira capella, com a invocação de Nossa Senhora de Bethlem, na margem do Ribeirão Cachoeira, no logar onde hoje está situada a chacara do major Francisco de Paula Vianna, e trasladada a imagem do oratorio do sitio para a capella, ahi começou a celebrar-se missas todos os domingos e dias santos, sendo o primeiro capellão o padre Domingos da Silva, que para esse fim fôra contractado pelo fundador da capella e mais moradores do bairro, mediante uma gratificação annual.

Fallecendo Antonio Rodrigues, passou o sitio a ser propriedade de padre Domingos, que mais tarde vendeu-o a d. Dionisia, continuando a celebração dos actos religiosos na capella pertencente ao sitio, sendo o padre Domingos substituido pelo padre Francisco Corrêa Pupo, que serviu de capellão por algum tempo, e juntamente os padres Francisco Ortiz de Siqueira e Joaquim de Moraes.

Em 1827, tornando-se a capella de Bethlem populosa, reuniram-se seus habitantes e requereram aos poderes competentes para que fosse elevada a freguezia, e, como o local da primeira capella não era o mais apropriado para a nova povoação, edificaram outra no logar onde é hoje o largo da Matriz.

Mas, sendo desattendidos, de novo requereram, conseguindo afinal que fosse a capella elevada á cathegoria de freguezia, por uma lei da Assembléa de 9 de Novembro de 1830, na qual lei determinava-se que os principaes proprietarios concedessem uma área de terreno sufficiente para o rocio da

nova freguezia, o que foi satisfeito pelos proprietarios Alexandre Raymundo, Manoel Rodrigues da Silva e d. Dionisia, que por uma escriptura doaram o referido terreno a Nossa Senhora de Bethlem.

Sendo insufficiente a segunda capella para a população da nova freguezia, que augmentava-se rapidamente, principiaram a construir uma nova egreja em 1833, a qual foi concluida em 1853, pelo vigario Miguel Corrêa Pacheco, sendo essa egreja a que serve hoje de matriz, depois de ter sido convenientemente retocada e dourada.

Desconhecendo-se ainda a cultura do café, preciosa industria, que devia tornar a provincia de S. Paulo tão rica e grande, os lavradores da nova freguezia de Bethlem, não tratavam senão do plantio de generos alimenticios, e da criação de porcos, com o que destruiam as magnificas mattas, e devastavam o fertilissimo sólo, que possuiam, sem resultado algum satisfactorio.

Mais tarde, os cidadãos Ignacio Corrêa de Lacerda e Antonio da Silva Franco, negociantes de animaes, em diversas viagens que deram ao norte da provincia, tiveram occasião de observar a importancia e riqueza da cultura do café, que por aquelles lados começava a florescer, e, animados das mais lisongeiras esperanças, trataram de introduzir em Bethlem, o cultivo de tão rica industria.

Devem-se principalmente ao laborioso e intelligente cidadão Corrêa de Lacerda, cujo genio emprehendedor e activo superava todos os obstaculos, os primeiros ensaios do cultivo do café, no sul da provincia e n'este municipio.

Foi elle quem aconselhou a varios lavradores de Campinas, e especialmente ao cidadão Francisco Egydio de Souza Aranha, para que passassem da cultura da canna para a do café, demonstrando as immensas vantagens da nova industria, e os seus conselhos foram mais bem attendidos e observados n'aquella importante localidade, do que em Bethlem onde o prestimoso cidadão passou pelo dissabor de vêr a sua idéa acolhida com frieza e desanimo.

Porém, com tanto esforço e constancia advogou a idéa da nova industria, que pôde vencer os prejuizos e preconceitos de seus conterraneos, conseguindo felizmente que a sua grandiosa iniciativa fosse realisada, sendo as familias Alves, Pires e Francos as primeiras que ensaiaram o cultivo da rica industria, colhendo os mais bellos e felizes resultados.

Assim, viu o incançavel e laborioso bethlemmista, coroados os seus patrioticos esforços, fazendo com que, na terra que amava tanto, fosse lançada a preciosa semente, que mais

tarde devia germinar, preparando um rico e explendido futuro, a então freguezia de Bethlem.

Plantando-se o café, verificou-se quão fertil e uberrimo era o sólo de Bethlem, e adoptou-se esse genero de industria, cuja producção progrediu de modo espantoso, fazendo-se em poucos annos a exportação de perto de 200,000 arrobas de café.

A 13 de Março de 1857, foi a freguezia de Bethlem elevada á cathegoria de villa, e a 7 de Setembro do mesmo anno fez-se a primeira eleição para vereadores, entrando a nova camara em exercicio no dia 7 de Janeiro de 1858.

Em 1865 criou-se nesta villa o fôro civil e juntamente o conselho de jurados, ficando o novo termo annexo ao de Jundiahy, até que, por decreto de 1º de Agosto de 1872, foi criado o logar de juiz municipal e de orphãos, com juiz formado, ficando desligado do de Jundiahy.

A villa de Bethlem de Jundiahy, situada no alto d'uma linda e pequena collina, e dominando uma bella e aprazivel vista, acha-se a 23º 3' de latitude sul, e longitude occidental 3º 43'. Dista da capital, em linha recta 9 leguas e meia; de Campinas 5 leguas; de Bragança 6 leguas e meia, e do Amparo 6.

Esta villa, importante, por ser cabeça de um municipio essencialmente agricola, e onde se cultiva exclusivamente a industria cafeeira, contém uma população aproximadamente de 1,000 almas. Possue predios elegantes e muito bem construidos, e uma bella matriz, além da egreja do Rosario.

A 16 de Novembro de 1874, assentou-se a primeira pedra fundamental da torre da egreja matriz, sob os auspicios do rvdm vigario padre Francisco de Paula Lima, que muito tem-se esforçado para que esta importante obra vá ávante; feita sob um bellissimo plano, póde dizer-se, que, depois de concluida, ha de ser uma das torres mais elegantes da provincia.

Ha uma aula nocturna que inaugurou-se a 10 de Abril do corrente anno, havendo frequentemente 30 alumnos.

A 11 de Abril inaugurou-se um theatro, que acha-se em construcção, com o titulo de theatro de S. Joaquim.

Ha um gabinete de leitura, que tem prestado grande utilidade, achando-se augmentado com novas e escolhidas obras. Ultimamente foi criada uma collectoria de rendas geraes e provinciaes.

O municipio de Bethlem, rico e importante por sua lavoura de café, cuja exportação é calculada (termo medio) em 400,000 arrobas, não podia deixar de acompanhar o progressivo movimento de outros municipios agricolas, na iniciação e realisação das vias-ferreas, e, pois, ligando maximo interesse a um assumpto de tanta magnitude, diversos cidadãos influentes pela

sua posição e fortuna, reuniram-se e requereram á Assembléa provincial privilegio para uma estrada de ferro que, partindo desta villa, podesse encontrar a linha ferrea Paulista, no ponto que se julgasse mais conveniente.

Por lei provincial de 6 de Abril de 1872 obtiveram os impetrantes, privilegio por 90 annos, para a dita estrada com o capital de oito centos contos e garantia de juros durante a construcção.

Pela lei de 1° de Abril do corrente anno, foi prorogada a garantia de juros por mais 20 annos.

Por uma planta levantada pelo engenheiro Fox, mede a estrada de ferro a distancia de 21 kilometros desta villa á estação de Capivary, e é orçado o seu valor de 500 a 600 contos.

Os concessionarios da projectada via-ferrea fizeram cessão do privilegio ao cidadão Julio Joly Junior, por escriptura passada a 5 de Abril do corrente anno, com a clausula de inaugurar os trabalhos, dentro do praso de 14 mezes, e temos as mais bem fundadas esperanças de que brevemente ha de ser realisado tão magno projecto.

E' uma empreza a que se ligam os mais palpitantes interesses deste municipio e que por certo ha de ser coroada dos mais fecundos resultados.

Além da exportação de café do municipio, calculada em 400,000 arrobas (termo medio) e que tem de ser transportada na estrada de ferro, temos ainda as producções de café dos importantes bairros das Cabras, do municipio de Campinas, do Jaguary e Arêa Branca, do municipio do Amparo, cujo café necessariamente ha de ser transportado por esta estrada, pela proximidade em que se acham esses bairros productores, da estação d'esta villa, sendo que o primeiro desses bairros dista apenas desta villa 2 leguas, e os outros 2 leguas e meia. E' calculada a producção de café desses diversos nucleos importantes de fazendeiros em 200,000 arrobas de café.

Convem notar que a producção do café neste municipio, ha de ser duplicada dentro de poucos annos, pelas grandes plantações que se têm feito, attendendo-se principalmente a que as plantações de café são geralmente feitas em terrenos apropriados e livres de geada, servindo de prova o corrente anno, em que caíram grandes geadas, causando graves prejuizos aos municipios visinhos, entretanto que neste municipio os estragos foram diminutos.

Isto deve-se principalmente ao tino e bom senso dos nossos agricultores, que cautelosos fazem a sua plantação só nos logares altos. Vê-se, pois, que, com tão ricos e poderosos elementos, a via-ferrea de Bethlem encerra um futuro explen-

dido e promissor dos mais brilhantes e fecundos resultados de que não é dado duvidar.

Bethlem, Outubro de 1875.

EUGENIO JOLY.

A FE'

Deus guardou-te a semente solitario,
E aos vivos disse :—é a arvore de Maria ;
Deus te plantou na hora da agonia,
E aos mortos disse :—é o cedro do Calvario ;

Deus teus ramos encheu de fructo vário,
E de folhas a copa alta e sombria ;
Deus te cobriu a raiz que estremecia
De suor e sangue, e o tronco de um sudario ;

E deu-te bençãos no sorrir primeiro,
E esponja e cravo e espinhos pendurou
Aos galhos no suspiro derradeiro...

Tu náó pódes morrer... elle expirou !
Teu tronco é um fragmento do madeiro :
Filha do Céu—Jesus ressuscitou !!...

S. Paulo. J. B.

O AMAZONAS

Não ha região alguma no Brazil que como a do Amazonas apresente uma vegetação mais vigorosa, mais variada e mais encantadora ; e, segundo o bello pensamento de um viajante moderno, tem ella ainda adiante de si seculos de mocidade e de verdura ; suas vastissimas florestas cançarão centenares de gerações, sem que se rarifiquem, ou patenteiem estrago.

A vegetação que caracterisa as margens do Amazonas, e que parece compativel com as leis do nivelamento, sobrepuja a zona ou cintão de verdura que orla as do oceano, dos rios que não affluem n'aquelle, e das ilhas que formam os archipelagos da bahia de Guajará e Pagipurú ; ella invade, conquista, se engrandece e se desinvolve até que exclusivamente domine.

BRIGADEIRO J. J. MACHADO D'OLIVEIRA.

CASA BANCARIA

DO DR.

Theodoro Reichert

33-RUA DO ROSARIO-33

Continúa a fazer operações bancarias, desconta lettras com duas firmas, dá dinheiro a premio sob garantia de apolices, acções de companhias de estrada de ferro e abre contas correntes com garantias.

Recebe dinheiro a premio por lettras e com aviso prévio de 30, 60 e 90 dias, pagando o premio conforme a tabella da casa.

S. Paulo, 24 de Novembro de 1875.

Dr. Theodoro Reichert

A EGREJA MATRIZ DE PINDAMONHANGABA

Conquistado e colonisado pelos portuguezes o Brazil não podia deixar de receber o influxo das idéas da metropole, traduzindo em seus usos e costumes o typo da civilisação d'esta.

O sentimento religioso, que levou as quinas lusitanas atravez dos mares, abre a primeira pagina da historia do Brazil, e apresenta traços vigorosos em toda a extensão do *Imperio da Cruz*.

N'esses templos, mosteiros e casas de caridade, erigidos pela religião de nossos maiores, legaram-nos elles o monumento imperecedouro da fé e do zelo fervoroso, que constituia a principal feição d'essa época.

A provincia de Minas conta em seu territorio muitos templos notaveis pela riqueza de seus ornamentos e por trabalhos, que revelam da parte de seus auctores muito gosto e decidida propensão para as artes, só precisando de educação para produzir verdadeiros primores. Taes são as egrejas matrizes de Caheté, e de S. José d'El-Rei, bem como as egrejas do Senhor de Mathosinhos em Congonhas do Campo, de Marianna, de Ouro-Preto, de Sabará, e de S. João d'El-Rei.

Diversas outras provincias, e sobretudo a Bahia, apresentam ainda o mesmo precioso legado d'essa geração, cheia de crença, que, antes de tudo, imprimia em seus actos o cunho da mais entranhada devoção religiosa.

A provincia de S Paulo, porém, parece ter sido pouco favorecida a este respeito. Dedicados exclusivamente a emprezas aventureiras, os antigos paulistas, não obstante distinguirem-se tambem pela mais austera religiosidade, tinham o seu tempo absorvido na pesquiza de thesouros auriferos pelo interior das terras e dos sertões, de sorte que não lhe ficára pausa e recolhimento para erigirem templos de proporções grandiosas ou construirem monumentos.

Desafrontados apenas d'aquelles rudes e arriscados trabalhos, os audazes conquistadores do deserto volveram a seus lares; e as egrejas se foram erguendo como os testemunhos de sua inquebrantavel dedicação á causa da religião.

Tambem em nossos dias a velha geração, em cujo peito

arde a chamma perenne de uma fé viva, aspira, já no occaso da vida, legar á terra que deixa um monumento, que perpetue seu passado e assignale suas crenças inabalaveis.

Ide alli ás margens pittorescas do Parahyba, onde em uma vistosa planicie desdobra-se a cidade de Pindamonhangaba, cuja imagem se reflecte nas aguas limpidas d'aquelle magestoso rio. Quando virdes essas torres elevadas, que assomam ao longe desenhando no horisonte suas linhas suaves e puras, não julgueis alli encontrar um legado da geração passada, ou uma pagina dos tempos que se foram. Em 1841, ainda se via n'esse mesmo logar uma modesta capella, de apparencia tosca, que mal correspondia á decencia do culto divino.

N'esse anno demoliu-se a frente da antiga egreja; e em 1842 começaram-se os alicerces do novo frontespicio que só veio a concluir-se em 1853, sendo ulteriormente reconstruido e reformado todo o corpo da egreja.

O architecto da obra foi o subdito portuguez Francisco Antonio Pereira de Carvalho, que dirigiu sempre todo o serviço sem perceber retribuição alguma. O mestre pedreiro, que executou o risco com grande pericia, foi o artista José Pinto dos Santos, fallecido em Pindamonhangaba no dia 9 de Fevereiro de 1856. Nem ao menos uma pedra assignala o logar de sua sepultura n'esse templo a que consagrára sua vida.

As obras começaram e terminaram sem a minima parcella de contribuição dos cofres publicos, pesando exclusivamente todas as despezas sobre os fieis de Pindamonhangaba.

Quando um dia da face da terra desapparecer a geração presente, a egreja matriz de Pindamonhangaba subsistirá sempre como o mais bello monumento da grandeza moral e dos sentimentos religiosos do povo que a levantou, attraíndo sobre si a admiração e o respeito das edades futuras.

Pindamonhangaba, 30 de Dezembro de 1856.

F. I. M. Homem de Mello.

CHARADA NOVISSIMA [1]

3—2 Uma angustia segue eternamente onde ha tormentas.

Araujo Silva (Santos).

SARU'--TAIÁ

Os moradores de Sorocaba conservam ainda hoje, por tradicção que se transmitte de paes a filhos, a noticia desse vulto historico, ascendente de mais de uma familia importante desta provincia.

Uma lenda popular, que ainda perdura, pinta-nos o Sarú-taiá atravessando aquella cidade, descalço, vestindo grossa camisa e calças de algodão, com um largo chapéu de junco na cabeça e puxando o seu burrinho carregado de *taiá*, que apregoava e vendia de porta em porta, emquanto jaziam enterradas na parede ou no quintal as suas grandes riquezas—dobras e barras de ouro.

Appareceu depois o elemento maravilhoso e até bem poucos annos dizia-se que na chacara que lhe pertencêra—pouco adiante do cemiterio de Sorocaba—ao meio dia em ponto rangia a cancella e batia com força, sem que se visse pessoa alguma movendo-a : era o *Sarú-taiá*, que vinha contar os seus thesouros.

O povo pintou-o, portanto, como avarento : é provavel que não tivesse rasão.

O *Sarú-taiá* era de raça indigena : seu nome *Sarú* é a traducção do nome Salvador ; ainda hoje os indios usam dessa palavra, cuja significação é incontestavel. *Taiá*, é uma especie de cará, e figura aqui como um alcunha vulgar, por ser um dos generos de seu commercio. O verdadeiro nome era Salvador Corrêa.

Descendente, mui proximo dos aborigenes, criado entre elles, Salvador, apezar de sua riqueza, não pudera, talvez, renunciar á vida simples e trabalhosa e d'ahi viria a crença de sua pretendida avareza.

O que é certo é que gozou de grande influencia e chegou a ser capitão-mór de Sorocaba.

Vivendo por meiados do seculo passado, apossou-se de seu espirito o enthusiasmo que levava os bandeirantes a internarem-se pelas mattas, e uma grande bandeira por elle organisada e dirigida tomou o caminho do oeste e foi até ás missões paraguayas, onde atacou diversas aldêas dirigidas por jesuitas, captivando muitos indios. Se a sciencia condemna em absoluto o resultado de taes expedições, os factos historicos,

entretanto, explicam-o e fazem vêr, que nem sempre aos mamelucos cabia a culpa das contendas em que se empenhavam e dos excessos que eram consequencia de taes contendas.

E' bem provavel que esta *bandeira* não fosse o unico feito de sua mocidade activa; faltam-me, entretanto, dados para affirmar qualqner cousa a tal respeito.

O resto de sua vida, passada em Sorocaba, foi simples e só a lenda popular nol-o conservou.

Não será esta lenda o arcabouço de uma grande historia, que durma ignorada nos archivos poentos do seculo passado? Seria util que se tirasse a limpo esse assumpto.

S. Paulo.

F. M. P.

FRIO

Observações thermometricas de um Tietéense (curioso)

Em 1870 o therm. cent, em Junho 22, marcou ás 7 horas m. 1 1/2, em 23 e 24 marcou 1, e em 13 Agosto 1 ab. de zero.
1871 a 2 Julho 1/2; a 7 Julho 1, 26 Agosto 2 ab. zero.
1872 a 20 Julho 5. 30 Julho 4 acima zero.
1873 a 20 e 21 Junho 5, a 11 Agosto 5 acima zero.
1874 a 15 Junho 3, 28 Agosto 2 1/2 acima zero.
1875 a 16 Junho 2 acima de zero, a 17 marcou 1/2 ab. zero, a 18 zero; a 2 Julho e seguintes marcou entre 1 e 5 acima zero.

As geadas de 6 (Junho) alcançaram alguns cafezaes e cannaviaes altos, as de 7 (Julho) desceram ás margens do Tieté.
Em 1871 a geada foi precedida 1 dia pelo S. O.; nos mais annos por ventos varios e maior ou menor chuva.
Em 1875 foi precedida pelo N. O. forte e pequena chuva.
Em 1876 gelou agua em prato, fóra, em espessura de 0,02.
Em 1871 0,025 a 0,027
Em 1875 0,016 a 0,018

Em geral, quando ameaça gear, o horisonte occidental após o sol posto apresenta um clarão amarellado, abaixo o limpido azul, e aspirar o ar pela bocca e foças nasaes apparecem vapores aquosos em virtude do ar rarefeito.

Tieté.

A RAÇA HUMANA

Se a religião e a rasão nos ensinam que todos os homens descendem do mesmo tronco, um exame philosophico da especie humana mostra claramente que a raça caucasica, por sua mais perfeita organisação, é a que mais se assemelha áquelle tronco primitivo, que devemos suppôr perfeito em sua natureza.

A côr e conformação das outras cinco variedades, americana, mongolia, malaia, laponia e africana, são devidas ao clima e costumes; não por impressões promptas e rapidas, mas por gradual e imperceptivel progressão que, transmittindo-se de geração em geração chegam a constituir caracteres fixos de uma raça, segundo as latitudes que habita, e sempre que a superficie da terra não contraria o effeito.

A pelle do corpo humano compõe-se de tres partes distinctas: a epiderme ou cuticula exterior, o tecido mucoso, e a cútis ou verdadeira pelle, que é a mais interior.

A cuticula e a cútis são igualmente brancas e transparentes em todos os homens; assim, pois, a differença na côr procede da substancia coagulada no tecido mucoso.

A vermelhidão, que repentinamente assoma ao rosto, a pallidez causada pelo susto, e o azulado das veias demonstram a transparencia da cuticula; e a variedade na côr do *muco*, em differentes zonas, prova que é elle a causa da diversidade nas côres.

Em conclusão: a côr do branco procede de uma substancia da mesma côr, espalhada em ténue camada por toda a superficie do corpo, entre a cútis e a epiderme, isto é, entre a pelle interior e exterior.

Conseguintemente: a côr das castas vermelha ou azeitonada, procede de ser a dita camada formada de substancia mucosa de uma ou outra destas côres; e a do negro, da mesma camada que, por sua espessura e natureza impede que a epiderme transmitta côr alguma, pelo que parece negra.

A excepção desta camada *inter cútis-epiderme*, todas as demais partes do corpo humano são exactamente iguaes nas raças brancas, vermelha, negra ou azeitonada.

Vêm-se nascer filhos brancos de paes negros e de outras ra-

ças; mas não ha exemplo de nascer filho negro ou azeitonado de paes brancos, a não ter havido alguma mescla clandestina.

A côr do cabello nos homens, e do pello e pennas nos animaes, é effeito do humor excrementicio dor corpos, accidental em alguns individuos, e heriditario em algumas especies.

Silveiras, Outubro de 1875.

J. H. d'Azevedo Almeida.

TRECHO DE UM EXORDIO

Phocio, caminhando para o logar do supplicio, recompensa ordinaria, que conferem ao merito e á virtude, republicas degeneradas, dizia ao magistrado, que o acompanhava:

Magistrado, ensina a mocidade insensata a respeitar a velhice—: eu tambem direi da mesma fórma,—Legisladores, ensinae a este desattento ministro a respeitar a velhice ataviada, com os adornos de serviços relevantes, de probidade e de saber.

Manes dos Washingtons, dos Adams, dos Jeffersons, que dirão vossas grandes almas, se, evocadas da região sombria dos mortos, presenciassem um velho respeitavel, e que mais parte teve na independencia da sua patria, mordido pelo dente afiado de reptis venenosos, e tocado pela baba impura de vis calumniadores! Sem duvida exclamariam cheios de dôr:— Providencia, tu erraste, quando fizeste o Brazil parte integrante do sólo virgem da America, porque alguns dos seus filhos estão ainda verdes para os gosos da verdadeira liberdade.

Martim Frèncisco.

(Sessão de 22 de Maio de 1832. Defeza de José Bonifacio).

Agricultura

A agricultura, diz um antigo orador, é o melhor meio de adquirir, é o mais fecundo, o mais agradavel, e é mesmo o mais digno de um homem livre: ella é, diz mais Catão, um meio honesto, e que além de não estar exposto á inveja, tem sigularmente a inapreciavel vantagem de manter e conservar a innocencia, e a pureza dos costumes.

O CARACTER PAULISTA

Entre as velhas tradições locaes que vogam na provincia ha uma que friza bem o caracter moral dos paulistas.

Fernão Dias Paes e seus parentes, que descobriram Minas, quotisaram-se para brindar o rei de Portugal com uma peça em ouro massiço representando ao natural um cacho de bananas, e Fernão incumbiu-se de apresental-a ao rei. Este, maravilhado e nos alvoroços do seu contentamento, assentando que faria manifestar seu agradecimento concedendo *graças pedidas*, ordenou a um dos seus cortezãos que declarasse ao offertante, que seria satisfeito em tudo que pedisse. O recado do rei foi dado, e o altivo paulista, formalisando-se ao ouvil-o respondeu pelo seguinte modo:

« Pois si eu venho *dar*, como é que hei de pedir ?»

BRIGADEIRO J. J. MACHADO D'OLIVEIRA.

EPIGRAMMA

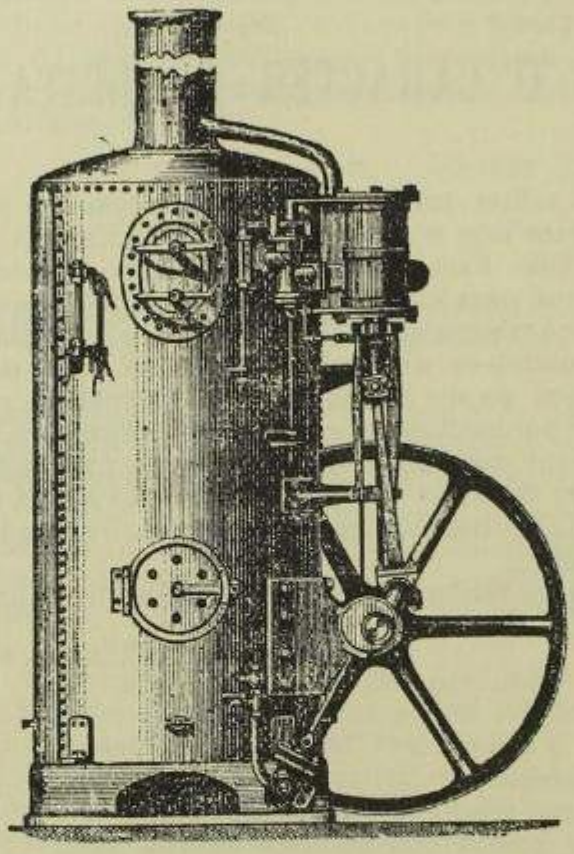
A certo medico um dia
Um enfermo perguntou,
Que contra-veneno havia
P'ra um veneno que tomou.

Conforme (diz o doutor),
Diga o veneno e porção...
—Foi muita, muita, senhor,
Essencia de amolação.

Então (volta o doutor),
O melhor medicamento,
E' fazer-se amolador
Que cura-se n'um momento.

S. Paulo

M.



S. BEAVEN & C.

IMPORTADORES

DE MACHINAS E INSTRUMENTOS

DE AGRICULTURA

MACHINAS A VAPOR

Recebe-se encommendas para ferragens, cutelaria, louças, vidros, sellins e arreios, botas, drogas, biscoitos, etc.

Deposito de machinas de Agricultura

15—RUA DE S. BENTO—15

S. PAULO

A FRANCINA

(IMITAÇÃO)

Hirta! fria! cadaver descorado!
A mão marmorea descaindo ao longo
Do corpo esguio em leito de miseria.
Pobre Francina, recordação formosa
Da minha mocidade, breve sonho
Dos tempos idos, da ventura finda!

Quando ao despontar a primavera
Os teus olhos azues ao céu alçando
A mim te unias como ao tronco a hera
Quem descobrira teu destino infando!

Quem nos labios da purpura rivaes
Do tumulo a pallidez então veria,
Quem da triste morte... nos umbraes
Vira a noite surgir, morrer o dia!

Candida borboleta dos vergeis
Percorrias da vida a florea senda;
Não vias entre as flôres os parceis,
Os olhos te cerrava escura venda!

Um dia veio rapido
Da parca o feio córte,
E após a vida a morte
Teu corpo dominou;
Fugiu-te a alma pavida
E fulgido assomou
Um raio peregrino
Que o teu novo destino
Formoso nos mostrou.

Anjo de azas candidas
Na terra exul tu eras,
E immensas primaveras
Floridas encontraste
No céu que devassaste
Com teu olhar ameno,
Do mundo á triste scena
Fugiste alma serena
A terra abandonaste !

Das minhas noites fervidas
Tu foste a inspiradora !
A dôr consumidora
O peito me crescia !
O' tenue sombra ! ó sylpho !
No meu extremo dia
Aos olhos meus chorosos
Teus labios tão mimosos
Trouxeram alegria !

1848. MARTIM FRANCISCO.

TU E EU

E's açucena candida, amena,
Symb'lo do amor;
Eu sensitiva, que ao sol esquiva
Murcha ao calor.

Tu és a rosa, que vaidosa
Ao sol sorri,
Eu sou o lyrio, que á luz d'um cirio
Emmurcheci.

E's a bonina, que na campina
Trescala odôr,
Eu a rolinha, que na palmeira
Geme de amôr.

Tu és a briza, que suavisa
Meu pobre ser,
Ao teu bafejo, virgem, almejo
Por ti morrer.

Piracinunga—1875. J. P. DE CASTILHO.

O PADRE MIGUEL CORRÊA PACHECO

VIGARIO DE YTU'

Se é importante a missão do pae de familia na sociedade, porque a elle incumbe a ardua tarefa de educar os filhos em ordem a tornal-os uteis a si e á patria, mais importante é a dos parochos que, sem familia propria, são entretanto os chefes de centenares de familias, de que se compõem suas parochias.

Elles devem formar os paes na pratica dos actos virtuosos, para que estes transmittam aos filhos, pelo exemplo, as suas virtudes.

O sacerdote que comprehende esta verdade, reconhecerá que commete um crime, desde que chama a si a pratica de certos actos, que são inteiramente alheios ás funcções do seu ministerio.

E' uma anomalia, pois, o sacerdote ingerir-se na politica, pois que esta vem absorver o precioso tempo, já em si tão escasso, de que elle dispõe para tratar dos verdadeiros interesses dos fieis; é uma anomalia o padre capitalista, com o fim unico de augmentar seus capitaes, pois que elle, como o protector da pobreza, não deve possuir mais que o necessario para sua subsistencia, repartindo o superfluo com os pobres; é uma anomalia involver-se o sacerdote em intrigas de logarejos, quando sua missão é toda paz; é ainda uma anomalia...

Onde iriamos parar se fizessemos o catalogo de todas as anomalias de que se acha mais ou menos eivado o clero?

Onde iriamos parar, se analysassemos a desmoralisação da maior parte do clero em quasi todos os paizes catholicos, principalmente em Roma?

Se a religião de Christo não fosse a verdadeira, ha muito que os padres já tinham acabado com ella, porque a maior parte dos pastores o que deseja é trucidar suas ovelhas, dispersal-as, emfim são lobos com fórmas exteriores de mansos cordeiros.

Felizmente, porém, ha entre os sacerdotes alguns vultos que são o protesto vivo contra o desmando de seus irmãos, e que comprehendem tão real e perfeitamente o verdadeiro caracter sacerdotal, como deve ter elle sido modelado pelo instituidor do sacerdocio.

★

A estes ultimos pertence, certamente, o vigario padre Miguel Corrêa Pacheco.

Não é amizade que nos leva a fazer esta asseveração, nem tão pouco qualquer dependencia, a não ser aquella a que estamos todos subjeitos, como simples mortaes, mas tão sómente o desejo que temos de mostrar que ha no Brazil sacerdotes, que comprehendem a sua sagrada missão; e nós, quando conhecemos alguem que se torna notavel por suas virtudes, devemos collocal-o bem alto, para que, visto por todos, possa servir de modelo.

Nasceu o padre Miguel a 29 de Setembro de 1826.

Encetando seus estudos tornou-se sempre notavel entre seus collegas pela excessiva modestia e completo desapego a tudo quanto póde attrair os mancebos n'essa quadra perigosa da vida.

Completando os estudos necessarios para a ordenação, verificou-se ella no Rio de Janeiro em 1849.

Em 1850, foi elle nomeado coadjuctor da parochia do Senhor Bom Jesus do Braz, na capital.

Em Dezembro do mesmo anno, foi mandado para a freguezia de Juquery, como vigario encommendado.

A 20 de Maio de 1852, passou á vigararia de Bethlem de Jundiahy, onde esteve 4 annos e lá deixou para a matriz seu orgão e os bonitos quadros da Paixão, que ainda existem na egreja, e a 1° de Junho de 1856, veio como vigario d'esta cidade.

Incançavel em promover, tanto quanto lhe era possivel, o engrandecimento de sua cidade, despendeu 8 contos de réis, em 1858, com a fundação do collegio de S. José, estabelecimento que goza do mais alto conceito, pelo muito que alli se faz pela educação das meninas.

Mais tarde, achando-se a cidade de Ytú dotada de tão excellente instituição para a educação do sexo feminino, e á vista da grande nomeada que tiveram os padres jesuitas para o magisterio, o padre Miguel levado por sua boa intenção, e influido por muitos dos seus parentes, com sacrificios, resolveu fundar um collegio n'esta cidade, sob a direcção dos padres d'aquella companhia.

Com as despezas de transporte, indemnisação para recebimento do edificio, reparação do mesmo, onde agora existe o collegio, gastou aquelle sacerdote cêrca de 10 a 12 contos de réis.

Em 1869 fez uma viagem á Europa e Estados-Unidos, demorando-se de 6 a 8 mezes.

Em 1871, tendo subscripto 60 acções da companhia Ytua-

na, fez doação das mesmas á matriz desta cidade sustentando com o producto dos juros das mesmas a corporação musical que solemnisa as missas das quintas feiras, domingos e dias santificados.

Em sua viagem á Europa e aos Estados-Unidos, não com o unico fim de fazer uma diversão, mas um ligeiro estudo dos paizes por onde tinha de passar, com relação principalmente ao culto catholico, notou a magestade deste, e com verdade o diz, nos Estados onde a religião é livre e o culto é sustentado pelos fieis.

Alli ouviu córos que o extasiaram e levaram-no á criação da corporação musical a que alludimos, regida pelo mestre de capella Tristão Marianno da Costa, que até então era desconhecido como artista, ainda mesmo por muitos dos seus patricios.

O reverendo padre Miguel, tendo feito a possivel economia em sua viagem, póde ainda na volta comprar um harmonium para a matriz.

Quem ler estas linhas, á vista das grandes quantias que tem despendido o padre Miguel, entenderá que elle dispõe de recursos; entretanto, aquelles que o conhecem, sabem perfeitamente que elle é pobre e os sacrificios que tem feito para conseguir os meios com que tem realisado tantos beneficios, já não diremos para a egreja Ytuana, como para a propria cidade.

Todos que o conhecem não hesitam em coadjuval-o sempre que elle tem em vista uma medida qualquer.

Não ha quem ignore nesta cidade que até ha bem pouco tempo, ou mesmo até o presente, ainda elle paga juros das quantias com que fez as entradas para a companhia Ytuana, e que os respectivos dividendos são recebidos pelo mestre de capella, que os distribue proporcionalmente entre os membros da corporação musical ; e se não fôra esse compromisso, já o interior da matriz estaria retocado, que é este hoje um dos pontos em que elle constantemente falla, depositando para esse fim sua confiança e esperanças em um artista ytuano, o sr. José Ferraz d' Almeida Junior, que muito se distinguiu na escóla de bellas-artes, da Côrte, e para cujo estudo, senão nos falha a memoria, tambem concorreu o padre Miguel com a sua quota.

A pobreza desvalida encontra sempre nelle o lenitivo aos seus soffrimentos.

Como um bom pastor, elle trata com todo o carinho as suas ovelhas.

Não ha uma só testemunha que assevere um só acto de

immoralidade do padre Miguel, desde sua infancia até o presente.

Não ha no que temos dito uma só asserção hyperbolica, pelo contrario, estamos áquem da realidade, visto que escrevemos ligeiramente, e nem é nossa intenção fazer uma biographia.

Desafiamos a quem conteste, com verdades, o quanto temos dito.

O reverendo padre Miguel póde não ser comprehendido por aquelles que entendem que o padre deve ser um armazem de escrupulos estultos e preconceitos futeis, ou o joguete de meia duzia de hypocritas.

E' homem de um caracter o mais independente que é possivel, e não ha amigos, parentes, ou conveniencias que o façam recuar ou ceder um passo além. dos preceitos infalliveis do Evangelho.

Não ; elle é bastante instruido para não desconhecer a verdadeira missão do sacerdote, e virtuoso para não dar guarida aos mercadores do templo.

A sua linguagem é sempre pura como os principios da verdade que consagra ; d'ahi talvez as censuras em que tem incorrido de parte de um ou outro que não póde ser affeiçoado a seu sabôr.

Feliz será a diocese que tiver um bispo virtuoso, verdadeiramente catholico e religioso, como é o padre Miguel, tambem sabio e amante do progresso.

Feliz será o Brazil se cada um de seus sacerdotes se modelar pelo reverendo padre Miguel, e se o nosso governo, quando tenha de propor algum padre ou frade á Santa Sé para bispo, não fôr consultar ao reitor de certo seminario episcopal sobre o caracter e comportamento deste ou d'aquelle padre brazileiro. Sim, seremos mais felizes quando virmos nossa patria menos inundada de frades e padres extrangeiros, que são os maiores inimigos dos nossos padres, e procuram sempre desmoralisal-os, quando muitos desses extrangeiros nem padres são. Seremos mais felizes quando o povo escolher o seu parocho, e apresentar á Santa Sé o seu escolhido para bispo.

Ao padre Miguel Corrêa Pacheco, que já tem empregado mais de metade de sua vida no sagrado ministerio da egreja, os nossos emboras, e que a Providencia o conserve por dilatados annos para o engrandecimento da egreja catholica e felicidade de seus parochianos, entre os quaes está

T. M. DA C.

Ytú, 16 de Outubro de 1875.

O MAIOR LABORATORIO HOMŒOPATHICO

DA AMERICA DO SUL

Rua da Quitanda n. 47 (antigo 53) Côrte

PROPRIETARIO E FUNDADOR—A. G. D'ARAUJO PENNA

Unico estabelecimento deste genero premiado com medalha de 2ª classe na exposição nacional de 1873, pela pureza e perfeição de seus productos; fornecedor de muitos estabelecimentos pharmaceuticos, possuindo valiosos attestados dos mais conceituados medicos homœopathas e elogiado por toda a imprensa da côrte.

Este estabelecimento acha-se enriquecido com as ultimas descobertas da sciencia medica homœopathica, tanto com novos remedios da Europa e dos Estados-Unidos, como com livros recentemente publicados, podendo fornecer por preços modicos a particulares e a estabelecimentos, visto receber tudo em grande escala e directamente do estrangeiro.

OPODELDOC DE GUACO

inventado e preparado por Antonio Gonçalves de Araujo Penna, approvado pela excma. Junta Central de Hygiene Publica, auctorisado pelo governo Imperial, premiado pelo Jury da 3ª Exposição Nacional de 1873 e aconselhado pelos mais considerados medicos.

O Opodeldoc de Guaco, é um poderoso e heroico remedio para applicação topica, sobretudo nas affecções rheumaticas e gottosas, nevralgias, queimaduras, tumores e contusões dolorosas em geral. Encontra-se em toda a parte nas principaes boticas.

Depositos nesta previncia:—S. Paulo—sr. dr. Antonio J. M. de Mendonça, largo do Carmo n. 56.—Brotas—sr. José Ribeiro de Barros.—Parahybuna—sr. Joaquim Silverio de Sant'Anna—recebe encommendas.—Santos—sr. Benedicto Narciso do Amparo—idem.

Recommendo a todas as pessoas do interior, que dirijam seus pedidos em carta fechada a

Antonio Gonçalves d'Araujo Penna

47—RUA DA QUITANDA—47

EDADE DAS SENHORAS

Exercia o cargo de juiz do civel nesta cidade o dr. Villares. Tratando-se de uma causa que se achava no termo probatorio, procedia-se á inquirição de testemunhas por parte do auctor. Entre outras apresentou-se uma senhora que, com certeza, contava os seus 50 janeiros (ou talvez *Fevereiros*, não me comprometto a resolver esse problema).

Dirigindo-se a ella o advogado do auctor, dr. José Alves dos Santos, que Deus haja, disse-lhe com a cortezia devida a uma senhora e com a amabilidade propria de um habil advogado que deseja captar a benevolencia de uma testemunha destinada a auxiliar a pretenção de seu cliente.

—Faz-me o obsequio de dizer o seu nome?

—Pois não; respondeu ella, chamo-me Fulana.

—Perdão, minha senhora, é mister que diga o seu nome todo.

—Oh! sim!... Fulana de tal.

—A senhora terá a bondade de dizer se é solteira, casada ou viuva?

—Solteira, respondeu ella.

—Natural de...?

—Desta cidade.

—Agora fará o favor de dizer-nos a sua edade?

—A minha edade?.... e que tem o sr. dr. com a minha edade?

—Eu nada tenho absolutamente com a edade de v. ex.ª, mas a lei exige...

—A lei exige então que eu declare a minha edade?

—Sim, minha senhora, a lei o exige.

—Pois eu declaro ao sr. dr. que essa lei exige uma coisa impossivel.

—Mas porque impossivel, minha senhora?

—Porque eu não sei que edade tenho, ignoro-o completamente.

—Porém a lei não exige exactidão a esse respeito, basta que diga aproximadamente a edade que tem.

—Nem isso posso fazer, absolutamente ignoro a minha edade.

Tomando então a palavra o dr. Villares disse com toda a gravidade, propria de um magistrado :

—Já se fez vêr á senhora que não é necessaria uma inteira exactidão nessa declaração, basta que diga a edade que, pouco mais ou menos, suppõe ter ; isso é necessario e cumpre que o faça.

—Mas então a lei exige que eu minta ? mas então a lei quer que eu diga aquillo que não sei ?

—A senhora, continuou o dr. Villares, deve respeitar o tribunal e...

—Perdão, acudiu de prompto o dr. Alves dos Santos, que não queria irritar a testemunha do seu cliente, eu corto a questão.

E dirigindo-se ao tabellião que ancioso esperava pela decifração do enygma disse-lhe :

—Escreva, sr. Vieira,—edade que disse ter—quarenta annos pouco mais ou menos.

Note-se que o dr. Alves dos Santos, dando essa edade á testemunha, roubava-lhe dez annos pelo menos, e assim presumia que ella lhe ficaria muito grata. Qual não foi, pois, o seu pasmo vendo que, ao proferir as fataes palavras,—quarenta annos—a testemunha, livida de cólera, tremula, convulsa de indignação, bradára com voz entrecortada :

—Quarenta annos !... quem o auctorisou a dar-me essa edade ?... Quarenta annos !... foi por acaso v. s. examinar o livro em que está lançado o meu baptisterio ?... quarenta annos !... ah !. . muito obrigada, sr. doutor, fico-lhe muito obrigada, acredite que fico-lhe muito obrigada... e voltando-se ao tabellião disse rapidamente :

—Escreva, sr. Vieira, 24 annos, ouviu ? 24 annos.

—Vinte e quatro annos, repetiu o tabellião acabando de escrever.

S. Paulo.

João Carlos da Silva Telles.

(2) CHARADA DECAPITADA

—é peixe d'agua doce ; e quando vê que o seu inimigo—, foge delle.—é ave grande e a sua carne é—.

A. B. C. (Santos).

CRUÇÁ, HOJE CIDADE DO TIETÊ

A perda do diccionario da lingua brazilica do thaumaturgo e apostolo do novo mundo, o padre José de Anchieta, será sempre irreparavel, e uma verdadeira calamidade para as lettras patrias. Cultivando-a em mui breve tempo, depois que abordou ás plagas americanas, exercendo-a com aquella erudição, perante a qual a posteridade se descobre reverente, parece-nos sem duvida que seria sempre a unica auctoridade a consultarmos sobre as etymologias brazilicas.

Mas esse diccionario desappareceu, e as lettras prantearão sempre a sua falta.

Assim, se consultamos a collecção de etymologias de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, só encontramos a palavra *Piracruca*. Piracruçá—cruz de peixe.

O sr. Ignacio Jo é Malta refuta no seu vocabulario do modo seguinte: Piracruca não vem de Piracruçá, nem significa cruz do peixe, pois, se d'ahi viesse, significaria peixe da cruz; porém vem de pira, peixe e de curuca, ou de cururuca, rosnar, etc , e significa peixe roncador.

Quem terá razão? vejamos. Este logar em que está edificada a cidade foi no seu tempo primitivo denominado Pirapora de cruçá. Indagando dos maiores do logar qual a tradição que existia a respeito desta palavra, responderam que era por causa de uma cruz que existe em um paredão á vista da cidade, á margem esquerda do rio, na chacara, hoje, do sr. Lara.

De facto ha cinco ou seis annos examinamos o referido logar, e encontramos realmente os vestigios de uma cruz horisontal, de metro e meio de comprimento para mais, burilada em relevo sobre a face do paredão que nos parece de grés.

Esta tradição e sua verificação que realisamos como fica dito, vem em apoio da opinião de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão.

Que mão desconhecida burilára n'aquelle paredão o emblema de nossa redempção? Quem, no meio d'essas florestas seculares, perante Deus e a natureza, alli traçára o symbolo da dôr, do trabalho, do martyrio e da liberdade? Que episodios mysteriosos designará aquelle signal? E'um interrogar em vão, porque esse passado é mudo como um tumulo.

Podendo ser uma civilisação que começava, póde ser tambem uma tentativa fecunda que se aniquilava porque um dia mão de

bronze fatal e aniquiladora pesou sobre os civilisadores dos pobres e infelizes indigenas, que dispersos fugiram para o coração das mattas virgens.

Das aldêas de Pyratininga, quantos privados de seus bemfeitores, dos consolados e tristes, perseguidos e tyrannisados pelos selvagens do velho mundo, depois de um facto solemne de vingança não se deslisariam em suas ligeiras pirógas por este caudaloso Tietê, para nunca mais verem a luz da civilisação!

Quem sabe se um d'esses filhos queridos de Nobrega e Anchieta, já instruido nos primeiros rudimentos do christianismo, alli traçára essa cruz? Oh! E o que se passára no espirito d'aquelle pobre indio a ninguem é dado perscrutar.

Talvez um doloroso poema de dôr.

PADRE JOSÉ JOAQUIM D'ALMEIDA.

HEROISMO PATRIOTICO

Em 1817 levantando-se em Pernambuco o grito em prol da republica e, apezar de haver recusado o cargo de conselheiro do governo provisorio estabelecido pela revolução, foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva preso.

Este, esperando o momento de subir ao cadafalso, não succumbiu e, antes resignado e prompto a morrer pela patria, escreveu em momentos de agonia o seguinte soneto:

Sagrada emanação da divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos nem com revezes mudo,
Fui teu votario e sou, ó liberdade.

Pode a vida feroz brutalidade
Arrancar-me em tormento o mais agudo;
Porém zomba do despota sanhudo
De minh'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror n'um peito féro,
Que aos fracos tão sómente a morte é dura.

Este notavel cidadão nasceu em Santos no dia 1º de Novembro de 1773 e falleceu a 5 de Dezembro de 1845.

OS ALBUNS DA PRIMAVERA

(N'UM ALBUM)

I

A Primavera tem albuns
de fascinante esplendor,
e é Deus quem os preenche,
—o poeta immenso do amor.

Da mão suprema ao contacto,
torna-se o céu mais profundo ;
as avezinhas gorgeiam,
anima-se aquelle mundo.

As brizas soltam as azas,
e as azas batem fagueiras,
e em mil flores se desatam
as cheirosas larangeiras.

Pelas florestas vetustas
a cachoeira resôa ;
as aguas compõem poemas
co'as espumas da lagôa.

O vento embala cantando
as ramas dos arvoredos,
e dentro do ninho as aves
murmuram ternos segredos.

Depois n'um sendal de estrellas,
a noite scisma nos ares,
em cada gotta de orvalho
resplandecem mil luares.

Além no pendor da serra
vagueia a corça medrosa,
nos rendilhados das brenhas
suspira a aragem saudosa.

Os albuns da Primavera,
ai, são de incrivel primor!
—são lindos, olentes sonhos
do poeta immenso do amor!

II

Cantando, as languidas brizas
já andam pelos rosaes,
e as flôres lhes dão perfumes
e os passarinhos seus ais.

Como este mundo está lindo!
foi-se a tréva, a luz impera!
—Silencio, que vão-se abrindo
—os albuns da Primavera!

III

O exemplo serviu, parece,
pois, albuns tambem nós temos;
e manda a moda que nelles
passe-se além dos extremos!

Portanto, se Deus eu fôra
neste album dizer podéra...
Não digo, e que volte o livro
para as mãos da *Primavera*.

Jacarehy—1875. H. de Camargo.

CHARADA III

Dizem ser uma medida
Lá na ilha de Ceylão—2
Dizem que o mundo assim é—2
N'isto, pois, não ha questão.

Dizem que em geometria
Tem tambem applicação;
Que sou proloquio ou adagio
N'isto, pois, não ha questão.

Araujo Silva (Santos).

FABRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO

DE

Luiz Vicente de Souza Queiroz

EM

PIRACICABA

Tece pannos de algodão grosso, de algodãosinho, simples ou trançado e imitando diversos brins.

Incumbe-se tambem de preparar tecidos de outras qualidades, sendo grande a encommenda.

MOGY DAS CRUZES

A cidade de Mogy das Cruzes apresenta um lindo aspecto. Distante 3 kilometros do rio Tieté, está situada em uma verde planicie, cercada de uma parte pelas collinas do Itapety, e da outra pelas ramificações da serra do mar.

Existem não longe da povoação duas curiosidades naturaes que têm attrahido a attenção de muitas pessoas :—a gruta do Itapety e a cascata do rio Tieté.

Observa-se tambem a 1 kilom. de distancia desse rio um facto curioso, digno, sem duvida, de figurar em algum tratado de geographia da provincia.

Referimo-nos ao local, que não é mais do que uma pequena elevação do terreno, onde se acham as vertentes do ribeirão Guararema que em vez de precipitar-se no Tieté, galgando aquella diminuta distancia, vae ser tributario do Parahyba depois de um percurso de mais de 3 leguas.

Quem poderia imaginar que as bacias do rio da Prata estariam separadas das do Parahyba por tão curto espaço, e sem que houvesse de permeio um morro ou monte que servisse de limite para as suas grandes aguas ?!

Os principaes affluentes do Tieté são : o rio Claro, Parahytinga, Jundiahy, Taiassupera, e os ribeirões Ypiranga e Lavapés.

O rio Parahyba banha a freguezia da Escada e divide em diversos pontos o municipio de Mogy das Cruzes do de Jacarehy e Santa Branca.

São seus tributarios : o Paraty, Salto, Guararema, Potim e o ribeirão dos Mônos.

Considerada civilmente, Mogy das Cruzes é cabeça da comarca do mesmo nome e comprehende a villa e municipio de S. José do Parahitinga, e as parochias do Arujá, Itaquaquecetuba e Nossa Senhora da Escada.

Constancio, em sua historia do Brazil, dá o anno de 1611 como a éra da fundação desta cidade. E' exacto o que affirma o historiador. No archivo da camara municipal se encontram a respeito alguns curiosos esclarecimentos que julgamos conveniente aqui transcrever para conhecimento dos leitores. A po-

voação, antes de sua elevação a villa, era conhecida pela denominacão de Mogymirim, posteriormente tomou o nome de Santa Anna das Cruzes de Mogy, e de 1749 em diante a denominação que actualmente tem.

Eis a petição que os povoadores de Mogy dirigiram ao governador geral d. Luiz de Souza:

« Gaspar Vaz morador em Mogymirim faz saber a v. s. com os mais moradores abaixo assignados, em como Gaspar Vaz, com elles ditos moradores povoaram ahi por mandado de v. s. e lá assistem e tem suas plantas e bemfeitorias, por ser terra boa, e terem muitos filhos, e cá (1) não terem terras; por este respeito se passaram para a dita povoação e por quanto elles supplicantes passam muito detrimento para poderem vir a esta (2) villa por terem muitos filhos e serem pobres e ser pelo rio acima mais de vinte leguas desta villa, e serem moradores bastantes: Pedem a v. s. respeitando o sobredito lhes faça mercê a todos em nome de S. M. lhes dar licença para que o capitão da terra lhes possa alevantar Pelourinho para que esta exposta vá em crescimento, e receberá mercê. (Assignado por Gaspar Vaz, Francisco Vaz Coelho, Braz de Lima, Manoel Fernandes, João de Almeida, Jeronymo Rodrigues, Cruz—de José de Brito Lins, e outros.) »

Depois da informação do capitão Gaspar Cunqueira, e pareceres das camaras de S. Vicente, Santos e S. Paulo, o governador mandou lavrar a seguinte provisão:

« Vista a informação dos assignados n'ella, a resposta do capitão desta capitania, e das camaras das villas d'ella e outro sim a nova informação do dito capitão, por onde se não põe duvida aos supplicantes povoarem Mogymirim, antes é augmento da capitania fazer-se alli uma povoação, assim por ser logar conveniente e apropriado para a fazenda de S. Magestade vir em grande crescimento, como por ser caminho por onde podem hir ao mar com mais brevidade levar e embarcar os quintos reaes a nova povoação que meu pae que Deus tem mandou fazer na Angra dos Reis, havendo em respeito a estas e outras justas causas e raões, e conforme o foral da terra e ordem de S. M. que sobre este particular concedee: Hei por bem e serviço seu que os assignados na dita petição povoem e morem no logar de que fazem menção; e assim os mais assistentes

---

(1) S Paulo.
(2) Idem.

d'aquelle districto, no qual se fará uma villa conforme ao dito foral do proprietario desta capitania, e ordem de S. Magestade; a qual povoação se situará no logar mais conveniente que houver e melhor fôr, e terá de districto em redondo o que pelo dito foral se achar que S. Magestade ha por bem e manda; o que se cumprirá inteiramente, e será sujeito a esta capitania, onde pagará os dizimos e mais pensões que pagam as demais villas d'ella; cabendo outros moradores que a ella queiram vir morar o não farão sem ordem minha para se saber o porque, como e quando e o mais que convém ao serviço de S. Magestade, e se devem ás justiças ou ás partes. S. Paulo 17 de Agosto de 1611. (O governador)».

A demarcação do districto teve logar em 23 de Outubro de 1665, e a posse, dada pelos officiaes da camara da villa de S. Paulo, em 16 de Novembro de 1675.

Em relação aos 264 annos que conta, póde-se affirmar que a povoação não tem tido prosperidade correspondente.

O sólo não prima pela sua fertilidade, segundo o modo usual porque geralmente se exprimem os nossos agricultores, desde que os terrenos não produzem muito café, que é incontestavelmente o producto melhor retribuido em nosso mercado.

Sómente uma área comprehendendo mais ou menos o terço da circumscripção territorial da comarca produz café, algodão e canna de assucar. Os outros terrenos produzem todos os generos de primeira necessidade, inclusivè o trigo. Dá regularmente a vinha de procedencia européa, mas a vinha americana cresce quasi que expontaneamente e produz com muita abundancia.

Foi aqui que o habil e curioso tenente Joaquim Xavier Pinheiro, de pouco tempo fallecido, fez os primeiros ensaios para extrair o vinho da uva americana, mudando-se posteriormente para S. Paulo, onde exerceu essa industria em mais larga escala.

Actualmente muitos particulares fabricam vinho que varia de côr, sabor, etc., conforme o processo empregado por cada um delles.

Essa pequena industria não tem tido um desinvolvimento uniforme, mas offerece os seus productos que são mais apreciados, do que o vinho confeitado que nos é importado pelo commercio.

Ha alguns engenhos que fabricam aguardente com muita perfeição.

Os terrenos da villa e municipio de S. José do Parahytinga produzem fumo que os habitantes vão vender em Santos. A madeira de construcção, que vae escasseando, existe com abundancia em muitas propriedades particulares e nos terrenos devolutos ligados á serra do mar.

Assim, pois, ha elementos para augmento de riqueza e prosperidade do logar.

Ha muita coisa em que a actividade do homem se póde applicar com muita vantagem.

———

Abre-se agora um novo horisonte para Mogy das Cruzes: é a primeira cidade do norte da provincia por onde passa a linha ferrea da Companhia S. Paulo e Rio de Janeiro, que partindo da capital vae entroncar na Cachoeira com a estrada de ferro de Pedro II.

Deste importante melhoramento muito póde esperar a cidade de Mogy das Cruzes, cujo engrandecimento bem póde estar ligado a esse facto.

No dia 6 de Novembro deste anno teve logar a inauguração provisoria entre a capital de S. Paulo e esta cidade.

Foi um dia de prazer para os habitantes de Mogy das Cruzes.

A *Provincia de São Paulo*, um dos importantes jornaes que se publicam na capital, descrevendo essa festa da industria, e referindo-se a essa antiga e adormecida cidade (Mogy) com rasão observa que os seus destinos e rejuvenescencia prendem-se desde já aos germens da vitalidade e progresso que lhe ha de levar, sem duvida, o prodigioso instrumento civilisador que lhe bate ás portas—a linha ferrea e a telegraphia.

———

Pelo ultimo recenseamento a cidade contém cerca de mil casas. A população é de 2,500 almas, e o total do municipio de 12,000.

Os edificios mais importantes são: a casa da camara municipal, o convento, ordem 3.ª e egreja de N. Senhora do Carmo, as egrejas Matriz, Rosario e Bom Jesus.

Na entrada da cidade para o lado em que segue a estrada para Jacarehy, está situada, em uma bella collina, a egreja de N. Senhora do Soccorro, onde annualmente se celebra uma grande festa.

O cemiterio municipal, construido ha 10 annos, a esforços

do prestante cidadão coronel Francisco de Paula Lopes, já fallecido, não póde ser melhor. Está dotado com uma capellinha elegante e situado em local conveniente ; comprehende uma área espaçosa artisticamente arruada, com um terreno separado para o enterramento dos acatholicos.

Seria conveniente que a camara municipal tratasse da arborisação do cemiterio.

Quanto a obras de arte conta esta cidade 2 chafarizes—um no largo da Matriz, e outro á rua do Patrocinio.

MACHINAS

Existem muitas de descaroçar e enfardar algodão, no municipio. A vapor, uma do sr. Henrique Bannguert, tambem de beneficiar algodão.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Conta Mogy das Cruzes, dentro da cidade, 6 escólas publicas de primeiras lettras, 3 do sexo masculino e 3 do feminino. No municipio, comprehendendo as 3 freguezias e diversos bairros, 10 escólas, sendo 2 do sexo feminino e 8 do masculino. Total 16 escólas.

Mogy das Cruzes.

MANOEL DE ALMEIDA MELLO FREIRE.

UM BOM ENTENDEDOR

Desejando um individuo o cargo de capitão-mór de Cabo-Frio, dirigiu-se a um dos filhos do vice-rei conde de Rezende, e prometteu-lhe uma boa quantia se lhe alcançasse o despacho.

Soube o vice-rei do negocio, e mandando vir á sua presença o pretendente, disse-lhe :

—Deseja ser capitão-mór de Cabo-Frio ?

—Sim, senhor.

—Mas sabe benzer-se ?

—Sei ; e o homem benzeu-se repetindo Padre, Filho, Espirito Santo.

—Não é assim, retorquiu-lhe o vice-rei ; ora veja e ouça ; é assim : Se deres ao pae o que prometteste ao filho, serás capitão-mór de Cabo-Frio.

O candidato comprehendeu o novo modo de benzer-se pelo que foi despachado para o logar que desejava.

A PRIMEIRA COMMUNHÃO

A B...

Já nas aguas do baptismo
Tua alma fôra expurgada
Do fatal primévo error,
E, graças ao teu ardor,
Eil-a já divinisada.

Que presentias, menina,
Apenas no humbral da vida?
Ao ensaiar ainda o passo
Caías já de cançaço,
Ou temias ir perdida?

Mas inda involta nas azas
Da infancia que a um anjo imita,
Vieste pedir confortos
Ao sacramento dos mortos,
Que ao peccador resuscita?

O homem, sim, que é soberbo,
A mulher, sim, que é vaidosa,
Vão esses na penitencia
Do Redemptor a clemencia
Impetrar, sempre auspiciosa.

Mas tu... Mas não!—foste exemplo,
E grande e horrivel licção
A' funesta indifferença
Que abysmou a santa crença
Nos delirios da ambição...

Menina! começas bem:
A eucharistia o que é?
—Teu doce enternecimento
Sente o céu n'este momento,
—Que é Deus, já disse-te a fé.

Avante, pois, nada temas,
Que o baptismo é graça, é luz,
Mas a eucharistia é a coragem
Na mysteriosa romagem
Da vida sempre uma cruz !

Qual sóe a planta rasteira
Fazer-se arvore com a edade,
Tal em breve te has de erguer
Formosa e bella mulher,
Mais bella pela piedade.

Então, se na pira ardente
De esposa abrazar-te a sorte,
Prazeres ser-te-hão as dôres,
E, não de espinhos, de flôres
Será a c'rôa da mulher forte.

Oh ! guarda esta data santa,
Grava-a na tenra memoria !
—Que estes meus vaticinios
Interpretam os designios
Do céu nesta hora de gloria !...

S. Paulo.

Dr. Paulo A. do Valle.

LOGOGRIPHO I

Attenda bem, reflicta—2ª e 1ª
Que a vê no tribunal—1ª
Mas lastima não tenha—3ª
Porque fez muito mal—1ª

Meu todo bem se póde
Sem lettras escrever ;
Porque hoje emfim sou livre
Jámais servo hei de ser.

Bertha de Souza (S. Paulo).

BIERREMBACH & IRMÃO

CAMPINAS

OFFICINA MOVIDA A VAPOR

LARGO DE SANTA CRUZ N. 40

Fabricantes e importadores de machinas para a agricultura e industria

OFFICINA DE CALDEIREIRO DE FERRO PARA O FABRICO E CONCERTO DE MACHINAS A VAPOR

Fundição de ferro e bronze

Têm sempre grande sortimento de peças soltas e fundem toda e qualquer peça que lhe fôr encommendada.

Especialistas no fabrico de machinas de beneficiar café, burnidores, arados e cultivadores; debulhador de milho, matadores de formigas, moinhos, engenho de moer canna, ditos de serrar, prensas para mandioca, algodão, etc., etc., no que temos adoptado grandes melhoramentos, tornando as machinas de nossa fabricação superiores ás de outras procedencias.

Fabricam carros ou carroças para transportes de productos agricolas, e tambem trolls de duas ou quatro rodas, de especial flexibilidade e solidez.

Mandam vir da Europa ou Estados-Unidos qualquer machina por encommenda.

Os fabricantes têm montado a sua officina em condições de fornecerem as maiores peças de ferro forjado ou fundido, que a nossa lavoura ou industria até aqui tem reclamado.

CAMPINAS

BIERREMBACH & IRMÃO

CAMPINAS

FABRICA A VAPOR

RUA DA PONTE DE SANTA CRUZ, 18

Fabricantes e importadores de chapéus de todas as qualidades.

Vendem por atacado e sob condições mais vantajosas que outros fabricantes.

A fabrica fornece diariamente 300 chapéus, e tem seu machinismo montado em condições de fornecer 500 diariamente.

S. PAULO

FABRICA DE CHAPÉUS DE LUXO

RUA DE S. BENTO, 55

Especialistas na fabricação de chapéus guarnecidos para senhoras e de seda patente para homem.

Nesta casa encontra-se o mais completo sortimento de chapéus, que vende-se por atacado e a varejo sob condições mais vantajosas que as de outras procedencias.

Fabricam chapéus por medida e em formato ao gosto do comprador.

Deposito em Campinas para a venda de chapéus a varejo Rua Direita, 21

FRANCISCO ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

ARCHITECTO DA MATRIZ DE PINDAMONHANGABA

Cada rua de nossa cidade, como cada pedra de nossos edificios, guarda o nome sempre venerando de Pereira de Carvalho.

Sagremos um culto de gratidão á sua memoria, rememorando os factos mais notaveis dessa existencia modesta e tranquilla, toda votada á causa da religião e ao serviço de seus compatriotas.

Francisco Antonio Pereira de Carvalho nasceu em S. João da Pesqueira, em Portugal, no anno de 1820.

Seu pae, Antonio José de Carvalho, lavrador pobre e honrado, imprimiu cedo no espirito de seu filho a idéa de uma vida feliz, pela pratica da virtude e da mais austéra probidade.

Um sacerdote, que tivera occasião de conhecer o precoce desinvolvimento intellectual do adolescente Francisco Antonio, proporcionou-lhe a vantagem de uma educação regular em um convento, no qual foi este recebido, como alumno, revelando logo o mais lisongeiro aproveitamento.

Desassistido de meios, resolveu remir-se da necessidade pela lei do trabalho.

Em 1836, emigrou o pobre mancebo para o Brazil na barca *Lusitania*, e desembarcou no Rio de Janeiro a 2 de Agosto do mesmo anno.

Tomou logo destino, abraçando a profissão de caixeiro, e, como tal, serviu em casa do commerciante José Ribeiro, em Caldas, provincia de Minas, de 1837 a 1839.

Neste anno transferiu sua residencia para a villa de Pindamonhangaba, onde lhe sorria a perspectiva de melhor futuro.

Ahi estabelecido, casou-se em primeiras nupcias com d. Maria Rita d'Oliveira Carvalho, de cujo consorcio houve tres filhos.

Casou-se em segundas nupcias com d. Firmina Pereira de Carvalho, passando ainda pela dôr da perca desta segunda esposa.

Falleceu em Pindamonhangaba, de *meningite aguda*, no dia 16 de Outubro de 1864.

No cemiterio municipal, por elle traçado e assentado, fóra da cidade, descançam os seus restos mortaes, os primeiros que alli se depositaram.

Pereira de Carvalho era dotado de um caracter grave e ameno, realçado pelos mais bellos dotes do coração. Era esposo exemplar, e, como pae, amava extremosamente seus filhos, cuja educação constituia a ultima fagueira esperança de seus dias.

Deus lhe gravára n'alma o sentimento do bello, com uma energia e vigor, de que dão testemunho suas concepções artisticas.

Levado por esse pendôr do seu espirito, entregou-se ao estudo da architectura, em todos os seus ramos, formou uma esplendida livraria dos primeiros monumentos da arte antiga e moderna; e, na contemplação dessas grandiosas criações, educou o seu gosto.

Ao viajante, que chega a Pindamonhangaba, surprehende logo a nobreza de alguns de seus edificios publicos e particulares.

Nessas linhas suaves e puras da monumental fachada de sua matriz, sente-se a mão do artista, mas artista educado no estudo dos melhores modelos da arte.

Revelou aptidões tão variadas e completas, que causavam admiração, executando com a mesma perfeição os mais bellos trabalhos de esculptura, de ornamentação, de construcção de todo o genero, de mechanica, etc.

Fabricou por suas mãos o primeiro engenho de soccar café, que houve no municipio de Pindamonhangaba, e d'ahi generalisou-se o seu uso.

Traçou e fez executar, sob sua direcção, a monumental fachada e reconstrucção da matriz desta cidade. Neste templo adoptou, como typo predominante, a ordem dórica, tanto interior, como exteriormente, guardando todas as proporções e preceitos da arte, que inteiramente conhecia.

Moldou elle proprio e *fez queimar* as grandiosas figuras esculpturaes dos quatro evangelistas, que deviam ser collocadas no frontão desse magestoso edificio.

A capella do novo cemiterio municipal, o theatro, o novo edificio da cadêa e casa da camara, e um formoso palacete de propriedade particular foram por elle traçados e construidos sob sua direcção.

Neste ultimo edificio decorou o salão nobre de visitas com ornamentação completa da ordem corinthia, formando elle proprio os modelos, que permittem hoje a um simples ope-

rario executar os mais custosos trabalhos dessa ordem, a mais nobre e mais esplendida que conhece a architectura.

Legou a sua bibliotheca, de custo de alguns contos de réis, a seu filho, e deixou recommendado que o fizessem seguir, de preferencia, o curso de bellas artes.

Sonho sublime do artista, aspirando prolongar, além do tumulo, na pessoa de seu estremecido filho, sua existencia, na contemplação perenne do bello, que constituira todo o culto de sua vida!

Pindamonhangaba.

F. I. M. Homem de Mello.

UMA PORTARIA COMME IL FAUT

O visconde de Congonhas do Campo era tão sincero patriota e tão fiel aos principios constitucionaes que, quando se tratava de executal-os, nem sempre attendia ás pequenas conveniencias politicas.

Uma prova disso é a interessante peça que segue, que em cada uma de suas rudes franquezas revela o caracter austéro e leal de quem a escreveu.

E' a resposta a um officio, como se deprehende de sua leitura:

« Se o sr. Manoel José Alves, capitão-mór da villa Antonina quizesse ter o trabalho de reflectir sobre o titulo 8.°, e respectivos artigos da Constituição politica do Imperio, em que se garante a inviolabilidade dos direitos civis e politicos dos cidadãos brazileiros, que tem por base a liberdade e segurança individual e em que se aboliram os açoutes, a tortura e as mais penas civis, não tomaria outro desnecessario em fazer uma proposição obscura, como a de se permittir que se mande dar algumas duzias de palmatoadas, na porta da cadêa, em diversas mulheres que diz serem meretrizes, ou degradal-as para fóra de seus domicilios sem sentença que a isso as condemne; o que tudo bem denota que no commando da mesma villa se regula pela sua vontade arbitraria e não pela nossa Constituição, como lei fundamental do Imperio; devendo afinal ficar na intelligencia de que, se taes pessoas perturbam o socego publico, compete ao juiz criminal proceder contra ellas na fórma da lei.

« Palacio do governo de S. Paulo, 31 de Março de 1827— *Visconde de Congonhas do Campo* ».

CONTO A ESMO

A AUGUSTO ALVES MOREIRA

Tive um sonho exotico.

Fil-o:

Eu dormia sobre um leito de rosas. Era no meio da rua!

O bello céu azul, esmaltado de rutilantes estrellas, formava a cupula do meu cortinado. A escabrosidade do terreno, sobre que eu repousava, contrastava com o mais macio dos coxins do Gran-Pachá.

O meu travesseiro era um pequeno monte de pedras insossas.

E eu dormia tranquillo como um justo!

Levava já um bom trecho de dormida, quando, á passagem de alguns transeuntes, despertei...

Em um palacete visinho dançavam. Era um pomposo baile que alli se dava.

Os mais custosos tecidos do imperio da meia-lua lá appareceram enfeitando os corpinhos das filhas dos grandes da terra! Quanto ouro... quantas pedras preciosas brilhavam n'aquelle salão radiante de luz!

E eu, o pobre filho do proletario, sem patria, sem nome, sem amor e sem familia; eu repousava tranquillo em frente d'aquelle fóco de humanas vaidades!

Nem um só momento desejei galgar aquella escadaria!

Eu não scismava...

Meu amor era o vacuo, e minhas esperanças o tumulo!

Subito despertei!

E vi junto a mim um anjo do céu!!

Era uma donzella, linda como a mais linda flôr do Eden!

E eu a amei!! Amei com loucura!

Caridosa menina! Julgou-me presa de algum ataque—chegou-se; mas, vendo-me desperto, córou e—fugiu sorrindo...

* * *

Escrevi-lhe a carvão estes versos no muro fronteiro:

Bonina meiga, desbrochada angelica,
Entre as boninas do jardim da terra;
Nitida estrella que em meu céu fulguras,
Ente adorado que meu peito encerra;

Dá-me um sorriso de teus labios róseos
—Iman querida que me arrasta a si—
Córas de pejo? Porque córas, bella?
Tens neste peito um tabernac'lo aqui.

A's tuas plantas deposito perolas
—Castos suspiros de minh'alma pura—
Amo-te, bella, sobre tudo e todas,
Num teu sorriso vem-me dar ventura.

Desses teus labios de carmim purpureos
Ingenuo verbo quero ouvir, oh sim!
Dize: *Eu te amo!* viverei contente,
Ainda mesmo padecendo assim.

* * *

Procurei-a, porém debalde!
E eu scismava... scismava... scismava...

* * *

Encontrei-a finalmente!
Foi no calor de uma festa.
Os convivas, embriagados pelos jogos e pela dança, não repararam em mim, e eu me cheguei a ella.
Curvei-me a seus pés e pedi-lhe:
—A esperança ou o desengano?!
—Além! me disse ella, apontando a immensidade.
—E aquelle sorriso?! suppliquei-lhe com voz angustiada.
—Foi compaixão e nada mais!

* * *

Despertei: já eram quasi nove horas da manhã!
Persignei-me e fui trabalhar.
E o que é mais engraçado, é que os taes versos (sob fórma de acrostico) amanheceram debuxados em uma das paredes do meu quarto!!!

Olympio Catão.

GUIA DOS POÇOS DE CALDAS

A 17 leguas além de Mogy-mirim ficam as maravilhosas aguas de Caldas.

São aguas santas.

Minas não é rica sómente de grandes homens, altas montanhas, bella terra, ricas minas de ouro e diamantes.

Tem tambem minas de saude, fontes de mocidade, em que se vae rejuvenescer, em que se sente voltar a saude e robustez. Além de outras, e talvez mais que todas as outras, as aguas de Caldas têm virtudes especiaes. Para rheumatismo, molestias de pelle, irritações chronicas de figado e utero, não têm ellas eguaes.

Duas vezes recorri a ellas ha 5 annos; recommendo-as, e do grande numero de doentes que lá foram por meu conselho, nem um deixou de aproveitar.

Alguns não sararam de todo, mas quando recordam o que soffriam e se comparam com o estado em que se achavam, dão graças ás aguas que lhe trouxeram tanta melhora. Todos os dias, depois de prolongados suores, que parece deixam-nos enfraquecer, se conhece ganhar nova força, saude e alegria.

O sr. dr. Bretas, antigo e illustrado pratico de Caldas, me disse serem boas as aguas para rheumatismos, dispepsias, nevralgias faciaes, asthma, engorgitamento de figado e dartros, quando avivados por tratamento apropriado.

Para todo o incommodo que tem sua causa na syphilis, é proveitosa a agua, desde os dartros até a prostração e desanimo, sem manifestação exterior de syphilis, que tenha, porém, sua conhecida causa na syphilis.

As aguas são thermaes e sulfurosas. Dizem conter carbonato de soda, potassa, cal e enxofre.

Este ultimo em porção muito pequena em relação aos outros compostos.

Me objectam alguns medicos que, não contendo as aguas os medicamentos indicados para syphilis, não podem cural-a.

Contra factos, e que se dão aos centos, não se póde argumentar. Demais as aguas fazem muito suar, salivar, operar e ourinar, limpam o corpo. Que mais e melhor podem fazer os anti-syphiliticos?

As aguas dizem conter enxofre e medicamentos que algum

bem fazem na syphilis, e é sabido que quantidades pequeninas de remedios, nas aguas thermaes, produzem effeitos grandiosissimos. O alto gráu de calor, o modo de combinação dos medicamentos, os gazes que podem conter e que, como o acido sulfidrico, é possivel que ao contacto do ar se decomponham, bastam para explicar os surprehendentes effeitos das aguas em molestias para as quaes não se as julgava tão apropriadas.

Não ha duvida que melhor é o effeito, se conjunctamente com o uso das aguas, se usar dos medicamentos anti-syphiliticos, em quanto durar o incommodo em que a syphilis tiver parte.

Vimos que as aguas alcançaram o curativo de muitos casos desenganados pelos medicos do Rio e da provincia, depois de annos de tratamento.

Aproveitam em grande parte aos incommodos chronicos em que convem robustecer o corpo, dar força ao estomago debilitado e vida a todo o organismo.

Nas irritações chronicas do estomago, figado, baço, intestinos, bexiga, uretra e utero, fazem beneficio. Vi tambem curar febres intermittente chronicas, escrofulas e mal de engasgo.

Esta terrivel molestia datava de muito annos, e não tinha cedido aos medicos da Bahia e do Rio por 6 annos de curativo, e com alguns mezes das aguas sarou perfeitamente.

As aguas não aproveitam, antes fazem mal, quando ha lesões organicas do coração; nas paralysias antigas; na pthysica e morphea.

Na morphea o máu effeito é rapido; o doente peiora e morre logo, alliviando-se de tão horivel molestia.

Nas paralysias novas, nos incommodos de nervos em que não ha estrago profundo, em que começam os nervos a soffrer e ficar mais sensiveis e abalados, vi fazer muito bem.

Não vi caso algum de diabetis nas aguas. Creio, porém, que deviam aproveitar com seu uso interno e externo, em primeiro logar, porque nesta molestia ha um estado geral mau, uma constituição fraca deteriorada; em segundo logar, porque as aguas contêm alcalis que os medicos receitam nas diabetis.

Tambem nos calculos biliares, renaes e da bexiga devem ser proveitosas, visto conterem medicamentos aconselhados nestas molestias, bem como nas chamadas enchaquecas, que são de ordinario irritações chronicas do figado e estomago.

Ultimamente voltou a ser apreciada a idéa de Hoffmann, de usar dos alcalis nas concreções biliares: não que sejam estas sempre dissolvidas, mas simplesmente arrastadas no meio da bilis, cuja secreção augmentam.

A cholesterina e cholepyrrina, que formam os elementos principaes dos calculos, podem dissolver-se em bilis fortemente alcalina, e o mesmo succede ao muco e cobatos calcareos.

A bilis, se é pouco espessa, se é aquosa, póde dissolver os calculos; e trazer mecanicamente a sua desagregação e expulsão.

As aguas são muito claras e limpas. A olhar-se, são como as mais transparentes e puras. O gosto tem longes de decoada. O cheiro é o de ovos chocos. Toma-se um banho por dia, e bebe-se de 8 a 10 onças de agua.

Deve-se ir primeiro aos banhos mais fracos, dos Macacos, de José Luiz e d. Chiquinha, para passar depois ao Pedro Botelho. Duas fontes nos Macacos têm 43 gráus centigrados.

O Pedro Botelho tem 46 gráus, e duas perto delle têm 45 gráus.

Deve-se sómente beber das aguas dos Macacos, que são reputadas mais brandas. Fazendo soltar o ventre, diminue-se, ou pára-se o uso interno das aguas: prendendo-o, toma-se algum laxante, como pós de Rogé.

Deve-se tomar um banho por dia, usando-se lavar primeiro a cara e braços e enxugar, para, quando apontar o suor na testa, ver-se-o bem.

E' desagradavel a sensação de entrar na agua. Parece que as visceras vão sendo empurradas para a parte superior; sente-se afflicção; quer-se saltar fóra da banheira.

Logo socega, porém, e, 5 a 10 minutos depois de estar-se dentro da agua, começa o suor que corre pela testa e rosto.

Sáe-se, então, do banho, entra-se na cama, que tem ao lado, e deve-se estar com dois cobertores novos, um para deitar sobre ella, outro para cobrir-nos. Deve ficar descoberto sómente o rosto: qualquer parte que fique fóra fica encarangada.

Deve-se levar suando em baixo do cobertor ou cobertores (porque alguns usam de dois) por 20 a 30 minutos: percebe-se o suor correr pelo corpo todo, em bagas grossas, como bichas que despencam.

Depois, deve-se enxugar o corpo, em baixo dos cobertores, e ir vestindo a roupa, com vagar e cautella, para não constipar.

Depois de bem vestido e coberto com o capote ou cobertor, deixa-se ficar o corpo refrescando um tanto, antes de sair do quarto de banho. O banho, com o suador e descanço, deve durar uma hora, ou pouco menos por pessoa.

Alguns mandam vir a agua a casa, e tomam o banho no seu quarto, com todo o vagar, demorando-se nelle.

A agua perde então muito da sua quentura; mas ganha-se

em demorar mais, e ter melhor agasalho no saír da banheira para sua propria cama.

Se o incommodo que faz procurar as aguas é o rheumatismo, o doente fica peior, e mais rheumatico depois dos primeiros banhos. Se é syphilis, apparecem feridinhas e leicenços pelo corpo. Os incommodos todos peioram e se aggravam nos primeiros banhos para melhorarem depois.

Deve-se teimar, que, depois de uns dez banhos, se tem de vir effeito favoravel, apparece: se não, deve-se consultar o medico.

Deve-se, durante seu uso, fugir das bebidas alcoolicas, comidas quentes, adubadas, chuvas, ventos e excesso de todo o genero. De ventos, chuvas, constipações, deve-se fugir, mesmo um mez depois de saír dos poços.

Já ha alli todas as commodidades. Excellentes e baratos hoteis, grande reunião de povo, bella sociedade de gente de todas as provincias.

Na Europa é costume reunirem-se nas aguas as pessoas mais importantes em todo o sentido. Vão alli procurar allivio aos incommodos, e vae divertir-se mesmo a excellente e delicada sociedade de todos os paizes.

Quando se reflectir que entre nós, com pouco mais de 100$ réis, se fica bom dos incommodos para que são aconselhadas as aguas, que, sem enjôo de detestaveis drogas, se fica são ao mesmo tempo que se goza excellente clima e mais vantagens, ainda maior será o numero dos que procurem as milagrosas aguas de Caldas.

Ainda mais agora que a estrada de ferro poupa metade da enfadonha tarefa de andar a cavallo ou de troly.

Ytú. Dr. J. de P. Souza.

AO PÉ DA LETTRA

Achando-se José Bonifacio de Andrada e Silva doente, recebeu a visita de um amigo que, ao vêr a modesta simplicidade do aposento e os remendos que continham os lençóes, mostrou-se vivamente impressionado.

José Bonifacio notando a mudança physica do visitante, apressou-se a dizer-lhe:

—Não repare, o que afeia isto é a irregularidade do desenho.

SONETO

(A GLORIA)

Dá-me um pouco de luz, exclama a vaga;
Dá-me um pouco d'espuma, o sol murmura:
—Póde orvalhar-te um beijo a face pura,
—Póde queimar-te o seio a luz que afaga.

Não me deixes, oh mar, brandinha e maga
Soluça a espuma de nevada alvura;
Guarda-me, oh sol, a eterna formosura,
Escreve a luz, a resvalar na fraga!

E o niveo fróco ao longe phosphorece,
E nas ondas o sol vae dormitar...
Oceano de luz quem te conhece?!

Ha Deus no espaço, ha vibrações no ar...
Gloria, assim és—na morte a vida cresce,
A corôa é o sol, o pedestal é o mar!

S. Paulo. J. B.

CHARADA IV

De lavor basta-lhe um pouco
Para sagrado vaso ser—2
Em tua casa ou no paço
Com cuidado a pódes vêr—2

Agora attende: em tua casa,
Mesmo no paço, a não verás.
Em Roma outr'ora costumava
Flauta tocar. Adivinharás?

Bertha de Souza (S. Paulo).

UM PUNHADO DE NOTICIAS

Araray—Indio irmão do cacique *Tebyriçá*. Foi o chefe dos *guayanazes*, que confederados com os *tupys* e *carijós* assaltaram a villa de S. Paulo a 10 de Julho de 1562, sendo rechaçados pelos portuguezes auxiliados pelos indios domesticados, a cuja frente achava-se o mesmo *Tebyriçá*.

(Simão de Vasconcellos. *Chronica da companhia na provincia do Brazil*).

Baêtas—A'cêrca do feio costume em que estavam as paulistas de usarem de baêtas, em que involviam-se para saírem á rua, consta dos livros de registro da secretaria do governo o seguinte officio:

« Illm. e exm. sr.—Achei nesta cidade o inculto uso de andarem as mulheres embuçadas em dous covados de baeta preta, assim como se cortavam na loja, e com chapéus desabados na cabeça, e deste modo com as caras todas tapadas, tanto nas ruas como nas egrejas, se precipitavam muitas a entrarem até de dia em casas de homens, onde não entrariam se lhes não désse ousadia o barbaro rebuço, de que tambem me constou usavam alguns criminosos para se encobrirem ás justiças, e alguns faccinorosos para commetterem delictos, como algumas vezes tem acontecido nesta capitania; pelo que a 23 de Setembro mandei publicar o bando que vae notado com a lettra—G— o qual no mesmo dia começou-se a observar. Estimarei que esta minha determinação seja da approvação de S. Magestade. Deus guarde a v. ex. S. Paulo, 17 de Novembro de 1775.—Illm. e exm. sr. Martinho de Mello e Castro.—*Martim Lopes Lobo de Saldanha* ».

Apezar desta prohibição não se conseguiu logo a extincção do barbaro uso, porque na mesma secretaria está registrado o aviso regio de 30 de Agosto de 1810, approvando a prohibição desse uso pelo capitão general Antonio José da Franca e Horta, e mandando applicar o producto das multas impostas a favor do hospicio de lazaros. Este governador, segundo a tradicção, usou até de violencias para extinguir a velha usança, porém teve de tolerar a das mantilhas, que substituiu aquella, e que ainda perdura neste anno da graça

de 1875, em grande parte das mulheres paulistas, posto que da classe menos civilisada.

Balèas—O governador e capitão general d. Luiz Antonio de Sousa Botelho, informando ao governo da metropole sobre a pesca da balêa na capitania de S. Paulo, apresenta o seguinte quadro das que foram mortas no anno de 1766:

Na armação de S. Sebastião	59
Na da Bertioga	74
Na da barra grande de Santos. . . .	49
Total . .	182

Ao apparecimento dos barcos a vapor e á frequencia mesmo dos navios de vela attribue-se geralmente o desapparecimento deste cetaceo das costas da provincia de S. Paulo, onde ao presente só apparecem raramente.

Conventos—Foi prohibida a criação de novos no Brazil, por alvará de Filippe II, datado a 16 de Outubro de 1609 e por carta regia de 18 de Dezembro de 1683—para não embaraçar o povoamento das colonias.

Taes prohibições, todavia, não prevaleceram como o demonstram as criações posteriores.

Correios—O estabelecimento de correios na capitania de S. Paulo foi prohibido por ordem régia de 26 de Abril de 1730, dirigida ao capitão general Antonio da Silva Caldeira Pimentel. Sómente 68 annos depois (a 28 de Julho de 1798) foram criados por bando do capitão general Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça as primeiras linhas de correio publico, sendo uma entre a capital e Santos e outra entre a capital e Rio de Janeiro. A 14 de outubro de 1800 o mesmo capitão general Mello estabeleceu tambem correio publico entre a capital e as villas de Ytú, Paranaguá e S. Sebastião. Mais tarde é que foi sendo ampliado e desinvolvido este importante melhoramento.

(Secretaria do governo—Livro de registros de portarias e bandos).

Cunhambeba—Nome do corajoso indio que na sua canôa conduziu para S. Vicente o padre José de Anchieta quando voltou da aldêa de *Iperoyg*, onde fôra solicitar pazes com os *tamoyos* de *Ubatyba* e *Larangeiras*. Conta-se de sua pro-

digiosa força, entre outras, a de carregar ás costas dous *falcões* (pequenas peças) e disparal-as supportando o recuo. Era este barbaro, segundo a descripção que delle fez Thevet, alto, membrudo e de horrenda figura. Em sua ferocidade jactava-se de haver trincado as carnes de muitos christãos e indios das tribus inimigas.

(Simão de Vasconcellos—Vida do padre Anchieta).

Diogo Antonio Feijó—Este grande homem encerrou o seu testamento com as seguintes memoraveis palavras: «Tudo quanto tenho dito e escripto sobre a disciplina da egreja tem sido por zelo e affecto á mesma egreja, e *desejo que se removam os obstaculos que a experiencia mostra haverem na mesma á salvação dos fieis*». Isto prova que Feijó jámais recuou das opiniões que sempre professou contra o celibato dos padres.

Divisas—Entre a provincia de S. Paulo e a de Minas-Geraes, as naturaes e estabelecidas primitivamente, foram os rios Grande, Lourenço velho e Sapucahy. Os povos do Sul de Minas as têm reclamado; na camara dos srs. deputados foram apresentados projectos restabelecendo-as, por mais de uma vez, mas parece que o governo tem sempre recuado ante a má catadura dos 20 votos da deputação mineira.

Enterros — A 18 de Novembro de 1775, o capitão general Martim Lopes, em officio dirigido ao governo da metropole communicou:—«que havia prohibido, por bando de 14 de Outubro d'aquelle anno, o vaidoso abuso e pernicioso costume de se dar cêra, não só aos ecclesiasticos, como a todos os seculares que concorriam aos enterros, sendo certo que o estado de decadencia e pobreza da terra não comportavam este luxo, chegando muitas vezes algumas familias a venderem ou empenharem o pouco que lhes ficava para enterrarem os seus mortos».

Ha cem annos que essa prohibição foi feita, porém, o pernicioso costume ainda existe em muitos pontos do interior da provincia.

Enxofre—Foi fabricado em S. Paulo, pelo chimico João Manso Pereira, natural de Ytú, nas visinhanças de Taubaté, em 1806, e enviadas sete arrobas a Portugal pelo capitão general Antonio José de Franca e Horta, como consta do livro de registro da correspondencia com o governo, d'aquelle anno.

Feira de Pilatos—Foram assim chamadas as feiras publicas, que estabeleceu no campo da Luz o governador e capitão general Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, que o povo appellidou—Pilatos. Os negociantes da capital e das circumvisinhanças, bem como algumas familias, para alli transportavam-se em certa época do anno com as mercadorias e generos de seu commercio, que expunham em barracas. As musicas dos corpos militares tocavam durante a noite, as barracas illuminavam-se, e na do capitão general havia quasi sempre reunião ou partida, a que concorriam as principaes familias.

Geribatyba—Nome que o vulgo corrompeu para o de *Jurubatuba*, e com que eram conhecidos pelos indios o terreno e rio fronteiros á ilha de S. Vicente, á esquerda do morro chamado das Neves. O rio nasce das vertentes orientaes da serra de Paranapiacaba, correndo de norte para sudoeste e desagua no lagamar de Santos. Segundo frei Gaspar da Madre de Deus e frei Francisco dos Prazeres Maranhão, aquelle nas suas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, e este no seu *Glossario de palavras indigenas*, este nome significa—rio em cujas margens abunda a palmeira *Geryvá*.

Hans Stade—Allemão ao serviço de Hespanha durante a primeira metade do seculo XVI. Naufragou nas costas de Paranaguá em 1549 e logo depois, no mesmo anno, nas de Itanhaem, sendo acolhido pelos indios *Tupininquins* e conduzido a S. Vicente o entregaram a seu patricio Eleodoro Ewban, a cujo cargo achava-se então a primeira fabrica de assucar, que houve na capitania. Por este tempo, ou logo depois, tratando-se da defeza da Bertioga, que estava sendo continuamente assaltada pelos *Tamoyos*, foi Hans Stade nomeado commandante do fortim fronteiro, e em 1550 feito prisioneiro dos mesmos *Tamoyos*, por occasião de defender o dito fortim. Evadindo-se do captiveiro dois ou tres annos depois de ter soffrido moral e physicamente toda a sorte de torturas, entre as quaes sobresaia a de ser obrigado a assistir ao supplicio de muitos prisioneiros, que eram devorados depois de mortos. A relação historica de seu captiveiro foi por elle escripta e publicada em 1556.

Indios—Ahi vae um especimen da *verdade* e *desinteresse* com que os jesuitas brigavam com os paulistas por causa da liberdade dos indios:

« Sr. juiz ordinario—Diz o padre Manoel Pedroso, da Companhia de Jesus, reitor do collegio de Santo Ignacio nesta villa de S. Paulo, que o dito seu collegio tem uma fazenda e nella algum gentio da terra, de que tem a administração e de que se ajuda em suas lavouras, como costumam os mais visinhos desta villa, e porquanto muitos moradores com menos respeito ao *decoro que se deve aos religiosos*, *sem ordem delles* inquietam os ditos indios de *seu* serviço, contratando com elles afim de lhes descerem cargas ao mar, como se fossem dos que S. Magestade tem em suas aldêas para se servirem por seu estipendio, d'onde resulta ao dito collegio, nas levas que faz de suas drogas, grande detrimento, *alugando talvez por dinheiro* indios de fóra á falta *dos seus*, e outro sim ser isto em grande prejuizo da administração de sua fazenda porque os ditos indios muitas vezes se deixam ficar longo tempo na villa de Santos, pelo que pede a v. mercê que attendendo ao que allega lhe faça mercê, sob as penas que fôr servido impôr, mande dar remedio a esta violencia, pelo que E. R. Mercê.—O padre *Manoel Pedroso.* Despacho.—Passe mandado com pena de 30 dias de prisão. S. Paulo, 7 de Agosto de 1672.—*Velho.* »

(Cartorio da thesouraria de fazenda, maço 4° de proprios nacionaes, papeis aprehendidos aos jesuitas).

Jaraguá—Segundo Martius, *Glossaria linguæ brazilia*, este nome significa—morro que domina o campo ; mas o sabio viajante Augusto de Saint'Hilaire affirma que significa—agua que murmura...

O Jaraguá é o monte de maior altura no grupo deste nome, a que tambem chamam serra.

Do mais elevado de sua altura avistam-se as povoações e sitios que estão em um raio de 10 leguas, ou 55,5 kilometros. E' notavel porque nelle teve logar a primeira descoberta de minas de ouro em 1590 pelo paulista Affonso Sardinha e seu filho Pedro Sardinha, a qual foi emprehendida depois da malograda expedição de Cananéa, por ordem de Martim Affonso em 1532. A mina de Jaraguá foi tão abundante n'aquelle tempo de sua exploração, que chamou-se *Perú* do Brazil.

Liberdade—A 2 de Agosto de 1823 escrevia do Rio de Janeiro o distincto paulista José Innocencio Alves Alvim ao egualmente distincto Rafael Tobias de Aguiar, em S. Paulo, o seguinte :

« .... Eu, meu amigo, vivo muito descoroçoado, nada espero de bom, tenho visto e observado tudo muito de perto :

é a maior das imprudencias mostrar sentimentos nobres, e sacrificar-se o homem sem utilidade da patria; melhor é esperar em silencio que os acontecimentos sigam o seu curso; o nosso paiz ha de ser livre porque não póde deixar de o ser; mas ainda o não póde ser; não ha ainda espirito publico porque tudo está muito verde; não ha, por ora, barreiras ao egoismo e á perversidade dos que influem presentemente nos negocios publicos em todas as provincias; nós nascemos escravos, como escravos fomos educados, e se nas maiores povoações existem alguns espiritos nobres é muito limitado o seu numero em comparação ao grande de velhacos, estupidos, ignorantes de boa ou má fé, em cujo coração só falla a sordida ambição de fitas e de dinheiro; nossas provincias são outros tantos reinos separados e despovoados que se não podem ligar para resistir á oppressão do despotismo firmado na côrte e protegido pelas bayonetas e por uma esquadra, e por isso a nossa patria está nas circumstancias de só receber o que lhe quizerem conceder como graça... ».

São passados 52 annos e parece que pouco temos melhorado...se é que o temos.

Mamelucos—Nome com que eram designados na capitania de S. Vicente, e em todas as do Brazil, os filhos de paes europeus e de mães indigenas da terra. Esta raça mestiça era de ordinario mais energica e mais robusta que a dos paes: formavam os mamelucos a milicia mais propria para a conquista dos sertões, e foram elles os que atacaram e destruiram no seculo 17º as reducções jesuiticas entre o Paraguay e o Paraná, pelo que os discipulos de Loyolla os qualificaram com os nomes mais affrontosos em seus escriptos, estendendo o seu odio a todos os habitantes da capitania de S. Vicente.

Maramomis—Nome da tribu de indios que habitava a aldêa situada entre o baiarro de S. Sebastião e a *Aldêa velha*, cêrca de 10 leguas, ou 55,5 kilometros, ao norte da Bertioga, onde ouviam a doutrina prégada por José de Anchieta.

Minas de ouro da capitania de S. Vicente: foram as de *Jaguamimbaba* (serra da Mantiqueira) chamadas tambem do *Geraldo*, de *Jaraguá*, chamadas tambem de *Santa Fé*, de *Itaiassupeva*, chamadas tambem de Caguassú, de *Cahatira*, de *Juquery*, da *Ribeira de Iguape*, de *Paranapanema*, de *Apiahy*, do *Tieté*, em Parnahyba, do *Rio Pardo*, *Minas*

Geraes, *Coritiba*, *Paranaguá*, *Goyaz e Cuyabá*, todas mais ou menos abundantes do precioso metal, em pó ou em folhetas. Foram descobertas em diversas datas e só por paulistas. As primeiras tiveram regimento por carta régia de 18 de Agosto de 1618.

Minas de ferro—Além da extensa e abundante do morro de *Araçoyaba*, em cujo sopé acha-se a fabrica de *Ypanema*, está verificado por exames de pessoas competentes que existem minas de ferro no *Morro Branco*, ramificação da serra da *Cantareira*, municipio de Parnahyba, a uma e meia legua, ou 8,3 kilom. da villa, 3 1/2 ou 19,4 kilom. da estrada de ferro de Santos a Jundiahy. Pelo exame a que foi submettido reconheceu-se que o metal está na rasão de 60 a 70 0/0, porém de mais facil fusão que o de *Ypanema*. Tambem está reconhecido que o mesmo metal existe em quasi todo o territorio de Parnahyba.

Em Saboó e Voturuna, municipio de S. Roque tambem existem minas de ferro, cujos depositos são de facil exploração por estarem quasi á superficie do solo, segundo se deprehende dos trabalhos mineralogicos do sabio conselheiro Martim Francisco, o velho.

Dos exames a que procedeu o naturalista dr. Carlos Rath tambem consta que ha abundancia de ferro e chumbo na margem esquerda da *Ribeira de Iguape*, entre as paragens denominadas *Itaipava* e *Jurumirim*.

Nas immediações da villa de Santo Amaro, margens do rio *Jurubatuba* tambem já se verificou, por indicios ainda existentes, que houve no começo do seculo XVII uma pequena fabrica de ferro.

Finalmente, em toda a cordilheira maritima que atravessa a provincia de S. Paulo de oriente para occidente ha signaes demonstrativos da existencia de ferro e outros mineraes.

Mineração de ouro—O aviso régio de 22 de Julho de 1766 sabiamente recommendou ao governador da capitania de S. Paulo, que procurando por todos os meios indirectos que os paulistas abandonassem a mineração do ouro, promovesse por outro lado o cultivo da terra e o desinvolvimento do commercio, como o meio mais efficaz de acabar com a pobreza em que se achava a capitania.

Ouro preto—Os paulistas Antonio Rodrigues de Arzão, padre João de Faria Fialho, Thomaz Lopes de Camargo, Bartholomeu Bueno de Siqueira e Francisco Bueno de Si-

queira foram os primeiros que estabeleceram-se, pelos annos de 1694 e seguintes, nas margens de varios ribeiros da serra chamada de *Ouro preto* por causa da côr do ouro que d'ahi tiraram.

A affluencia de mineiros tornou logo necessaria a elevação do arraial, povoação regular e porisso o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho a elevou á cathegoria de villa com o nome de *Villa Rica*, em 8 de Julho de 1711.

A provisão régia de 20 de Fevereiro de 1820, criando o territorio de Minas Geraes em capitania separada de S. Paulo, determinou que Villa Rica fosse a capital, hoje cidade de Ouro Preto.

Pedra hume—João Manso Pereira, natural de Ytú, extraiu este mineral no districto de Coritiba em 1803 e o capitão general Antonio José de Franca e Horta remetteu delle amostras para Portugal, como consta do livro de registro de officios para o ministerio, que serviu na secretaria do governo, de 1802 a 1808.

Preços no seculo XVII, na capitania de S. Vicente:

Animaes

Cavallares a 500 réis cada um.	
Vacuns, 15 vacas com cria	24$000
5 ditas soltas e 8 novilhos de 3 annos	13$000
10 novilhos de 2 annos	8$000

Moveis

10 enxadas	1$000
1 caixa de 8 palmos com fechadura . .	2$000
1 dita de 6 ditos com dita	1$000
1 espingarda de 6 palmos.	8$000
2 ditas de 4 1/2 ditos	9$000

Cobre de forno e alambique a 320 réis a libra.
Prata em obra a 600 réis a onça.
Ouro em dita a 500 réis a oitava.

Bens de raiz

Uma casa na villa de S. Paulo, de tres lanços, coberta de telhas, com quintal e arvoredos, na rua que sáe em S. Francisco.	15$000
Uma dita dita mais velha	10$000
Um sitio com casa de tres lanços, coberta de telhas, com quintal de arvoredos, de 300 braças de testada e meia legua de sertão em *Ybirapoera* (Santo Amaro)	32$000

(Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventario de Alberto de Oliveira, feito em 1656).

Senadores por S. Paulo—Na eleição que em 1824 teve logar para a escolha dos quatro senadores, que tinha de dar a provincia de S. Paulo, foram votados em lista triplice para cada um, ou doze nomes para os quatro logares, os abaixo nomeados. Tendo, porém, alguns dos eleitos figurado na votação de outras provincias, entendeu o governo que deviam ser considerados na eleição de uma só provincia, e porisso abriu espaço para escolher alem dos doze mais votados como se vê da lista infra:

	votos	
1 Dr. Nicoláu Pereira de C. Vergueiro	263	
2 Dr. Manoel Joaquim de Ornellas	253	
3 Tenente general Francisco das Chagas Santos	215	
4 — Manoel Martins do Couto Reis	166	
5 — Candido Xavier de Almeida e Sz.ª	161	
6 — José Arouche de Toledo Rendon	154	
7 Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois visconde de Congonhas do Campo	151	escolhido
8 Sebastião Luiz Tinoco da Silva	147	
9 Conde, depois marquez de S. João de Palma	140	escolhido
10 João Carlos de Oyenhausen, depois marquez de Aracati	135	
11 Dr. Estevão Ribeiro de Rezende, depois marquez de Valença	130	
12 D. Nuno Eugenio de Locio	116	

Immediatos em votos

Bispo Capellão mór, d. José Caetano	115	escolhido
Conego, João Ferreira de Oliveira Bueno	113	
Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de S. Leopoldo	108	escolhido

Este modo de respeitar o resultado das urnas tem produzido até hoje os *melhores* resultados, pois, como se tem visto, o governo jámais renunciou o *direito* de designar os representantes da nação.

Tamoyos—Numerosa nação de indios bellicosos, que senhoreavam a costa desde Cabo-Frio até áquem de Ubatuba, e que durante o seculo XVI investiram por varias vezes, e levaram a desolação ás nascentes povoações de S. Vicente e Santos. Os *tamoyos* foram sempre alliados dos francezes, quando estes dominaram o Rio de Janeiro, e por amor delles foram vencidos e desbaratados em 1567 por Mem de Sá e seu sobrinho Estacio de Sá.

A palavra *tamoyo*, segundo o illustrado sr. Francisco Adolpho de Varnhaghen, significa avô, ascendente, antepassado.

Ururay—Tribu numerosa da nação *Guayanaz*, que habitava uma parte dos campos de *Piratininga*. Desta tribu, de que era chefe *Piqueroby*, formou-se depois a populosa aldêa de S. Miguel ao nordeste da cidade de S. Paulo. A ella foi concedida em 12 de Outubro de 1580 pelo capitão mór Jeronymo Leitão a carta de sesmaria de 6 leguas de terreno d'aquelle nome. *Ururay* era tambem o nome que davam ao cacique irmão de Tebyriçá.

(Frei Gaspar, Memorias.—Pedro Taques, genealogia.—Machado de Oliveira, quadros historicos).

Vicente da Costa Taques Góes e Aranha—Assim chamava-se o famigerado capitão mór de Ytú, de jámais esquecida recordação nas tradicções do absolutismo.

Falleceu nesta villa nos primeiros dias do mez de Setembro de 1825, em avançada edade. Referem-se ainda hoje muitos de seus actos de dureza, que alguns consideram como anedoctas. Em 1821, quando as idéas liberaes começavam a tomar desinvolvimento, e que os homens patriotas de S. Paulo preparavam a opinião publica para a emancipação do Brazil, o capitão mór de Ytú denunciou o padre Diogo Antonio Feijó ao capitão general João Carlos de Oeynhausen, como *homem perigoso, com idéas criminosas de liberdade*, aconselhando que *era conveniente deportal-o para longe de Ytú, para distancia não menor de 30 leguas.*

(Secretaria do governo Livro de registro da correspondencia com a capitania em 1821).

S. Paulo.

M. E. d'Azevedo Marques.

GLORIA IN EXCELCIS!

(AO LUAR)

Como é bella, meu Deus, a magestade
Do vosso firmamento marchetado
De lindas estrellinhas rutilantes,
Como gotas do orvalho matutino
Do lyrio azul nas petalas mimosas,
Ou crystalinas lagrimas dos anjos!

Que panorama augusto! A lua argentea
Dormitando no ether azulado,
Como rica rainha que contempla
Do setinoso leito, os diamantes
Do seu grande palacio, e magestosa
Manda á terra reverberos sublimes!

O limpido ribeiro que serpeia
Alli além na florida campina,
E' espelho do céu: em suas aguas
Se estampa o rosto angelico da lua;
O brilho multicôr das estrellinhas,
O imponente painel da poesia!

Como dorme este mundo! Mas que somno,
Tão poetico e bello! bafejado
Pelo sopro das brisas perfumosas,
Acalentado ao som das symphonias
Do descambar das aguas nas cascatas
Com as notas de um canto de saudade!

Em extasi contemplo, ó Deus eterno,
O céu, os astros todos, o sublime
Levantado do câhos, o monumento,
Feitura d'essas mãos altipotentes!
O mundo attesta á humanidade inteira
O egregio poder do vosso braço!

Aonde estaes, ó Filho de Maria?
Pergunto ao firmamento, ao oceano,
Aos trons da tempestade, ao mundo inteiro;
E o céu e o mar e o mundo e a procella
Respondem: « Deus está em toda a parte
Onde a voz do mortal chamar por Elle! »

Quem é o pobre homem—ténue barro
Diante d'esse Genio Sacro-Santo,
Que tem por patria a immensidão sem termos,
Que tem por vida a eternidade toda?
Quem poderá dizer: « sou rico e grande »,
Se a nossa propria vida não é nossa?

Eu desprézo o fulgor dos aureos thronos,
Despréso a potestade do monarcha,
Soberano a reinar, desprézo os faustos
Dos palacios do rei—egual ao homem,
Eu só adóro um rei e só conheço
Por soberano Deus!—*Gloria in excelsis!*

S. Paulo—1875.

João Baptista da Silveira.

ULTIMO TRECHO DE UM SERMÃO

PRÉGADO EM 1813, NA FREGUEZIA DE QUISSAMÃ

« Ora, meus amados freguezes e freguezas, é preciso mudar de pelle: se até agora tendes sido lobos para o vosso vigario, querendo esfolal-o, d'aqui em diante sede ovelhas e criae bastante lã para regalo de vosso pastor. Levado por bem, eu sou um cãosinho que se lambe todo aos mimos de quem o afaga; mas por mal, eu sou a hydra de Lerna, o porco de Orimantho, o cão de Averno! Lembrae-vos dos serviços que vos tenho feito, amae-me, respeitae-me; e o Senhor que me pôz sobre vós para vos guardar e encaminhar para o céu, vos toque com a vara de sua divina justiça para que vos lembreis do vosso vigario com alguns ovos, frangos e leitões.—Amen. Dice ».

A CAMPANHA DO PARAGUAY

. . . . . .

A historia dessa campanha teve momentos horriveis!

Quantas vezes no meio do campo não oscillou o pendulo da vida, parecendo estacionar?

Quando o toque da corneta, para apressar vossos golpes, estalava como um grito de maldição em vossos ouvidos, parecia se ouvir no meio d'aquelle rumor confuso este écho triste: Ai dos vencidos! Quando as balas percorriam vossas fileiras, como linguas de fogo que iam tudo incendiar, era em vossos corações que refluia todo o sangue da patria: vossas bayonetas se elevavam no ar e equilibravam a vida; vossos braços se estendiam como pára-raios no meio dessa tempestade de fogo, e, emquanto a morte se victoriava sobre milhares de cadaveres, o patriotismo soprava em vossos folegos a vida dos heroes.

E depois... quando o canhão emmudecia receiando despertar aquelles bravos; quando a morte vestida de sangue fazia sua retirada sinistra nas ondas de fumo que iam-se dissipando pouco e pouco; então, sobre cada bravo que morria, havia um soldado que chorava!

Oh! como deviam ser tristes essas noites em que a unica estrella que brilhava era uma lagrima!

. . . . . .

E quando, voluntarios, tiverdes de despir vossas blusas, para ganhar com o suor do trabalho o pão que não pudestes ganhar com o sacrificio de vosso sangue, sacudí bem sobre a cabeça de vossos filhos a poeira dessas blusas e dizei-lhes: herdeiros da victoria e da immortalidade, eis aqui os restos do patriotismo!

Dr. Martim Cabral.

(Discurso aos voluntarios da patria.)

CONSULTORIO HOMŒOPATHICO

DO CIRURGIÃC-MOR

Candido Ribeiro dos Santos

MEDICO HOMŒOPATHA

4--Largo de Palacio--4

Consultas todos os dias das 6 horas ás 9 da manhã, e das 5 ás 6 da tarde.
Chamados por escripto.
Acceita-se consultas ou chamados para fóra da cidade.
Vende-se medicamentos avulsos e em caixas, em tintura e em globulos.

S. PAULO

O DR. MESQUITA

Medico cirurgião dentista da casa Imperial, formado pelas faculdades de medicina de Pariz e Rio de Janeiro

Desde 1856 estabelecido com um acreditado gabinete de cirurgia dentaria na côrte, aos seus estudos profissionaes e longa pratica, por suas viagens á Europa e Estados-Unidos e sua correpondencia continua com os principaes collegas d'esses paizes, tem podido juntar todos os progressos que a cirurgia e arte dentaria têm feito e fazem ainda ser elle mesmo iniciador de systemas de operações e trabalhos que foram adoptados em Pariz, e trazer ao seu gabinete actualmente n'esta capital todos os aperfeiçoamentos que para o publico são verdadeiras garantias de

Collocação de dentaduras artificiaes da maior perfeição e commodidade

Operações cirurgicas dentarias de 1ª classe—SEM DÔR
Extracção de dentes sem dôr

Cura das molestias da bocca e conservação dos dentes

E' encontrado e recebe chamados por escripto a qualquer hora no seu gabinete

27--RUA DIREITA--27

São Paulo

REFLEXÕES SOBRE O PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO

OFFERECIDAS PELA CAMARA MUNICIPAL DE YTU' A 1 DE FEVEREIRO DE 1824

Homem de Mello no seu importante trabalho *Esboços Biographicos*, publicado em Maio de 1862, diz, no artigo relativo a Feijó, o seguinte:

« Após o lugubre episodio da dissolução da Constituinte em 1823, offerecêra o imperador ao paiz o projecto de Constituição, que devia reger todo o imperio.

« As camaras municipaes, como orgãos da nação, foram chamadas a dar-lhe o voto supremo da approvação.

« Uma approvação quasi unanime veio sanccional-a.

« De Ytú, porém, surgiu uma voz, que em nome do povo levou seus votos até ao throno, apresentando emendas á Constituição projectada.

« Essa voz era a do padre Diogo Antonio Feijó ».

Se é geralmente sabido que as idéas de Feijó foram acceitas pelo povo ytuano, e adoptadas pela camara municipal, poucos são, mesmo entre os paulistas, os que conhecem os termos em que a camara se dirigiu ao imperador, e quaes as *Reflexões* levadas ao seu conhecimento.

Julgamos de grande utilidade a publicação desses dous documentos historicos, que o illustre sr. Antonio Augusto da Fonseca offereceu-nos, em certidão extrahida dos *Livros de registros geraes existentes no archivo da camara de Ytú.*

Officio

Senhor: se fossemos governados por um desses monarchas usurpadores dos direitos de seus subditos, não obstante o Decreto de 13 de Novembro do anno passado, não teriamos a lembrança de reflexionar sobre o Projecto de Constituição, cujas bases se diz no frontespicio serem apresentadas por V. Magestade Imperial. Mas, felizmente para o Brazil, nós possuimos um Imperador que mil vezes tem reconhecido os direitos imprescriptiveis dos seus subditos, que lhes tem so-

lemnemente promettido garantil-os e defendel-os; e que se gloria não tanto com o Augusto Titulo de Imperador e Chefe da Nação Brazileira por unanime acclamação dos povos, como por se denominar seu perpetuo defensor, titulo na verdade significativo de uma protecção paternal da parte de quem o possue, como de uma illimitada confiança da parte dos que o deram.

Certos, portanto, senhor, que aquelle Decreto não tem outro fim que colher a opinião publica livremente enunciada, para V. Magestade Imperial satisfazer os desejos dos seus subditos, esta camara depois de ouvir o parecer de cidadãos probos e intelligentes, depois de consultar todos os habitantes desta villa para apresentarem as reflexões que melhores lhes parecerem, redigiu as que juntas offerece á contemplação de V. Magestade Imperial, as quaes foram de novo expostas á consideração publica e que mereceram geral approvação.

Não pretendemos singularisar-nos; subjeitamo-nos de bom grado á maioria dos votos da nação, cumprindo o mandado de V. Magestade Imperial em desempenho do cargo que occupamos, lembrados que muitas vezes ainda o mais ignorante estimula o genio do sabio para grandes descobertas, e que sendo uma Constituição obra de saber, experiencia e prudencia, não seria impossivel fazer lembrar a V. Magestade Imperial algumas alterações, que circumstancias particulares de cada logar exigem.

Nesta mesma occasião rogamos a V. Magestade Imperial, que por serviço de Deus, por bem da nação, haja mandar publicar e jurar já o Projecto de Constituição offerecido com aquellas alterações que a maioria da nação exigir, ou que a prudencia de V. Magestade Imperial julgar necessarias para a felicidade publica, pois só desta sorte nos julgamos seguros; a tranquillidade se restituirá, e unido o imperio cheio de confiança no seu chefe fará uma resistencia invencivel a qualquer que queira perturbar-nos.

Deus guarde a V. Magestade Imperial por muitos annos como nos é mister. Ytú, em camara de 1.º de Fevereiro de 1824. —Senhor, de V. Magestade Imperial subditos reverentes—Joaquim de Almeida Salles, Bernardino José de Senna Motta, Joaquim Manoel Pacheco da Fonseca, Lourenço de Almeida Leite.

———

Reflexões

SOBRE O PROJECTO DA CONSTITUIÇÃO

TITULO IV

Cap. 1.º

10. Fixar annualmente as despezas publicas ; repartir a contribuição directa e decretar a continuação das imposições sem *o que o poro se julga desonerado de satisfazel-as.*

11. Fixar annualmente com informação do governo as forças de mar e terra, ordinarias e extraordinarias, sem o que *o exercito e marinha se julga dissolvido.*

NOTA

No Projecto se acha garantida a auctoridade, existencia do governo de uma maneira firme e inabalavel, pelo contrario a representação nacional não é acompanhada de uma só garantia que firme sua existencia. Parece, portanto, que só os dois artigos mencionados, assim concebidos, são os que podem fazer necessaria e indispensavel a sua existencia, pondo-a a salvo da invasão do poder executivo por enfraquecel-o desde o momento que cesse a representação nacional.

Capitulo 3.º

40. O senado é composto de membros vitalicios e *tempo rarios*, e estes durarão duas *legislaturas e serão eleitos pelos conselhos provinciaes.*

45. Deve ter um rendimento annual marcado pela Lei e para a presente legislatura é *sufficiente* que o eleito *seja* reputado *homem* rico no seu paiz

48. No juizo dos crimes, cuja accusação não pertence á camara dos deputados, *ou a parte queixosa* accusará ou o procurador.

NOTA

O senado composto de membros, todos vitalicios e nomeados pela provincia e de entre a classe rica, tem a grande difficuldade de que os eleitos acceitem um emprego que os expatria : durando este, somente oito annos, ainda será bem pesada ao senador tão grande demora fóra de sua casa e bens:

se as legislaturas durassem sómente dois annos, ellas se tornariam menos incommodas; e poderiam então os senadores durar tres legislaturas. O rendimento annual certo de 800$000 réis será limitado n'uma provincia, excessivo em outras e até impossivel em alguma.

Sendo este objecto tão variavel, parecia prudente reserval-o á lei das eleições, que poderão marcar differentes rendimentos ás diversas provincias, e, emquanto essa lei se não faz, bastará a providencia do art. 45. E como será sempre de grande difficuldade descobrir na classe rica (a menor em qualquer logar) sujeitos de saber, capacidade e virtudes, parece que a eleição de similhantes homens deve ficar aos conselhos provinciaes, que, por serem compostos de cidadãos escolhidos e reunidos na capital, estão mais ao alcance de conhecel-os.

Nos crimes onde ha queixoso parece não dever tirar-se a este o direito da accusação, reservando-a ao procurador, que pouco interesse tem em proseguil-a, como convem ao inteteresse da parte e do publico.

———

Capitulo 4.º

65. A denegação da sancção até terceira legislatura póde durar 12 annos, e com notavel prejuizo da nação; parece, portanto, que esta denegação só deve ter logar até segunda legislatura e até a terceira, durando, porém, cada uma dellas só dois annos.

———

Capitulo 5.º

Art. 83. § 3º Parece indispensavel que a proposta sobre imposições pertença egualmente aos conselhos, porque servirá aos deputados de informação para melhor as decretarem, não resultando disto inconveniente algum.

§ 4º Parece necessario que os conselhos dirigindo representações motivadas sobre a execução da lei, tenham egualmente o direito de fazerem responder as partes afim de que o governo possa, sem delongas, providenciar quer sobre a execução das leis, como sobre os infractores dellas.

———

Capitulo 6.º

As nomeações etc., etc.

NOTA

As eleições feitas por districtos eleitoraes satisfazem os povos, como serão sempre mais acertadas, porque são eleitos sujeitos conhecidos, sem a concorrencia da totalidade da provincia, na qual (pela sua extensão) não se conhecem os homens, senão em seu proprio paiz, ou quando muito nas visinhanças deste; e quando algum goze de celebridade na provincia, não deixará porisso de ser eleito pela facilidade de escolher em todo o imperio segundo o Art. 96.

———

Art. 92, 94 e 95 sobre rendimentos para votar e ser eleito.

NOTA

Nesta mesma provincia que não é, talvez, a mais pobre do Brazil, encontra-se povoações onde será difficultoso achar votantes para eleitores e muito mais eleitores com 200$000 reis de rendimento liquido annual; e se a Constituição no art. 75 exige para conselheiro de provincia só a decente subsistencia, parece incoherente exigir dos eleitores dos mesmos conselheiros o rendimento marcado de 200$000 réis.

Parece, portanto, que para votar e ser eleitor bastará o ter meio de subsistencia, e para deputado 100$000 réis annuaes. E' só d'este modo que se dará a necessaria latitude ás eleições, attenta a difficuldade de se encontrarem sujeitos com as qualidades precisas para similhantes empregos; ao menos deve deixar-se este objecto á Lei das eleições.

———

TITULO V

Cap. 1.º

Art. 101. § 5º sobre a dissolução da Camara dos deputados.

NOTA

Tendo o poder moderador auctoridade para adiar (comtanto que se façam no anno as sessões prescriptas na Constituição), dando-se-lhe alem d'isto auctoridade para declarar á Assembléa, quando convier, que tal ou tal negocio seja tra-

tado em sessão secreta, parece removido todo o perigo, que o enthusiasmo ou a imprudencia produzir.

Quando da dissolução resultam os grandes inconvenientes de poder ficar a nação por dous annos sem representação pela vastidão do Brazil e difficuldade de reunir-se nova Assembléa em menos de um anno, e neste tempo entregue a nação ao poder executivo sómente, sem recurso nem quem o responsabilise; se este fôr mal intencionado, que males não póde fazer ainda entre um povo que mal conhece a liberdade e nem ainda a sabe bem apreciar?

——

§ 8°. Perdoando e considerando as penas impostas aos réus condemnados por sentença, excepto *os seus ministros e conselheiros nos delictos de seus empregos e nos crimes attentados contra a patria, será necessario o consentimento da Assembléa.*

NOTA

Desde que os ministros e conselheiros possam ser perdoados nos crimes de seu officio, torna-se illusoria a responsabilidade, e por conseguinte o systema constitucional.

O mesmo acontece sobre os crimes contra a patria; porque os aduladores e servis não duvidarão revoltar a nação a favor do imperante, desde que contem com o perdão, quando não consigam escravisar a sua patria.

———

Capitulo 2.°

Art. 102, § 2°. Nomear bispos e prover beneficios ecclesiasticos, *na forma da Constituição ecclesiastica que se fizer.*

§ 8°. *Sobre cessão e troca de territorio Brazileiro jamais terá effeito sem aprovação da Assembléa, quer no tempo de paz como no de guerra.*

§ 11. Conceder titulos, etc.

NOTA

Parecendo indispensavel a reforma sobre o ecclesiastico, e § 2°. concebido como está no Projecto, póde obstal-a de alguma sorte; o qual inconveniente cessa com a clausula accrescentada: parece consternante ao brazileiro o poder ceder-se de suas pessoas e propriedades para sempre sem que os seus representantes reconheçam a imperiosa necessidade de uma tal medida.

Sobre a criação dos titulos parece bem pronunciada a opinião do Brazil em rejeital-os, e comtudo, quando se julgasse inevitavel a sua criação, seria prudente que a mesma Constituição marcasse seu numero para não ser excessivo, e lhes désse logar vitalicio entre os senadores, afim de se interessarem pela nação.

———

Capitulo 6.º

Art. 132 Os ministros d'estado referendarão todos os actos do poder executivo e do poder *moderador n'aquillo em que elle deve regular-se pela Constituição sem o que não poderão ter execução.*

NOTA

Sem este accrescimo sobre o poder moderador poderia este nomear senadores, approvar as resoluções dos conselhos geraes, adiar a Assembléa, suspender magistrados, etc., etc., além do que lhe concede a Constituição, sem responsabilidade alguma.

———

Capitulo 8.º

Art. 148. Ao poder executivo, etc., etc., accrescente-se: comtudo as milicias jámais sairão dos seus quarteis ou districtos, senão em occasião de guerra aberta ou rebellião manifesta.

NOTA

Uma força respeitavel junta em um ponto sem motivo manifesto aterra a nação, incommoda os soldados, e póde-se d'ella abusar.

———

TITULO VI

Capitulo 1.º

(ADDIÇÕES)

Art. 151 Será composto de juizes e jurados, *os quaes terão logar, assim no civel como no crime, em todos os casos admissiveis*

Dito 152. *Os jurados serão eleitos pelo povo e o seu numero regulado por lei. Elles pronunciam sobre etc., etc.*

Dito 159 A *inquerição das testemunhas será publica, á*

vista das partes ou seus procuradores, os quaes lhe poderão fazer perguntas no mesmo acto de juramento.

164. Nas causas crimes, etc , etc. Conceder ou denegar revistas. Accrecente-se : que serão feitas pelo mesmo tribunal, etc. etc.

— —

TITULO VII

Capitulo 2.º

Art. 167. Accrescente-se : E o governo policial será encarregado aos juizes de paz. Parece de absoluta necessidade que os juizes de paz exerçam esta attribuição que a ninguem mais está reservada na Constituição.

———

Capitulo 3.º

Art. 171. Fica prejudicado, adoptando-se a reforma do art. 10.

— —

TITULO VIII

179 § 4º. Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras e publical-os pela imprensa, sem dependencia de censura *excepto propondo-se a atacar as auctoridades com insultos, provocando os cidadãos á rebellião, insultando a religião do estado e offendendo a moral publica com obscenidades e manifestação de faltas individuaes, que não tenham relação immediata com o emprego do sujeito ; por cujos abusos será responsavel aos jurados na fórma da lei.*

§ 9º. Accrescente-se—depois de fiança idonea e *que terá logar em todos os casos, excepto n'aquelles crimes a que estiver imposta pena de morte e degredo perpetuo para fóra do imperio.* E em logar de—comarca—se diga—Provincia.

§ 10 Concede a prisão sem culpa formada por desobediencia aos mandados da justiça; e não cumprir alguma obrigação dentro do determinado prazo.

Esta disposição parece contraria á do artigo antecedente, no qual permitte-se livrar solto o cidadão nos crimes que não têm maior pena do que seis mezes de prisão; e abre a porta á arbitrariedade e injustiça permittindo a condemnação sem ouvir ao réu; a lei marcará a brevidade e simplicidade de processo em casos similhantes.

§ 21. Se accrescentará—*Ficam abolidos os segredos ainda*

que o réu possa estar incommunicavel nos casos e pelo tempo marcado na lei.

——

§ 35. Em logar de liberdade individual, que póde ter uma asserção mais extensa, se diga—segurança individual.

NOTA

Parece de absoluta necessidade que a Constituição marque com toda a clareza os casos em que póde ser criminoso o abuso da imprensa, e aquelles em que póde haver logar a fiança e a prisão, afim de segurar tão sagrados direitos: aliás as leis futuras coarctarão como bem lhes parecer, e o cidadão ainda receioso não tem a menor segurança pela Constituição em objectos que tanto lhe importam.

——

Estas reflexões foram assignadas por: João Paulo Xavier, José Galvão de Barros França, Diogo Antonio Feijó, José Rodrigues do Amaral e Mello, Candido José da Motta, Fernando Dias Paes Leme, Manoel Ferraz de Camargo, Francisco Leite Ribeiro, Antonio Pacheco da Fonseca, João de Almeida Prado.

CHARADA V

O que faz um terno peito
Quando todo enfeitiçado
Do talisman de um olhar
Se confessa captivado?—2
Mas o que faria então,
Se em fino papel dourado
O lindo punho da amante
Lettras houvesse traçado?—2

Nome segundo da bella flôr
Por quem meu peito geme d'amôr.

M. (S. Paulo).

A. L. GARRAUX

RIQUISSIMO E VARIADISSIMO
SORTIMENTO
DE
ARTIGOS DE PHANTASIA
COMO
Lindas Caixas de Costuras
Ricos guarda-Joias e elegantes albuns
ARTIGOS:
de Charão - de Marfim - de Tartaruga
de Madreperola - de Velludo - de Bronze
de Cristal, etc, etc.
DE TODO O GENERO E DE TODOS OS GOSTOS
Sortimento sem rival d'objectos para presentes, Casamentos e Festas do Natal, Dias do Anno Bom e dos Reis.
A. L. GARRAUX
S. PAULO
RUA DA IMPERATRIZ, 38 E 40

IVES & BARRET SC.

S. PAULO

MUNICIPIO DE CASA BRANCA

O governo portuguez, nos tempos coloniaes, distinguia muito todos os aventureiros que, sem temor da morte, arriscaram-se a atravessar vastos sertões repletos de indios, só com o fim de descobrir ouro. Dahi o caracter egoista que foi a primeira feição dos nossos antepassados, assim como o mais pernicioso mal que inoculou-se na indole do brazileiro.

O primitivo nome do grande imperio era—Terra de Santa Cruz; o egoismo, e por coseguinte o ouro denominou-o—Brazil. Diz a tradicção e com ella o grande poeta:

« Terra, porém, depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque, attrahida
D'outro lenho nas tintas excellentes,
Se lembra menos do que foi na vida.
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria. »

Os paulistas aproveitando as boas disposições do governo portuguez e movidos sobre tudo por um genio audaz e aventureiro, tentaram commettimentos tão extraordinarios que parecem inverosimeis.

Em 1670, pouco mais ou menos, B. Bueno da Silva, natural da cidade de S. Paulo, desejando possuir um grande numero de indios, e ouvindo fallar que pelos lados de Goyaz havia uma tribu mansa e pacifica, onde as mulheres ornavam-se com folhas de ouro, pela primeira vez atravessou os sertões pelos lados do poente. Neste trajecto abriu a grande estrada que, atravessando a cidade de Casa Branca, communica a provincia de S. Paulo com as de Goyaz, Minas e de Matto-Grosso.

Chegando ao seu destino, tentou por meio de artificios influir de uma maneira sobrenatural no animo dos indigenas.

Para isso queimava aguardente na presença delles, que atemorisados, o chamavam—Anhanguéra, que quer dizer—Diabo velho.

Seria Bartholomeu Bueno da Silva, quem primeiro passou pelos terrenos onde hoje está situada a cidade de Casa Bran-

ca? Acreditamos que sim; tanto que por carta regia de 8 de Maio de 1748, foram concedidas por tres vidas ao filho de— *Anhanguéra*, que teve o mesmo nome de seu pae, as passagens dos seguintes rios: Rio Grande, Corumbá e Jaguarymirim. O ultimo rio, cortando a estrada a que acima nos referimos, passa distante de Casa Branca 4 leguas.

O roteiro, que depois guiou os outros paulistas em suas viagens a Matto Grosso, foi exactamente aquelle que Anhanguéra deixou a seu filho. Por consequencia, não póde soffrer a menor duvida de que Bartholomeu Bueno da Silva foi quem abriu a grande estrada que procura a ponte do Jaguára.

E hoje que o commercio tem criado novas forças, devido aos grandes elementos de progresso que jaziam na mais repugnante apathia, que interesses diversos forçam as provincias limitrophes a estreitarem suas relações, é que podemos medir a importancia do commettimento daquelle audaz paulista! A natureza collocou a provincia de S. Paulo em condições mui vantajosas, em relação aos interesses de Goyaz e Matto-Grosso. Todos os nossos rios, procurando a grande bacia do Prata, com excepção dos rios do littoral, demonstram á luz do dia a importancia d'aquellas paragens, em relação a esta provincia.

Casa Branca tira seu nome de um pequeno rancho que havia áquem do espraiado que banha a cidade. Os tropeiros que conduziam sal para o Rio Grande, e os carreiros que vinham da Franca, todos procuravam o mencionado rancho que sendo a unica habitação caiada, denominavam-na Casa Branca.

Em 1810, José Antonio de Almeida, que nasceu em Ytú no anno de 1795, foi forçado a retirar-se d'aquella cidade e encontrando-se com o Padre Francisco de Godoy, que procurava um logar denominado Cocais na estrada de Goyaz, ajustou-se como camarada do referido Padre. A fazenda de Cocais pertencente ao Padre Godoy, dista desta cidade apenas uma legua. Ahi foram lançadas as primeiras bases da futura povoação. Todavia dous grandes inconvenientes foram logo conhecidos: a falta d'agua, e o facto de achar-se o local escolhido muito fóra da estrada e por consequencia do commercio.

Além disso na Estiva já existiam tres casas pertencentes a José de Lara, Vicente de Lara e Francisco de Lara

O interesse que estes individuos tiravam negociando com os tropeiros e carreiros chamou desde logo a attenção dos habitantes de Cocais, que vieram estabelecendo-se por todo o leito da estrada.

No entanto o Padre Godoy continuava com affinco na fundação da pequena povoação. A primeira missa foi dita em

em 1811, em casa de Bento Dias, sogro de José Antonio de Almeida.

Em breve chegou á capital a noticia da uberdade do sólo, que por uma circumstancia particular offerecia aos lavradores d'aquelle tempo immensas vantagens, como a de possuir excellentes culturas, todas ellas tendo perto lindos campos mui apropriados para a criação de gado. A esse facto é que attribuimos a grande emigração mineira—que tomou conta de todo o municipio. E, com effeito, em todo o valle entre o rio Mogymirim e rio Pardo até o Pontal, logar onde o ultimo rio precipitando-se no Mogy tira-lhe o nome, não ha uma só familia que não seja mineira.

Ao passo que os mineiros em constantes lutas tentavam invadir o territorio dos paulistas, estes levados por uma indole verdadeiramente aventureira procuravam o sul. Foi exactamente nesta occasião que assumiu a suprema administração da capitania o muito illustrado d. Francisco de Assis Mascarenhas, marquez de Palma.

« Foi, diz o brigadeiro Machado em seu *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, um dos seus primeiros actos promover a colonisação na capitania, como uma das suas mais instantes necessidades, attenta a diminuição da população com as repetidas levas para o sul. Nesse tão louvavel proposito, predispoz que algumas das familias açoristas, que para esse fim lhe foram dirigidas pelo governo, habitassem temporariamente Jundiahy e Campinas, como para se adaptarem ao clima de sua nova patria, e em seguida mandou formar em Casa Branca e nas terras de uma sesmaria contendo uma legua de frente e duas de fundo, pertencente ao coronel José Vaz de Carvalho, que generosamente cedeu de sua propriedade um nucleo de colonisação, começando-o com vinte d'aquellas familias, cujo numero foi posteriormente augmentado, provendo-se a cada individuo uma diaria para sua manutenção emquanto para ella não tivesse recursos, e recommendando os colonos aos cuidados das mais abastadas familias de Mogymirim ».

Em que anno deu-se similhante acontecimento?

Examinando as *Memorias historicas do Rio de Janeiro* de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, na parte em que se refere á questão, affirma elle o seguinte :

« D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde 1° de Palma, que, achando-se no governo actual das Minas Geraes, depois de governar a capitania de Goyaz, foi nomeado a 13 de Maio de 1814 vice-rei da India, cujo posto e governo se lhe transferiu para o de S. Paulo por despacho de 13 de Maio do

mesmo anno, e pela honrosa carta régia de 6 de Outubro seguinte, em virtude da qual tomou posse a 8 de Dezembro immediato ». Portanto, fica demonstrado que os colonos açoristas vieram para Casa Branca no anno de 1815.

José Antonio de Almeida, que ainda vive, affirma que por ordem de um capitão Baptista, vindo de Mogymirim, foram intimados os povos para ajudarem aos ilhéos na edificação de suas casas, e tocou-lhes como imposto 20 duzias de ripas.

A vinda dos ilhéos e conseguintemente de muitos outros individuos que procuravam, para as suas especulações, a estrada que n'aquelle tempo já era muito frequentada pelos carros e tropas, fez abortar o plano do padre Godoy de fundar a povoação nos Cocais, obrigando-o a mudar-se para o logar aonde está hoje situada a cidade.

Infelizmente os primitivos habitantes do municipio não conheciam a cultura de café, de maneira que as melhores mattas foram todas estragadas com grandes roças, onde sustentava-se um numero extraordinario de gado. E depois a entrada de fazendeiros mineiros—que mediam a riqueza pela maior ou menor quantidade de terra que possuiam, demorou por muitos annos a divisão da propriedade—ficando d'esta arte o municipio paralysado, não gozando de outra importancia, senão aquella que lhe vinha da estrada da Franca. Felizmente a entrada de fazendeiros importantes, já pelo lado da fortuna, já pelo lado da intelligencia, veio chamar a attenção dos lavradores para a lavoura do café. E hoje podemos affiançar que o municipio da Casa Branca é talvez a zona mais importante da provincia.

Ha, todavia, um mal que tem resistido a todo o commettimento destinado a exterminal-o. A ignorancia popular, e o indifferentismo em relação ao adiantamento intellectual—são geraes. Em compensação os homens mais antigos do logar, manifestando sempre grande veneração á moralidade, transmittiram a seus filhos a mesma indole e costumes.

Desta sorte a cidade de Casa Branca, recommenda-se especialmente pelo respeito á ordem e acatamento á auctoridade.

A vinda dos açoristas em 1815, na qualidade de colonos, pouca ou nenhuma utilidade deixou ao municipio pelo lado civilisador. E o mal até hoje ainda produz funestas consequencias. Em regra todo o individuo empregado na lavoura não sabe ler!

D'aqui um outro mal que embaraça muito a agricultura do municipio. O braço livre pobre é ignorante—soffre e faz soffrer o lavrador. Soffre, porque é impossivel trabalhar sem enga-

jamento, e basta isso para alterar completamente a sua condição. Pobres, contando unicamente com o seu trabalho diario, e quasi sempre sobrecarregados de familias, qual será a sorte reservada aos nossos colonos! Acostumados os lavradores com o braço captivo, com difficuldade poderão tratar o livre com certa docilidade a que tem direito aquelle que não tem culpa de ser pobre! E depois, se é verdade que o lavrador possue muito dinheiro, não será tambem certo que, apezar disso, elle tem necessidade de braços para a lavoura? Ha portanto, certa correlação de necessidades que a lei por mais severa e previdente não poderá regular tão bem quanto o faria a generosidade e benevolencia do lavrador.

Convem encarar o camarada como um elemento indispensavel ao trabalho ligal-o á nossa lavoura por laços de verdadeira amisade e gratidão; animar-lhe o seu trabalho, promettendo-lhe um futuro, accommodado á sua posição, e esquecer para sempre a lei de locação de serviços!

O que tem feito essa lei em beneficio da lavoura? Um dos resultados mais sensiveis, e de que todos se queixam, tem sido desacreditar o braço livre. O lavrador desconfia do camarada e este odeia aquelle! E no entanto ambos, hoje, são indispensaveis á lavoura.

Em épocas, que não poderão tardar, quando a lavoura, por uma lei natural, procurar no braço livre e intelligente elementos mais nobres e mais santificados para o trabalho, quando em vez da dôr do corpo e das gotas de sangue occasionadas pelos repetidos golpes de chicote, o suor enobrecido pela intelligencia e liberdade serão os unicos incentivos para o cultivo das terras e das riquezas naturaes.

O municipio de Casa Branca e com elle todo o imperio se convencerão da verdade do que levamos dito. Se desgraçadamente ainda estiver longe essa época de verdadeira regeneração, ao menos convem que todos tratem de espalhar por iniciativa particular—a instrucção e que de uma vez desappareça esse grande temor—de illustrar e enobrecer o povo!

Casa Branca, 1 de Dezembro de 1875.

A. R. de Loyolla.

CHARADA NOVISSIMA (2)

1—2 Nota que á noite nos alumia no mar.

R. Ribas (S. Paulo).

UM BILHETE DE FEIJO'

Srs. Editores.—Envio a vv. esse bilhete afim de que o publiquem no seu *Almanach*.

E' da propria lettra do ex-regente Feijó. O amigo, que por muitos annos guardou esse documento historico, deu-m'o em 1856 em Sorocaba, asseverou-me que foi escripto no dia em que Feijó foi recolhido á pequena casa que lhe serviu de prisão, sita á rua do Hospital, defronte d'aquella, onde está hoje o *Hotel Brazil*.

A pessoa, em cuja residencia se achavam os objectos a que se referiu Feijó, era o sr. alferes João Nepomoceno de Souza Freire, cidadão estimado por suas excellentes qualidades e membro influente do partido liberal.

Foi dedicado amigo do ex-regente.

Este se hospedava na casa do sr. Freire quando estava em Sorocaba.

Depois que vv. publicarem o documento far-me-hão o especial favor de restituir-m'o, porque pretendo offerecel-o ao *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

S. Paulo, 18 de Dezembro de 1875.

Dr. Americo Braziliense.

« O Escravo Inacio vai buscar na cása do sr. Alferes João Nepomuceno e Sousa 1 colxão pequeno, e traveseiro grande que me pertencem. Sorocaba 22 de Junho de 1842.

« *Diogo Antonio Feijo.* »

(3) CHARADA NOVISSIMA

1—2 Sendo ruim e de louça é tambem animal.

Bertha de Souza (S. Paulo).

REMINISCENCIAS

Voae, voae, pensamentos,
Meus pobres filhos—voae;
Pelas sombras do passado
Pombas de amor—adejae;
Trazei-me n'uma saudade
Os sonhos da mocidade.

Oh! rosas da primavera!
Oh! flôres da minha infancia
Beijou-vos o estio ardente,
Hauriu a doce fragrancia;
E só ficou-me guardado
Esse anhelo do passado!

Affeições da meninice—
—Pobre lyrio que murchou!
Mimosa gota de orvalho,
Que um beijo do sol seccou.
Ai! meu scismar de criança!
Ai! minha verde esperança!

Por entre as nevoas do tempo,
—Como estrellinha a brilhar—
Nos espelhos de minh'alma
Eu a sinto perpassar;
E da memoria na téla
Eu inda a vejo mais bella!

Bem me lembro d'essa hora,
Em que a vi—era sol posto;
Passava-lhe pela fronte
Como a sombra de um desgosto;
Tinha entre os dedos captiva
Uma branca sempreviva.

Beijou-a, depois no seio
Guardou a prenda de amor;
Ah! quem me dera soubesse
A historia d'aquella flôr!
Mas tudo ficou guardado
Nos arcanos do passado!

Oh! se me lembro!—no occaso
Desmaiava a rubra esteira;
Cantava a brisa um idyllio
Nas flores da larangeira;
E os passarinhos fugiam,
E as nuvenzinhas corriam.

Mas veio a esponja dos annos
E meu sonhar dissipou;
E só ficon-me a saudade
Do tempo que não voltou;
E só ficou-me a lembrança
Do meu viver de criança!

Ytú, Dezembro—1875.

F. Nardy.

A....

Tu és, donzella quem me prende á vida,
Visão querida, todo o meu scismar;
Por ti suspiro, como o nauta em extasi
Pela estrellinha que lhe segue ao mar.

Vivo penando neste mundo immenso,
N'um fogo intenso que me escalda o peito,
Em ti sonhando, seductor archanjo,
Sempre te vejo junto a mim no leito.

A minha sina me condemna á morte,
Eu que fui forte, mas q'hoje não sou;
Dês que teu rosto me tirou a calma,
Toda a esperança de viver findou.

E se a morte terminar-me em breve,
Te peço—escreve—no teu livro d'alma
Que foste o anjo de meus sonhos d'ouro
—Já do futuro te offereço a palma.

Piracinunga—1875.

J. P. de Castilho.

UMA PROEZA DO CACIQUE VINAGRE

E' um simples episodio de caçada que vamos narrar a nossos leitores.

Em nossa provincia, ha tantos apaixonados por este nobre exercicio, que, talvez apreciem achar neste ALMANACH—collecção de escriptos de toda a natureza, e para todos os gostos —um artigo que lhes é especialmente dedicado. Lendo esta pequena anecdota cynegetica, ella recordar-lhe-ha outras que testemunharam, e em que seus proprios cães foram os heróes.

Será ella para elles uma recordação do sertão; o sertão, verdadeira terra de promissão, para onde emigra todos os annos grande parte de nosses caçadores do sul da provincia durante o inverno, e de onde trazem lembranças que lhes alimentam a paciencia até nova estação venatoria.

Entre esses caçadores alguns talvez existam, que queiram fazer remontar a genealogia de seus cães até ao celebre—Cacique-Vinagre—e que ignorem uma das muitas proesas e façanhas attribuidas a este famigerado e extraordinario cão.

Já que estamos em pleno verão, soffrendo os ardores de nosso ardentissimo sol tropical—conversemos sobre caça—visto não podermos pratical-a.

Presumiam os ytuanos—tempos passados—possuir os melhores cães e cachorreiros da provincia. Mas cachorradas e cachorreiros impotentes eram contra as espertezas e velhacadas de um terrivel *catingueiro* morador das proximidades da povoação, que innumeras vezes perseguido, innumeras vezes escapára a seus perseguidores. Galvões, Fonsecas, embalde escolhiam seus melhores cães, embalde escolhiam os melhores dias do inverno para correl-o; o terrivel animalzinho zombava de todos os esforços, e a todos desnorteava.

Tinham-n'o alcunhado—Miguel Topête.

Este era o nome de um negro fugido de seus senhores, que estabelecera-se nas cercanias de Ytú, e tributava a todos que entravam ou saiam da povoação, aterrando e mesmo matando os que não queriam deixar-se roubar.

Por varias vezes tinha a auctoridade local feito seguir escoltas em busca do preto para prendel-o; mas estas, ou vencidas por elle, ou por medo, nada tinham conseguido, per-

mittindo que continuasse muito tranquillamente no pequeno negocio de salteador.

Mas como tudo neste mundo tem fim, o proprio Miguel viu acabar-se, e muito prosaicamente, a sua auréola de bandido.

Uma tarde, montado a cavallo, retirava-se muito socegadamente para seu sitio—Serino, e encontra-se na estrada com Miguel que lhe dá *louvado*, e lhe pede o dinheiro que trazia.

O negro estava com uma grande faca na cinta, e uma foice na mão.

—O que é isto, rapaz? Pois anda você a pedir esmolas pela estrada?

—Não é esmóla que peço—eu sou o Miguel Topete, e quero que meu senhor me dê o que traz comsigo.

—Como! Pois tu és o Topete? diz Serino apeando-se. Não sabes, rapaz, que andam escoltas para te pegar, e que ganhará uma *molhadura* quem te prender? Vou tratar disso, e desde já; não é bonito andar vossê assustando as gentes pelos caminhos; dizendo isto caminhava para o preto.

—Eu lhe aconselho, meu branco, de vossemecê não se chegar muito perto, póde-lhe succeder alguma desgraça.

—Não me ha de succeder nada; a vossê é que vae succeder o eu te amarrar.

O negro levanta a foice e descarrega sobre a cabeça de Serino enorme pancada que este desvia com o cabo do rebenque, (que como todos sabem, é um tosco pedaço de forte páu, ao qual está ligada uma longa correia), com um bofetão atira o negro de costas, ajoelha-se sobre os braços, e amarra-lhe as munhecas com o latego. Fal-o levantar-se, e obriga-o a vir troteando para a cidade, aonde o entrega à auctoridade.

Mas voltemos ao nosso conto.

Convencidos os caçadores ytuanos da inutilidade de seus esforços contra o Miguel Topete, deixaram-n'o em perfeito socego, e não mais o corriam; não que este deixasse de preoccupar-lhes a imaginação quando aos domingos reunidos nos *pedrados* da matriz depois da missa conventual—conversavam sobre os successos da semana. Ao contrario, não havia domingo em que não imaginassem traça para dar cabo delle, chegando até alguns mais exaltados, que se julgavam pessoalmente insultados porque o veado não se deixára atirar nem pegar—a insinuar o veneno, ou a armadilha como armas licitas contra um adversario tão desleal que nunca pulára duas vezes consecutivas pela mesma cilada. Estes meios foram regeitados como indignos de leaes caçadores.

Aconteceu que por esse tempo andára um ytuano de viagem por Mogymirim buscando terras para comprar, e lá ouvira

fallar de um cão phenomenal para o qual os veados não tinham pernas.

E' tão extraordinario esse cão, diziam-lhe—que os catingueiros machos só podem correr com elle de 700 a 800 braças, as veadas de 400 a 500. Quanto aos mateiros os muito duros aguentam meia hora de corrida e entregam-se.

Curioso de vêr essa raridade, vae elle a casa do dono do cão.

Como nós todos caçadores formamos uma especie de maçoneria em que reina a mais cordeal confraternidade, e como isso foi sempre assim, entrou o ytuano em casa do mogyano, dizendo-lhe immediatamente o fim de sua visita.

—Sr. Silveira, ouvi contar que vmc. tem um cão veadeiro excellente, e como sou *inclinado*, aqui estou para vêl-o, e, se vmc. não levar a mal, assistir a alguma caçada.

—Vmc. de certo falla do Cacique, que foi na verdade um cão muito bom. E' ainda bom, mas já está com um pequeno defeito. Ha dous mezes fui correr com elle um veado muito velhaco, que não esperava na cama que os cães o fossem levantar, de modo que quando o Cacique começou a desenlear-lhe o rasto da vespera, poz-se a caminho e ganhou sobre elle grande distancia. Este, assim que deu-lhe na cama, começou a seguil-o com a violencia do costume, mas como estava o veado com grande dianteira, teve tempo de seguir pela primeira estrada que encontrou. Ainda não habituado com esta velhacada (porque todos os veados que o Cacique corre, atravessam as estradas aos pulos) elle atravessou a estrada e teve uma longa perdida que afinal desembaraçou, pegando o velhaco.

De então para cá, o Cacique, chegando a qualquer estrada ou limpado, primeiro ou segue pela estrada, ou circula no limpado para depois continuar na perseguição.

Isto faz com que os veados, agora, chegam a caminhar de mil a mil e quinhentas braças, cousa que d'antes nunca acontecia.

—E elle pega sempre?

—Sempre; até hoje os veados, em cujo rasto tem o Cacique ganido, não tem pastado mais. Ouvindo o latido do cachorro, póde vmc. vender o couro da caça.

—Poderei vêl-o correr? Vmc. entra em negocio de venda?

—Para vmc. vêl-o correr, basta ter paciencia de passar uma noite mal, pousando hoje nesta sua casa, que âmanhã posso leval-o ao matto; quanto a negocio, é inutil fallarmos nisso. Por ora não tenho tenção de largal-o.

Passou o ytuano o resto do dia a conversar de *caça* com

Silveira, e pela madrugada seguinte foram ambos montados a cavallo ao matto, puxando Silveira o cão com uma cordinha de embira.

Correu esse dia o Cacique, como seu dono dissera que corria sempre.

Como Cesar, levantou, correu e pegou.

Ficou o ytuano maravilhado da extraordinaria habilidade do cão, e depois de uma derradeira e inutil tentativa para possuil-o, voltou para a sua terra.

Como de ordinario, foi á missa ao domingo, e lá encontrou o indeffectivel grupo de amigos a palestrarem á porta da egreja. A paixão pela caça é tão generalisada no interior, e sobretudo em Ytú, que é ella assumpto obrigado de todas as conversações, havendo sempre algum episodio novo, algum facto, alguma anecdota curiosa a referir-se. Não tardou, portanto, muito que formasse ella o assumpto de aprazivel conversação entre elles. Cada qual começou a contar as aventuras venatorias da semana, encarecendo os recursos e sagacidade de seus cães; mas embora seus dizeres se applicassem a cães experimentados e conhecidos, força lhes era, entretanto, concluir muitas vezes suas historias confessando-se infelizes, por não terem podido matar, nem pegar os veados corridos.

Sem dizer palavra, ouvia o recem-chegado tudo quanto contavam os ytuanos de seus cães; afinal rompeu o silencio para dizer-lhes as seguintes palavras que a muitos escandalisaram:

—Meus amigos, podem contar o que quizerem de nossos cachorros. Quem não viu correr o Cacique, não viu veadeiro correr; vamos enforcar nossos cães e começar raça nova. Os que temos são jaguaraivos admittidos aos veados, mas não veadeiros. O Cacique é o unico cão que merece esse nome.

—Alto lá; que o Platea conta avós, grita um; será melhor que o meu Despique? grita outro.

—De quem é? D'onde é esse Cacique?

—E' de Manoel da Silveira, de Mogymirim; quanto a comparar o Despique com elle é o mesmo que comparar um canudo de taquára com a espingarda de tio Francisco.

—De sortes que o Maneco é rapaz de bom conceito, diz o velho Francisco Galvão—vou mandar comprar o tal Cacique; se com bens da terra se póde comprar um cão, elle ha de entrar na minha perráda.

—Não sei se vmc. conseguirá compral-o, tio Francisco: o que sei dizer-lhe é que é o unico cão do mundo capaz de desencantar o *Topete*.

—Pois, meus sobrinhos, eu os convido para a primeira corrida do Cacique; e desde âmanhã farei partir o Jeremias para Mogy com carta para o meu velho amigo padre Joaquim.

Effectivamente fez Francisco Galvão no dia seguinte partir seu pagem com carta para o vigario, que dizia assim:

« E' portador desta meu escravo Jeremias. Vae com destino a v. revdm.ª a quem peço o favor de ir ter com o sr. Silveira que possue um cão chamado Cacique, que desejo comprar. O rapaz leva comsigo tres onças de ouro; se esse fôr o preço do cão, que fiquem as onças e venha o Cacique. Se fôr pouco o dinheiro, póde ficar além delle a mula em que vae o pagem montado e juntamente os arreios que são de prata. Se ainda não chegar, póde ficar o Jeremias, que é rapaz bem comportado e de todo o serviço; e neste caso v. revdm.ª achará um portador capaz, que me traga o cachorro com todo o cuidado que este merece ».

Ao receber esta carta na' qual tão claramente se lia o ardente desejo de Francisco Galvão, foi immediatamente o padre Joaquim ter com Silveira, de quem tambem era amigo. Depois de muita hesitação, muita luta, este, mais para servir o amigo do que pelo preço, cedeu o cão, contentando-se apenas com o dinheiro que acompanhava a carta, de modo que poucos dias depois teve Francisco Galvão a satisfação de receber o famigerado Cacique, que desde então ficou-se chamando Cacique Vinagre, por haver outro de egual nome na perrada em que entrava, e por ter aquella côr.

Correu immediatamente em Ytú a noticia de haver chegado a casa de Francisco Galvão o melhor cão veadeiro da provincia, e para lá foram os caçadores ytuanos não só para vel-o, como para tirarem illações do seu comportamento no matto, de sua figura, construcção, orelhas, olhos, etc.

Era o Cacique, na verdade, um cão admiravel.

Em seu corpo comprido, elegante, em suas pernas robustas, peito profundo, viam-se a força e agilidade. Em seus olhos expressivos, acordados, em seus movimentos faceis e flexiveis enxergava-se o cão astuto e incançavel.

Impacientes todos por vel-o trabalhar marcaram logo dia e logar para uma caçada, em que, todos reunidos, podessem avaliar o seu merecimento. Ficou combinado que logo no primeiro sabbado soltassem o cão no logar da moradia do Topete.

Assim fizeram, e no dia designado ninguem faltou no logar da *soltada*.

Alli chegados apeiaram-se todos para vêr qual o modo com que o Cacique entrava no matto.

Dizem velhos caçadores que póde-se formar juizo da especialidade dos cães, vendo-os entrar no matto. Se entram tristes e vagarosamente são cães teimosos, talvez um pouco *enleados*; se com furia, são violentos, e talvez *resvaladores*; se entram cheirando, velhacos e *barroadores*.

Quanto ao Cacique, apenas o soltaram, sondou com o nariz os quatro ventos, e atirou-se ao matto sem hesitar.

Encostados os caçadores, estes em seus animaes, aquelles em arvores da circumvisinhança, prestavam attento ouvido ao primeiro latido, sem se trocarem uma só palavra.

Não esperaram muito, pois lá bem do fundo do matto a voz clara, limpa e mordente do cão veio quebrar o silencio da madrugada.

—Que latido! grita Elias, só elle vale as tres onças.

—Vae já fazendo teu testamento, Miguel Topete, grita Maneco, chegou teu dia.

—Ainda veremos, diz Tonico, eu só acreditarei que o Cacique péga o Topete, depois que tiver-lhe tirado a *camisa*. A Platéa descoroçoou com elle.

Os latidos repetem-se, amiudam-se e logo alguns mais accelerados, mais gritados, indicam que o veado foi levantado.

Os caçadores gritam, as cornetinhas de caça lançam no espaço sua nota estridente, mas gritos e cornetas são dominados pela voz enorme de Antonio Galvão, cujo som vae mais longe que o estampido de um tiro, e que a nota de uma corneta, emquanto que uma corrida desenfreada como nunca a tinham ouvido aquelles velhos caçadores, indica que o formidavel cão *trepado* no rastro, não o perde um só instante.

—Oh! que corrida! Os anjos fizeram roda e estão escutando, diz Elias com voz convencida. Isto até parece *agouro*, diz outro.

Era o immortal Topete atropellado pelo grande Cacique, o que verificou-se pela direcção da corrida que procurava justamente o mesmo logar em que em anteriores vezes ficára a caçada perdida.

No mesmo logar em que os outos cães perdiam, o Cacique chegou e perdeu a trilha do veado.

Estava á margem de um ribeirão, cujas bordas eram cobertas por uma capoeirinha baixa, muito limpa por baixo, e toda cortada por trilhos feitos pelos pés dos animaes que nelle iam beber. No ribeirão muitas pedras e lageados, formando poços aqui, pequenas cahoeiras mais adiante. Emfim o logar fôra perfeitamente escolhido pelo astucioso catingueiro.

—E'aqui que se conhecem os duros, Cacique, grita Tonico Galvão.

—Vejâmos se v. é capaz de fazer mais do que a Platéa. Até aqui ella sempre chegou.

—De sortes que é melhor apearmos, e esperaremos a *barroada*, diz Francisco Galvão. Começo a crer que o Cacique é capaz de *barroar*. Nunca vi cachorro mais flórido e brilhante para perseguir.

Callados todos, acompanham com os olhos attentamente as differentes evoluções do Cacique. Este chegando á margem do rio, humedeceu a lingua na agua, e atravessou-a indo cheirar na barranca opposta, e como nada sentisse, desceu por ella cêrca de 300 braças; reatravessando o rio subiu e por outro lado, e crusando o rasto continuou a subir cêrca de outras tantas braças. Lá tornou a reatravessar o rio e desceu-o até frontear o logar em que o veado tinha *embarcado*. Tudo isto era feito com rapidez, mas com circumspecção.

Chegando ao logar em que acabava o rasto, firmou-se nelle, e começou a remontal-o largo espaço sem dar um gemido. Percebendo que o veado não tinha *remontado*, desceu pelo rasto até chegar de novo ao ribeirão, onde começou um circulo enorme, sempre troteando, mas sempre attento, cheirando nos ramos, voltando atraz, verificando emfim todos os odores que lhe affectavam o olfacto.

Fechando o circulo sem nada descobrir, veio de novo firmar-se no rasto pelo qual o veado descêra para a agua, como se duvidando do que lhe acontecia.

Certificou-se novamente da existencia do rasto, e abanando levemente a cauda, parou, e começou a pensar. Afinal tomou resolução, entrou no ribeirão e começou a descel-o muito vagarosamente, indo de uma barranca para a outra, cheirando em toda a parte, fungando, caminhando aqui, nadando mais adiante, e assim desceu grande extensão.

Reflectindo provavelmente que o veado não podia ter descido tanto sem deixar emanação, voltou atraz, e começou a subir sempre com a mesma cautella, sem descuidar-se de verificar tudo que lhe parecia suspeito. Ao subir teve de passar pelo mesmo logar em que começára a descer, mas sem querer ir cheirar de novo o rasto, como se já tivesse tenção formada, continuou a subir calmo e resoluto.

Os caçadores na margem, maravilhados, trocavam-se reflexões. Que tino, dizia um, que juizo claro!

—Estou convencido que *barrôa*: dizia outro, não reparou v. no olhar encarniçado do cachorro?

—Se não *barroar*, é que o Topete é immortal. E' applicar-se-

lhe veneno. Estes veados que ouvem repique de sino são mesmo do *apá virado*.

—E o veado de certo, está nos escutando. O Cacique já circulou ao largo, e nada disse.

Em quanto assim conversavam, subia o Cacique tranquillamente aguas acima. Em certo logar, parou de repente, e começou a aspirar com ancia. Aproxima-se a uma das margens do ribeirão, e depois de certificar-se bem do que sentia, começa a arranhar a barranca, e a *acuar*.

Ao primeiro latido levantaram-se os caçadores, mas os latidos sonoros, e compassados do cão indicavam uma acuação, e portanto que elle já tinha abandonado o rasto do catingueiro que nunca se deixa acuar.

Oh ! decepção, oh ! tristeza. O Cacique a acuar paca, e talvez mesmo um tatú !

—Eu bem dizia que o cão tinha algum defeito, diz Tonico Galvão.

—Jeremias, diz Francisco Galvão, corta uma vara, e vae chuçar no salapão em que o cachorro está *acuádo*. De sortes que vamos ver o bixinho que elle está acuando.

O cão vendo o cachorreiro aproximar-se com sua enorme vara, nem um momento imaginou que podia-lhe ser applicada a correcção que merece todo o veadeiro que *acúa* ! não fugiu, deu apenas logar a que o cachorreiro applicasse a vara á porta do salapão collocado abaixo do nivel d'agua.

Ao chegar a vara ao fundo do salapão, ouve-se um grande barulho n'agua, de onde surge o veado que atira-se para a capoeira como uma frecha, mas já o Cacique gritando, entrára com elle. E' o veado, E' o veado ! gritam os caçadores. Etá! cachorro !

Francisco Galvão começa a cantar a tyranna com voz stentorica e desafinada.

Não foi longa a corrida ; como o seu homonymo foi o Topete agarrado por um só cão, elle que tinha escapado de perradas como seu homonymo tinha escapado de escoltas.

Correram todos para o logar em que tinha o cachorro callado e lá acharam o veado estendido e o cão lambendo-lhe a bocca, com as patas sobre o pescoço.

—Viva o Cacique Vinagre ! Viva o imperador dos cães.

—Agora é mão de pito. Tonico que não acreditava no Cacique hade dar cigarro e fogo para nós todos.

—Quero primeiro abraçar o cachorro. Venha cá, sô diabo, diz elle apertando-o ao peito. Estou guardando a Platéa para v., e seu filho hade chamar-se Quebra perna.

Francisco Galvão, não fazia parte do côro geral, tinha

acabado de cantar a tyranna, e encostado a uma arvore chorava.

—Que é isso tio Francisco? O que tem, primo? Está incommodado, sr. Galvão.

—De sortes que estou chorando, por me lembrar de que tal era a necessidade do dono de Cacique, que elle teve coragem de vendel-o.

—Eis a primeira aventura do Cacique em Ytú, cão este nunca excedido por nenhum outro; e apenas egualado em algumas de suas habilidades por seus descendentes—Caboclinho, e Clarim passa-sete, cuja historia contaremos um dia.

S. Paulo, Dezembro 1875.

Bento de Paula Souza.

CONVENTOS

O recolhimento de Santa Thereza foi fundado em 1685 pelo exm. e rvdm. d. José de Barros de Alarcam, primeiro bispo do Rio de Janeiro.

A requerimento do general Rodrigo Cesar de Menezes, o recolhimento passou a ser convento de freiras professas. (Essa ordem real se ha de encontrar na secretaria do governo da capitania, e foi pelos annos de 1765).

N. Senhora da Conceição da Divina Providencia. Este recolhimento foi fundado pelo governador e capitão general desta (então) capitania, d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, em o anno de 1774.

O recolhimento de Santa Clara de Sorocaba está fundado desde 24 de Junho de 1810, e o foi pelas irmãs Manoella de Santa Clara e Rita de Santa Ignez.

A estas foi dada licença, por d. João VI, para se recolherem com seis educandas—em 23 de Agosto de 1811.

S. Paulo.

P. V.

ANTONIO ALEXANDRINO DOS PASSOS OURIQUE

Ainda que A. Alexandrino não nascesse pobre, a adversidade, essa mãe descaroavel dos infelizes, lhe teria infundido a poesia no leite de fel que amamentou-o.

A ninguem de certo, a lyra foi mais propicia, aos vinte como aos trinta annos, para extrair della, não essas harmonias angelicas que admiramos nos contos de Lamartine, Victor Hugo, A. Musset, Gonçalves Dias e Porto Alegre, mas para desafogar com ella, em vagos queixumes, não menos sublimes certamente, as mágoas que dia a dia, hora a hora da vida lhe brotavam n'alma sensivel, como as ondas na face lisa de um lago. O mundo real teria apenas estimulado o seu genio para enunciar talvez o seu verbo, como tantos outros que a adversidade decidiu logo a essas lutas gigantes com os seculos.

O mal que o affligia era intimo e latente; era um concurso de circumstancias pequenas, que um sopro atiraria para longe, e que pela sua mesma pequenez, ou incalculavel multiplicidade o suffocava, como a densa poeira dos areaes da Africa asphixiava o viandante imprudente.

D'aqui essa ironia, crassa ás vezes, que censuramos em algumas de suas poesias, quando rompe o véu quasi negro de melancolia, que nol'as mostra ao travez de sua contextura dolorosa.

A satyra, que é poesia por effeito do contraste pelas ironias do genio no trato rude da sociedade material e materialista, foi um genero que elle muito explorou: nellas elle foi o que devia ser—um genio emulecido por sua situação difficil, um astro velado por uma nuvem pallida.

No seu cantico intitulado *Anniversario*, em que por uma reacção de sentimento pôde sua alma expandir-se, queixa-se elle de vir ao mundo, *sem proprio desejo*, e, como Job fôra-lhe melhor *não nascer*, porque é força—*nascendo penar*.

Entretanto não sentou-se no marco da inutilidade, acabrunhado pelo seu destino. Deixou a Academia, onde estudára todos os preparatorios, fez-se empregado publico e matriculou-se no Gabinete Topographico desta cidade, onde formou-se em engenharia civil, collocando-se acima de todos os seus collegas, por seu grande talento illustrado no estudo aturado e profundo. Como empregado publico, e como engenheiro ci-

vil de nossa municipalidade, elle mostrou sua elevada origem como esses filhos das velhas fidalguias européas, que expatriados no novo mundo, sob o andrajo do aventureiro, deixam escapar de quando em quando um gesto ao menos, mudo e quasi desapercebido, como um protesto da natureza, em prol do nascimento, contra as aprehensões do vulgo irreflectido.

Em 1846 foi agraciado com o habito da Rosa em premio dos seus serviços na municipalidade, por occasião da visita de SS. MM. II. a esta provincia, em que levantou o portico onde o imperador foi recebido no largo de S. Gonçalo.

Finalmente em 1850, depois de muita luta inutil, quando ia tomar uma bella posição, como professor de arithmetica e geometria da Academia, a cuja cadeira se oppozera no Rio de Janeiro, onde fôra sollicitar a nomeação, o destino lhe disse *basta*, disse Deus: descança!

Foi um dos Paulistas victimas da epidemia reinante n'aquella quadra fatal.

Seus amigos mais intimos, em cujo numero me contarei sempre com saudade, alevantaram-lhe um monumentozinho, pequeno e modesto na apparencia sómente, porque é o verdadeiro tumulo monumental dos grandes homens de intelligencia,—o livro de seus escriptos. Fórma um folheto em 4° pequeno, de 120 paginas, impresso em S. Paulo, na Typographia Liberal em 1850, com o titulo de—*Flores do sepulchro*.

Notavel pertinacia do destino—até ahi o perseguiu; pois de tantas poesias que elle produziu só raras appareceram!...

S. Paulo—1850.

Dr. Paulo A. do Valle.

(5)

CHARADA NOVISSIMA

1—3 Existe este instrumento de musica no navio.

Avelino B. Carneiro (Santos).

ERMIDA DO ARRAIAL QUEIMADO

Ao rumo do N. E. da villa de Coritiba, (*) na distancia pouco mais de 4 leguas da mesma está a gruta chamada pelo vulgo—*Ermida do Arraial Queimado.*

O sitio da mesma e suas immediações, desde o rio Capivary para o occidente, é monstruoso e semeado de grandes rochedos de pedra calcarea; o terreno apresenta em toda a sua superficie a verdadeira terra humosa e pingue, coberta de espessa e frondosa vegetação.

Está collocada a referida gruta na direcção do occidente para o oriente, tendo para esta parte a sua entrada ou bocca principal. Vista por esta face representa uma collina isolada que póde ter de elevação perpendicular 88 metros; sua principal entrada, similhante ao portico de um grande edificio, terá pouco mais de 4 metros de largo por 16 de alto, desde o nivel d'agua até o arco; este é rematado por uma cimalha irregular, de que pendem, como bambinellas, diversas peças de stalactites, formadas pela continua filtração do rochedo, as quaes, apezar da diversidade de suas fórmas, terminam todas conicamente.

De ambos os lados do portico nascem ordens de columnas terminadas confusamente; por entre as do lado esquerdo, depois de uma curta, mas ingreme subida, se encontram duas estreitas e escabrosas entradas que vão ter a uma grande sala, a qual por sua extensão, sinuosidades, multiplicidade de collumnas e lugubres escondrijos, representa um intrincado labyrintho. Terá mais ou menos esta sala 110 metros de comprido, 22 a 26 de altura, com uma largura muito desegual entre 18 e 23 metros. Seu pavimento, tecto e paredes lateraes, tudo de pedra calcarea, mostram ser de uma só peça, exceptuando o leito do ribeiro que, partindo ao longo do salão, tem sua entrada por uma estreita bocca do lado do occidente, e vem sair pelo grande portico do oriente.

(*) A villa de Coritiba, hoje cidade do mesmo nome, fazia parte da provincia de S. Paulo, ao tempo em que foi feita esta descripção—1827. Hoje pertence á provincia do Paraná.

(Not. dos Editores).

Além destas unicas boccas mencionadas, não se encontra no interior do edificio claraboia ou fresta alguma; pelo que, á excepção da claridade que entra pelo referido portico ou bocca principal, e que escassamente penetra a uma curta distancia toda a mais extensão da mesma é lugubre, e tem apenas nas estancias mais claras um pardo crepusculo.

As margens ou bordas do referido ribeiro (que tem o nome de—*ribeirão da ermida*), formadas da mesma pedra do pavimento, são em alguns logares da sala barrancosas, e em outras quasi ao nivel d'agua, com seus póços profundos; porém todo o seu leito é de pedra, vulgarmente chamada *capóu*, cascalho, areia fina e esmeril. As pedras do leito que fóra d'agua estão encostadas ás margens vão por effeito da filtração do pavimento contraindo adhesão ao mesmo, de maneira que se encontram já algumas engastadas e outras em parte sómente, pelo que parece que o ribeiro vae gradativamente diminuindo sua largura.

A' luz de archotes se descobre o tecto da gruta em todo o seu comprimento apinhado de diversas figuras de stalactites que, á maneira de lustres, ou alampadas estão pendentes, conservando todas a sua terminação conica sobredita. Em varios logares do pavimento que correspondem ás figuras pendentes do tecto, e que perpendicularmente recebem as gotas da referida filtração, se levantam como columnas cylindricas, e perfeitamente lisas, tendo sómente as suas bases uma especie de excrescencia engranitada da mesma materia, similhante ao musgo vegetal, e que mostram ser effeito dos salpicos do mesmo liquido.

Toda a parede da grande sala está continuamente transpirando um liquido branco, gelatinoso, insipido e sem cheiro, cujas gotas ajuntando-se em diversos logares da mesma dão logar ao crescimento de novas fórmas da mesma especie fungosa já descripta.

Sobre o tecto desta grande sala fórma-se uma nova gruta que não tem communicação alguma com a primeira; sua entrada unica ao occidente é mais apertada; sua aboboda ou tecto menos elevado: seu diametro menor de 1/3 da antecedente, sem agua alguma; porém seu pavimento mais nivelado; sua filtração parece mais abundante, segundo a maior quantidade de stalactites que alli se fórma.

Além da que fica descripta, ha outras muitas grutas, menos notaveis, e da mesma materia, em diversos sitios d'este districto, entre as quaes tem distincção a do sitio do Maianãa, na mesma distancia desta villa, ao rumo de N. O.; e a do

sitio Potunãa, ao mesmo rumo que a primeira, e dista da villa de Coritiba pouco mais de 8 leguas. Em todos estes logares ha quantidade de pedra calcarea.

JOAQUIM FLORIANO DE TOLEDO.

(Extrahido do M. S. « A Estatistica da Imperial cidade de S. Paulo com varias annotações do tenente coronel José Antonio Teixeira Cabral, membro da mesma estatistica. » Tom. 1.°—1827).

JARDIM BOTANICO DA CIDADE DE S. PAULO

Tendo o governador e capitão general da capitania do Pará formado n'aquella cidade um Horto Botanico em que já se acham as plantas que constam do catalogo incluso, e que é de esperar que elle vá augmentando gradualmente; Manda Sua Magestade recommendar a v. s. que procure estabelecer nessa capitania, com a menor despeza que fôr possivel um Jardim Botanico similhante ao do Pará, em que se cultivem todas as plantas assim indigenas como exoticas e em que particularmente se cuide em propagar de semente as arvores que dão madeiras de construcção para depois se semearem nas Mattas Reaes.

Deus guarde a v. s.—Palacio de Queluz em 19 de Novembro de 1798.

D. Rodrigo de Souza Coutinho.

Sr. Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça.

(Livro n. 10 de registros de Avisos e cartas régias do archivo da secretaria do governo).

S. Paulo. P. V.

(4) CHARADA NOVISSIMA

1—2 Esta flôr não é má á beira mar.

Bertha de Souza (S. Paulo).

CARTA DO DR. JOÃO F. DE PAULA SOUZA

ILLM. SR. JOSÉ MARIA LISBOA

Attendendo ao honroso convite que me dirige, de escrever alguma cousa para seu *Almanach*, vou dar-lhe um presente de maior valia do que algum escripto meu, destacando os seguintes trechos de uma notavel e interessante carta politica dirigida por um illustre e distincto paulista residente na côrte a um de seus amigos desta provincia.

Não póde v. queixar-se dessa substituição, com a qual só lucrarão os leitores do *Almanach*, que encontrarão, nesta pagina, apreciações luminosas, cheias de lição para os politicos contemporaneos, conceitos elevados, austéros, mas sempre justos e imparciaes sobre os homens e as cousas da melindrosa e pouco lisongeira actualidade que atravessamos; tudo isto escripto com nobreza e vigoroso colorido, aliás peculiar ao eminente escriptor politico que a subscreve.

Cinjo-me a enviar-lhe os extractos juntos da alludida carta, não só por me parecer que sua transcripção completa seria extranha ao fim a que se propõe o seu trabalho, como porque poderia, talvez, despertar susceptibilidades adormecidas, e embespinhar animosidades mortas, o que longe vae de meu intento.

Escolhi-os de preferencia entre outros, por me parecerem interessantes, e por encerrarem materia digna de nota, não só para o paiz inteiro, como para esta provincia, cujos filhos são alli citados com patriotico enthusiasmo.

Em primeiro logar, o auctor elucida uma incongruente inexactidão historica, que corria e corre de plano com desarrasoada insistencia, e restabelece a verdade sobre o caracter puro de um distincto paulista, cuja memoria immaculada penso ser uma gloria da provincia que o viu nascer, e é uma herança sagrada que seus descendentes, dos quaes faço parte, guardam com o mais profundo respeito e veneração.

Uma asseveração desta ordem firmada por uma testemunha conspicua por todos os titulos, e auctorisada por fazer parte do gabinete de então, traz o cunho de uma rectificação historica, que deve ser assignalada por todos os modos, para que sirva de base para a pagina da historia patria que tiver de

tratar da situação politica e da vida dos partidos d'aquella época memoravel.

Sobre o varão, de quem os proprios adversarios (porque inimigos não os tinha) escreviam na hora do passamento ser incarnação do *vir probus et vir bonus*, não deve pesar por mais tempo, e nunca devêra ter pesado tão iniqua imputação.

O segundo ponto accentúa o principio politico dos liberaes historicos sobre a politica internacional, principalmente no Rio da Prata, principio de não intervenção nas cousas alheias, e negocios visinhos, que devêra fazer parte do programma de todos os partidos de nosso paiz, e que nos poupára enormes dispendios e immensos dissabores.

O terceiro topico, finalmente, é apenas exclamação patriotica e enthusiastica sobre o desprendimento d'aquelles nobres caracteres que são uma gloria nacional, e que consigno por desvanecimento provincial, porque todos elles são paulistas de nascimento e um o é (Vergueiro) de adopção.

Concluindo desejo para seu *Almanach* o successo que merece, e auguro que o ha de ter, vendo á frente delle o zeloso e intelligente Editor que o prepara e que não se poupa a esforços para enriquecel-o.

S. Paulo—Dezembro—1875.

Seu amigo e obrigado

Dr. João Francisco de Paula Souza.

Rectificação historica

. . . . . .

. . . . . .

Os conservadores assoalharam e com maligna insistencia persistem em sustentar que a mudança politica de 1848 se operára por conselhos de Paula Souza dados ao imperador.

E' falso.

E a prova está em que, e durante a vida desse eminente estadista, nunca pessoa alguma atreveu-se a enunciar similhante calumnia, de modo a poder ser por elle contestada. E depois de sua morte, sempre que os conservadores a quizeram fazer passar por verdade, os liberaes constantemente declararam que esse invento não passava de tactica de partido.

A firmeza de principios, a nobreza de caracter, a extrema dedicação e perseverança com que aquelle grande vulto servia o lado politico a que pertencia, são vivos protestos contra tão insidiosa asseveração.

Quem nasce e cresce e vive e morre no seio de um partido, animado dos mais elevados sentimentos de patriotismo, ama-o por tal fórma que impossivel é promover a sua quéda, principalmente quando sabe por experiencia a quantos soffrimentos e martyrios o expõe, abandonando-o á discrição de seus violentos adversarios.

O grande Paula Souza era incapaz d'isso.

As causas da quéda de seu ministerio foram outras e diversas, entre as quaes a historia consignará com não menor peso, a declaração, por meu intermedio, feita ás camaras, em resposta á interpellação do deputado Pedro Chaves, depois barão de Quarahim, de que: nas questões internacionaes, e principalmente nas do Rio da Prata, sustentaria o principio segundo o qual cada um governa sua casa como bem lhe parece, isto é, a politica da não intervenção.

Se, como alguns liberaes indicaram, e eu sustentava se curasse então de nossas fronteiras militares e se tratasse de abrir por terra communicação mais rapida para Cuyabá, que podesse substituir a fluvial pelo rio Paraguay, quanto não teriamos lucrado? Mas o partido conservador composto e dirigido nesse tempo por eminentes estadistas que gozavam da confiança da corôa, resolveu o contrario, e o resultado, depois de vinte e tantos annos, é o que estamos observando.

Rosas tinha rejeitado o tratado *ad referendum* que Guido, seu ministro, firmára nesta côrte com o governo imperial. Este acto do Dictador deixára resentimentos, e talvez mesmo alguns receios. Os conservadores entenderam então dever derribal-o do poder e expellil-o da confederação argentina.

Conseguiram-n'o, como se sabe, na gloriosa batalha de Monte Caseros, onde o soldado brazileiro ostentou mais uma vez seu reconhecido valor. Desde esse tempo iniciaram os conservadores essa desastrada politica de intervenção que traz o Brazil enredado e que nos tem custado rios de sangue, e dispendio de immenso thesouro.

. . . . . .

Facto notavel. Ao tempo que o governo imperial distribuia com mãos largas os titulos e brasões da monarchia, os paulistas mais notaveis por sua nomeada historica, por sua posição politica, virtude e patriotismo—os Andradas, os Paula Souza, Feijó, Vergueiro, Alvares Machado e outros baixáram ao tumulo com o simples nome que receberam ao vir ao mundo!

. . . . . .

CONSELHEIRO CAMPOS MELLO.

★

PHOTOGRAPHIA CAMPINENSE

DE

HENRIQUE ROSEN

FUNDADA EM 1862, A MAIS ANTIGA DA PROVINCIA

50—Rua Direita—50

Tenho a honra de participar a meus numerosos amigos e freguezes em Campinas, assim como ao illustrado povo paulistano em geral, que voltei da minha viagem á Europa, onde estudei nos principaes estabelecimentos photographicos de Londres, Pariz e Berlim, não só os ultimos melhoramentos dos systemas já introduzidos na minha antiga e bem conhecida casa de photographia, como tambem processos novos de grande belleza e utilidade incontestavel.

Tendo recebido da Europa, grande sortimento de tudo que pertence á minha arte, posso recommendar albuns, quadros, etc. por seu apurado gosto e barateza nos preços, visto que tudo foi comprado a dinheiro nas principaes fabricas e escolhidos por mim pessoalmente.

Comprei o processo *Lambertypie*, segredo patenteado ha pouco tempo, e que produz retratos grandes, SEM RETOQUE, de um effeito bellissimo.

N. B.—Uma grande Camara Solar (machina de augmentar retratos) vae habilitar-me a reproduzir, de qualquer retrato pequeno, velho ou novo, retratos grandes até o tamanho natural, bastando que o freguez remetta o retrato declarando o tamanho que deseja, e a côr do cabello e dos olhos da pessoa. O colorido é executado a oleo ou aquarella, conforme o pedido.

Exhibindo processos modernos, dos quaes alguns ainda não são introduzidos na capital do Imperio, e não poupando trabalho e despeza para elevar o meu estabelecimento a uma altura digna do progresso e civilisação desta rica Provincia, espero continuar a merecer a mesma benevolencia e valiosa protecção do generoso povo campineiro e do respeitavel publico em geral, que até hoje me tem sido dispensada no mais alto gráu; e pelo que me confesso eternamente grato.

Os preços da Photographia simples continuam a ser Rs. 6$000 a duzia! Os dos outros retratos conforme o systema e tamanho, regulando a tabella da casa.

HISTORIA DO ALMANACH

O almanach tem uma historia. Até ahi vão todos, e negal-o seria uma phantasia sem rasão de ser, desde que todos concordam que nada ha que a não tenha.

Mas o que menos se impõe á duvida é que essa historia não seja das menos importantes. Posso, entretanto, proval-o.

Os rhabbinos, que attribuiram a Adão uma grande sciencia, pretenderam ter elle escripto um calendario com observações philosophicas sobre os segredos da natureza e preceitos para a lavoura.

Isto repugna um pouco á affirmação historica de que ao periodo dos povos agricultores precederam os dos caçadores e pastores, de modo que o almanach agricola de Adão não teria leitor algum.

Está tambem em contradição com a narração biblica que nos diz que o primogenito dos homens só aprendeu um pouco de agricultura depois que o Criador o mandou *plantar bugios* fóra do recinto do Paraizo.

Não obstante, tal é a opinião dos rhabbinos e Deus me livre de contestar a tão doutas criaturas.

Outros sustentam que o almanach data da edade média; e se lhes perguntarem porque o asseveram, mostram com ar triumphante a primetra syllaba da palavra e exclamam com emphase:

—*Al* é o artigo arabe; logo a palavra é arabe e deve datar da invasão da Europa pelos mussulmanos.

E se a sua sciencia tambem estaca neste ponto, dou-me pressa em dizer ao leitor que a palavra é realmente de origem arabe e que *manach* corresponde a *calculo*, *computo*.

Mas, se o nome é relativamente novo, o objecto vem de mais remotas eras.

Os gregos, uma vez estabelecida a contagem das datas por olympiadas, a divisão dos mezes e semanas, deviam adoptar um meio de fixar e vulgarisar essas divisões, e esse meio devia ser muito similhante ao almanach: tendo cada mez suas festas proprias e cada dia de festa as suas ceremonias especiaes e significativas, não é crivel que só da memoria e da tradição oral fiassem a guarda de cousas de tanta monta para elles.

Póde ser que povos anteriores, cujo periodo brilhante vae além dos primeiros tempos da Grecia, tivessem usado desse meio.

Até aqui vae a supposição; mas sobre o povo romano ha plena certeza Em Roma havia o calendario official, onde, segundo se deprehende dos historiadores, se inseriam muitas verdades, mas tambem muitas inexactidões, e os calendarios rusticos, que continham preceitos para a vida agricola.

Ora, com certeza, esses eram mais verdadeiros do que aquelles, porque a natureza mente menos do que a sociedade; e os raros exemplares que delles restam nos archivos são acatados como merecem.

Na edade média começou a publicação regular e constante do almanach, no primeiro dia do anno.

E não preciso abrir aqui um parenthesis para dizer que o almanach foi cantado em prosa e verso, teve hymnos pomposos, e, para que lhe não faltasse genero algum de glorificação, foi até... canonisado.

Os monges da média edade tinham calendarios manuscriptos, em que notavam as festas dos santos e os factos mais importantes.

No dia 1.º de Janeiro apparecia o almanach Ora, n'aquelle tempo applicavam a tudo o epitheto *santo*; havia *santo* convento, *santa* confraria, *santa* capella, etc. O almanach era tambem santo.

Os monges escreveram, pois, em seus calendarios—*Sanctus Almanachius*. O nome corrompeu-se mais tarde e lá ficou a indicação *Sanctus Almachius*.

Posteriormente, esses calendarios manuscriptos foram de grande auxilio para a organisação da folhinha ecclesiastica; fizeram, então, desse S. Almachio, cuja historia se ignorava, um martyr da era de Diocleciano, attribuiram-lhe a morte no circo e... ficou o livro canonisado.

O cardeal Baroneo, que nos legou uma preciosa collecção de historias dos santos, nada encontrou de positivo sobre tal martyr.

Em 1550—estamos em pleno dominio da feitiçaria—o celebre Miguel Nostradamus começou a publicar o seu almanach de prophecias, que teve uma voga enorme e que durou até 1567.

O filho quiz suceder no dom de adivinhar, mas teve a impericia de se deixar pilhar em flagrante, tentando realisar o seu vaticinio do incendio de uma cidade, e convenceu-se de que a gloria prophetica não compensava uma dóse de paulada e mudou de officio.

Em 1636 Matheus Laensberg começou a publicação do *Almanach de Liége*, que não era mais do que uma imitação do de Nostradamus.

Data de 1679, em França, o *Almanach Real*, chrismado depois em *Nacional* e mais tarde em *Imperial*.

No seculo passado, o numero cresceu muito; mas o mais celebre de todos foi o *das Musas*. Não havia então sujeito de calções e empoado rabicho que se não julgasse apto a assaltar o Parnaso a trabucadas de lyras. Porisso, redactores e leitores não faltaram; muitos exemplares tiveram logar honroso nas caixinhas de costura das Lélias, cuja belleza era nelles celebrada.

No seculo actual...

Longe iria eu se deixasse o passado, que é o dominio da historia, pelo estudo do presente, que sobre ser longo, punha-me em risco de offender susceptibilidades, que tambem as têm os almanachs.

Basta dizer que os ha hoje para todas as classes e condições, raças e estados, desde o serio e grave *Calendarium romanum*, de palavras abreviadas, até os alegres e curiosos *almanachs de loucos*.

Quanto ao *Almanach Paulista*, se lhe é modelo sufficiente o *Almanach das musas*, pelo que diz respeito á voga, não basta entretanto, quanto á sua duração: o modelo, por esse lado, deve ser o biblico Mathusalem.

São os meus votos.

F. Mendes Paiva.

BUSCAR LÁ E..

José Villela Barbosa, mais tarde marquez de Paranaguá, conversava com uma senhora a quem contrariava; esta, porém, irritando-se disse-lhe:

—V. ex. sempre é homem que tem um nome que começa por vil.

—Vil não, respondeu Villela Barbosa, vil-ella.

SYNOPSE ESTATISTICA DA

Clima	*Superficie*	*Posição*
Zona torrida kil. 389 Temperada » 183	5,444 myriametros quadrados.	Latitude austral 19° Longt. occid. Rio de
Topographia	*Portos de mar*	*Rios notaveis*
Montanhosa, porém com valles e planicies extensas.	10—sendo o principal o de Santos.	6. O Tieté occupa o 1.° logar e tem um curso superior a 1,222 kil.
Cabos	*Estradas de ferro*	*Estradas de ferro*
Importantes 9 O mais alto—morro da Enseada.	Em trafego, kilometros. . . 639,632	Em construcção kilometros 382,489
Navegacão fluvial	*Industrias*	*Divisão politica*
Rios: Ribeira, Tieté, Piracicaba e Parahyba.	Fabricas de tecer, de fundição, de chapéus, fabricação de vinhos, etc.	4 senadores 9 deputados 1188 eleitores.
Policia	*Instrucção publica*	*Thesouro provincial*
1 chefe, 62 delegados, 148 subdelegados e 737 praças policiaes.	1 faculdade de direito 151 estudantes. Aulas preparatorias 374 ditos. Escólas publicas 508	Secretaria, contadoria, thesour.ª e contencioso com 5 mezas de renda, 6 regt.os 7 barreiras e 44 collectorias.
Reino mineral	*Valor da producção*	*Grande lavoura*
Ouro, chumbo, ferro, carvão de pedra, ardosia, marmores, turfas, aguas mineraes, etc.	Exportada em 1873 a 1874 : Rs. 41:309:614$073	Em 1873 a 1874: Café 62,174 ton. m. Algd. 9,898 » »
População	*População livre*	*Divida passiva*
Livre . . 839,860 Escrava . 171,619 Total 1:011,479	Brazileiros 820,160 Extrangs. 19,700 Total 839,860	Fluctuante em 1874 Rs. 585:000$000

Santos—1875

PROVINCIA DE S. PAULO

astronomica 45' e 25° 15' Janeiro 56' e 10° 19'	*Extensão* Norte a sul 522 kil. Leste a O. 1044 »	*Limites* N. Minas e Goyaz, S. Paraná e Oceano, L. Rio de Jan.°, O. Minas, Matto Grosso
Rios e ribeiroes Affluentes . . 442	*Ilhas* Principaes 14 — a maior é a Comprida de kil. 66,660 por 3,740.	*Cordilheiras* Duas grandes — a maritima e a occidental; ponto mais alto 1043m na serra de Mantiqueira.
Estradas de ferro Em estudos, kilometros . . 879,8	*Telegr. electrica* Mais de 700 kil. no interior além do transatlantico e o do littoral, do governo	*Colonias agricolas* 45 colonias 4500 colonos
Divisão judiciaria 1 Relação com 7 desembargadores, 38 comarcas e 68 termos.	*Div. administrativ.* 1 presidente 36 deputados prov. 97 municipios	*Div. ecclesiastica* 1 bispo, 134 vigarios, 20 coadjutores e 144 parochias.
Correio Rendimento no exercicio de 73 a 74 Rs. 101,584$802.	*Reino animal* Variedade de mammiferos, aves, reptis, peixes e insectos.	*Reino vegetal* Rica em madeiras de construcção e marcenaria, em arvores e fructas.
Pequena lavoura Fumo 531 ton. m. Touc.° 770 » » etc., etc.	*Povoações* Cidades . . . 41 Villas . . . . 54 Freguezias . 87	*Receita* Em 1873 a 1874: Rs. 2,790:791$149
Divida activa Em 1874: Rs. 13:813$626	*Despeza* Em 1873 a 1874: Rs. 2:940:296$250	*Capital* Imperial cidade de S. Paulo, 4 freguez. com 25.293 habits.

Francisco Martins dos Santos.

SÉ CATHEDRAL

Foi criada pela Bula do SS. P. Benedicto XIV—*Candor lucis æternæ*—que estabeleceu regras perpetuas ácêrca dos beneficios cathedraticos da egreja brazileira.

O dr. Manoel José Vaz, vigario da vara de S. Paulo, foi o procurador do exm. sr. d. Bernardo Rodrigues Nogueira, que tomou posse deste bispado a 7 de Agosto de 1746.

Chegando á villa de Santos o exm. d. Bernardo tomou varias providencias; entre ellas, nomeou e collou alguns reverendos capitulares, que fundaram a nova Sé, escolhendo os mais nesta cidade.

As primeiras dignidades e conegos fundadores da mesma, foram os seguintes:

Arcediago—dr. Matheos Lourenço de Carvalho, portuguez, vigario da freguezia da Sé que obteve em opposição no Rio de Janeiro.

Arcipreste—Geraldo José de Abranches, portuguez, formado em Canones (vigario geral).

Chantre—Manoel de Jesus Pereira, portuguez, formado em Canones (promotor).

Thesoureiro-mór—Tobias Ribeiro de Andrade, formado em Canones, natural da villa de Santos, desta provincia.

1.° conego magistral—Manoel Villela Bueno, antigo discipulo dos Jesuitas, natural da mesma villa.

2.° conego penitenciario—Lourenço Leite Penteado, mestre em artes, natural desta cidade.

3.° conego—Gregorio de Sousa, natural desta cidade.

4.° conego—Luiz Teixeira Leitão, portuguez.

5.° conego— Thomé Pinto Guedes, mestre em artes, natural desta cidade.

6.° conego—Antonio Nunes de Siqueira, natural desta cidade.

7.° conego —Jacintho de Albuquerque, portuguez.

8.° conego—Antonio Muniz Mariano, mestre em artes, natural desta cidade.

9.° conego— Salvador Pires, natural desta cidade.

10.° conego—João Gonçalves da Costa, natural desta cidade.

A primeira dignidade tinha a congrua de 200$000 reis— as mais de 160$000 reis; e os reverendos conegos de 120$ rs.; os capellães de 50$000 reis; o mestre de ceremonias de 10$000 reis; os meninos do côro de 24$000 reis; o organista 50$000 reis; e o porteiro da massa 10$000 reis, —sendo todos pagos pela real fazenda da villa de Santos.

O numero das dignidades e conegos foi determinado por S. Santidade Benedicto XIV, e o dos mais ministros ficou á eleição do soberano, então d. João V, o qual tinha por ministro o celebre paulista Alexandre de Gusmão.

Deve-se a este venerando prelado, além da disciplina geral do clero que regularisou, por meio de suas pastoraes exortatorias, extirpando inveterados abusos, e restabelecendo o culto em sua gravidade e dignidade em todas as parochias da diocese; mais ainda o incremento das obras da Cathedral, que promoveu nas suas condições de solidez e de elegancia; a redacção dos estatutos antigos da Cathedral, trabalho que revella uma alta erudição; a regularisação do regimen do recolhimento de Santa Thereza, até então privado dos cuidados precisos.

No seu retrato da galeria dos diocesanos, que decora a sala capitular da Cathedral, lê-se o seguinte distico que bem alto proclama a sabedoria e virtudes do illustre fundador do Bispado Paulistano:

Spirat Apellêa Prœsul sub
Imagine: vultu
Erubuit tanto dextra,
Tabella, calor.
Pastor at hic claro cum
Sit nux aurea trunco,
Picta vel errantem
Protegit umbra gregem.

(6) CHARADA NOVISSIMA

1—2—1 A compaixão é rica quando sente o homem que tem influencia.

Avelino B. Carneiro (Santos).

EUGENIO SEIDE

FUNDIÇÃO DE FERRO METAES E SINOS

A VAPOR

INCUMBE-SE DA CONSTRUCÇÃO DE TODAS AS QUALIDADES

DE

Serras, engenhos de assucar, centrifugaes,
bombas, prensas, ventilladores,

INSTRUMENTOS PARA AGRICULTURA

Rodas hydraulicas, etc.

Concerta qualquer machina com promptidão e esmero.

PREÇOS COMMODOS

Encarrega-se de mandar vir da Europa quaesquer machinas de Clayton, Locomoveis e peças separadas

S. PAULO

LUZ LUZ LUZ

UMA POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

NO ALBUM DE

J. E. de C. Monte-Negro

(INEDITA)

Tudo se muda c'os annos:
A dôr—em doce saudade,
Na velhice—a mocidade,
A crença—nos desenganos!
—Tudo se gasta e se afeia,
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga!

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No coração esculpidas,
Gravadas fundas em si!
—Essas duram; mas que vale
Um nome desconhecido
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui?!

Rio, 19 de Março de 1860.

CASIMIRO DE ABREU.

EPIGRAMMA

E' do visconde da Pedra Branca, auctor do poema intitulado os *Tumulos*, o seguinte epigramma:

São desgraças do Brazil
Um patriotismo fôfo,
Leis em parolas, preguiça,
Ferrugem, formiga e môfo.

JORNAES DA PROVINCIA DE S. PAULO

Santos—*Diario de Santos*, *Imprensa*, *Raio* (litterario).
S. Vicente—*Clarim*.
S. Paulo—*Correio Paulistano*, *Diario de S. Paulo*, *Provincia de São Paulo* (diarios), *Ordem*, *Coaracy*, *Sensitiva*, *Educação*.
Campinas—*Gazeta de Campinas*, *Diario de Campinas* (diarios), *Constitucional*, *Revista do Collegio Internacional*.
Limeira—*Limeirense*.
Rio Claro—*Estrella d'Oeste*, *Caipira*.
Constituição—*Piracicaba*.
Amparo—*Tribuna Amparense*.
Tieté—*Tieté*.
Bragança—*Seculo XIX*.
Taubaté—*Paulista*.
Pindamonhangaba—*Americano*, *Democracia*.
Guaratinguetá—*Parahyba*, *Seculo*, *Voz do Povo*.
Lorena—*Lorenense*.
Silveiras—*Aurora*.
Arêas—*Areense*.
Queluz—*Queluense*.
Bananal—*Echo Bananalense*.
S. Luiz—*O Parahytinga*.
Itapitininga—*Municipio*.
Sorocaba—*Ypanema*, *Voz do Povo*.
Mogymirim—*Mogy-miriano* (diario).
Jacarehy—*Correio do Norte*.
Caçapava—*Norte de S. Paulo*.

Preço das aves domesticas em 1827

Uma gallinha	160
Um pato	240
Uma marreca	120
Um ganço	480
Um pirú	800
Um pombo	60

S. D. PARTICULAR

UNIÃO BENEFICENTE

Sociedade instituida nesta cidade de S. Paulo afim de intervir beneficamente, não só para com os associados, como cooperar para o engrandecimento de corporações pias e humanitarias, fundadas tanto nesta cidade como fóra e authorisada pelo Governo Provincial.

Directoria

José Guilherme da Costa
João José Rodrigues
Horacio do Souto Muniz
Carlos Orozimbo Alvim
Joaquim José de Araujo Vianna Sobrinho
José Gonçalves Pereira Braga
Antonio Gonçalves da Silva Batuira
Antonio Bernardino Gonçalves Soares

Conselho

Carlos Augusto Ferreira
Manoel de Souza Mello
Alfredo Henrique de Oliveira Campos
José Alves da Silva
Antonio Ferreira da Silva Leite
Antonio Peixoto de Carvalho
Antonio Pereira Corrêa
Francisco Ferreira dos Santos
Narcizo José Rodrigues
Lucas José Ribeiro
José Maria de Azevedo Marques

PAULO EBERLEIN

COM

FABRICA DE LIVROS EM BRANCO

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAUTAÇÃO

E

LOJA DE PAPEL

Artigos de escriptorio e armarinho

65—Rua de S. Bento—65

S. PAULO.

CULTO A' SCIENCIA

Assim se denomina uma importante associação fundada no florescente municipio de Campinas pelo esforço exclusivo da iniciativa particular.

Seu grandioso fim é a **instrucção**.

No anno de 1869 a generosa idéa foi levantada pelo intelligente agricultor sr. Antonio Pompêo de Camargo, um d'estes raros caracteres, destinado pelo conjuncto dos mais raros attributos a personalisar o typo moral de uma época na terra que lhe serviu de berço.

Sob tão valioso e sympathico patrocinio, este pensamento, já de si recommendavel ao mais franco acolhimento, não podia de certo deixar de germinar e produzir seus beneficos fructos no seio de uma população como a de Campinas, onde os espiritos estão affeitos a supprir por esforços proprios as lacunas que vão ficando abertas pela inercia official.

De facto, a 9 de Novembro do mesmo anno a nova sociedade já organisada entrava em acção. Tendo então um capital realisado sufficiente para os primeiros emprehendimentos, foi realisada n'aquella data pela quantia de 10:000$000 a compra de uma chacara, cujas condições especiaes adaptavam-se vantajosamente aos fins que se tinha em vista.

Foi ahi que mais tarde levantou-se o grande edificio, em que hoje funcciona o collegio—Culto á sciencia.

N'essa época, porém, a nascente sociedade foi obrigada a interromper, por algum tempo, a sua marcha não porque arrefecesse o ardor dos associados, mas em virtude das circumstancias que a esse tempo sobrevieram acarretando á lavoura do paiz certo desanimo, que não podia deixar de levar sua benefica influencia ao seio de um municipio, que tem todas as suas esperanças firmadas sobre a prosperidade desta industria.

Em Janeiro de 1873, quando já estavam desvanecidos todos os receios, o sr. Joaquim Bonifacio do Amaral, que então era presidente da directoria, continuando os esforços do iniciador da idéa e sempre efficazmente secundado por elle, abraçando a causa da instrucção com o desinteresse e dedicação com que costuma collocar-se á frente de todos os commettimentos uteis, convocou de novo os associados e imprimiu á sociedade uma

direcção tão salutar e tão benefica, que para logo a idéa tornou-se uma realidade.

Os estatutos approvados por acto do governo provincial de 23 de Setembro de 1869 foram reformados em assembléa geral de 14 de Dezembro de 1873.

Nestas reformas que ainda hoje constituem a lei organica da associação, foram conservados os principios capitaes:

Que o fim principal e unico da sociedade era facilitar a instrucção primaria e secundaria, fundando e mantendo na cidade de Campinas um collegio para a educação de alumnos do sexo masculino (art. 1°);

Que os socios não tinham direito a lucro algum pecuniario, sob qualquer denominação, ficando os bens sociaes e seus rendimentos unica e exclusivamente destinados ao fim da instrucção (art. 2°);

Que no collegio fundado pela sociedade seriam admittidos gratuitamente alumnos pobres (art. 34);

Que no caso da dissolução da sociedade ficaria o seu patrimonio pertencendo á municipalidade de Campinas, que seria obrigada a applicar os seus rendimentos á instrucção (art. 61).

E foi á sombra destas instituições, cujo pensamento dominante era arredar toda e qualquer idéa de lucros pecuniarios, que se conseguiu reunir 126 socios subscrevendo uma somma, com a qual a sociedade pôde fundar um estabelecimento de ensino, em edificio proprio, especialmente construido para esse fim e com todos os misteres—na importancia de 73:197$260 réis.

Foi ahi que a 12 de Janeiro de 1874 inaugurou-se com toda a solemnidade, sob os auspicios da associação, o collegio—Culto á sciencia.

Neste estabelecimento são ensinadas todas as materias exigidas como preparatorios, para a matricula nos cursos superiores de qualquer das academias do paiz.

Sobre o systema de ensino, a direcção interna e a profiscencia do corpo docente fallam mais eloquentemente do que quaesquer considerações ou resultados obtidos pelos alumnos, a franca acceitação por parte do publico, e, mais do que isso ainda, a justa recompensa que receberam os collegiaes sendo approvados nos primeiros exames a que foram submettidos na academia de S. Paulo em Novembro de 1875.

Os negocios da sociedade são administrados por uma directoria composta de cinco membros, e a direcção interna do collegio é confiada a um director remunerado pela sociedade.

Nas relações da directoria com o director ficou estabelecida pelos estatutos a mais cautelosa harmonia, guardada entretanto

a reciproca independencia e autonomia limitada sómente pela esphera de suas attribuições claramente definidas.

Compõem actualmente a directoria os srs. :

Antonio Pompêo de Camargo—presidente.
Dr. Candido Ferreira da Silva Camargo—vice-presidente.
M. Ferraz de Campos Salles—secretario.
Bento Quirino dos Santos—thesoureiro.
Luiz Antonio de Pontes Barbosa.
Director do collegio—Dr. Francisco H. Moretz-Shon.

O collegio é custeado com o producto das suas proprias rendas, tiradas das pensões dos alumnos que não estiverem nas condições prescriptas pelo art. 34 dos estatutos já citados, isto é, que não forem reconhecidamente pobres (art. 36).

Desta salutar combinação resulta que aquelles que são favorecidos pelos meios pecuniarios, ao mesmo tempo que recebem a instrucção contribuem para que ella seja dada em partilha egual aos pobres, sem que entretanto tenham de soffrer o menor prejuizo nos seus interesses.

* * *

Duas circumstancias dignas de nota, o modo e o tempo, concorrem para tornar esta utilissima instituição um verdadeiro acontecimento, não só para o logar em que ella foi concebida e realisada, mas ainda para o paiz inteiro, que pela primeira vez viu levado ao cabo um commettimento desta ordem.

Em paizes mais adiantados e particularmente nos Estados-Unidos, já não é novo vêr-se um homem consagrar grande parte de sua fortuna, adquirida muitas vezes á custa de enormes sacrificios, no perseverante trabalho de longos annos, á causa da instrucção popular.

Os cidadãos d'aquelle maravilhoso paiz, cujo extraordinario progresso em todos os ramos da actividade humana enche de justa admiração o mundo civilisado, quando querem para si um titulo de nobreza perduravel e capaz de perpetuar o seu nome na memoria das gerações futuras, em vez dos brazões de uma fidalguia ridicula e absurda, têm o bom senso de procurar antes gravál-o na fachada de um templo, que possa recolher o povo para ensinal-o a meditar e a raciocinar.

E quando acaso o esforço individual não basta para a realisação de tão grande obra, congregam-se os elementos espar-

*

sos, as vontades isoladas se associam, e diante desta communhão de forças desapparece o impossivel.

E tudo isto se consegue pura e simplesmente pelo benefico influxo d'aquelle poderoso agente, que só actua sobre os povos verdadeiramente livres—a consciencia do dever.

N'aquella grande nação repetimos, já não é uma novidade resplendente a realisação de commettimentos desta ordem, embora sejam sempre recebidos pelo povo, que delles aufere os immediatos proveitos, com os mais enthusiasticos applausos.

Mas entre nós, confessamol-o com profunda mágua, agora começa-se apenas a comprehender que só na escóla é que se póde formar cidadãos uteis á patria.

A iniciativa individual que hoje vae offerecendo o salutar concurso de seus primeiros e por ora muito minguados esforços, até bem pouco tempo não saia da perniciosa inacção em que jazia, senão impellida por um impulso estranho á propria deliberação, ou movida por um estimulo que nem sempre era só o desejo de facilitar a instrucção a todas as classes da sociedade brazileira.

E' esta a verdade que está na consciencia publica.

Pois bem: foi ainda dentro deste periodo de indifferentismo, em que os capitaes affluiam sómente para as emprezas lucrativas, que a população do importante municipio de Campinas, desprezando as vantagens pecuniarias e toda dedicada exclusivamente ao interesse publico, emprehendeu e organisou a sociedade—Culto á sciencia.

No anno de 1874 o ministerio do imperio fez reproduzir no *Diario Official* os estatutos desta sociedade e os enviou aos presidentes das provincias com uma circular, pela qual apresentava a iniciativa da população de Campinas como um modelo e um exemplo dignos de serem imitados.

Não conhecemos os resultados por ventura alcançados pelo governo com essa tentativa digna sem duvida do favor publico, mas o que sabemos ao certo, porque consta da respectiva correspondencia publicada, é que tanto os funccionarios publicos como as influencias particulares dos diversos pontos do paiz se apressaram a reconhecer nesta organisação um facto da mais subida importancia, digno a todos os respeitos de ser imitado por todos quantos sinceramente se interessam pela causa da instrucção.

Não é portanto sem motivo que consideramos a sociedade Culto á sciencia como um dos passos mais salientes que se ha dado no paiz em prol da educação. O cunho da suspeição que ainda pudesse desmerecer esta apreciação de nossa parte,

desapparece inteiramente diante dessa justa sancção da opinião publica.

De ha muito que se não contestava a nossa superioridade na ordem dos progressos materiaes, e agora, depois de tantos commettimentos de um alcance tão significativo para a civilisação dos povos, já se reconhece com justiça que aqui, na provincia de S. Paulo, a iniciativa particular, supprindo a acção governamental opéra grandes resultados na ordem moral tambem, utilisando os mais proficuos esforços no generoso intuito de espalhar a instrucção e levar a luz a todas as almas.

Mas muito resta ainda a fazer-se para que possamos levantar a tenda do trabalho e descançar á sombra dos louros colhidos. O bem estar da geração futura requer novos e perseverantes esforços. Está descoberta a vereda, mas falta-nos realisar a grande jornada que nos conduzirá á méta desejada.

A instrucção é um meio, o fim é—a liberdade.

Campinas—1875.

CAMPOS SALLES.

SONETO

(LENDO ANACREONTE)

E o labio com a rosa conversava,
Presa no labio a rosa purpurina
Dizia o labio:—tu tens côr divina;
Desmaio ao ver-te, a rosa suspirava:

Tens mais carmim, o labio replicava:
Dizia a rosa:—oh bocca breve e fina;
Tornava o labio:—tua côr fascina;
Pois eu roubei-te, a rosa murmurava!

E assim meigos fallando o labio e a rosa,
—No labio a rubra flôr abrindo vi,
E pareceu-me a flôr bocca mimosa.

Queres saber agora o que eu senti?
Imagina, se o pódes, vergonhosa
Qu'eu fosse borboleta ou colibri.

S. Paulo.

J. B.

COLLEGIO PARA MENINAS

EM

S. PAULO

DIRIGIDO POR

FRANCISCO RANGEL PESTANA

E

D. DAMIANA Q. RANGEL PESTANA

No correr do mez de Janeiro de 1876, na espaçosa casa n. 31 da rua da Boa-Morte, abrir-se-ha este estabelecimento de educação e instrucção, sendo os directores auxiliados no ensino por tres senhoras, uma franceza, uma ingleza, e uma allemã, as quaes residirão no mesmo edificio.

Além das professoras habilitadas para leccionar diversas materias e especialmente as linguas, alguns cavalheiros distinctos, professores praticos, cooperarão com o director no ensino das sciencias que fazem parte do seguinte programma:

Primeiro anno

1.ª CLASSE

Portuguez, arithmetica, escripta, costura e crochet.

2.ª CLASSE

Portuguez, francez, geographia, arithmetica, crochet e tricot.

Segundo anno

Portuguez, francez, inglez, historia, arithmetica, geographia, desenho linear e calligraphico, costura, tapeçaria e filet.

Terceiro anno

Portuguez, francez, inglez, allemão, historia, geographia, arithmetica, desenho, calligraphia, musica, costura, lacet e tapeçaria.

Quarto anno

Portuguez, francez, inglez, allemão, italiano, historia, noções de phisica e chimica, cosmographia, algebra e geometria, desenho, musica, dança, costuras, bordados e flôres.

Quinto anno

Portuguez, allemão, italiano, hespanhol, rhetorica e poetica, elementos de geologia, economia domestica, philosophia, direitos da mulher na sociedade brazileira, flôres e outros artefactos de couro, escamas, conchas, e cabello.

Sexto anno

Litteratura, botanica, zoologia, repetição de algumas materias do anno anterior e exercicios praticos de ensino.

As licções de cathecismo serão dadas em dias determinados, attendendo-se á religião dos paes; assim como a frequencia ás solemnidades do culto terá logar opportunamente e sem offensa ás crenças daquelles.

A mais perfeita lealdade será observada no ensino religioso, tomado elle como elemento da educação.

O folheto, que se distribuirá brevemente, explicará em todos os seus detalhes o presente programma que ha de ser executado conforme as regras dos methodos de ensino, seguidos geralmente na Suissa, Allemanha e Estados-Unidos.

Condições de admissão

Interna, por semestre. . . . . 300$000
Externa, passando o dia no collegio, por semestre . . . . . 150$000

Roupa lavada e engommada por conta dos paes.

Para elegancia dos dormitorios e regularidade dos serviços, o collegio fornecerá cama, lavatorios, bacias, etc., mediante a quantia de 60$000. Esses objectos podem tambem ser fornecidos pelos propios paes ou correspondentes, conforme o modelo offerecido pelo collegio.

Pagamentos adiantados

O BRIGADEIRO BERNARDO J. PINTO GAVIÃO PEIXOTO

O brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto nasceu a 17 de Maio do anno de 1791, nesta cidade de S. Paulo, onde recebeu o sacramento do baptismo.

O finado brigadeiro Gavião Peixoto, membro de uma familia das mais importantes desta provincia primou sempre pela lealdade do seu caracter, por sua generosidade que se póde qualificar de sem limites, e por todas as qualidades e virtudes que constituiam sua feição caracteristica.

Soube elle grangear verdadeiras amizades que acompanharam-n'o por toda a vida, e que hoje conservam illesa a sua saudosa memoria.

O brigadeiro Gavião Peixoto, desde a sua primeira juventude, prestou culto sincero ás idéas liberaes, e lhes consagrou a mais completa fidelidade. Foi membro proeminente do partido liberal desta provincia que n'elle contou sempre um filho dedicado e benemerito.

O brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto era filho legitimo do marechal José Joaquim da Costa Gavião Peixoto (natural da provincia do Alemtejo, em Portugal) e de sua mulher d. Maria da Annunciação Pinto de Moraes Lara, natural desta provincia.

Contrahiu legitimo matrimonio aos 7 de Março de 1819 com d. Anna Policena de Vasconcellos, e deste matrimonio teve 11 filhos, dos quaes existem ainda 7.

Foi o brigadeiro Gavião Peixoto pae extremoso, marido exemplar e um verdadeiro chefe de familia, d'aquelles tempos antigos cuja memoria não ha occultar.

Pelo fallecimento de seu pae a 1 de Outubro de 1821, succedeu elle no morgado da familia constituido por seu terceiro avô Manoel Luiz Peixoto em a capella fundada por seu bisavô Estevão Luiz Peixoto, na provincia do Alemtejo, em Portutugal.

O brigadeiro Bernardo Gavião, durante sua vida inteira, serviu a patria que elle amava estremecidamente. Exerceu elle differentes cargos de eleição popular e de nomeação do governo, pois sempre apparecia na primeira plana na sociedade em que vivia.

Administrou esta provincia de S. Paulo, como seu presi-

dente, desde 2 de Agosto de 1836 até 12 de Março de 1838; e como vice-presidente desde 5 de Novembro de 1847 até 15 de Maio de 1848.

Exerceu o honroso cargo de deputado provincial, e teve a dita de comprovar seu patriotismo, a despeito dos perigos e dissabores, servindo na commissão que foi á côrte representar, perante o imperador, contra a ominosa lei de 3 de Dezembro de 1841.

Exerceu com muita distincção o mandato de deputado geral desta provincia, nas 6ª e 7ª legislaturas.

Falleceu como tinha vivido, com a tranquillidade de espirito do varão probo e justo.

O brigadeiro Bernardo Gavião foi sempre muito considerado por seus comprovincianos e concidadãos, e sua memoria desperta sempre o maior respeito.

A honra sem macula, inabalavel probidade, inexcedivel cavalheirismo, e uma generosidade sem limites, taes são os traços caracteristicos d'aquella feição historica de verdadeiro paulista.

Peço desculpa se não consta deste esboço biographico a intenção que o alentava; sirvam estas rapidas linhas de preito de homenagem á memoria de um homem a quem consagrei verdadeira amizade.

S. Paulo—Dezembro—1875.

Dr. Antonio Carlos.

O SENADOR GOMIDE

Sendo convidado para um baptizado chegou um pouco tarde o senador Antonio Gonçalves Gomide.

—Ora, meu senhor, disse-lhe um individuo vendo-o entrar, sempre se espera pela mais ruim figura.

—Pois d'esta vez não se realisou este adagio, porque o senhor já estava cá, respondeu o senador com toda a placidez.

S. PAULO

LOJA DO BOM GOSTO

Rua de Palacio (Largo do Mercado novo) n. 65

DE

CAETANO JOSÉ FERNANDES

Tem sempre um variado sortimento

DE

fazendas finas e modas, sedas, roupas brancas

PARA HOMENS E SENHORAS

Encontra-se sempre um variado sortimento

DE

LUVAS DE PELLICA

BRANCAS E DE CORES

Recebe constantemente novidades em modas

ELIAS ALVARES LOBO

Elias Alvares Lobo é uma das mais bellas glorias da provincia de S. Paulo.

Nascido no seio da pobreza e de uma honesta obscuridade, seu notavel talento artistico se revelou desde os mais verdes annos: e, a despeito dos invenciveis obstaculos que lhe oppunham sempre suas circumstancias, sua vocação desabrochou-se bella e esplendida, e o nome de Elias Lobo pôde attingir, entre seus patricios, á altura de um symbolo:—o symbolo da arte que se engrandece e se dignifica,—que não se degenera em um calculo de interesse ou de vaidade, mas se eleva á grandeza de um culto nobre e puro.

Como todos os grandes poetas e artistas, o maestro paulista desinvolvera-se sob o influxo do meio social em que nasceu, da educação solidamente religiosa que lhe deram seus paes, e dessa mesma luta com a pobreza e a adversidade que sempre o atormentou.

De tudo isto surgiu a poderosa individualidade artistica de Elias Lobo; de tudo isto, a magestosa e grave harmonia de suas musicas sacras, e, ainda mais, esse perfume de profundo sentimento que trescalam suas composições lyricas.

Nada deve elle, porém, á educação litteraria: tudo á sua inspiração sempre feliz e fecunda, tudo ao esforço e labor proprio.

Tendo sido escolhido a 14 de Março de 1863 pelo conservatorio da Opera Nacional para ir á Europa fazer seu curso, ainda então appareceu-lhe o dedo da sorte para embargar-lhe o passo.

Acceitou o convite e dispôz-se a seguir para a Europa; mas, á mingua de recursos pecuniarios para a subsistencia de sua familia que tinha de ficar, partiu para a côrte com o fim de exhibir em scena a sua insigne opera *A Louca*, e destinar á sua familia o producto da representação.

O que havia de acontecer-lhe?

Foi-lhe subtrahido o quarto acto de sua opera!

E' esse tambem o seu maior merecimento, o melhor titulo de sua gloria.

Não é nosso empenho estudar o maestro paulista á luz da

critica litteraria; este estudo, rico de interesse mas difficilimo, fica reservado aos mais doutos.

Nosso fim, ao traçar estas linhas, é simplesmente este:— concorrer para que, no livro onde se vão guardar os thesouros mais preciosos da litteratura paulista, não seja esquecido o nome do festejado auctor da *Louca* e da *Noite de S. João*.

Elias Lobo tem a profundeza de sentimento da escóla allemã, a par da suavidade e terna melodia da escóla italiana.

Filia-se tanto a Rossini como a Mozart, a Beethoven e a Mendelshon.

Como este illustre maestro allemão, do qual um escriptor dissera que, por seu caracter e costumes privados se podia conhecer o genio do artista, assim Elias Lobo phantasia seus cantos ao calor de um sentimento sincero e verdadeiro, quasi sempre inspirado pelas santas alegrias do lar domestico, ao doce conchego dos filhos, aos ineffaveis carinhos da esposa.

Canta o que lhe vae n'alma; a musica é para elle o anjo da harmonia, que o arranca ás miserias da terra para as sublimes regiões do ideal e da verdade, é o balsamo suavisador de suas mágoas e dissabores, a linguagem mysteriosa pela qual sua alma poetica se communica com a divindade.

Foi assim, que compôz elle as suas melhores peças, suas missas, entre as quaes a muito conhecida com o nome de S. Pedro de Alcantara, suas operas lyricas e entre ellas a *Noite de S. João*, feita para ser cantada em familia, mas que lhe valeu estrondosas ovações na Opera Nacional.

Nasceu o maestro paulista na fidelissima cidade de Ytú, aos 9 de Agosto de 1834, tendo por progenitores José Manoel Lobo e d. Thereza Xavier Lobo.

Seu pae tirava do emprego de escrivão do Ouvidor da comarca de Ytú a subsistencia para Elias e mais sete irmãos; fallecendo, porém, a 13 de Outubro de 1840, deixou-os todos em extrema pobreza.

Soccorrêra-os então um tio de Elias, Antonio Alvares Lima, que para elle como para seus irmãos fôra um segundo pae.

Sua mãe, querendo mandal-o para o collegio, foi acoroçoada neste seu louvavel desejo pelo grande patriota, o senador Diogo Antonio Feijó, que generosamente tomou a seu cargo a educação de Elias e de seus irmãos.

Aprendeu no collegio latinidade, francez, arithmetica, geometria e musica; não conseguira, porém, completar o seu curso elementar, porque, infelizmente para sua familia como para o paiz, logo depois a morte roubára á vida o seu magnanimo protector.

A perda de Feijó trouxe para Elias uma segunda orphandade, senão mais dolorosa, mais lamentavel que a primeira.

Apenas na edade de 15 annos, e quando já começavam a asssomar os primeiros pruridos do seu bonito talento, Elias viu-se só e desamparado no grande theatro do mundo, sem uma mão amiga que lhe dirigisse os passos inexperientes, que lhe franqueasse os meios de seguir a carreira litteraria, que reclamavam suas opulentas faculdades artisticas.

Nascêra, porém, artista: nada pôde suffocar-lhe a bonita vocação que já se expandia em fulgidos clarões.

De feito, em 1850 começou a fantasiar na rabeca algumas contradanças bem apreciadas, e logo em seguida escreveu muitas quadrilhas, walsas, schotisch, varias musicas para banda, marchas e dobrados, e algumas para egreja, ladainhas, tantum-ergo e muitas outras.

A 1.º de Setembro de 1855 desposou a d. Elisa Eufrozina da Costa, filha do cirurgião Francisco Mariano da Costa; e nesse mesmo anno compôz a sua primeira missa.

O apreço que mereceu esta sua primeira composição sacra incitou-o a novos commettimentos neste genero: escreveu mais quatro, sendo a ultima a grande missa de *S. Pedro d'Alcantara*, dedicada ao sr. d. Pedro II, e geralmente estimada como o seu mais bello primôr no genero.

Data ella de 1858.

Em Dezembro deste anno proporcionou-lhe o acaso um novo genero para Elias, o genero lyrico.

Encontrando-se nesta capital com o nosso estimavel patricio o sr. dr. Clemente Falcão de Sousa filho, deu-lhe este noticia do libretto do nosso insigne escriptor o sr. conselheiro José de Alencar denominado *Noite de S. João*, publicado no *Diario do Rio de Janeiro*.

Apenas o leu, no intervallo de vinte e oito dias escreveu Elias a sua notavel opera do mesmo nome, para piano e canto, com o modesto fim de ser cantada em familia.

A instancias de amigos seus que o aconselharam a orchestral-a, Elias deliberou apresentar seu trabalho a José de Alencar e ouvir a sua opinião a respeito. Emprehendeu assim, muito em segredo, uma viagem á côrte; mas, passando por esta capital, foi descoberto o seu segredo pelo fallecido Joaquim Gonçalves Gomide e por alguns moços distinctos que então cursavam a Faculdade de direito, Pinto Moreira, Macedo Soares, Bittencourt Sampaio, Azarias e outros, pleiade brilhante que dirigia nesse tempo o movimento litterario da Academia de S. Paulo.

Começaram então seus triumphos artisticos: os jornaes des-

ta capital o saudaram nas mais fervorosas expressões, festejando em Elias um distincto maestro paulista.

Em Julho de 1830 voltou Elias á côrte com sua opera orchestrada e tratou de represental-a, tendo recebido do sr. d. Pedro II o mais benevolo acolhimento.

A companhia da Opera Nacional, então extincta, reorganisou-se ao apparecimento da *Noite de S. João*.

Foi dada a regencia d'aquella opera ao seu illustre irmão de arte, Antonio Carlos Gomes, e a 14 de Dezembro foi pela primeira vez á scena.

Seis vezes seguidas representada, a *Noite de S. João* attrahiu em todas ellas a mais luzida concorrencia e arrancou para seu auctor as mais ardentes ovações.

Depois desta bella opera, escreveu Elias a *Louca*, libretto do dr. Antonio Achilles de Miranda Varejão.

Esta opera, porventura superior á primeira na correcção da fórma e na elegancia do estylo, não conseguiu, infelizmente, as honras da scena, apezar de muito ensaiada e annunciada, por via de pequenas rivalidades entre os artistas da Opera Nacional, que disputavam entre si o papel de protogonistas; mas a pedido do director do Club Fluminense, foi ahi exhibida, em presença de immenso concurso de socios e das redacções dos principaes jornaes.

Posto que não tão brilhante como a da *Noite de S. João*, a representação da *Louca*, embora mais modesta, conquistou todavia fervorosos applausos da imprensa fluminense, especialmente do *Correio Mercantil*, que emittiu em bellissimo artigo uma minuciosa e lisongeira apreciação sobre o seu notavel merito artistico.

Foi por este tempo que Elias fôra escolhido pelo novo directorio da Opera Nacional, para ir á Europa estudar os grandes theatros.

O maestro affagou a idéa; acolheu-a como um presente do céu.

Mas, como emprehender viagem se sua pobreza augmentava-se na proporção de seus triumphos, se sua familia ahi tinha de ficar na provincia?

Lembrou-se Elias de requerer um auxilio á Assembléa legislativa de sua provincia, para a subsistencia temporaria de sua mulher e filhos: e essa corporação lh'o negou!!

Pois, não valia a pena despender-se alguns contos de réis no intuito de se fazer conhecer na Europa a grandeza do povo paulista? Não era Elias uma gloria da provincia?

Tentou elle, não obstante, um novo meio; foi á côrte para

o fim de exhibir em scena a sua opera a *Louca* e deixar o producto a sua familia.

Mas, cousa singular, um novo e insuperavel embaraço, com que não contava, lhe sobreveiu: desappareceu-lhe o quarto acto da opera!

Estas amargas contrariedades o determinaram a abandonar tudo e a buscar a paz da familia, para junto da qual retirou-se.

Entretanto, não o deixou jámais a musa da harmonia.

Entre ao doce socego do lar, entre os cuidados da vida domestica muita vez o surprehende a phantasia.

Depois da sua ultima opera, tem-se dedicado quasi exclusivamente ás composições religiosas: tem escripto quatro missas, algumas de grande execução e effeito, dois credos, dois oratorios, uma semana santa e muitas outras.

Porque para Elias a arte é como o pão, como o alento da alma.

Ninguem lhe póde levar a palma na pureza de seu caracter artistico: póde-se dizer delle o que disse o poeta:

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.

Acredita e com muita justeza, que o desinvolvimento da arte que cultiva, deve entrar no programma da educação social dos povos; que o artista deve representar na sociedade o papel de uma nobre classe.

Foi á luz desta crença, que teve elle a feliz idéa de convocar todos os artistas da provincia, constituil-os em associação e reclamar dos poderes do Estado a protecção e favores devidos á arte.

Grandiosa iniciativa, sem duvida, promissora de preciosos fructos para o progresso artistico de nossa provincia, e digna de merecer todo o apreço dos governos civilisados.

Elias Alvares Lobo lá vive em Ytú, seu berço natal; mais de uma corôa de louros lhe cinge a fronte modesta.

Tem completos seus 41 annos; não descança, não, á sombra dos tropheus que tão nobremente colhêra, á custa de tanto sacrificio e tanta adversidade.

Em todo o vigôr da edade, elle é um nome glorioso para a nossa terra, mas é tambem ainda uma formosa esperança.

S. Paulo, Dezembro de 1875.

PAULO EGYDIO DE OLIVEIRA CARVALHO.

COITADA!

—« Que novas dá, sr. padre? »
Certa moça perguntou
Ao capellão da fazenda
Depois que a missa acabou.

—« Muitas, responde, importantes,
Entre as quaes causa mais pena
A lei que obriga a casar-se
Mulher de bocca pequena—».

Tal ouvindo, a enorme bocca
Ella poz-se a contrahir,
Dizendo—« Vãocê tem cousas
Que faz a gente se rir!—»

—« Não é isso o que admira,
Lhe volve o padre, isso é nada;
Obriga a ter dez maridos
As que têm bocca rasgada!—»

—« Oh! deveras, sr. padre,
Diz ella, dou-lhes os amens!—»
E abriu bocca que entrava
Um pão de quatro vintens...

S. Paulo

ANTONIO ALEXANDRE

DR. ANTONIO CARLOS
ADVOGADO
São Paulo

CAMPINAS
F. QUIRINO DOS SANTOS
ADVOGADO

CAMPOS SALLES
ADVOGADO
CAMPINAS

Drs. Americo Brasiliense e José Rubino de Oliveira
ADVOGADOS
SÃO PAULO

F. PAULA LEME
ADVOGADO
BETHLEM DE JUNDIAHY

BERNARDINO DE CAMPOS
ADVOGADO
AMPARO

DR. LEITE MORAES
ADVOGADO
Araraquara

IMAGEM DA SENHORA APPARECIDA

EM

GUARATINGUETA'

A fé é a pedra angular sobre que repousa o vasto e inabalavel edificio do christianismo. O homem, indigno verme que roja pela terra, não póde aspirar á comprehensão dos altos mysterios da mais santa e unica verdadeira das religiões.

A razão humana, circumscripta nos estreitos limites do finito, se jamais tentasse transpol-os, baquearia, como o Icaro da fabula, nos abysmos de sua impotencia, antes de haver franqueado o sanctuario das verdades eternas da religião de um Deos infinito. Participando da fraqueza da natureza do homem, ella não póde ministrar senão uma luz frouxa e incerta, cujos raios dominam apenas o estreito espaço que o involve: a fé, porém, não é senão uma scntelha da luz divina;—partindo de Deos, é ella a unica capaz de elevar-nos até Elle.

E' por isso que Deos alimenta o fogo da fé, e procura robustecel-a por meio de prodigios capazes de implantarem no coração do homem a crença que não lhe póde dar a razão.

Ha mil e oito centos annos que pobres pescadores, surgidos como que por encanto da ultima das camadas da sociedade, attestaram ao mundo stupefacto quanto póde a grandeza de um Deos; e o mundo que mofára dos prodigios desse mesmo Deos, curva-se, e adora-o—assombrado pelas maravilhas dos mais humildes de seus subditos!

Parece que adrede para dobrar a cerviz aos orgulhosos da terra, o Arbitro Supremo vae sempre buscar os instrumentos de seus altos feitos entre os mais obscuros dos homens.

Ha cento e cincoenta e sete annos que um humilde pescador foi ainda o eleito do Omnipotente para revelar ao mundo uma de Suas mais assombrosas maravilhas. Do fundo de um rio que ainda ha pouco sulcavam as *pirogas* do selvagem americano surge-lhe entre as malhas da rêde, em dous diversos lanços, e divide em duas partes, a imagem da Virgem Mãe do Redemptor!

Desde então cada dia marca uma nova maravilha—não ha lagrimas que não encontrem consolação, não ha afflictos que não deparem remedio aos seus males. Com a fama dos milagres, que cada vez mais se dilata, dilata-se tambem e vigora

DR. ANTONIO CARLOS
ADVOGADO
São Paulo

CAMPINAS
F. QUIRINO DOS SANTOS
ADVOGADO

CAMPOS SALLES
ADVOGADO
CAMPINAS

Drs. Americo Brasiliense e José Rubino de Oliveira
ADVOGADOS
SÃO PAULO

F. PAULA LEME
ADVOGADO
BETHLEM DE JUNDIAHY

BERNARDINO DE CAMPOS
ADVOGADO
AMPARO

DR. LEITE MORAES
ADVOGADO
Araraquara

IMAGEM DA SENHORA APPARECIDA

EM

GUARATINGUETA'

A fé é a pedra angular sobre que repousa o vasto e inabalavel edificio do christianismo. O homem, indigno verme que roja pela terra, não póde aspirar á comprehensão dos altos mysterios da mais santa e unica verdadeira das religiões.

A razão humana, circumscripta nos estreitos limites do finito, se jamais tentasse transpol-os, baquearia, como o Icaro da fabula, nos abysmos de sua impotencia, antes de haver franqueado o sanctuario das verdades eternas da religião de um Deos infinito. Participando da fraqueza da natureza do homem, ella não póde ministrar senão uma luz frouxa e incerta, cujos raios dominam apenas o estreito espaço que o involve: a fé, porém, não é senão uma sentelha da luz divina;—partindo de Deos, é ella a unica capaz de elevar-nos até Elle.

E' por isso que Deos alimenta o fogo da fé, e procura robustecel-a por meio de prodigios capazes de implantarem no coração do homem a crença que não lhe póde dar a razão.

Ha mil e oito centos annos que pobres pescadores, surgidos como que por encanto da ultima das camadas da sociedade, attestaram ao mundo stupefacto quanto póde a grandeza de um Deos; e o mundo que mofára dos prodigios desse mesmo Deos, curva-se, e adora-o—assombrado pelas maravilhas dos mais humildes de seus subditos!

Parece que adrede para dobrar a cerviz aos orgulhosos da terra, o Arbitro Supremo vae sempre buscar os instrumentos de seus altos feitos entre os mais obscuros dos homens.

Ha cento e cincoenta e sete annos que um humilde pescador foi ainda o eleito do Omnipotente para revelar ao mundo uma de Suas mais assombrosas maravilhas. Do fundo de um rio que ainda ha pouco sulcavam as *pirogas* do selvagem americano surge-lhe entre as malhas da rêde, em dous diversos lanços, e divide em duas partes, a imagem da Virgem Mãe do Redemptor!

Desde então cada dia marca uma nova maravilha—não ha lagrimas que não encontrem consolação, não ha afflictos que não deparem remedio aos seus males. Com a fama dos milagres, que cada vez mais se dilata, dilata-se tambem e vigora

cada vez mais a fé. Ergue-se um templo; das mais longinquaes regiões partem votos dirigidos á Senhora Apparecida de Guaratinguetá, e das mais longinquas regiões veem-se-lhe depôr aos pés offerendas e oblações, uma parte das quaes (por que todas fôra impossivel conservar) ahi está para attestar os mais espantosos prodigios.

Seria temerario emprehender a narração de todas, ou ainda das mais notaveis dessas maravilhas.

Franqueando os umbraes da Augusta Habitação da Senhora, admirareis, entre outros muitos objectos que dão eloquente testemunho do Seu immenso poder, varias vestes funerarias que vos dirão que elle se estende até os dominios da morte. Nada ha ahi, porem, que tenha produzido em nosso espirito impressão mais profunda, que a que experimentamos ao aspecto de uma corrente, que se vê pendurada a uma das columnas do côro.

Eis como a tradição nos explica a existencia de tão estranho objecto no templo da Virgem:

Aquelle ferro cingia o collo de um miseravel, que, por ali passando, obteve permissão para orar á Senhora; e tanto e tão fervorosamente o fez, que logrou ver, com grande assombro dos circumstantes, cahirem-lhe aos pés os grilhões, sem que alguem lh'os houvesse desprendido. Repostos estes com toda segurança no pescoço do infeliz primeira e segunda vez, de ambas reproduziu-se o prodigio; e então os conductores prostrando-se, oraram tambem, depois de haverem restituido a liberdade ao preso.

Feitos destes, de que a cada passo se encontram monumentos n'aquella Santa Habitação, revelam-nos a inesgotavel charidade de um Deos, que jamais se descuida de derramar sobre o coração do homem o balsamo da fé—o mais suave de todos os balsamos para as chagas do coração.

Sobre este interessante assumpto lê-se no *Livro do Tombo* da Matriz de Guaratinguetá:

NOTICIA DA APPARIÇÃO DA IMAGEM

No anno de 1719, pouco mais ou menos, passando por esta Villa para as Minas o Governador d'ellas e de S. Paulo, o Conde de Assumar D. Pedro de Almeida, foram notificados pela Camara os pescadores para apresentarem todo o peixe que pudessem haver para o dito Governador.— Entre muitos foram pescar Domingos Martins Garcia, João Alves, e Felippe Pedroso em suas canôas; e principiando a lançar suas redes no porto de José Corrêa Leite, continuaram até o

porto de Itaguassú, distancia bastante, sem tirar peixe algum, e lançando n'esse porto João Alves a sua rede de rasto tirou, o corpo da Senhora, sem cabeça, e lançando mais a baixo outra vez a rede, tirou a cabeça da mesma Senhora, não se sabendo nunca quem alli a lançasse.

Guardou o inventor esta imagem em um tal ou qual panno, e continuando a pescaria, não tendo até então tomado peixe algum, d'ali por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços, que receioso e os companheiros de naufragarem pelo muito peixe que tinham nas canoas, se retiraram a suas vivendas admirados d'este successo. Felippe Pedroso conservou esta imagem 6 annos pouco mais ou menos em sua casa, junto a Lourenço de Sá, e passando para a Ponte Alta, ali a conservou em sua casa 9 annos, pouco mais ou menos

Daqui se passou a morar em Itaguassú, onde deu a imagem ao seu filho Athanasio Pedroso, o qual lhe fez um oratorio tal e qual, e em um altar de páos collocou a Senhora, onde todos os sabbados se ajuntava a visinhança a cantar o terço e mais devoções.

Em uma d'estas occasiões se apagaram duas luzes de cera da terra, repentinamente, que alumiavam a Senhora, estando a noite serena, e querendo logo Silvana da Rocha accender as luzes apagadas, tambem se viram logo de repente accesas sem intervir diligencia alguma: foi este o primeiro prodigio, e depois em outra similhante occasião viram muitos tremores no nicho e altar da Senhora, que parecia cahir a Senhora, e as luzes tremulas estando a noite serena. Em outra semilhante occasião em uma sexta-feira para sabbado (o que succedeu varias vezes) juntando-se algumas pessoas para cantarem o terço, e estando a Senhora em poder da mãe Silvana da Rocha, guardada em uma caixa ou bahú velho, ouviram dentro da caixa muito estrondo, muitas pessoas, das quaes foi dilatando a fama até que patenteando-se muitos prodigios, que a Senhora fazia, foi crescendo a fé e dilatando-se a noticia, e chegando ao Rv. Vigario José Alves Villela, este, e outros devotos lhe edificaram uma capellinha, e depois de demolida esta, edificaram no logar em que hoje está com grandeza e fervor dos devotos, com cujas esmolas tem chegado ao estado em que de presente está. Os prodigios d'esta Imagem foram authenticados por testemunhas que se acham no summario sem sentença, e ainda continúa a Senhora com seus prodigios, accudindo á sua Santa casa Romeiros de partes muito distantes a gratificar os beneficios recebidos desta Senhora.»

Guaratinguetá. C. de Macedo.

A LIBERDADE

E's e não és, serás: morta sorris-te;
Vives no labio ingrato que te nega:
Presa—dás luz á humanidade céga;
Solta—teu seio ás seducções resiste!

Nunca envelheces, moça—alegre ou triste
Teu hombro o globo colossal carrega;
Teu sangue é chuva preciosa—rega
O pó das gerações que nunca viste.

Mudas de aspecto e fórma!—se vencida,
Faz-se a derrota o symbolo da victoria;
De toda a vida se compõe tua vida:

A arte, a sciencia, a poesia, a historia,
São teu cortejo triumphal! ungida
Levas do horto a humanidade á gloria!

S. Paulo. J. B.

LENDO CAMÕES

Um *que* de brando e um *não sei que* de altivo
No rubro labio crespo de carmim;
Um *que* de fina mofa... e assim... assim...
Nos olhos seus um *não sei que* de vivo;

Um *que* e um *não sei que* em traço esquivo
Na mobil graça que diz não e sim;
Um *que* d'entre o coral, rindo o marfim,
De um *não sei que* de voz ou som festivo;

Um *que* de leve aragem no sorriso,
De leve borboleta um *não sei que*
No aereo passo que subtil diviso.

Traquinando, menina, escuta e crê:
De todos estes—*ques*—do paraizo,
Se não ha *para que* dize *porque*.

S. Paulo. J. B.

SONETO

VELHO THEMA

Tudo assim vae: a luz p'ra o ádito sombrio,
o verme para o fructo, a flôr para o paúl;
as azas sobre a chamma, o ninho pelo rio;
o espirito na sombra, as nuvens pelo azul;

a fonte para a pedra, a lagrima nos cilios,
nos labios o soluço, o coração na dôr;
a nenia compassando o canto dos idylios,
neblina sobre a luz, ciume sobre o amor;

a neve em campo azul, os lyrios e a saudade,
o tédio, o soffrimento em plena mocidade,
dos espinhos no ramo, em bando, os colibris...

No emtanto quando vem da morte a imagem núa
ave tonta, noss'alma em lagrimas recúa,
se debatendo ao pé do tumulo... feliz!

Constituição. DR. BRASILIO MACHADO.

FIM.

INDICE

DOS

Artigos comprehendidos neste «Almanach»

	PAG.
A... (poesia	146
Agricultura	78
Albuns (os) da primavera poesia	92
Amazonas (o) . . .	71
Annexim da roça. . .	44
Antonio Alexandrino dos Passos Ourique . .	156
Ao pé da lettra . . .	112
Aventura espirita (uma)	58
Bellas artes	32
Bilhete de Feijó (um) .	144
Bom entendedor (um) .	99
Borboleta (a) (poesia) .	33
Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião . .	184
Buscar lã e... . . .	167
Campanha do Paraguay (a)	126
Caracter paulista (o) .	79
Carta do dr. João Francisco de Paula Souza.	161
Carta do illustre botanico Joaquim Corrêa de Mello	27
Charadas :	
1.ª pag.	11
2.ª »	65
3.ª »	93
4.ª »	113
5.ª »	137
Charadas decapitadas :	
1.ª pag. . . .	40 e 89
Charada em quadro :	15 e 63

	PAG.
Charadas novissimas :	
1.ª	74
2.ª	143
3.ª	144
4.ª	157
5.ª	160
6.ª	171
Chiquinha (poesia) . .	12
Coitada (poesia) . . .	193
Conto a esmo . . .	107
Conventos	155
Convento de Santa Clara em Taubaté . . .	23
Culto á sciencia . . .	177
Curioso documento . .	63
Cruçá, hoje cidade do Tieté	90
Documento historico .	13
Edade das senhoras. .	88
Egreja (a) matriz de Pindamonhangaba .	73
Elias Alvares Lobo . .	187
Epigrammas . . .	79 e 173
Ermida do Arraial Queimado	158
Esboço rapido de algumas de nossas industrias comparadas ás dos Estados-Unidos .	49
Especiarias.	19
Esperança (a) poesia .	15
Fé (a) poesia	71
Francina (a) poesia . .	81
Frio (observações therm.	76

	PAG.
Francisco Antonio Pereira de Carvalho, architecto da matriz de Pindamonhamgaba .	104
Gloria in excelsis (poesia)	124
Guia dos poços de Caldas	109
Heroismo patriotico . .	91
Historia do Almanach .	165
Imagem (a) da sr[a] Apparecida, em Guaratinguetá.	194
Imitação de Goethe (poesia)	46
Indiana (poesia) . . .	19
Jardim botanico da cidade de S. Paulo . .	160
João Dabney de Avelar Brotero (o dr.) . . .	16
Jornaes da provincia de S. Paulo	174
Logogripho	101
Miguel Corrêa Pacheco (o padre) vigario de Ytú	83
Mina de prata na Mantiqueira (uma) . . .	37
Mogy das Cruzes . .	95
Municipio de Casa Branca	139
Nanine a Guaycurú . .	24
Nobiliarchia Paulistana	34
Noticia historica sobre o municipio de Bethlem de Jundiahy , . .	66
Pará em 1833 . . .	45
Plantas de fiação . .	22
— tintureiras . .	14
Poesia (uma) de Casimiro de Abreu (inedita).	173
Portaria (uma) comme il faut	106
Preço das aves domesticas em 1827 . . .	174
Preço dos generos em 1827	14
Primeira (a) communhão (poesia) . . .	100
Primeiros (os) republicanos de S. Paulo .	45
Proesa (uma) do cacique Vinagre	147
Punhado (um) de noticias	114
Raça (a) humana . .	77
Rectificação historica .	162
Reflexões sobre o projecto de constituição, offerecidas pela camara municipal de Ytú. .	129
Reminiscencias (poesia)	145
Sarú-taiá	75
Sé Cathedral	170
Senador (o) Gomide .	185
Sombras (poesia) . .	41
Soneto (A Gloria) . .	113
— lendo Anacreonte	181
— (lendo Petrarcha)	65
— (A liberdade . .	197
— (lendo Camões .	197
— Velho thema .	198
Synopse estatistica da provincia de S. Paulo	168
Trabalho (o) . . .	43
Trecho de um exordio .	78
Tu e eu (poesia) . .	82
Typo do antigo paulista	1
Ultimo trecho de um sermão, prégado em 1813, na freguezia de Quissamã.	125

AO LIVRO VERDE

JORGE SECKLER

S. PAULO.

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO

DE

ARTIGOS DE DESENHO E ENGENHARIA.

Completo Sortimento

DE

ARTIGOS DE ESCRIPTORIO

E

PHANTASIA.

O mais variado Sortimento

DE

LIVROS EM BRANCO.

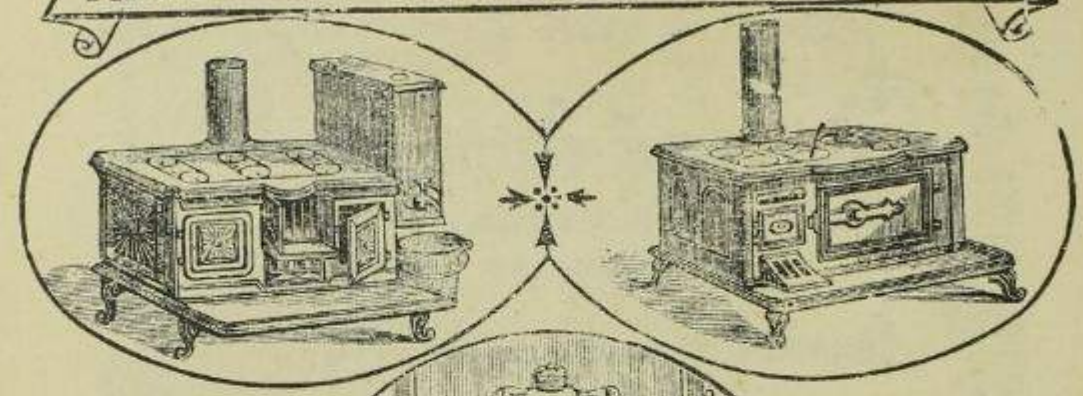
CANETTAS, PENNAS, LAPIS, PASTAS E CARTHEIRAS,

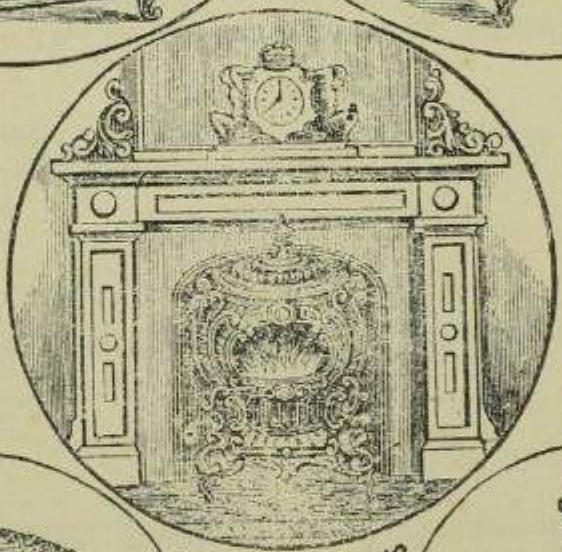
SEM RIVAL.

Preços commodos a dinheiro á vista.

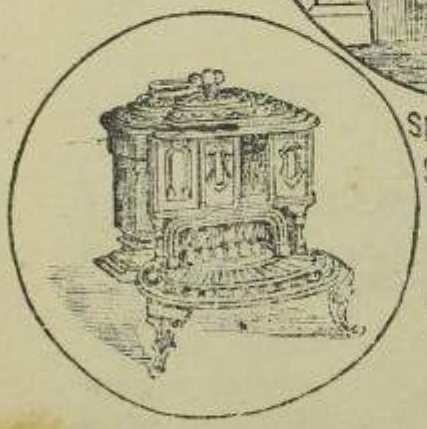
15 Rua Direita 15

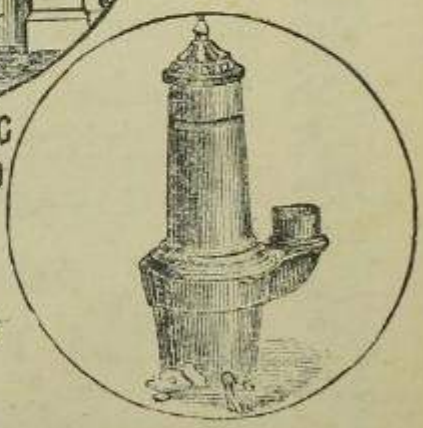
AMERICAN & ANGLO-AMERICAN STOVES





SHOWS OUR HEATING STOVES AS PLACED





OS

UNICOS

AGENTES

para estes Fogões são

S. BEAVEN & C.ia

DEPOSITO DE MACHINAS DE AGRICULTURA.

RUA DE SÃO BENTO N. 15 — SÃO PAULO

Manda-se catalogos com preços pelo Correio.

011705

Governo do Estado de São Paulo
Governador José Maria Marin

Casa Civil
Secretário Calim Eid
Imprensa Oficial do Estado

Secretaria de Estado da Cultura
João Carlos Martins
Arquivo do Estado

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo